

Amazônia sob Bolsonaro



Edição: Anselmi/Folhapress

POVOS DO AMAZONAS GARANTEM RENDA AO PRESERVAR O PIRARUCU

Indígenas denis fazem limpeza do peixe, em acampamento à beira do rio Xeruã; com manejo adequado e redução da atividade predatória, a população cresceu 415% **Ambiente B6**

Com 'Ulisses', que faz 100, James Joyce revolucionou o romance moderno **CA**

Para Raquel Rolnik, crises escancaram desigualdade planejada de SP **CA**

MÔNICA BERGAMO
Meu talento importa, não o que tenho entre as pernas, diz atriz Carol Marra **CA**

ilustração de sn!

BB trava crédito a estados de oposição a Bolsonaro

Alagoas recorre ao STF para obter recursos; banco diz seguir critérios técnicos

O Banco do Brasil tem travado a concessão de crédito a estados chefiados por adversários de Jair Bolsonaro, relata Idiana Tomazelli. Um deles, Alagoas, foi ao STF para obter os recursos após o BB ter saído da negociação sem dar justificativa.

O governador alagoano, Renan Filho (MDB), disputa protagonismo local com Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara e aliado do Planalto. Seu pai é o senador Renan Calheiros (MDB-AL), que virou desafeto como relator da CPI da Covid.

A Bahia, governada por Rui Costa (PT), também enfrenta problemas para contratar uma operação com o banco. Nos bastidores, há cobrança por "tratamento isonômico", mas a gestão estadual, por meio da Secretaria de Fazenda, não quis comentar.

Procurado, o BB, empresa de economia mista listada na Bolsa, negou ingerência política sobre os empréstimos e afirmou seguir "critérios técnicos". Integrantes da equipe econômica declararam, sob anonimato, que há pressão. **Mercado Ab**

Esporte B8
O que fazem com Neymar é excessivo e agressivo, afirma Renato Augusto

Jair Bolsonaro fala em anular anulação de lutos
Após cancelar ao menos 25 decretos de luto editados por antecessores, o presidente anunciou que tornará nulo o "revogação". **A8**

Lula tratará com Boulos impasse com Haddad em SP
Lula (PT) e Guilherme Boulos (PSOL), pré-candidato ao governo paulista, planejam encontro na próxima semana em meio a impasse no estado —com a esquerda dividida entre a candidatura do líder sem-teto e de Fernando Haddad (PT), que também mira o Palácio dos Bandeirantes. **Poder A4**

Mesmo sem querer, Mattarella é reeleito presidente da Itália A11

Após sete anos, Portugal pode tirar socialistas do poder A12



Ricardo Borges/Folhapress

PROFESSORA TRANS VIVEU JUDICIALIZAÇÃO E SOLIDÃO

Danieli Balbi, 32, é doutora em ciência da literatura e já deu aula na UFRJ; sua trajetória envolveu pedido judicial para mudança de nome e de gênero e vaquinha para cirurgia. **Cotidiano B3**

Crise começa a afetar renda da classe média-alta, indica estudo

A crise econômica começa a afetar mais a renda do trabalho da classe média-alta nas regiões metropolitanas, indica o Boletim Desigualdade nas Metrópoles.

Famílias desse estrato têm cancelado TV paga, cortado serviços de diarista, optado por plano de saúde mais barato e usado o carro apenas para trabalhar. **Mercado A14**

Antonio Prata
Já encomendei meu copo Stanley
Dei-me conta de que talvez eu fosse o único brasileiro a desconhecer o tal copo. Quando chegar, digam o que achei e prometo não Instagramar. **Cotidiano B4**

Militares comandaram distribuição falha de doses

Oficiais do Exército em postos estratégicos no Ministério da Saúde foram os responsáveis pela contratação de empresa sem experiência para a distribuição de vacinas pediátricas e por parte das falhas de logística do processo. A pasta disse ter cumprido os trâmites legais. **Saúde B1**

A pandemia em 29 jan
Dados das 20h

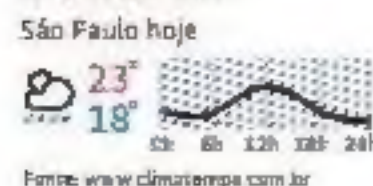
POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil	
Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	79%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	69,7%
Dose de reforço	20,7%

Governo de SP vai pedir comprovante de vacinação a alunos

Cotidiano B1

ATMOSFERA



EDITORIAIS A2

Direita popular
Acerca de fenômeno político que tende a perdurar.

Corações de porco
A respeito de transplantes com órgãos de animais.

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLIKER Luiz Fria
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Fria e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Paru
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Antunol (financeiro, planejamento e novos negócios) e Marcelo Benes (contábil)

EDITORIAIS

Direita popular

Calçada na obediência a um líder providencial, a corrente populista não é fenômeno passageiro

A direita contemporânea se reconfigurou nas últimas décadas, no Brasil e em outras nações, tendo adquirido respaldo popular e competitividade eleitoral. Nada indica que seja um fenômeno passageiro. O esquema clássico da política até a passagem desse furacão era a polarização entre, de um lado, a esquerda social-democrata, que enlatizava a intervenção do Estado para reduzir as desigualdades e, do outro, uma direita que priorizava a liberdade empresarial e o crescimento econômico. Nos costumes, as posições conservadoras estavam alinhadas à direita, e as liberais, à esquerda. Em comum, esses dois campos observavam com respeito as chamadas regras do jogo — as mediações institucionais que legitimam, num Estado de Direito, os resultados da disputa política. Por isso resistiam relativamente bem aos líderes providenciais, vingadores da pátria. A adesão cega e quase religiosa ao chefe carismático, algo que não prevalecia na política ocidental desde a derrota dos fascismos em meados do século 20, parece ter sido um dos elementos fundamentais na transfiguração da direita. O amálgama de ideias tão chãs e incoerentes — como o terraplanismo, a rejeição à ciência e às vacinas, a xenofobia e as ridículas paranoias conspiratórias contra organizações públicas e empresariais — é claramente menos impor-

tante e estável do que o comando de obedecer ao condutor genial. Era essa obediência mecânica que ensinava aos seus discípulos o ideólogo Olavo de Carvalho, morto na segunda-feira (24), que se tornou guia espiritual de legiões de bolsonaristas extremados. A metamorfose da direita — talvez porque tenha encontrado uma parcela da população mergulhada em inseguranças sobre o futuro — foi bem-sucedida ao firmar-se no tabuleiro político-eleitoral em vários países. Vê-se que a derrota eleitoral de Donald Trump não a liquidou nos EUA. Pelo contrário. No Brasil, apesar de resultados catastróficos na pandemia e na economia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda conta com 22% de avaliação ótima ou boa, segundo o Datafolha, e mantém sua competitividade como principal adversário do líder Lula (PT) nas simulações para o pleito de outubro. O Instituto calcula em ao menos 10% o núcleo popular fidelíssimo ao atual mandatário, o equivalente a 17 milhões de brasileiros. Não será surpresa se a bancada da direita populista leal a Bolsonaro no Congresso expandir-se com a eleição. Portanto, a despeito do resultado da disputa pelo Planalto, é provável que as instituições da democracia tenham de continuar lidando nos próximos anos com forças que não se importariam em destruí-la para satisfazer ao chefe.

Coração de porco

Transplantes com órgãos de animais, que suscitam questões éticas, merecem avançar

David Bennett Sr. tornou-se, no último dia 7, a primeira pessoa a receber um coração de porco geneticamente modificado. Até este sábado (29), estava vivo — já superando os 18 dias que Louis Washkansky, o primeiro humano a receber um transplante cardíaco (de outro humano), sobreviveu em 1967. O caso Bennett inaugura a era dos xenotransplantes, em que utilizaremos rotineiramente órgãos, tecidos e células de outras espécies? Para os puristas, a resposta é negativa. No início do século 20, quando o fenômeno da rejeição não era bem conhecido, cirurgiões experimentaram um pouco de tudo, com resultados pífios. Mais modernamente, a substituição de válvulas humanas defeituosas por válvulas de porcos é há anos procedimento padrão da cardiologia. Mesmo a implantação de um coração inteiro não representa exatamente um fato inédito. Em 1984, “Baby Fae”, uma recém-nascida que sofria de grave anomalia congênita, sobreviveu por três semanas com um coração de babuíno. A grande novidade na cirurgia de Bennett, nos EUA, é que o porco doador teve seu material genético manipulado para tornar o órgão mais propício ao transplante. Nesse processo, três genes suínos

foram silenciados para impedir a produção dos açúcares que deflagram a rejeição pelo sistema imune humano, seis genes humanos foram adicionados e um gene de crescimento foi alterado. Se tudo funcionar como a empresa que “fabrica” esses porcos, a Revivicor, pretende, o principal obstáculo à massificação dos transplantes cardíacos, que é a carência de órgãos, terá sido suprimido. Incontáveis vidas serão salvas. Intervenções como essa sempre impõem questões bioéticas. A grande questão está em se é ético utilizar outros seres vivos como repositório de órgãos para nós. A discussão filosófica é interessante e deve-se reconhecer que os defensores dos direitos de animais são capazes de produzir argumentos respeitáveis, mas que não sobrevivem a nossas práticas. Num planeta que sacrifica 1,5 bilhão de porcos a cada ano para alimentação, é difícil sustentar que não podemos matar mais alguns milhares com o objetivo eticamente mais relevante de salvar vidas. Houve alguma grita com a escolha de Bennett, que cumpriu pena por ter esfaqueado uma pessoa. Essa, porém, não deve ser uma preocupação da bioética, que julga procedimentos, não indivíduos.

Banca do Antif
Telegram: <http://t.me/bancadoantif>
Insulab: <http://insulab.com/user/book/1712>
Insulab: <http://insulab.com/user/book/41484>



Para que serve a razão?

Hélio Schwartsman

Segundo uma concepção meio caricatural do Iluminismo, a razão levaria à emancipação do ser humano. Se fôssemos capazes de controlar as emoções e nos guiar apenas pela razão, descobriríamos mais verdades da ciência e encontraríamos as melhores soluções para nossos problemas sociais. Essa concepção está errada de várias formas. A razão não é o contraponto virtuoso das emoções e não leva automaticamente a respostas. Nossos raciocínios são marcados por tantos erros e vieses que fica uma suspeita no ar. Há um intenso debate entre cientistas cognitivos sobre o alcance e o papel da razão. Um modelo de que gosto bastante é o proposto por Hugo Mercier e Dan Sperber. Para a dupla, a razão evoluiu para o propósito não muito enaltecedor de nos fazer vencer debates e justificar nossas próprias atitudes. É o que explica, por exemplo, a ubiquidade do viés de confirmação, que nos faz encontrar e abraçar rapidamente as evidências em favor de nossas teses e descartar sem exat-

me as contrárias. Essa é uma péssima prática se o objetivo da razão é chegar à verdade, mas muito boa se a meta é só brilhar diante dos pares. Isso significa que devemos abandonar todas as esperanças de progresso? No plano individual, talvez, mas não no coletivo. Há uma assimetria que nos favorece. Somos muito melhores em apontar erros nos raciocínios dos outros do que em encontrá-los nos nossos. Isso significa que, como sociedade, somos capazes de avançar. Grupos de pessoas suficientemente diversas até conseguem se livrar de teorias e ideias erradas. Fazê-lo individualmente, ainda que não impossível, é mais difícil, já que a tendência é que nos enamoremos de nossas teses mesmo que absurdas. Se o modelo de Mercier e Sperber é correto, deveríamos ansiar pela publicação de artigos e livros que vão contra nossas ideias. Encontrar erros neles e criticá-los é a forma mais eficiente de fazer avançar nossa agenda.

helio@uol.com.br

Um crime em cima do outro

Bruno Boghossian

A Polícia Federal acrescentou mais um crime à ficha de Jair Bolsonaro. A delegada Denisse Ribeiro afirma que o presidente participou, em agosto passado, do vazamento de um inquérito sobre a invasão de sistemas do Tribunal Superior Eleitoral. Além dele, foram enquadrados o deputado Filipe Barros e um ajudante de ordens do Planalto. O episódio desenhava mais uma peça da máquina de infrações montada pelo presidente e seus aliados. Segundo a polícia, Barros usou o posto de relator da PEC do voto impresso para pedir acesso à papela da sobre o ataque feito ao TSE em 2018. Em seguida, Bolsonaro e o deputado divulgaram numa rádio o conteúdo do inquérito sigiloso. A violação identificada pela PF foi cometida para municiar outra investida criminosa do presidente. Embora aquela invasão ao sistema do TSE não tenha provocado prejuízos à votação ou à contagem de votos, Bolsonaro distorceu o conteúdo dos documentos para reforçar seu ataque às urnas eletrônicas.

O presidente passou meses espalhando mentiras sobre o sistema de votação no país, com o intuito de fabricar desconfiança sobre as eleições de 2022. O objetivo final era abrir caminho para um terceiro crime: desestabilizar o processo de escolha de um novo governo e arranjar uma maneira de permanecer no poder em caso de derrota nas urnas. Bolsonaro se especializou em desrespeitar a lei para obter ganhos políticos. A PF e o Supremo até provocaram dores de cabeça nos últimos tempos, mas o presidente apostou na boa vontade da Procuradoria-Geral da República, do comando da Câmara e da estrutura de um governo que opera para acobertá-lo. Com a impunidade garantida, Bolsonaro deu sequência à série e aproveitou para descumprir uma ordem judicial. Na sexta (28), ele faltou ao depoimento que deveria dar à PF para explicar o vazamento do inquérito sobre o ataque hacker ao TSE. O dribble pode configurar crime de responsabilidade, mas o presidente sabe que não será incomodado.

Uma foto pffft

Ruy Castro

O alvoroço causado pela série “Get Back”, sobre os Beatles, me levou de volta a “Abbey Road”, o LP que resultou das gravações mostradas no filme. É aquele com a famosa capa em que eles atravessam a rua — a Abbey Road, em Londres, esquina com a Alexandra Road, onde ficava o estúdio. Foi essa capa que me intrigou outro dia quando tirei o disco da estante para admirá-la, o que não fazia havia anos. Em 1969, os Beatles ainda simbolizavam toda a rebeldia do mundo. Era como se tivessem inventado o Poder Jovem. Por causa deles, milhões de rapazes e moças em toda parte se deram conta de que eram diferentes de seus pais, pertenciam a outra geração. Os Beatles se diziam mais populares que Jesus e só isso já era um atrevimento. Não me pergunte por que, mas os próprios olhinhos de John Lennon pareciam uma contestação. Estudando hoje a foto da capa, 52 anos depois de tirada, fiz pffft. Os Beatles estão atravessando civilizadamente na fabca de pedestres,

como bons cidadãos que esperam o sinal abrir. Poderiam estar a caminho do chá das cinco. Três dos rapazes usam terno, como ainda faziam os artistas convencionais — o de John lembra um dandy de 1900; enquanto o de Ringo já ficaria bem num corretor da Bolsa. É verdade que Paul McCartney está descalço, mas o asfalto é o de Londres. Queria vê-lo encarrar o de Ipanema no verão. E o título “Abbey Road”? Era o endereço do estúdio da EMI e nos soava mágico, como se ali só se couldhassem ousadas alquímias sonoras. Mas não era bem assim. Por Abbey Road passaram todos os artistas que gravaram para a EMI em Londres a partir dos anos 30, e isso incluiu o cantor francês Jean Sáblon, o band-leader americano Glen Miller e até a nossa Dalva de Oliveira. Abbey Road era só isso — um microfone. Para completar, os Beatles não atravessaram no meio dos carros, como os Stones ou o The Doors talvez fizessem. O trânsito foi até interrompido para a foto.

Na porta de casa

Muniz Sodré

Professor emérito da UFPA, autor, entre outros, de “A Sociedade Incivil” e “Pensar Nagô”. Escreve aos domingos

Suzânia do noticiário, mas permanece na memória de alguns, a cena abominável em que um casal maranhense agride fisicamente um rapaz de tez escura quando abre a porta do seu carro na frente do edifício onde reside. O cotidiano é naturalmente mais largo do que o espaço na imprensa. Repetir notícia esbarra no limite de uma das regras básicas do ofício, que é não cansar o leitor. Mas a velocidade noticiosa por vezes tapa a visão de fatos essenciais na cobertura do racismo no país. É que as formulações violentas de senhorialidade racial são expostas como se fossem casos ou “desvios” individuais. Aqui, o episódio do magistrado que intimidou o guarda com a fórmula do “você sabe com quem está falando?”. Acólá, a altíssima autoridade garante que nenhum de seus filhos se casaria com uma mulher negra, pois teriam sido “muito bem criados”. Nada disso subjetiviza o ato racista. Isso quer dizer que não é mera questão de foro íntimo, mas de representações externas, construídas ao longo da história escravista e geradoras de uma “forma” dinâmica de hierarquização racial. Existe, sim, uma “forma social escravista”, que não é singularidade psicológica, mas fenômeno objetivo, como uma continuidade (despercebida) do arcabouço colonial. O que pareceria tão só convicção pessoal é mesmo a representação coletiva do país como latifúndio escravista. Sensações e opiniões podem ser privadas, mas a sua regra constitutiva provém de uma consciência senhorial comum, associada à branquidão, que espelha o passado. O reflexo se estende às camadas populares, que “transcrevem” por palavras e atos as prescrições raciais do Andar de Cima, não raro com uma cumplicidade análoga à registrada entre torturado e torturador. Nada aí é “reverso”. Se fosse, o racismo seria apenas um fenômeno psicológico passível de inversão, quando é de fato o perverso espelhamento de resíduos do poder colonial. Mas uma passagem imotivada ao ato físico, como a do casal maranhense, é anômala. Num lampejo, emergiu a forma escravista, alucinada por fúria narcísica: de graça, a dupla procurou emular, por palavras e atos (“pisa no pescoço dele!”), a representação midiática do assassinato de George Floyd nos EUA. Essa forma tem se escondido. Sem dela saber, o jornalismo corre o risco de colocar no mesmo plano os discursos do opressor e do oprimido. Isso talvez sugira uma postura editorial em que o marketing polemista e a regra do ineditismo deem lugar a uma perspectiva construtiva, capaz de pôr em pauta permanentemente o inquietante prognóstico do abolicionista Joaquim Nabuco: “A escravidão permanecerá por muito tempo a característica nacional do Brasil”.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados nesta seção não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedecerá ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Resta torcer para que o BC consiga controlar a inflação

Tanto ruído dificulta calibrar a política econômica

Roberto Ellery

Doutor em economia, é professor do Departamento de Economia da UnB, onde realiza pesquisas nas áreas de ciclos de negócios e crescimento econômico

O advento da pandemia deixou ainda mais difícil a vida de economistas que tentam antecipar os movimentos da economia. O alto grau de incerteza, somado às mudanças nas políticas econômicas de diversos países, comprometeu a validade dos modelos usados por macroeconomistas para fazer previsões e recomendações de política econômica. Não por acaso vimos tantos erros de previsão em 2021. No Brasil, o cenário ficou ainda mais difícil de avaliar porque a mudança na política econômica começou antes da pandemia com a tentativa de trocar o freio monetário pelo freio fiscal e o ferte explícito com a tese de que desvalorizar o real seria bom para economia. Neste ano, o cenário continua complicado. Novas cepas do vírus podem prolongar a pandemia, e isso está fora do radar dos modelos —aparentemente, mesmo o pessoal da saúde tem dificuldades de antecipar a dinâmica dessas variantes. Por outro lado, famílias e empresas estão aprendendo a viver com a crise sanitária, de forma que os impactos na produção tendem a ser menos drásticos do que aconteceu nos anos anteriores. A incerteza em relação à duração e aos efeitos da pandemia na capacidade de

produção dificulta muito antecipar os movimentos da oferta agregada, ou seja, da produção. Fatores relacionados à energia também podem afetar as empresas, como o regime de chuvas no Brasil, e as tensões geopolíticas no leste da Europa. Como a dinâmica econômica está sendo ditada principalmente pelos movimentos da oferta agregada, fica difícil saber o que vai acontecer com o PIB e com a inflação. Dificuldade agravada pelo fato de que os modelos usados em macroeconomia costumam dar mais atenção aos movimentos da demanda do que aos movimentos da oferta, essa característica que torna tão difícil antecipar cenários de recessão e aumento da inflação. Mal comparando, em termos globais, a crise que estamos passando lembra o choque do petróleo nos anos 1970. Pelo lado da demanda, o cenário não é mais gentil. No começo de 2021, as políticas monetária e fiscal levavam à expansão da demanda, o que, somada à retração na oferta, explica boa parte do aumento da inflação. Em 2022, tudo indica, o Banco Central vai continuar o ajuste dos juros, o que leva a uma contração da demanda; mas a política fiscal deve continuar expansiva. É difícil avaliar qual será o saldo final

das duas políticas que atuam em direções opostas. Os choques nas expectativas por conta do processo eleitoral trazem outro efeito que dificulta prever o que vai acontecer com a economia neste ano. Por fim, temos que ver como o Banco Central vai responder a um provável aumento de juros nos Estados Unidos. Com tanto ruído fica difícil calibrar a política econômica, mas ainda assim considero que o ajuste dos juros deva continuar de forma a não repetir os erros de 2020 e 2021, quando houve uma redução exagerada da meta para a Selic e uma demora perigosa para começar um ajuste forte. Neste ano, o Banco Central parece saber que está sozinho no esforço para controlar a inflação. Seria desejável esperar prudência também na condução da política fiscal —uma efetiva redução nos gastos é impensável no atual contexto, mas isso não impede que o governo busque maior qualidade nas próprias despesas. Uma boa agenda de reformas poderia ser determinante para ajudar na recuperação que pode ocorrer nos próximos anos, mas é fundamental ter em mente que reformas mal desenhadas podem ter efeitos contrários aos previstos. Vale o mesmo para reformas bem desenhadas que sofrem alterações substantivas no curso da tramitação no Congresso. Considerando as experiências recentes, talvez seja melhor deixar a agenda de reformas para 2023. Resta então torcer para que o Banco Central consiga controlar a inflação e que o estrago nas contas públicas, turbinado pelo processo eleitoral e pela aparente melhora fiscal decorrente em grande parte da alta de preços, não seja tão grande a ponto de ser tornar irreversível.



200 anos de Independência?

Em conversa com índio, colonização segue seu curso

Maria Paula

Alta, paulista com mestrado em desenvolvimento humano e saúde (UnB) e embaixadora da paz

Ano de 2022: data simbólica para o nosso povo, que em 7 de setembro irá completar 200 anos de Independência. Momento de fazermos uma reflexão sobre nós mesmos, sobre nossa condição atual e quem sabe até de refletirmos sobre o que de fato aconteceu aqui desde que foi anunciado ao mundo que deixaríamos de ser uma colônia portuguesa. Espanta-me perceber que o conteúdo que me foi ensinado na escola é o mesmo que continua sendo reproduzido na sala de aula dos meus filhos. Até quando iremos permitir que nossa história seja contada de fora para dentro? Fomos descobertos ou invadidos, afinal? Mas, principalmente, quando iremos nos apropriar de nós mesmos e encarar nossa diversidade étnica como vantagem estratégica em vez de continuarmos existindo o tal complexo de vira-lata? Nossa fórmula primordial contém a genética dos povos indígenas, portugueses, africanos, japoneses,

italianos, alemães, judeus, árabes, gente de todos os cantos. Sentir orgulho de quem somos é a base da atitude independente que merece prevalecer, uma vez que nossa realidade representa um movimento no contrafio das grandes vergonhas históricas. As guerras repetem a ideia equivocada de que em nome da soberania há que se excluir e, se possível, exterminar o diferente. No entanto, por aqui, o destino permitiu que a mudança de paradigma acontecesse. Não há como separar de dentro do coração de um brasileiro os diversos sangue que em suas veias fluem. Para comemorar os 200 anos da Independência, minha sugestão é oferecer nos postos de saúde, junto com as vacinas, testes de DNA para rastreamos as etnias que compõem nosso ser. Quem sabe assim cada brasileiro possa se ocupar de entender suas raízes e traumas que vieram junto com o sangue de seus

ancestrais. E, melhor que isso, para além dos traumas, acessar a força, a sabedoria que se manifesta neste emaranhado de raízes. A convite da ONG Smile Train, que opera crianças com fissura labiopalatina ao redor do mundo, conduzi uma roda de conversa com pais de crianças que haviam feito a cirurgia recentemente em Manaus. Eram famílias indígenas, e levei um susto com a resposta de um pai que, ao ser questionado sobre o motivo de seu filho ter nascido assim, respondeu que devia ser castigo de Deus. Estarrecida, perguntei de novo ao intérprete que fazia a tradução da língua ticuna para o português se eu havia entendido direito, e este confirmou. Naquele momento via a colonização seguindo seu curso e senti vontade de estimular uma comemoração pelos 200 anos da Independência que se empenhe em valorizar as figuras históricas que se recusaram a deixar um legado predatório e destruidor. Que meus filhos aprendam sobre gente como o marechal Rondon, que liderou o desbravamento do nosso Brasil profundo de forma pacífica, recusando-se a combater e dizimar os povos indígenas que cruzaram seu caminho. Sempre levantando uma bandeira: "Morrer se for preciso, matar jamais!". Ele sabia de onde vinham suas origens. E você? Gostaria de saber das suas?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para a: Barão de Limbra, 475, São Paulo, CEP 01302-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO O QUE VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, TEM FEITO PARA COMBATER AS FAKE NEWS?

Sempre observo como o texto é montado, desde do título até o final e com isso cortejo a fazer questionamentos: Quem disse? Qual a fonte? Quem confirmou? Saber que a notícia apresenta o contraditório. Ler em outros veículos de informação para conferir a veracidade, verificar se a foto é real, a declaração foi ou não tirada de contexto. Nunca compartilhar de imediato a notícia. É preciso ler e acompanhar o fato com seus desdobramentos. Descobrir do que receber do WhatsApp, é quase como trabalho de detetive, sabe? Por isso o jornalismo profissional deve ser valorizado. Uma fake news pode acabar com a vida de um cidadão inocente. **Igor de Moraes Guedes** (São Bernardo do Campo, SP)

Para curar a doença das fake news é preciso tão somente que cada um use a tecnologia com responsabilidade. O problema maior não está em quem elabora o material, mas quem a dissemina. Portanto, é verdade, e bastante correto afirmar, que não há fake news do bem. Existe notícia verdadeira e falsa. Mesmo que o artigo ou texto seja de acordo com minhas convicções, preciso pesquisar antes de compartilhar. **Bonnan Wielewski Botelho** (Londrina, PR)

Eu quase não recebo, mas tenho crítica a fazer. Infelizmente, há um ano e meio das eleições, começam a veicular pesquisas eleitorais. Está na hora de haver regulamento inibindo essa "campanha" eleitoral antecipa, lógico, favorecendo os que estão na frente e moldando a opinião de uma população que não tem interesse em se informar, e sim em disseminar informações falsas. **Silvini de P. Silva** (São José do Beltrão, SP)

Refutar! Até dar calos na língua. Infelizmente, quando se refuta fake news ou alguns negacionismos que surgem cá e lá, sempre aparece a laidinha de que refutar quer cancelar o adversário ou o debate. Mentir e negar a realidade nada têm a ver com debater com seriedade. É perda de tempo debater com mentirosos e negacionistas, então refute-se! **Said Abou Ghaucho Netta** (São Paulo, SP)

Não lê-las. São identificáveis. **Maurício Guimarães** (Niterói, RJ)

Checar portais de notícia que as desmentem. **Rubeca C. R. de Oliveira** (Guaratinguetá, SP)

Gasto dois minutos esclarecendo com ajuda do Google. **Max Neira** (Brasília, DF)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 22 a 28 jan • Total de comentários: 16.214

- 553 Para rejeitar diretriz da SUS: Saúde diz que hidroxiquina funciona e vacina não (Equilíbrio e Saúde) 22 jan
- 300 Deputados articulam CPI contra Moro por atuação em setor privado (Mônica Bergamo) 23 jan
- 278 Bolsonaro vai faltar a depoimento na PF, dizem integrantes do Planalto (Poder) 28 jan

OUTROS ASSUNTOS

Depõe ou não?
Ele não ganha méritos com isso ("Bolsonaro vai faltar a depoimento na PF, dizem integrantes do Planalto", Poder). Se forcarmos a barra, ele sairá como vítima de perseguição e será prato cheio para seus seguidores. Todos sabem que o dia dele chegará. O mal por si só se destrói. **Maria Inês de Freitas** (Rio de Janeiro, RJ)

Moro e os R\$ 3,7 milhões
Dava para comprar um apartamento no Guarujá e um sítio em Atibaia ("Moro afirma ter recebido R\$ 3,7 milhões por serviço para consultoria dos EUA", Poder). **Gil Palma Franca** (Belo Horizonte, MG)

Vejo a importância de não disseminar links com reportagens ou vídeos de fontes duvidosas, seja em grupos de aplicativos de mensagens ou redes sociais. Além disso, sempre consulto agências de checagem, como a Lupa, com o intuito de verificar determinada informação. A divulgação das agências, aliás, é extremamente importante para que outros leitores também tenham o conhecimento da existência dessas plataformas que verificam a veracidade de dada informação. **Victoria Nogueira** (São Paulo, SP)

Respondo a quem publicou informando que aquilo não é verdade, adicionando links para clarificar. **João Carlos Duarte** (El Dorado Hills, Califórnia-EUA)

Leio com atenção e denúncia na hora. No WhatsApp, informo o colega que é fake news e mostro a prova. Em outras redes sociais (Twitter, Face, Insta), aperto o botão na hora! **Douval Pinheiro Garcia** (Itapeva, SP)

É difícil a fake news ser pior que a realidade. Combater não vale a pena. A política parece cada vez mais como se fosse um circo com palhaços. **Dirk Middelkoop** (Itamonte, MG)

Sou argentino e moro em Curitiba. Apoio o jornalismo e na semana passada assinei a Folha. Valorizar o trabalho dos jornalistas é uma forma de combater a desinformação. **Álvaro M. Pina Coviello** (Curitiba, PR)

Adoto como princípio a checagem da fonte da notícia antes de compartilhá-la com amigos. **Genivaldo Basílio dos Santos** (Itapevi, SP)

Tenho alertado as pessoas próximas da necessidade de averiguar se as informações que recebem são fatos. É preciso fazer o exercício da constatação das notícias. **Hosana dos Santos Dantas** (São Paulo, SP)

Eu me informo apenas pela imprensa tradicional e de credibilidade, seja na plataforma que for. Ou pesquiso em instituições oficiais. **Luís Paulo de Araujo** (Rio de Janeiro, RJ)

Quando alguém fala ou envia informação, procuro descobrir se é verdadeira ou falsa. Se for verdadeira e julgar importante, divulgo. Se for falsa, envio essa informação no grupo ou para a pessoa que divulgou a notícia. Faço isso desde 2017. Se não tenho como descobrir, não divulgo. **Yumi Gossio** (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (29 JAN., PÁG. B3) No título da reportagem "Rota das Flores é opção para quem quer pedalar perto de SP", o correto é Rota das Frutas.

poder

PAINEL | **Fábio Zanini**
painel@grupofolha.com.br

Missão cumprida

Articulador de uma trégua na aguda crise institucional entre Jair Bolsonaro (PL) e Alexandre de Moraes em setembro do ano passado, o ex-presidente Michel Temer (MDB) disse a aliados nos últimos dias que não foi chamado a ajudar desta vez e que considera já ter cumprido seu papel em relação à pendenga. O ministro do STF determinou que Bolsonaro prestasse depoimento presencialmente à Polícia Federal nesta sexta-feira (28), mas o presidente descumpriu a decisão.

PAZ Carlos Marun (MDB-MS), ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo de Temer, diz que conversou com o ex-presidente nesta sexta-feira (28) e que o aliado se disse preocupado com a nova crise, mas também afirmou crer “que existe espaço para reencontrar o caminho da serenidade.”

MELHOR NÃO Parlamentares da base de apoio de Bolsonaro que não integram a chamada ala ideológica veem o aumento da temperatura entre o Palácio do Planalto e o STF como algo indesejável para o início do ano.

PRATO CHEIO Na entendimento deles, o presidente já tem problemas demais para enfrentar, como inflação, combustíveis, desemprego, pandemia e altos índices de rejeição, e deveria evitar qualquer tipo de enfrentamento nesse momento.

DNA Renato Bolsonaro, irmão de Jair, será o coordenador da campanha a deputado federal por São Paulo de Mozart Aragão, assessor especial do Planalto. A decisão reflete a prioridade que a campanha terá para a família presidencial.

FUXADOR Renato já vem percorrendo o estado para ampliar a base de Mozart. Na semana passada, esteve no ABC, falando com lideranças conservadoras. O presidente quer que seu assessor seja um dos mais votados no estado.

DEBANDADA O deputado estadual Douglas Garcia (PTB-SP) e lideranças do Movimento Conservador, que ele integra, estão de malas prontas para migrar para o Republicanos. É mais um reflexo da turbulência vivida pelo PTB, que corre o risco de não superar a cláusula de barreira.

AINDA JUNTOS O movimento de Garcia, um dos mais atuantes na direita do estado de São Paulo, tende a se manter neutro na eleição estadual. Embora tenha se distanciado de Jair Bolsonaro nos últimos meses, deve apoiar a reeleição do presidente.

TIROTEIO

“Se houvesse um disque-denúncia para idiotices, a primeira seria contra a ministra de Direitos Humanos

Do deputado federal Fábio Trad (PSD-MS), sobre a ministra Damara Alves (Direitos Humanos) ter aberto disque-denúncia para antraxinas

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★ ★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseu | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R\$ 5,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
	seg. a sáb. dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50

*A única com entrega domiciliar diária. Custo de entrega 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (N1)
366 088 exemplares (dezembro de 2021)



Ex-presidente Lula discursando ao lado de Haddad e Boulos em São Bernardo do Rio. *Edson Kizup - 9 foto79/Folhapress*

Lula vai encontrar Boulos para tratar de impasse com Haddad em eleição

Esquerda está dividida entre a candidatura do líder sem-teto e a do ex-prefeito paulistano na disputa para o Governo de São Paulo

Victoria Azevedo e
Carolina Linhares

SÃO PAULO O ex-presidente Lula (PT) e o pré-candidato ao governo de São Paulo Guilherme Boulos (PSOL) planejam um encontro para a próxima semana em meio ao impasse que se mantém no estado —com a esquerda dividida entre a candidatura do líder sem-teto e a do ex-prefeito Fernando Haddad (PT), que também mira o Palácio dos Bandeirantes.

Membros de PT e PSOL ouvidos pela Folha mantêm o discurso de que ambas as candidaturas serão levadas até o final e admitem que o apoio mútuo pode ficar apenas para o segundo turno.

Nos bastidores, porém, ainda há apostas de que haverá uma unificação, e os próprios candidatos estão abertos ao diálogo.

O imbróglio tem potencial para azedar a relação entre os partidos —Haddad e Boulos, ao serem procurados pela reportagem, preferiram não falar sobre o assunto.

Um dos argumentos levantados em prol da união no primeiro turno é o de que uma divisão no campo da esquerda pode enfraquecer a possibilidade de vencer o PSDB no estado —onde a sigla governa desde 1995. A aliança é descrita como chance histórica de concretizar a alternância no poder. Petistas veem a candidatura de Haddad como a mais consolidada e com mais chance de vitória no campo da esquerda —que tem ainda Márcio França (PSB) como postulante.

Com Haddad à frente dos demais progressistas nas pesquisas, o PT não vê sentido em abrir mão dele por uma eventual federação partidária com o PSB ou para abrir espaço para Boulos.

Falando de São Paulo, estado estratégico na eleição nacional, Lula já indicou seu compromisso com Haddad, com quem se reuniu na quinta-feira (27). “Eu acho, com toda modestia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora”, disse em entrevista na semana passada.

A cúpula do PSOL tampouco cogita, neste momento, retirar a candidatura de Boulos, que terminou em segundo lugar a eleição na capital paulis-

ta em 2020, desbancando o PT.

Ali o assunto é tratado como resolvido —os dois serão candidatos e se unirão no segundo turno. A fase de negociações já teria passado.

Interlocutores de Boulos, no entanto, afirmam que o pré-candidato é favorável ao diálogo pela união da esquerda até o último minuto. Mas, embora admita sentir à mesa, Boulos não estaria disposto a tratar de condições para uma desistência.

Também há no PSOL quem entenda que a costura ainda está em curso. De acordo com um membro do partido, se em 2021 a sigla se recusava a ouvir o que o PT tinha a oferecer, o cenário mudou deste começo de ano.

Com o avanço das conversas para selar uma chapa presidencial formada por Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido), psolistas temem a desistência da candidatura de Boulos, uma vez que Alckmin já se comprometeu a contribuir ativamente na campanha de Haddad, além de o petista alcançar a maior fatia dos votos que seriam destinados ao ex-tucano.

De acordo com pesquisa Datafolha divulgada em dezembro, em um cenário sem Alckmin na disputa, Haddad lidera com 28%, seguido de França (19%) e Boulos (11%). No cruzamento de dados, 30% dos eleitores do ex-governador optam por Haddad, 19% por França e 13% por Rodrigo Garcia (PSDB).

Petistas dizem que conversas estão em andamento e que ainda há tempo para um acerto entre Haddad e Boulos, cenário em que o psolista deixaria a corrida. Na próxima semana, além de Lula, o líder sem-teto deve se reunir com França, que também é peça-chave no impasse da esquerda em São Paulo.

Para evitar conflitos, contudo, aliados de Haddad afirmam que também se adequariam no caso da manutenção de ambos os nomes e que é legítimo que o PSOL tenha um candidato, principalmente considerando que, em 2020, o PT não abriu mão de Gilmar Tatto mesmo com o favoritismo do líder sem-teto.

Na opinião de integrantes do PT ouvidos pela reportagem, a insistência na candidatura de Boulos pode repre-

“O PSOL tem que reforçar a necessidade do seu fortalecimento político. Faz todo sentido lançar Boulos em São Paulo, ele foi o segundo colocado em uma eleição com características nacionais

Glauber Braga
Deputado federal do PSOL

sentar um erro político. Para evitá-lo, uma alternativa seria compor a chapa com Haddad, na condição de vice.

Num estado conservador como São Paulo, Boulos, que tem boa votação na capital, mas não nas intenções de voto no interior, poderia perder relevância se terminasse a corrida com baixa votação.

Membros do PSOL rebatem, afirmando que Boulos é competitivo, vence na capital e pode crescer na medida em que se tornar conhecido.

Outra opção aventada é a de que Boulos tenha uma cadeira na Câmara dos Deputados, tenha espaço num eventual governo Lula e garanta acordo de apoio do PT para concorrer à Prefeitura de SP em 2024.

Políticos do PSOL estão céticos quanto a isso e reforçam que seria necessário compromisso público e explícito pelo diretório nacional do PT e pelo próprio ex-presidente Lula.

Petistas argumentam que, se por um lado Boulos poderia compor o governo Lula, por outro lado, caso não haja aliança com Haddad, o ex-presidente poderia nomear outros paulistas para a Esplanada, criando concorrência para o PSOL na eleição municipal.

A preocupação de ampliar a bancada do PSOL na Câmara é questão considerada para quem defende a desistência de Boulos tanto entre petistas como entre psolistas —principalmente após a saída de nomes que tinham votações expressivas, como o deputado federal Marcelo Freixo (RJ), que migrou para o PSB.

A cláusula de barreira, que define um percentual mínimo de integrantes da Câmara que devem ser eleitos para que o partido possa existir, é lembrada. Como candidato a deputado, além de Boulos fortalecer a bancada, teria visibilidade para se alçar à prefeitura em 2024.

No PSOL, contudo, há parlamentares que defendem que Boulos contribuiria mais para o crescimento do partido se concorresse ao governo, dando visibilidade ao PSOL durante a campanha. A sigla entende a candidatura própria no principal colégio eleitoral do país como crucial para sua sobrevivência.

No plano nacional, o PSOL caminha para formar uma fe-

Continua na pág. A5

Continuação da pág. A4

deração com a Rede. Com isso, Boulos poderia ter a chapa mais ampla da esquerda no estado, se vingar também a tentativa de atrair PDT e PC do B, mas essa última sigla estuda a federação com o PT.

Os rumos eleitorais do PSOL ainda devem ser definidos por uma eleição interna —uma conferência que deve ocorrer em março ou abril. No congresso realizado no fim de 2021, o partido optou por lançar Boulos ao governo de São Paulo e buscar compor com o PT na corrida para a Presidência.

A ala majoritária do partido acredita que a nova conferência vai apenas confirmar essas escolhas. A conversa entre Boulos e Lula, inclusive, teria como pauta mais a questão nacional do que o impasse paulista.

Embora Boulos tenha deixado claro rechaçar a opção de Alckmin como vice de Lula, dirigentes do PSOL afirmam que o apoio ao petista deve ocorrer.

Já o deputado federal Glauber Braga (PSOL-RJ), que prega uma candidatura própria do PSOL ao Planalto, avalia que o fator Alckmin peso para que o partido repense a decisão de apoiar Lula e lance seu nome —ao lado de Boulos, que para ele deve, sim, concorrer em São Paulo.

"O PSOL tem que reforçar a necessidade do seu fortalecimento político. Faz todo sentido lançar Boulos em São Paulo, ele foi o segundo colocado em uma eleição com características nacionais", afirma o deputado.

O partido avalia ainda que haverá um grande desgaste interno, especialmente na militância, caso Boulos desista de concorrer ao Palácio dos Bandeirantes. A adesão 100% a Haddad não é unanimidade, principalmente pelas resistências que o PSOL tem ao nome de Alckmin.

"Nós defendemos a candidatura do Boulos. Ele está bem posicionado, é competitivo, preparado e tem as credenciais. Temos chances de crescer, sem dúvidas", diz à Folha o deputado estadual Carlos Giannini (PSOL-SP).

A deputada federal Sâmia Bomfim (PSOL-SP), por sua vez, acredita que é necessário ter um candidato do partido ao governo paulista —mesmo que ele não seja Boulos. "Acho ruim abrir mão da candidatura e pensar nos próximos dois anos [eleições municipais]", diz.

"Seria um acordo eleitoral e não programático. Existem diferenças de programas no estado que justificam o PSOL ter uma candidatura e o PT ter outra", continua.

Boulos anunciou que estava disposto a concorrer ao Palácio dos Bandeirantes em entrevista à coluna Mônica Bergamo, em abril de 2021. De lá para cá, iniciou uma série de agendas eleitorais pelo estado.

Disputa pelo Senado em SP tem fragmentação e espera

Siglas já articulam nomes para o palanque paulista, mas dependem de alianças

Carolina Linhares

SÃO PAULO O cenário para a disputa ao Senado em São Paulo é marcado por indefinição e congestionamento de nomes no momento em que os partidos buscam costurar alianças e federações. A vaga de candidato a senador é estratégica para a barganha de apoio entre as siglas na formação de suas chapas.

Os principais candidatos à Presidência da República têm aliados que almejam o Senado sob sua órbita em São Paulo, o principal colégio eleitoral do país. Em 2022, cada estado elege apenas um senador.

Enquanto a direita se divide entre pré-candidatos diversos, a esquerda guarda um posto a ser ocupado por um partido aliado —uma espécie de plano B para a sigla que eventualmente concordar em retirar sua candidatura própria ao Governo de São Paulo.

O candidato com a chapa mais avançada em São Paulo é o ex-juiz Sérgio Moro (Podemos), que filiou o deputado estadual Arthur do Val, na semana passada, para concorrer a governador pelo seu partido.

Eles têm um acordo com o deputado estadual Heni Ozi Cukier, que deve deixar o Novo na janela de troca partidária, entre março e abril, e ingressar no Podemos para ser candidato ao Senado.

"A eleição para o Senado é esquecida, minha missão é chamar atenção das pessoas para as opções de candidatos. Acho que tenho a melhor proposta. Olho para o Senado e vejo uma lacuna, um abandono, um desinteresse, uma baixa representatividade", afirma Cukier à Folha.

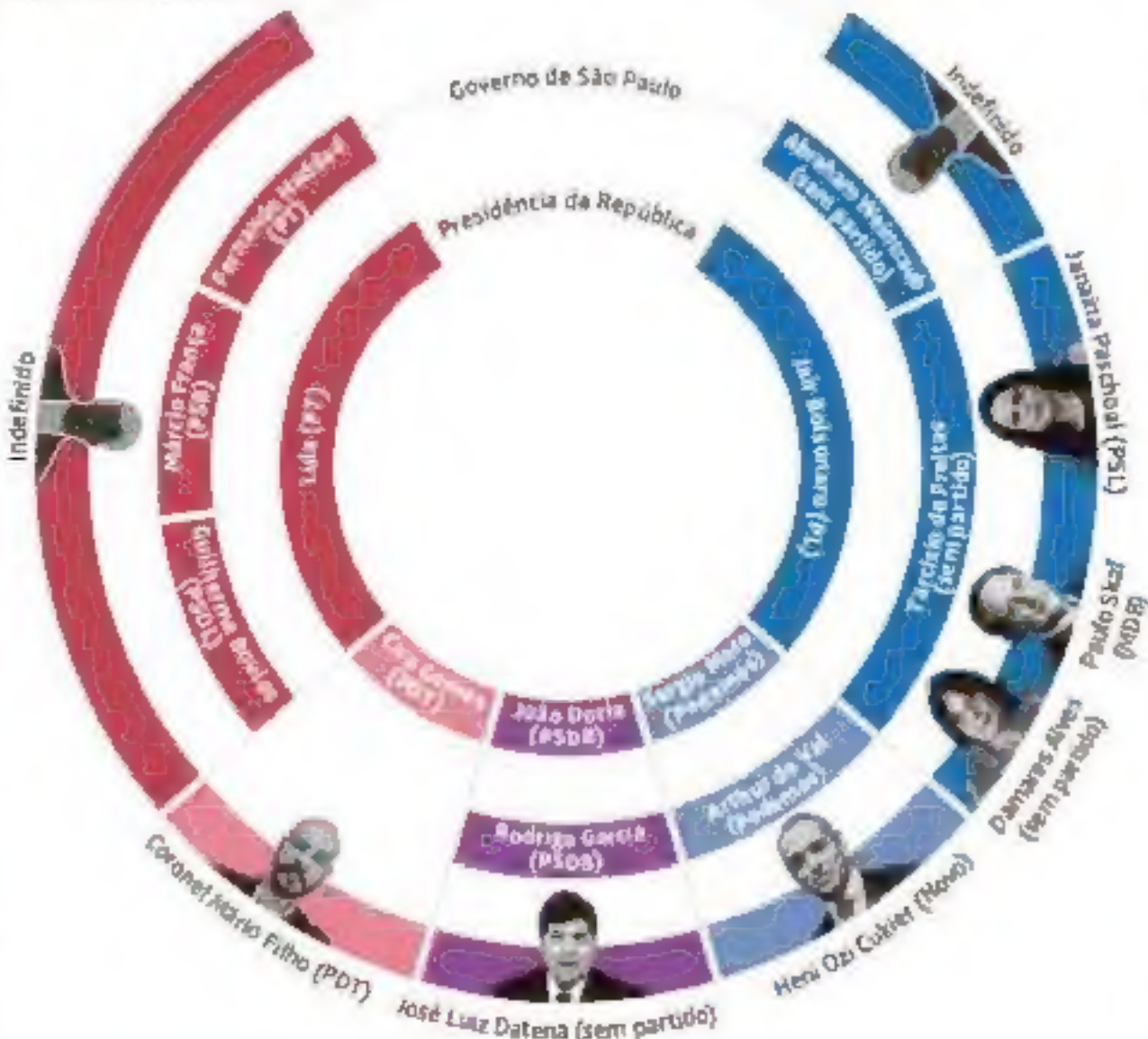
O candidato ao Senado que irá receber o apoio do ex-presidente Lula (PT) segue indefinido. PT e PSB buscam acertar uma federação, que contaria ainda com PC do B e PV, mas que esbarra em acordos estaduais e na eleição de 2024.

Um dos impasses se dá exatamente em São Paulo, onde o PT faz questão de lançar o ex-prefeito Fernando Haddad para o governo e o PSB pleiteia a manutenção da candidatura do ex-governador Márcio França para o mesmo posto. A federação exige que haja um só postulante.

Sendo assim, petistas consultados pela Folha afirmam, nos bastidores, esperar que França recue e aceite ser candidato ao Senado. No lado do PSB, a conversa é justo o oposto —a vaga na chapa para o Senado estaria reservada a uma indicação do PT.

Outro uso da vaga ao Senado, além da acomodação de partidos aliados, é o de conferir diversidade à chapa. Nesse sentido, caso a aliança fracasse e o PT lance um candidato

Como se alinham os possíveis candidatos ao Senado em SP



próprio, o partido estuda dar a vaga a uma mulher negra.

O campo progressista em São Paulo tem ainda o líder sem-teto Guilherme Boulos (PSOL) como pré-candidato ao Palácio dos Bandeirantes. O PSOL tende a apoiar Lula para a Presidência.

Como mostrou a Folha, parte dos petistas e psolistas trabalha para unificar as candidaturas de Boulos e Haddad, enquanto as cúpulas dos partidos admitem ser possível manter os dois nomes com apoio no segundo turno.

Aliados de ambos os lados ponderam que o preferível, no entanto, é evitar a fragmentação do eleitorado de esquerda. Por isso, o PSOL afirma que a vaga ao Senado ainda depende das conversas com os demais partidos e de eventual federação com a Rede.

A Rede não tem nomes em vista para o Senado no estado. "Estamos apelando a todas nossas lideranças para disponibilizarem seus nomes para disputarem a Câmara Federal", afirma a ex-senadora Heloisa Helena, porta-voz da Rede.

A estratégia da legenda é superar a cláusula de barreira, a votação mínima exigida para que partidos tenham acesso a recursos. A regra só leva em conta os votos que o partido obtém na Câmara.

O PDT do presidente Jair Bolsonaro se aproximou da candidatura de Boulos em São Paulo. Para a vaga ao Senado, o partido estuda lançar o ex-comandante da Rota e sacer

dote de terreiro de umbanda, tenente-coronel Mario Filho, que se filiou em dezembro.

Mario diz à Folha que a confirmação de sua candidatura depende de eventuais alianças do PDT. "Eu me filiei por concordar com as premissas do partido e por ser o primeiro a dar voz ao 'povo de axé'. Não me filiei para concorrer, mas para colaborar. Estou à disposição do partido para concorrer a qualquer cargo", afirma.

No outro lado do tabuleiro, na direita ligada ao presidente Jair Bolsonaro (PL), a situação é de divisão —vários nomes se apresentaram ao Senado e querem o apoio do mandatário.

Bolsonaro indicou que seu candidato a governador em São Paulo deve ser o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, que se filiaria ao PP ou ao PL, e seu nome ao Senado seria a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves.

O aceno de Bolsonaro provocou reação imediata da deputada estadual Janaina Paschoal (PSL), que há pelo menos dois anos planeja sua candidatura ao Senado. Recordista de votos em 2018, com mais de 2 milhões de eleitores, Janaina negocia filiação com o PRTB.

"Com a habilidade que Bolsonaro tem para re(umir) a direita, em [20]23, teremos um Senado vermelho, para dar sustentação a Lula", tuitou Janaina no último dia 20.

A coluna Mônica Bergamo ela afirmou: "Sigo pré-candi

A eleição para o Senado é esquecida, minha missão é chamar atenção das pessoas para as opções de candidatos. Acho que tenho a melhor proposta. Olho para o Senado e vejo uma lacuna, um abandono

Heni Ozi Cukier
Deputado estadual

O candidato ao Senado tem que ser um nome conhecido para ser competitivo. Vamos ter um nome competente. São Paulo é a cara do Novo

Eduardo Ribeiro
Presidente do Novo

data. Quem vier vai ter que concorrer comigo".

Apesar de ter feito uma série de críticas ao presidente, Janaina voltou a se aproximar do bolsonarismo e pretende apoiar a campanha de Tarcísio em São Paulo.

A deputada demonstra publicamente sua preocupação com a divisão de votos conservadores e prega a unidade da direita paulista para evitar o avanço do PT.

Aliados do presidente definiram eleger mais nomes ao Senado como prioridade para 2022. Isso porque a Casa é a responsável por temas caros à direita bolsonarista, como aprovar o impeachment de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal), e representou um campo de oposição ao governo, sobretudo com a CPI da Covid.

Outra opção para a direita paulista é o ex-presidente da Fiesp Paulo Skaf (MDB), que também ensaia uma candidatura ao Senado e é aliado de Bolsonaro. Para seguir esse plano, Skaf teria que deixar o MDB.

O MDB lançou a senadora Simone Tebet (MS) para o Planalto e, em São Paulo, deve apoiar o candidato do PSDB ao governo, o vice-governador Rodrigo Garcia. A União Brasil, fusão de DEM e PSL, também formou aliança com o tucano.

Para compor a chapa do presidente João Doria (PSDB) e de Garcia, ambas as legendas cogitam o nome do apresentador José Luiz Datena como postulante ao Senado. Indicar um nome para a vice do tucano também é do interesse dos dois partidos.

Tucanos consultados pela Folha defendem nomes do partido para o Senado. Atualmente, o PSDB paulista tem dois representantes na Casa —Mara Gabrilli e José Aníbal, que substitui José Serra durante licença médica.

Gabrilli está na metade do mandato de oito anos, mas tanto Serra quanto Aníbal podem concorrer. Além deles, o presidente do PSDB da capital paulista, Fernando Alfredo, afirma manter sua pré-candidatura ao Senado.

Dirigentes do PSDB e dos partidos que apoiam Garcia afirmam que a questão do Senado permanece aberta.

O partido Novo planeja ter chapa completa. Seu candidato a presidente é o cientista político Luiz Felipe d'Avila e, em São Paulo, o candidato ao governo é o deputado federal Vinicius Poit. O processo seletivo para a candidatura ao Senado está aberto para inscrições até 15 de março —há dois nomes concorrendo até agora. "O candidato ao Senado tem que ser um nome conhecido para ser competitivo. Vamos ter um nome competente. São Paulo é a cara do Novo", afirma o presidente da legenda, Eduardo Ribeiro, que estima definir o candidato em abril.

Além de Gabrilli e Aníbal, a terceira vaga de São Paulo no Senado atualmente é ocupada por Alexandre Luiz Gior-dano (MDB), suplente do senador Major Olímpio, morto em 2021 por Covid-19.

FEVEREIRO E MARÇO NO CASTELO — SUPER PROMOÇÃO —

O Castelo Saint Andrews, localizada na encantadora cidade turística de Granada-ES, é referência na hotelaria de alto padrão na América Latina e membro Relais & Châteaux do hotéis de luxo. Possui 3 tipos de acomodações: São 11 suítes no Castelo, 8 no Mountain e a Mountain House - Casa completa e lousamente decorada, suíte master casal com maravilhosa vista e mais 2 confortáveis apartamentos (wide site).

INCLUSO NAS DIÁRIAS: Transferido privativo (aeroporto/hotel/aeroporto) - Porto Alegre ou Caspelo - voos regulares e privados, welcome drink na chegada, café da manhã completo com buffet livre, serviços de lavanderia e concierge.

(54) 3295-7700 / 99957-4220
ou seu agente de viagens.

NOTA IMPORTANTE!
Contamos com todos os protocolos de segurança para sua estada

Confira a promoção completa acessando:
saintandrews.com.br

Escolha sua suíte e reserve agora!

Suíte	Diária
Gold / Silver	R\$ 1.750
Prestige	
Pérola / Esmeralda / Granada	
Green / Gray / Blue / White	R\$ 2.400
Luxo	
Topázio / Turquesa / Ônix / Rubi	R\$ 2.700
Especial	
Jade	R\$ 2.900
Especial	
Amber / Cristal / Pine / Stone	R\$ 3.400
Superior	
Diamante	R\$ 4.500
Master	
Mountain House	R\$ 5.500
Casa Completa	

Valores válidos até 10 de fevereiro. Para hospedagens no período de 01/02 a 31/03 (fora período de carnaval), mínimo de 2 diárias.

poder

Propaganda partidária volta à TV, mas nova regra preocupa

Com retorno das inserções, legendas afirmam tomar cuidado para evitar punição

Victoria Azevedo e Fábio Zanini

SÃO PAULO Cinco anos após ser extinta, a propaganda partidária obrigatória na televisão e no rádio retorna nos próximos meses apresentando aos dirigentes de legendas uma série de novos desafios legais. A lei prevê a veiculação de inserções de 30 segundos em horário nobre, que serão usadas pelos partidos neste semestre para promoverem seus candidatos nas eleições de outubro ou se apresentarem aos eleitores, caso do União Brasil, junção de PSL e DEM.

As legendas poderão usar a propaganda para difundir programas partidários, transmitir mensagens aos filiados sobre eventos e atividades internas, divulgar a posição do partido em relação a temas políticos e ações da sociedade civil, incentivar a participação política de mulheres, jovens e pessoas negras.

Mas as regras que proibem pedido explícito de voto, além de novos dispositivos da lei, como o combate às fake news, têm feito os partidos redobram os cuidados, para não sofrerem punições às vésperas do início da campanha eleitoral.

"A lei não permite promoção de candidatura, por isso vamos com todo o cuidado, seguindo orientação jurídica. Mas é evidente que o Rodrigo Pacheco vai ter protagonismo", diz o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, que quer usar as inserções para promover a imagem do senador mineiro, nome escolhido para a disputa presidencial.

Nos cinco anos em que a propaganda partidária de TV ficou suspensa, a ameaça representada pela desinformação passou de questão lateral a preocupação central, a ponto de sua proibição constar explicitamente da lei.

O advogado Fernando Neisser, membro fundador da Abradep (Academia de Direito Eleitoral e Político), diz, no entanto, que acha pouco provável que o tema das fake news afete diretamente a propaganda partidária, uma vez que elas estão mais relacionadas ao universo das redes sociais.

"Esse tipo de estratégia fun-

ciona melhor quando você não tem o interlocutor identificado. É sempre o tio de alguém, o médico de um amigo. Esse tipo de construção distorce o narrador. E isso não existe na propaganda partidária", diz Neisser.

Além da divulgação de notícias falsas, não vedadas nas inserções a utilização de imagens ou de cenas incorretas ou incompletas que distorçam ou falseiem fatos ou sua comunicação. Imagens que incitem violência e prática de atos que resultem em qualquer tipo de preconceito racial, de gênero ou de local de origem também estão proibidos.

Ainda segundo a lei, não são permitidas nas inserções a participação de pessoas não filiadas ao partido responsável pelo programa veiculado, nem haver propaganda de candidatos a cargos eletivos e a defesa de interesses estritamente pessoais ou de outros partidos políticos, bem como toda forma de propaganda eleitoral.

Advogada de direito eleitoral e professora da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Vânia Aieta afirma que não vê problemas na participação de candidatos nas inserções, desde que falem sobre o programa do partido, e não sobre as eleições.

Segundo Carlos Lupi, presidente nacional do PDT, o partido pretende usar ao menos um terço do tempo das inserções estaduais para fixar a imagem de Ciro Gomes (PDT-CE), pré-candidato da sigla à Presidência. "Não precisa dizer que ele é candidato. Ele é vice-presidente do partido. Vamos reafirmar os nossos princípios e os nossos projetos", continua.

O pedetista diz ainda que estão avaliando as estratégias que serão utilizadas na campanha junto do publicitário João Santana, responsável por cuidar da imagem da campanha de Ciro.

Cada sigla apresentou no começo deste mês ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) propostas de dias e horários para suas inserções.

Agora, os pedidos serão analisados pelos ministros, que fixarão datas para veiculação.

Na proposta apresentada ao tribunal, por exemplo, o PDT não indicou datas para

Entenda as propagandas partidárias

DIVISÃO DO TEMPO

A divisão do tempo é feita de acordo com o tamanho das bancadas de cada sigla na Câmara. Segundo o TSE, foram levados em conta aspectos como a quantidade de deputados federais eleitos em 2018, desconsiderando eventuais trocas de partido que possam ter ocorrido e os efeitos de fusões e incorporações de siglas que possam ter ocorrido no período.

A legenda que tiver conseguido eleger até nove deputados nas eleições anteriores poderá usar cinco minutos por semestre. Aqueles com 10 a 20 deputados poderão usar dez minutos. E as legendas com mais de 20 deputados terão tempo de 20 minutos.

Do tempo total disponível para cada partido político, ao menos 30% deverão ser destinados à promoção e à difusão da participação política das mulheres.

TRANSMISSÃO DAS INSERÇÕES

As transmissões serão em bloco, em cadeia nacional e estadual, por meio de inserções de 30 segundos no intervalo da programação das emissoras. Elas serão realizadas entre os 19h30 e as 22h30. As datas de veiculação serão definidas pelo TSE.

É permitida a veiculação, no máximo, de três inserções nas duas primeiras horas e de até quatro na terceira hora de exibição. Em cada rede só poderá ser autorizada dez inserções por dia.

É proibida a veiculação de inserções sequenciais, precisando ser observado um intervalo mínimo de dez minutos entre cada uma delas.

As inserções nacionais serão transmitidas às terças e quintas-feiras e aos sábados. As estaduais deverão ser transmitidas às segundas, quartas e sextas-feiras.

O QUE PODE SER ABORDADO

As legendas poderão usar a propaganda partidária para difundir programas partidários, transmitir mensagens aos filiados sobre eventos e atividades internas, divulgar a posição do partido em relação a temas políticos e ações da sociedade civil, incentivar a filiação e promover a participação política de mulheres, jovens e pessoas negras.

O QUE NÃO PODE SER ABORDADO

É proibida a participação de pessoas não filiadas ao partido responsável pelo programa.

Fica vedada a divulgação de propaganda de candidatos a cargos eletivos e a defesa de interesses pessoais ou de outros partidos, bem como toda forma de propaganda eleitoral.

Não podem ser usadas imagens ou cenas incorretas ou incompletas, de efeitos ou de quaisquer outros recursos que distorçam ou falseiem os fatos ou a sua comunicação.

É vedada a utilização de matérias que possam ser comprovadas como falsas (fake news).

Imagens que incitem violência e prática de atos que resultem em qualquer tipo de preconceito racial, de gênero ou de local de origem também estão proibidos.

PUNIÇÃO

O partido que descumprir com as regras será punido com a cassação de duas a cinco vezes do tempo equivalente ao da inserção ilícita no semestre seguinte.

as inserções.

Já o PSDB concentrou as suas em abril (17 inserções) e maio (23).

"Sempre dentro do permitido pela legislação eleitoral, o PSDB usará as inserções partidárias para apresentar o trabalho que vem fazendo pelo Brasil", diz em nota a assessoria do partido.

O PT, por sua vez, pediu ao TSE para veicular oito inserções de TV em abril, 12 em maio e 20 em junho, com o intuito de já reforçar a pré-campanha do ex-presidente Lula. O mote é resgatar a "felicidade" e o "orgulho" dos brasileiros nos anos em que a legenda governou o país.

Os partidos que descumprirem as regras poderão ser punidos com a cassação de duas a cinco vezes do tempo equivalente ao da inserção ilícita no semestre seguinte. Representações de partidos ou do Ministério Público serão julgadas pelo TSE (no caso de inserções nacionais) e pelos respectivos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), nas estaduais.

De acordo com a lei sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) no começo deste ano, a propaganda partidária será realizada entre as 19h30 e as 22h30, em rádio e televisão nos âmbitos nacional e estadual.

Os programas de até 30 minutos foram extintos.

Agora, as transmissões serão feitas em bloco, por meio de inserções de 30 segundos cada, e ocorrerão nos intervalos das programações de cada emissora.

A formação das cadeias será autorizada respectivamente pelo TSE e pelos TREs, que ficarão responsáveis pela necessária requisição dos horários às emissoras.

Na última terça (25), o TSE publicou portaria definindo o tempo da propaganda partidária para este semestre. Serão até 305 minutos de transmissão divididos entre 23 partidos, em 630 inserções.

A divisão do tempo é feita de acordo com o tamanho das bancadas de cada sigla na Câmara eleita nas eleições anteriores.

O partido que tiver conseguido eleger até nove deputados nas eleições anteriores poderá usar cinco minutos por semestre.

Aqueles com 10 a 20 deputados poderão usar dez minutos. E os com mais de 20 deputados terão tempo de 20 minutos.

Desta forma, DEM, MDB, PDT, PL, PP, PSB, PSD, PSDB, PSL, PT e Republicanos serão as siglas com o maior tempo no primeiro semestre deste ano, com 40 inserções.

O Podemos, do presidencial-

vel Sergio Moro, terá 20 inserções ao todo.

Segundo a deputada federal Renata Abreu (SP), presidente nacional da legenda, o Podemos irá usar as inserções para "apresentar a base do seu projeto para o Brasil que está em desenvolvimento, sob a liderança de Sergio Moro, além de apresentar seus principais nomes nacionais e regionais".

O combate à corrupção, bandeira do ex-juiz, estará presente, assim como "propostas que resolvam os principais problemas do país". Ao TSE, o partido concentrou todas as suas inserções em junho, por ser "período próximo às convenções partidárias e ao período eleitoral".

No caso do PL, a ideia é usar os programas para vincular a imagem do partido com a do presidente Jair Bolsonaro, que se filiou a sigla no final do ano passado.

"Bolsonaro é um garoto-propaganda absurdo, mas pouca gente sabe que ele está no PL", diz o vice-presidente nacional da legenda, deputado federal Capitão Augusto (SP).

O partido tem grandes expectativas para engordar de forma significativa sua bancada federal na eleição com o impulso trazido pela presença do presidente. "Então a ideia é fortalecer nas propagandas de TV a imagem do partido, juntar com a do Bolsonaro", afirma.

Outra legenda que pretende aproveitar o espaço para reforçar sua marca é a União Brasil. "Na verdade, não é nem reforçar, é apresentar mesmo, mostrar ao eleitor quem nós somos", diz o deputado federal Junior Bozzella (PSL-SP). O partido deverá ser criado oficialmente em fevereiro, após ratificação do TSE à junção entre PSL e DEM.

Segundo Bozzella, os dirigentes do partido ainda não começaram a elaborar as inserções, e têm até evitado falar sobre o tema, porque haverá muita gente a acomodar na televisão.

"Estamos amadurecendo a ideia do programa, mas não queremos falar muito antes da hora para não virem encher o saco. Não dá para botar todo mundo", afirma.

Outro aspecto da lei é a obrigatoriedade de se destinar ao menos 30% do tempo total disponível aos partidos à promoção e à difusão da participação política das mulheres que querem se candidatar.

Para Vânia, a mudança deve ser celebrada. "Criou-se uma obrigatoriedade de que as siglas não poderão fugir. Elas terão que dar espaço para mulheres que foram a vida inteira eclipsadas no mundo interno dos partidos políticos", diz.

Avante lança pré-candidatura de André Janones a presidente

José Matheus Santos

RECIFE O partido Avante promoveu, neste sábado (29), um evento para lançar a pré-candidatura do deputado federal André Janones (MG) à Presidência da República.

O parlamentar aproveitou a cerimônia para fazer críticas a outros pré-candidatos e defendeu múltiplas candidaturas da chamada terceira via, que tenta quebrar a polarização entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O ato ocorreu durante evento em um hotel no Recife com a presença de lideranças nacionais do partido.

Janones surpreendeu a cena política após aparecer com 2% das intenções de voto em pesquisa divulgada pelo instituto Ipec em dezembro. O índice foi o mesmo do governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

"Nossa candidatura não é mais uma, porque ela representa os interesses do povo brasileiro. Com o atual pre-



Evento do partido Avante, com André Janones, neste sábado (29), no Recife

sidente, o Brasil continuou refém das amarras ideológicas, só mudou de lado. O povo continuou sendo coadjuvante em todas as decisões", disse ele, em discurso.

O tom de comparação com Doria foi um dos principais motivos do lançamento do pré-candidato do Avante.

"A gente conseguiu essa pontuação [na pesquisa em dezembro] sem lançamento de campanha e sem mobilizar as redes sociais. Apenas o apoio de Deus e do povo brasileiro. Enquanto tem gente governando o maior estado do país, andando há três anos e não conseguiu deco-

lar", afirmou o pré-candidato. Ele disse que o combate à desigualdade social e à fome estarão entre suas prioridades, caso seja eleito.

André Janones, 37, é natural de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, e formado em direito. Em 2016, foi candidato a prefeito de Ituiutaba, mas

acabou na segunda colocação, perdendo no primeiro turno da eleição.

Dois anos depois, esteve na linha de frente do apoio à greve dos caminhoneiros em Minas Gerais, o que levou o seu número de seguidores a saltar para 1 milhão nas redes sociais.

Em 2018, Janones foi o terceiro mais votado de Minas Gerais, com 178.660 votos, na disputa por uma das cadeiras na Câmara dos Deputados.

Como parlamentar, despoitou com o impulso das redes sociais, nas quais acumulou 8 milhões de seguidores. Durante a pandemia de Covid-19, ganhou destaque na plataforma com transmissões ao vivo sobre o auxílio emergencial.

O Avante quer utilizar a candidatura do deputado para tentar ampliar a bancada de deputados federais e senadores no Congresso Nacional no próximo ano.

Durante o evento neste sábado, a direção nacional do Avante também efetivou a filiação de novos integrantes

da legenda. Em 2020, elegeu um prefeito de capital, David Almeida, em Manaus.

Antes chamado de PT do B, o partido foi fundado em 1989. A mudança de nome veio em 2017, na esteira do movimento de diversos partidos de mudar a designação das legendas em um momento de crise para os partidos.

Como PT do B, o partido já esteve ao lado do PSDB nas eleições presidenciais de 2010 e 2014, apoiando José Serra e Aécio Neves, respectivamente. Já em 2018, foi o único partido que se aliou ao candidato do PDT, Ciro Gomes.

Para as eleições de 2022, tanto PSDB quanto PDT possuem candidatos próprios, que são João Doria e Ciro Gomes.

Também foram são pré-candidatos ao Planalto o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), o cientista político Felipe D'Ávila (Novo), Leonardo Péricles (UP), o ex-juiz Sergio Moro (Podemos) e a senadora Simone Tebet (MDB-MS). O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), é cotado para disputar pelo PSD.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax: (11) 3224-3895



Carmil

Duvide, cheque, recheque e vote

Eleições deste ano no país vão entupir celulares e redes sociais de mentiras

José Henrique Mariente

A Folha nas últimas semanas discute liberdade de expressão. É o direito que sustenta a independência deste jornal, mas é em nome dele também que nossos celulares absorvem e despejam bobagens, das tolas às mais perigosas. Entre as muitas cicatrizes que a pandemia de coronavírus deixará, uma das principais será a certeza de que a desinformação está no meio de nós, com consequências nefastas. Aprendemos que uma mensagem maliciosa pode, por exemplo, provocar a morte

de muitas pessoas. Já sabíamos disso, por óbvio, mas foi preciso uma catástrofe planetária para percebermos o quanto atos levianos podem ceifar.

Em crítica interna, na última quinta-feira (27), sugeri à Redação que investigasse os principais propagadores de fake news relacionadas à vacinação infantil. Estava abismado com reportagem do Jornal Nacional que mostrava prefeituras do interior do país constrangendo pais que levavam os filhos aos postos de saúde. Poucas horas depois,

a Folha mostrava que a ministra Damares Alves endossara documento da pasta com atalhes ao passaporte vacinal e à obrigatoriedade da imunização de crianças. Quem precisa ir aos subterrâneos quando o esgoto corre a céu aberto?

A covid escancarou também outra obviedade que muitas vezes fingimos não entender, por preguiça, ignorância ou má-fé, a de que governantes precisam ser competentes. Centenas de milhares de mortos pesarão sobre Jair Bolsonaro e seus acólitos, como escreveu

Drauzio Varella, na próxima eleição ou depois dela. A conta está chegando para papulistas no mundo inteiro e até para quem, aparentemente, fazia a coisa certa, que o diga Boris Johnson. Sua foto com bola de aniversário durante o lockdown, "festa surpresa" na explicação cara de pau do gabinete emparedado, vibrou piada nos tabloides britânicos.

Seria bom que tal decantação dos fatos prevalecesse, mas a realidade mostra o contrário. Ao menor movimento, o depósito acalmado no fundo se

desfaz e volta a turvar o noticiário. Damares é prava viva, falando para os seus, mesmo que isso mais tarde se transforme em um pesadelo judicial. A aposta na confusão é alta.

A dinâmica da desinformação, porém, nem sempre é tão escancarada e demanda estudo. O aguardado processo eleitoral brasileiro é o grande laboratório deste ano, atraindo a atenção de especialistas, plataformas e reguladores do mundo todo. O que ocorrer aqui pode se repetir em qualquer lugar, pois planeta conectada é mais do que um clichê.

Cristina Tardáguila, fundadora da Agência Lupa e diretora do International Center for Journalists (ICJF), lista algumas observações que deverão estar em curso nos próximos meses. A primeira é se a elite da desinformação sui dos EUA e vai para o Brasil ou se o português se manterá como barreira à inserção internacional do país. O idioma também testará o preparo das plataformas, que controlam primordialmente conteúdo em inglês.

Outro acompanhamento importante é a da solução a ser encontrada para redes sociais sem representação no Brasil, como a Telegram, que corre o risco de ser banida pela TSE. "O problema é que existem outras tantas redes em situação semelhante, uma pior que a outra no quesito moderação."

Já as grandes plataformas estarão sob forte escrutínio. "A dificuldade principal aqui é que políticos não podem ser checados e só são punidos se estiverem flagrantemente

infringindo as regras internas das redes ou a legislação eleitoral. As empresas prometem controle, mas que controle?"

Exemplo é o botão anti-fake do Twitter, em fase de testes no Brasil. Advogados ouvidos pela Folha temem ações orquestradas contra conteúdo de adversários nas eleições. Do outro lado da corda, grupos organizados de denúncia contra movimentos antivacina já reclamam que o dispositivo não funciona, pois não perceberam ninguém sendo derrubado apesar de seus esforços.

A coisa é complicada e não acabará com a abertura das urnas. "Nas reuniões semanais do grupo de trabalho montado pelo TSE, uma das perguntas mais frequentes feita às plataformas é sobre o que farão se um candidato não aceitar o resultado das eleições. É claro que os membros do tribunal estão com a invasão do Capitólio em mente. Ainda não há processos claros", afirma Cristina.

Até lá, Folha e imprensa em geral terão que trabalhar duro, checar fatos e evitar escorregadas como a do título da Primeira Página do último fim de semana: "Hidroxicloroquina é eficaz, e vacina não, diz ministério". No combate a fake news, lembra um leitor, enunciados precisam ser diretos. E críticos, como esta opção: "Ministério da Saúde contraria ciência e diz que vacina não funciona".

Sou como enxugar gelo, mas chegará o dia em que será como previsão do tempo, tipo veja as mentiras que podem aparecer no seu celular hoje. Não é ficção, já há tentativas.

PARA AS CRIANÇAS
VOLTAREM A
PULAR POR AÍ,
DÁ UM PULINHO
LÁ NO POSTO
DE VACINAÇÃO.

VACINAÇÃO CONTRA A COVID
PARA CRIANÇAS DE 5 A 11 ANOS.

VACINA
SIM

#VACINASIM

UMA CAMPANHA PARA TODOS.

ESTADÃO

FOLHA100

uol

tv globo

NEWS

G1

O GLOBO

EXTRA

poder

As eleições armadas

Descaso com ações de Bolsonaro para armamento é ameaçador para o futuro

Janio de Freitas

Journalista

O incompreensível descaso com as medidas de Bolsonaro para armar parte da população, sen- do tantas as implicações noci- vas daí advindas, é tão amea- çador para o futuro próximo quanto a própria ação arma- dora de Bolsonaro. Recente des- coberto no Rio indica que ar- mas de combate, modernas e caríssimas, estão entrando em em alta quantidade e tomando destinos imprecisos. Chegam em importações dadas como legais, amparadas nas atas a respeito, repletas de lacunas, emitidos por Bolsonaro.

Com permissões para cole- cionadores, atiradores e ou- tros, um casal jovem importa- va lotes volumosos de armas, dezenas de fuzis modernos e ainda metralhadoras, pisto- las, revólveres e projéteis aos

muitos milhares. Dispensadas, agora, as autorizações e a vi- gilância do Exército. O casal associava operações em Goi- as e no Rio, onde foi localiza- da uma casa cheia de armas em bairro residencial.

As alternativas permitidas pelas liberações de Bolsona- ro são tantas — registros pes- soais e comerciais sem limite, importações sucessivas, ine- xistência de fiscalização, en- tre outras — que um só ope- rador pode armar para com- bate todo um contingente. É o que está acontecendo. Com quantidades ignoradas de im- portadores, de armas, muni- ções e de financiadores. Cer- to é não haver motivo, muito ao contrário, para supor ex- clusividade do casal na for- necimento de armas bélicas.

A quem, é a questão mais im- portante. Aos bandos conhe- cidas e à milícia, veio pranta a afirmação na única e pre- cária notícia policial (em O Globo de 26 jan) sobre a arse- nal encontrada. Provável fi- nal de um lote importante, os 26 fuzis e até metralhadora de chão, além de outras ar- mas e muita munição, indi- cam custo além do convenien- te para aquela freguesia, clien- te dos preços no contrabando, solidárias e sem impostos.

“Se não tiver voto impresso, não vai ter eleição” pode ser uma frase simbólica dos tantos avisos públicos de um propó- sito anti-eleitoral. Reforçado na que as atuais sondagens do elei- torado sugerem. E já sonoriza- do na volta à mentira de fraude nas eleições de 2018. Tal propó-

sito não se consumaria na gri- to, nem deve contar como sub- tagem eleitoral de outro Sergio Moro e de procuradores bolso- naristas à disposição de Augus- to Aras. Armas potentes, porém, se ajustam bem ao propósito.

As medidas de Bolsonaro pa- ra o armamento de civis che- deceram a um plano. Mostrou- o a escalada em que se de- run. Primeiro, a posse domés- tica, depois facilidades para o porte. Então as primeiras in- centivos à compra e às muni- ções, com possível impor- tação, e aí a posse ampliada. Até chegar à compra de 60 ar- mas por cabeça e mil projéteis por arma/ano. Sem restrição a várias importações. Para aten- nuar a comprometimento do silencioso Exército nesse pla- no sinistro, suas obrigações

ligadas à posse de armas fo- ram extintas quase todas.

Essas medidas não vieram do nada para o à toa. São uma de- núncia de si mesmas e de suas finalidades criminosas. Fuzis e metralhadoras não se prestam ao alegado “direito do cidadão de se defender”, argumento da má-fé de quem, assaltado, en- tregou sua arma, a moto e a falsa valentia ao jovem assal- tante. As importações de fuzis e metralhadoras não são sus- peitas: são, com toda a certe- za, armas para o crime. Con- tra pessoas, grupos, institui- ções constitucionais e o regime de liberdades democráticas.

Estamos já no ano eleitoral. É preciso identificar e compro- var o destino das armas de uso bélico importadas, em quanti- dade, por decorrência de me- didas programadas e impos- tas por Bolsonaro, sem resis- tência institucional, dos meios de comunicação ou dos seto- res civis influentes. Do contrá- rio, quem puder, e tiver tempo, sairá da frente dessas armas.

Bom encontro
O charlatanismo de Marcelo Queiroga vai encontrar nos

próximos dias a indignação da medicina honesta. Mais de uma corrente de médicos e a própria Academia Brasileira de Medicina discutem reações aos ultrajes de Queiroga à me- dicina e à defesa científica da população. Queiroga tem pre- tensões eleitorais na Paraíba. Sua eleição seria uma vergo- nha irreparável para o estado.

Fonte e ponte
O interesse por saber os ga- nhos de Sergio Moro através do escritório americano Al- varez & Marsal lembra ou- tras investigações no gênero. A constatação depende menos das contas pessoais do que de investigação na empresa pagadora. É comum que es- critórios de advocacia e con- sultorias sirvam ao repasse, como remunerações suas, de pagamentos em que o paga- dor não pode apurear, sob pena de causar escândalo ou incarrar em crime junto com a recebedor.

No caso de Moro, se tal in- vestigação fosse desejada pe- los que o questionam, preci- saria ser feita nos Estados Unidos. O que é impossível.

[DOM: Elio Gaspari, Janio de Freitas] [SAB: Celso Rocha de Barros] [TÍT: Joel P. da Fonseca] [QUA: Elio Gaspari] [QUI: Conrado H. Mendes] [SEX: Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Sílvia Almeida] [SAB: Demétrio Magnoli]

Bolsonaro fala em ‘direito de ausência’ a depoimento na PF

Presidente entregou carta para justificar falta a audiência ordenada pelo STF

BRASÍLIA O presidente Jair Bol- sonaro (PL) enviou uma decla- ração à Polícia Federal na sex- ta-feira (28) para justificar sua ausência no depoimento em que deveria prestar esclarci- mentos no âmbito do inquéri- to que apura o vazamento de dados sigilosos de investiga- ção da corporação sobre su- posto ataque ao TSE (Tribu- nal Superior Eleitoral).

No documento direciona- do à delegada responsável pelo caso, o presidente afir- ma que exerceu o “direito de ausência” e diz que sua posi- ção encontra respaldo em de- cisão do Supremo que tratou dos direitos de investigados em apurações policiais.

A informação foi publicada neste sábado pelo jornal O Es- tado de S. Paulo e confirma- da pela Folha.

A oitiva havia sido determi-

nada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), e ocorreu na sexta, mas Bolsonaro não compareceu.

“Venho, respeitosamente, informar à Autoridade de Po- lícia Federal responsável pe- la condução das investiga- ções do IPL nº. 2021.0061542 que exercerei o direito de au- sência quanto ao compare- cimento à solenidade desi- gnada na Sede da Superinten- dência da PF para o corren- te dia, às 14:00, tudo com su- porte no quanto decidido pe- lo STF, no bojo das ADPF’s nº 395 e 444”, diz o texto assina- do pelo presidente.

Nas ações mencionadas por Bolsonaro, uma delas de auto- ria do PT, a corte decidiu que um investigado não pode ser alvo de condução coercitiva para ser obrigado a compa-



O presidente Jair Bolsonaro durante passeio em Brasília na manhã deste sábado (29)

Constance Rezende/Folhapress

recer a depoimento.

No texto, o presidente tam- bém diz que já prestou “es- clarecimentos que reputava pertinentes” em petição en- viada ao STF no último dia 26 e defende a remessa dos autos da apuração à Procu- radoria-Geral da República.

O documento foi encami- nhado direto à polícia e não foi protocolado no Supremo para conhecimento do rela- tor do caso, Alexandre de Mo- raes. No relatório sobre a in- vestigação, a PF diz ter visto crime do chefe do Executi- vo em sua atuação no vaza- mento de dados sigilosos de investigação de suposto ata- que ao sistema do TSE.

Apesar disso, a polícia afir- mou que não o indiciou por respeitar posicionamentos recentes do Supremo de que pessoas com foro só podem ser indiciadas mediante pré- via autorização da corte.

Bolsonaro passou por Bra- sília neste sábado (29) e con- cedeu entrevista a jornalís- tas, mas não quis comentar o assunto.

Em decisão publicada na quinta, Moraes havia afirma- do que o presidente não indi- cou local, dia e horário den- tro do prazo para ser ouvido pelos policiais e, por isso, te-

ria que comparecer na Supe- rintendência da PF no Distri- to Federal, às 14h do dia se- guinte para o interrogatório.

Em 29 de novembro, Mora- es havia dado prazo de 15 dias para que a oitiva fosse realiza- da. Quando o tempo estava pa- ra esgotar, a AGU (Advocacia- Geral da União) pediu a pro- rogação sob a justificativa do excesso de compromissos de Bolsonaro, mas indicando que o presidente compareceria.

O ministro, então, concen- deu mais 45 dias de prazo, que se esgotaria nesta sexta (28). Na última quarta (26), a AGU pediu para Bolsonaro não ser interrogado. Moraes, porém, não atendeu à solicitação do órgão, mandou o presidente prestar depoimento na quinta e justificou que a AGU alterou o posicionamento às vésperas do fim do período previsto.

Bolsonaro, no entanto, fal- tou à oitiva e apresentou re- curso contra a decisão do magistrado minutos antes do horário marcado para o interrogatório.

Menos de uma hora depois, o magistrado recusou o recur- so sob o argumento de que já havia passado o momen- to de apresentação desse ti- po de pedido. Mathias Tebela e Constance Rezende

Presidente diz que vai anular ‘revogaço’ de decretos de luto

Danielle Brant

BRASÍLIA Dois dias após a Fo- lha ter revelado a informa- ção de que Jair Bolsonaro (PL) havia cancelado ao menos 25 decretos de luto editados por seus antecessores, o preside- nte recuou da decisão e anun- ciou que tornaria sem efeito as revogações dos atos, “inde- pendente do governo que os decretou ou da personali- dade homenageada”.

Bolsonaro anunciou a me- dida em uma rede social na noite deste sábado (29). Se- gundo ele, haviam sido revo- gados “123 decretos relacio- nados a luto, sendo 25 deles em nosso Governo”.

A seguir, o presidente cita decretos de luto revogados em 1991, durante o governo de Fernando Collor de Mello, en- tre eles os de Tancredo Neves (morto em 1985), Santos Du- mont (morto em 1932) e dos ditadores Emílio Garrastazu Médici (morto em 1985) e Cas- tello Branco (morto em 1967).

Também listou decretos re- vogados em 2020, já em seu governo, como os do rei Bal- duíno I da Bélgica (morto em

1993), Padre Cícero (morto em 1934), Dom Helder Câma- ra (morto em 1999) e Frei Da- miano (morto em 1997).

Na postagem, Bolsonaro ar- gumenta que as revogações tinham amparo legal. “Ten- do em vista o apelo popular para que todos esses Decre- tos permanecessem vigentes, em respeito à história e à me- mória dos falecidos, tornarei sem efeito as revogações dos 123 atos, independentemente do go- verno que os decretou ou da personalidade homenagea- da”, afirmou.

O anúncio ocorre após Bol- sonaro, que declarou luto ofi- cial em apenas duas ocasiões em seu governo e ignorou a morte de diferentes personali- dades e de vítimas da pan- demia, cancelar ao menos 25 decretos de luto editados por antecessores.

As revogações ocorreram como parte da política apeli- dada pelo Planalto de “revoga- ço”, propagandeada pelo go- verno. Ela consiste em anular normas “cuja eficácia ou va- lidade encontra-se completa- mente prejudicada”, segundo a gestão Bolsonaro.



Bandeira do Brasil a meio mastro, em sinal de luto pela morte do escritor Olavo de Carvalho

Padra Ladeira - 25, 29/12/2021/Folhapress

De acordo com o gover- no, a cada 100 dias o gover- no promove um “revogaço”, com a finalidade de “raciona- lização, desburocratização e simplificação do ordenamen- to jurídico”.

Os decretos de luto costumam perder efeito automa- ticamente tão logo o perío- do de pesar oficial é concluí- do. A decretação de luto ofi- cial é um ato simbólico. A de- terminação principal é que a bandeira nacional fique a meio mastro em todo o país durante o período de pesar.

O período de luto observa- do costuma variar de um a três dias. Em casos de pesso- as com “notáveis e relevantes serviços prestados ao país”, o pesar pode ser estendido por até sete dias.

O ex-presidente Collor fez algo semelhante, quando edi- tou um decreto cancelando honrarias a autoridades fa- lecidas.

Na última semana, Bolso- naro declarou luto oficial pe- la morte do escritor Olavo de Carvalho, guru e ideólogo do bolsonarismo. Além de Olavo, a única ocasião em que

Bolsonaro estendeu honra- ria semelhante foi por ocasi- ão da morte do vice-presiden- te Marco Maciel.

Bolsonaro contrasta com antecessores, que usaram o decreto de pesar oficial em mais ocasiões. O ex-presiden- te Michel Temer (MDB) editou cinco decretos de luto. Dilma Rousseff (PT) o fez em 11 epis- ódios, e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 22.

“Tendo em vista o apelo popular para que todos esses decretos permanecessem vigentes, em respeito à história e à memória dos falecidos, tornarei sem efeito as revogações

Jair Bolsonaro

Petistas famosos sob Lula e Dilma saem dos holofotes

Nomes como Dirceu, Marco Maia e Ideli estão na retaguarda ou mudaram de área

Ranier Bragan e
Catia Seabra

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO O PT comandou o governo federal por mais de 13 anos, de 2003 a 2016, e planeja voltar ao poder com boa parte da equipe que compôs as gestões Lula e Dilma. Há, porém, um grupo que neesses últimos anos optou por abandonar a linha de frente e se dedicar a outras tarefas, inclusive fora do partido.

José Genoíno, Marco Maia, Ricardo Berzoini, Tarso Genro, Olívio Dutra, Ideli Salvatti, Paulo Bernardo, João Paulo Cunha, Professor Luizinho, entre outros, tiveram papel nacional de destaque em algum momento nas gestões petistas, mas, por ora, não estão cotados para o staff de um possível novo governo Lula.

Presidente da Câmara dos Deputados de 2011 a 2013, Marco Maia (RS) não conseguiu se reeleger deputado federal em 2018 e hoje é diretor geral do LeftBank, fintech que se propõe ser o banco da esquerda.

Entre os produtos que pretende oferecer, está um cartão personalizado, com fotos de expoentes históricos da esquerda, como Karl Marx e Che Guevara, à escolha do cliente.

Maia disse à Folha que, após um período sabático que tirou em 2019, resolveu tentar a nova experiência. Ele ressalta a promessa da fintech de empregar parte de seus ganhos em projetos como geração de renda e empoderamento de minorias.

"Sempre tem um debate sobre o papel do mercado, das instituições financeiras no mundo, mas na grande maioria dos casos as pessoas têm entendido bem [sua nova atividade profissional] porque é uma oportunidade de você direcionar seus recursos para algo que possa ter fim social, de apoio a projetos de interesse desse setor progressista", diz o ex-deputado.

Presidente do PT e ministro da Previdência, do Trabalho e das Comunicações nos governos Lula e Dilma, Ricardo Berzoini acabou se estabelecendo em Brasília em razão de questões familiares, e hoje é chefe de gabinete do deputado distrital Chico Vigilante, também do PT.

Ele mantém a militância interna, nos fóruns de debate da legenda. "A vantagem agora é que o PT já não é uma alternativa desconhecida, já tem 42 anos de idade, sofreu com seus erros e acertos e viveu a dor de um cerco político

grande que estourou nossas contradições, mas abusou de prerrogativas para impedir a continuidade do projeto. Temos, talvez, mais maturidade para encarar a possibilidade de presidir a República", afirmou.

Um dos mandachuvas do PT no início do governo Lula, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu sofreu condenações e prisões nos escândalos do mensalão e da Lava Jato. Foi solto em 2019 e, atualmente, atua nos bastidores do PT, mas sem cargo formal.

Aos 75 anos, o ex-ministro tem, inclusive, perfil em um aplicativo que é sucesso entre adolescentes, o TikTok.

"Querem me conhecer melhor? Eu nasci em Passa Quatro [MG]. Muito jovem, com 14 anos, fui para São Paulo. Fui office boy, trabalhei em almoxarifado, fui arquivista, relações públicas, depois fiz assessoria jurídica. E entrei para a PUC, fui líder estudantil, eu lutei contra a ditadura. Por isso fui preso e tive que sair do Brasil", diz o ex-ministro no vídeo em que se apresentou, em julho do ano passado.

Outro dirigente petista que submergiu após o escândalo do mensalão, José Genoíno ficou por muito tempo sem atuação política, mas voltou à agenda de debates internos alinhado à ala mais à esquerda no partido — contrária, por exemplo, à possível aliança de Lula com o ex-tucano Geraldo Alckmin.

"Em 2022 eu estou muito seguro de que vai ser uma disputa político-ideológica. Para as pessoas mais pobres, para os evangélicos, além da gente falar da Bíblia, da crença em Deus, nós precisamos falar da situação concreta das pessoas. As pessoas empobreceram!", discursou na ocasião.

Outro que pretende voltar como candidato a deputado federal é o ex-ministro do Desenvolvimento e ex-governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel. Ele ficou fora do segundo turno na sua tentativa de se reeleger ao governo de Minas, em 2018.

"Eu não estava pensando em me candidatar, mas o Lula me chamou para conversar, ele está empenhado em fazer uma bancada forte na Câmara dos Deputados. E eu tenho um recálculo forte por ter sido governador. Não consigo ser reeleito em 2018, mas recebi 2,2 milhões de votos", afirmou Pimentel, que já teve alguns encontros com Lula, o último deles na última quinta-feira (27), em São Paulo.

Uma das mais combativas parlamentares e ministras da era PT, a ex-senadora Ideli Salvatti hoje tem um programa no canal do partido no YouTube em que entrevista prefeitos da legenda.

Ministra da Pesca, das Relações Institucionais e de Direitos Humanos no governo Dilma, Ideli descarta a hipótese

"Só falo com alguns blogs alternativos, você me desculpe. Para a grande mídia, eu decidi desde 2005 não ser mais fonte nem falar em off nem falar em on", disse o ex-presidente do PT (de 2003 a 2005) ao receber o telefonema da Folha, citando os jargões jornalísticos "on" e "off" — fontes que são ou não são identificadas na reportagem, respectivamente.

Em debate que participou na TV Fórum, ele comentou seu novo estilo. "Eu não estou brincando de radicalismo. Radical é a crise, que é ampla, múltipla e sistêmica."

Presidente da Câmara de 2003 a 2005, João Paulo Cunha também saiu de cena após sua condenação e prisão no mensalão — o Supremo Tribunal Federal perdoou sua pena em 2016 —, mas prepara a volta.

Ele promoveu evento de confraternização política em Osasco no final do ano cujo mote foi "a esperança de um Brasil melhor, com Lula e João Paulo", uma espécie de lançamento de sua pré-candidatura a deputado federal.

"Em 2022 eu estou muito seguro de que vai ser uma disputa político-ideológica. Para as pessoas mais pobres, para os evangélicos, além da gente falar da Bíblia, da crença em Deus, nós precisamos falar da situação concreta das pessoas. As pessoas empobreceram!", discursou na ocasião.

Outro que pretende voltar como candidato a deputado federal é o ex-ministro do Desenvolvimento e ex-governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel. Ele ficou fora do segundo turno na sua tentativa de se reeleger ao governo de Minas, em 2018.

"Eu não estava pensando em me candidatar, mas o Lula me chamou para conversar, ele está empenhado em fazer uma bancada forte na Câmara dos Deputados. E eu tenho um recálculo forte por ter sido governador. Não consigo ser reeleito em 2018, mas recebi 2,2 milhões de votos", afirmou Pimentel, que já teve alguns encontros com Lula, o último deles na última quinta-feira (27), em São Paulo.

Uma das mais combativas parlamentares e ministras da era PT, a ex-senadora Ideli Salvatti hoje tem um programa no canal do partido no YouTube em que entrevista prefeitos da legenda.

Ministra da Pesca, das Relações Institucionais e de Direitos Humanos no governo Dilma, Ideli descarta a hipótese

de disputar um cargo eletivo.

"Vou fazer 70 anos. Lulinha vem com aquela de corpinho de 30 e tesão de 20. Isso é com ele. Não tenho condições físicas e emocionais", diz.

Aposentada pelo Senado, ela defende a renovação. "Foi uma decisão pessoal. Tenho quatro netos, dois filhos e um marido. Estou a mil trabalhando na secretaria nacional de assuntos institucionais [do PT]."

Um nome que "sumiu do mapa" foi o ex-deputado Professor Luizinho (SP), líder do governo Lula na Câmara em 2004 e 2005.

Ele não conseguiu se reeleger em 2006 e, dois anos depois também fracassou na tentativa de virar vereador em Santo André. Hoje coordena a pré-campanha a deputado federal do ex-prefeito de São Bernardo do Campo Luiz Marinho.

Ministro da Justiça, das Relações Institucionais e da Educação do governo Lula, o ex-governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro, 74, se diz "petista de cartelinha" desde o início dos 80, mas nunca quadro "profissionalizado" do partido.

"Depois que presidi o partido na chamada 'crise do mensalão' fui, paulatinamente, reduzindo a minha atuação nas instâncias mais formais do PT e aumentando a minha participação em grupos internos informais do partido, das suas diversas correntes, e também participando de debates em partidos 'irmãos'", afirmou.

Atuando como advogado consultor em três escritórios, Genro diz, porém, que nunca vai desativar a militância.

Um dos fundadores do PT, ex-ministro das Cidades e ex-governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, 80, é membro da confraria dos bibliófilos e concilia seu tempo entre a militância e os cerca de 5.000 exemplares de sua biblioteca, situada dois pisos acima do apartamento onde vive com a mulher. "Meu déficit de leitura é muito grande. Só agora li 'Guerra e Paz', afirma.

Bancário aposentado pelo INSS, Olívio diz acreditar que política não é profissão, mas "compromisso e missão".

Dedicando-se a reuniões políticas, Olívio vai de vez em quando de ônibus ao município de São Luiz Gonzaga, onde ele e os irmãos costumam jogar bocha na propriedade rural que dividem. "Temos uma 'canchinha' sob as árvores. É lazer. Jogo com os amigos."

Petistas que saíram dos holofotes



JOSÉ DIRCEU
Chefe da Casa Civil no governo Lula

Sofreu condenações e prisões nos escândalos do mensalão e da Lava Jato. Foi solto em 2019 após o STF voltar atrás na questão do cumprimento da pena após a segunda instância. Participa informalmente das discussões internas do PT.



PROFESSOR LUIZINHO
Líder do governo na Câmara em 2004 e 2005. Coordena a pré-campanha a deputado federal do ex-prefeito de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho.



FERNANDO PIMENTEL
Ministro do Desenvolvimento no governo Dilma e governador de Minas Gerais de 2015 a 2018. Submergiu após não conseguir nem ir ao segundo turno na tentativa de reeleição em Minas, em 2018. Segundo aliados, pretende concorrer a deputado federal.



MARCO MAIA
Presidente da Câmara dos Deputados de 2011 a 2013. Diretor-geral do LeftBank, uma fintech que se propõe ser o banco da esquerda. Entre os produtos oferecidos, a fintech promete ofertar cartões personalizados, com fotos de expoentes históricos da esquerda.



IDELI SALVATTI
Líder do PT e do governo no Senado, também foi ministra da Pesca, das Relações Institucionais e dos Direitos Humanos. Apresenta um programa de entrevistas de prefeitos no canal do PT no YouTube.



JOÃO PAULO CUNHA
Presidente da Câmara de 2003 a 2005. Organizou um ato político no fim de ano em Osasco, com a presença de 500 pessoas, e manifestou a possibilidade de concorrer a deputado federal. O banner do evento trazia a inscrição: "Esperança de um Brasil melhor, com Lula e João Paulo".



JOSÉ GENOÍNO
Deputado federal e presidente nacional do PT. Depois de um tempo de afastamento da política, voltou a participar dos debates internos do partido, sem cargo formal, alinhado à ala mais à esquerda.



RICARDO BERZOINI
Presidente do PT e ministro da Previdência, do Trabalho e das Comunicações nos governos Lula e Dilma. Chefe de gabinete do deputado distrital Chico Vigilante (PT).

Mortes nos últimos anos

LUIZ GUSHIKEN
Ministro da Secretaria de Comunicação do Governo no governo Lula. Vítima de câncer, aos 63 anos, em 2013.

MÁRCIO THOMAZ BASTOS
Ministro da Justiça no governo Lula. Aos 79 anos, vítima de problemas pulmonares em 2014.

MARISA LETÍCIA
Mulher de Lula. Em 2017, aos 66 anos, em decorrência de um AVC.

SIGMARINGA SEIXAS
Advogado, deputado federal e amigo de Lula. Aos 74 anos, em 2018, de parada cardíaca enquanto estava internado em decorrência de uma cirurgia para transplante de medula.

FOLHA100

Próximo domingo

Já nas bancas

Um dos maiores filósofos de todos os tempos.
Um dos maiores pensadores da humanidade.
Um dos livros mais esperados da coleção.

Peça sua coleção completa
Ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080 (outras localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FÉRIADOS, DAS 9H AS 18H
folha.com/pensadores

COLEÇÃO FOLHA 100
Os Pensadores

Tradução direta do grego

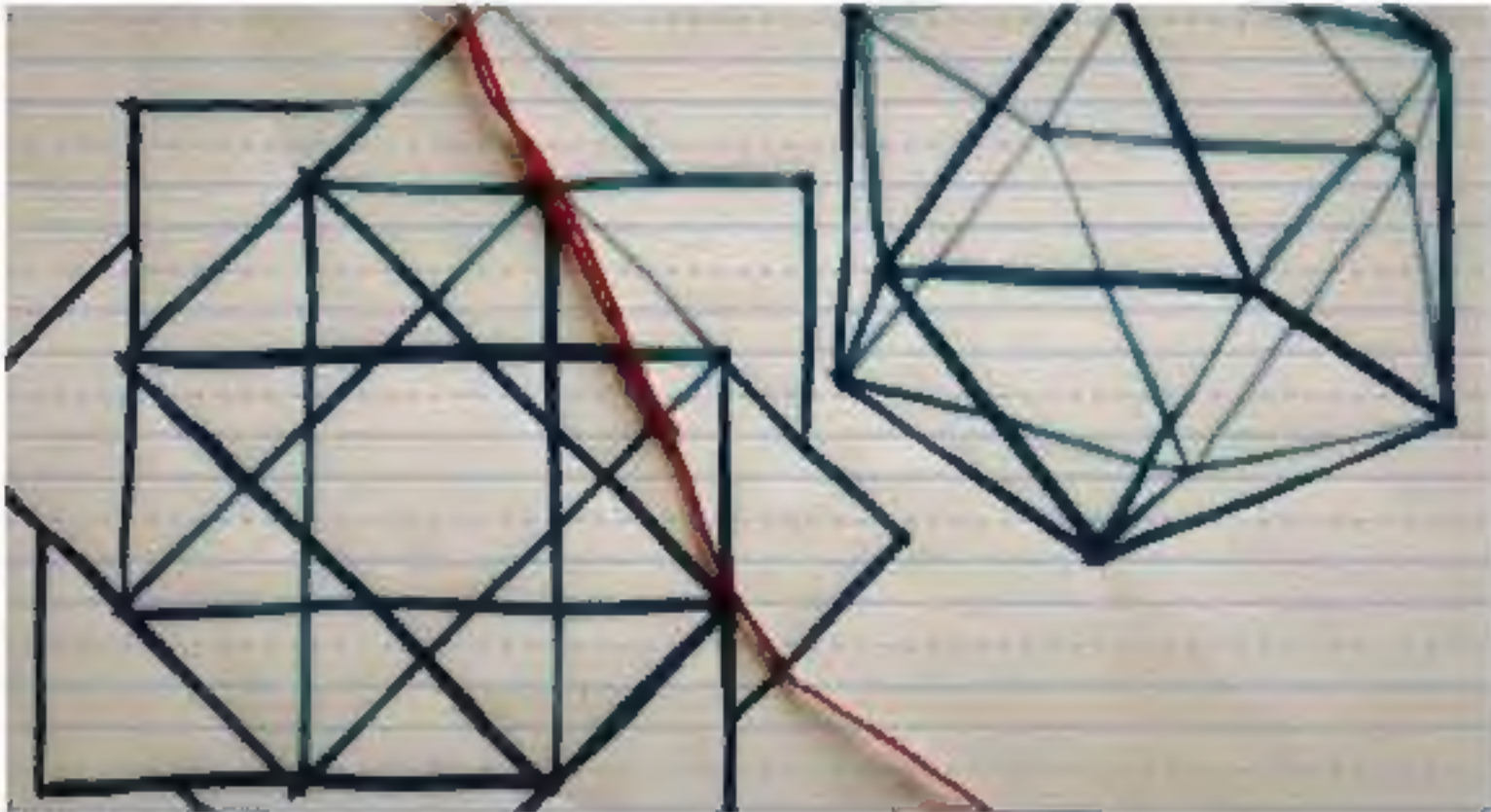
Frete GRÁTIS

PAGUE EM ATÉ 12x sem juros no cartão

APENAS R\$ 22,90 cada livro

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE

poder



Juliana Freire

O trem-bala morreu, mas sua estatal vive

Paulo Guedes perdeu mais uma

Elio Gaspari

Journalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

A repórter Amanda Pupo revelou que a Valec e a Empresa de Planejamento e Logística, a EPL, deverão sobreviver à tentativa do ministro Paulo Guedes de fechá-las.

Ambas nasceram em torno do trem-bala que ligaria o Rio a São Paulo, um sonho de Lula e de Dilma Rousseff, que estaria rodando para atender às torcidas da Copa de 2014. Uma, a Valec abrigava o projeto, a outra, a EPL, abrigou seus destroços.

A sobrevivência dessas estatais mostra que, como o Fantasma das Selvas, elas são imortais.

Do trem-bala já não se fala, mas a Valec e a EPL seriam necessárias, para ajudar, como consultoras, no desenho da política de transportes nacional.

Em tese, reeditaríamos o falecido Grupo Executivo de Integração da Política de Transporte, o Geipot, criado em 1965 e extinto em 2008. Na prática, corre-se o risco de criar

uma porta giratória.

O Geipot definiu a política de transportes nacional numa época em que predominava a burocracia. O czar da economia, Roberto Campos, pôs lá cabeças de primeira que arrumaram a casa, ocupando poucas andares no centro do Rio.

A partir de 1967 ele começou a desandar e, quando acabou, não houve choro nem vela. Em 2012 a máquina federal tem (ou deveria ter) instrumentos para cuidar do planejamento de rodovias, ferrovias e portos. Não precisa de mais uma camada burocrática.

O trem-bala foi uma boa ideia. Ligaria o Rio a São Paulo em poucas horas. Ela foi destruída pela inépcia e por malandragens. Não teve estudo de viabilidade nem projeto, sequer grandes empreiteiras interessados. Poderia custar US\$ 15 bilhões. A Valec tornou-se um feudo do eterno Valdemar Costa Neto, seu presidente, conhecido

como Doutor Juquinha, passou uns dias na cadeia e o sonho resultou apenas num litígio com um empresário italiano. Graças ao BNDES e ao Tribunal de Contas da União, a maluquice foi travada em 2011.

Em julho de 2012 o "Doutor Juquinha" (José Francisco das Neves) passou alguns dias na cadeia. Costa Neto patrocinou seu sucessor, no governo de Michel Temer.

A ideia do trem-bala já havia produzido uma estatal, a Empresa de Transporte Peroviário de Alta Velocidade, a ETAV. Arquivado o trem, ela transmutou-se na Empresa de Planejamento e Logística, a EPL. Desde o início ela pretendia ser um novo Geipot.

O ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, conhece essa história. Auditor da Controladoria Geral da União, ele comandou a faxina de 2012 como interventor no Departamento Nacional de Infraestrutura

de Transportes. Na ocasião, referindo-se à situação do Dnit, ele disse: "O que fazem com ele é uma covardia".

Tinha menos servidores do que precisava, para se dizer o mínimo. Tarcísio assumiu o ministério supondo que fecharia a Valec e a EPL.

Passaram-se três anos, não conseguiu fechá-las e voltou ao ponto de partida, com a "nova Geipot". Isso num governo que tem um ministério da Infraestrutura e o Dnit. Haveria covardia maior?

Transformar a EPL em algo parecido com uma empresa prestadora de serviços de consultoria de transportes cria o risco de se criar uma porta giratória que nada herda do Geipot do tempo de Roberto Campos.

Paulo Guedes perdeu mais uma, na qual tinha razão.

Cassações impróprias

Prosseguindo uma caça às bruxas disseminada no mundo

acadêmico, o procurador do Direitos do Cidadão do Rio Grande do Sul, Enrico Rodrigues de Freitas, recomendou à reitoria da universidade federal que casse os títulos de doutores honoris causa concedidos no século passado aos presidentes Costa e Silva e Emílio Médici.

Naves fora uma provável interferência na autonomia universitária, trata-se de uma vindita histórica de gritante parcialidade.

Nenhum dos dois generais pediu ao a universidade que lhes desse o título. Eles foram concedidos por professores titulares, interessados em bajular os presidentes. A bem da verdade, tanto Costa e Silva como Médici nem vaidosos eram.

(Meses depois de um evento na Federal do Rio Grande do Sul, durante o qual discursou sobre a relatividade da democracia, "suicidou-se" no hospital da base aérea de Canoas o estudante de engenharia da UFRS Ary Abreu Lima da Rosa.)

Os dois generais governaram a país durante a ditadura e nenhum dos dois moveu uma palha para abrir o regime. Os títulos não deveriam ter sido dados, mas, ao cassá-los, nada mais justo do que divulgar os nomes dos professores que votaram pela concessão do mimo.

Cassações semelhantes já ocorreram na Federal do Rio de Janeiro e na Unicamp, sempre levando a cara dos bajuladores. Expondo-se a memória de quem usou a universidade para bajular poderosos talvez se evite a repetição das palhaçadas.

Metas ambientais

Comprometendo-se com a OCDE a reduzir o desmatamento, Jair Bolsonaro criará a primeira meta do governo de seu sucessor.

Caso ele consiga a reeleição, cantará outra história.

Etiqueta

Magistrados que compõem corpos colegiados e participam de sessões virtuais devem fazer uma caridade aos advogados que defendem suas causas. Basta que prestem atenção a quem fala ou, pelo menos, fujam que estão atentos.

A pandemia disseminou a conduta de doutores que ligam seus computadores e ficam lendo, sabe-se lá o quê.

Fiesp

Depois de oito anos consecutivos de Paulo Skaf na presidência da Fiesp, o mineiro Josué Gomes da Silva está na cadeia sem disposição de repetir a marca.

Por temperamento e experiência empresarial, olhará mais para o chão das fábricas do que para os tapetes do poder.

Boat: Kiss

A defesa de um dos condenados pelas mortes de 242 pessoas no incêndio da Boat: Kiss, em 2013, achou boa ideia recorrer à Corte Interamericana de Direitos Humanos contra a decisão do ministro Luís Fux que determinou o imediato cumprimento da sentença de primeira instância.

Gesto bonito para a plateia que discordou da decisão de Fux.

No mundo das coisas reais (como o incêndio) a iniciativa poderá, em tese, resultar numa recomendação para que os condenados possam recorrer em liberdade, sem qualquer efeito prático.

A corte interamericana não tem poder para obrigar o judiciário brasileiro a soltar os presos, ainda bem.

Botticelli patrulhado

O pequeno quadro de Cristo pintado por Sandro Botticelli em torno de 1500 foi vendido por US\$ 45,4 milhões de dólares, um décimo do que valeu a Salvador Mundi de Leonardo da Vinci e um quarto do que um bilionário pagou pelo Retrato de Adele Bauer, de Gustav Klimt.

Esses preços refletem a bizarria do mercado de arte, mas um Botticelli que parece haruto é um grande exemplo do efeito das patrulhas.

Depois de ter pintado maravilhas pagas, Botticelli foi influenciado pela patrulhagem moralista do frei Girolamo Savonarola. Chegou a queimar algumas de suas pinturas e nunca mais foi o mesmo.

Quanto ao frei, foi excomungado enforcado queimado em 1498.

Congresso retoma trabalhos com pautas de costumes e foco na eleição

Apesar do abandono de reformas, presidentes pretendem destravar projetos na área tributária

Danielle Brant e Ranier Bragon

BRASILIA O Congresso retorna nesta quarta-feira (2) das férias de fim de ano com boas expectativas de realizar mudanças estruturais significativas, mas com perspectiva de votações de pontos da chamada "pauta de costumes" do governo Jair Bolsonaro (PL), entre outras.

Como em todo ano eleitoral, a prioridade da maior parte dos parlamentares será a preparação para a disputa de outubro, o que tende a esvaziar os trabalhos legislativos, principalmente no segundo semestre do ano.

Já neste início de trabalho, os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vão se reunir para tentar resolver dois entraves da agenda econômica: a simplificação do sistema tributário e uma solução para conter a alta de combustíveis no país.

A aliados Lira tem dito que pretende procurar Pacheco já

na primeira semana para conversar sobre a reforma tributária. Na Casa vizinha tramita a PEC (proposta de emenda à Constituição) 110, que unifica nove tributos. O tema deve entrar na pauta da Comissão de Constituição e Justiça.

Apesar da intenção de destravar a pauta, são reduzidas as chances de uma mudança no sistema tributário sair do papel neste ano. Isso porque uma PEC precisa do apoio de ao menos 60% do Congresso, algo difícil de acontecer com um tema que mexe com arrecadação de estes federados.

Reformas tributárias concentram um grande histórico de fracassos no Congresso Nacional. O próprio Pacheco amargou um, considerando que, um dia após a sua posse, ele e Lira anunciaram que outra proposta de reforma tributária, que era analisada em uma comissão conjunta das Casas, seria votada entre agosto e outubro.

Após o fracasso, o foco agora do senador é centrar os es-



O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira

Frederico Ladeira - 18. set. 21 / Folhapress

forços na proposta que tem origem no Senado.

Lira e Pacheco também devem conversar sobre a PEC que busca reduzir os tributos sobre combustíveis, em uma tentativa de conter um aumento de preços que preocupa aliados do presidente pelo risco que traz ao proje-

to de reeleição de Bolsonaro.

Mesmo no governo ainda não há uma conciliação sobre a melhor maneira de minimizar o problema. Nesta quinta-feira (27), o Planalto decidiu descartar a proposta de criação do fundo de estabilização para interferir diretamente no preço de combustí-

veis. Agora, o ministro Paulo Guedes (Economia) quer tentar limitar o corte de tributos e desonerar apenas o diesel.

Se a perspectiva é pouco animadora no que diz respeito às reformas estruturantes, a chamada agenda de costumes pode finalmente ganhar espaço no Congresso. Uma primeira indicação disso foi dada pelo ministro Ciro Nogueira (Casa Civil), em entrevista ao jornal O Globo, quando afirmou que Bolsonaro pediu empenho para a redução da maioridade penal.

Uma PEC que reduz para 16 anos a maioridade penal em caso de crimes hediondos foi aprovada em segundo turno pela Câmara em 2015 e aguarda apreciação pelo Senado.

Bolsonaro foi eleito prometendo aprovar no Congresso projetos de agrado de sua base mais radicalizada de apoio. Apesar de o Congresso que tomou posse conjuntamente com ele em 2019 também ter sido influenciado pela onda de direita que tomou conta do pleito do ano anterior,

pouca coisa nesse sentido andou até o momento.

Outro tema controverso que o presidente da Câmara quer pautar já em fevereiro é a legalização do jogo do bicho no Brasil. O projeto é criticado pela bancada evangélica e pela oposição, sob argumento de que a questão precisa ser melhor discutida com a sociedade civil. A interlocutores Lira diz que pretende se reunir com evangélicos para diminuir a resistência ao texto, embora descafe de colocar a proposta em votação.

O presidente da Câmara também manifestou a intenção de levar ao plenário projetos defendidos pela esquerda, como a proposta que autoriza empresas a cultivarem macaoba para fins medicinais.

No Senado, Pacheco pretende colocar em votação uma proposta para tornar constitucional o direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo. Essa vem sendo uma demanda constante do senador Fabiano Contarato (PT-ES).

A união já é permitida, mas em virtude de uma decisão do Supremo Tribunal Federal, e não por meio de uma iniciativa parlamentar.

O presidente do Senado tem dito a interlocutores que também devem ser colocadas em votação no primeiro semestre a regularização fundiária, o novo marco legal para licenciamento ambiental e a proposta que libera jogos em resorts integrados.



O presidente da Itália, Sergio Mattarella, discursa em Roma após receber resultado oficial da votação que o reelegera para um novo mandato de sete anos. Foto: G. Giamatti/Presidência da Itália - U. R. Santos

Mesmo sem querer, Sergio Mattarella é reeleito presidente da Itália aos 80

Líder obtém ampla maioria em 8ª rodada de votação após partidos pedirem permanência no cargo

Michele Oliveira

MILÃO Depois de seis dias de articulações entre as forças partidárias, oito rodadas de votação e ao menos uma dezena de nomes ligados ao meio possíveis candidatos, o presidente da Itália, Sergio Mattarella, foi reeleito neste sábado (29) para um segundo mandato como chefe de Estado.

Aos 80 anos, embora viesse dizendo que não gostaria de permanecer no cargo, seu nome recebeu a maioria dos votos no complexo método de escolha indireta, realizada por parlamentares e representantes estaduais na Câmara. Com o resultado, Mattarella, que deixaria o Palácio do Quirinal na próxima quinta (3), vai continuar ocupando pelo menos sete anos o posto institucional mais alto do país. O dia em que ele deixaria sua residência oficial será agora a data do juramento para o segundo mandato.

A definição aconteceu na oitava votação, depois de sete tentativas frustradas realizadas desde a última segunda (24). Em busca de uma estratégia de consenso, os líderes partidários passaram a semana em negociação. Nenhum dos dois grandes grupos, centro-esquerda e centro-direita, reuniu votos suficientes para decidir um nome autonomamente.

Esta é a segunda vez na história da República italiana, nascida em 1946, que ocorre uma reeleição. Foi justamente o antecessor de Mattarella, Giorgio Napolitano, o primeiro a ser reconduzido ao cargo, com um mandato de 2006 a 2013 e outro de 2013 a 2015. Após dois anos no segundo mandato, porém, diante de entraves políticos e alegações de dificuldades pelos seus 89 anos, Napolitano renunciou. Se permanecer na Presidência, Mattarella chegará ao fim do mandato com 87 anos. Nas redes sociais, circulam montagens que o mostram, por exemplo, amarrado com cordas na cadeira de presidente e acenando com um pedúnculo escrito nas mãos.

Os dias difíceis ocorridos para a eleição à Presidência, durante a emergência que ainda estamos atravessando, requerem senso de responsabilidade e de respeito às decisões do Parlamento", disse o presidente reeleito. "Essas considerações impõem não se esquivar dos deveres a que se é chamado e devem prevalecer sobre as perspectivas pessoais".

A Constituição italiana permite a reeleição do chefe de Estado, mas esse desfecho é considerado excepcional, e o próprio Mattarella havia anunciado publicamente que não estava disponível para mais sete anos no poder. Ele havia inclusive iniciado seu processo de saída do Quirinal e alugado um apartamento. No entanto, diante da dificuldade de encontrar consenso em torno de um novo nome para a Presidência, Mattarella cedeu ao pedido do Parlamento e aceitou continuar.

"A reeleição [de Mattarella] representa um colapso do sistema político, das lideranças dos partidos, porque foi preciso voltar ao ponto de partida, depois de longas tratativas que envolveram e queimaram tantas personalidades importantes", avalia Lorenzo Pregliasco, professor de estratégia e comunicação política da Universidade de Bolonha. "A segunda eleição de Napolitano inaugurou uma anomalia, uma coisa muito fora do rito, e agora, pela segunda vez consecutiva, isso aconteceu e ampliou os sinais do curto-circuito político-institucional".

No cenário internacional o resultado pode ser recebido

como uma garantia de estabilidade para os próximos anos. Um dos desafios é o de propiciar as condições para a saída da crise sanitária, da qual a Itália é uma das mais atingidas, e para a recuperação socioeconômica da pandemia.

Outra tarefa será a de representar a unidade nacional. Os parlamentares se reuniram diariamente na Câmara dos Deputados em Roma, desde segunda, em busca de um nome que representasse esse ideal.

A em Lisboa, havia o temor de que o resultado pudesse desestabilizar a frágil composição do atual governo, sustentado há um ano sobre uma ampla coalizão no Parlamento, da esquerda à direita, liderada pelo primeiro-ministro Mario Draghi. O risco de eleições antecipadas é sempre um cenário possível, apesar de indesejado pelas forças políticas. porque, a partir da próxima eleição legislativa, em 2023, o Parlamento terá uma redução de 145 cadeiras.

O próprio Draghi, sem vinculação partidária, também foi cotado para assumir a Presidência — o que, se tivesse se concretizado, seria um desfecho inédito na história da Itália.

Pela Constituição, pode ser eleito para a Presidência qualquer cidadão italiano acima de 50 anos e que goze dos direitos políticos e civis. A votação, secreta, é realizada na Câmara dos Deputados, e cada um dos 1.009 "grandes eleitores", como são chamados senadores, deputados e delegados regionais, recebe uma cédula em branco, na qual pode escrever qualquer coisa.

Por isso, alguns eleitores aproveitaram o cenário nebuloso dos primeiros dias para fazer graça e indicar o nome de celebridades, como o do goleiro Dino Zoff, campeão do mundo em 1982, e o do atual técnico da seleção italiana, Roberto Mancini.

Enquanto os líderes negociavam sem sucesso, o presidente foi ganhando força entre os parlamentares. Mesmo diante de indicações dos chefes partidários para votos em branco, os eleitores se aproveitaram do voto secreto e passaram a indicar na cédula, o nome de Mattarella.

Na primeira votação, o movimento ainda era discreto, com apenas 16 votos. Nesse dia, o maior número, 672, foi de cédulas brancas. O dia seguinte teve desfecho parecido, com 527 votos em branco e 39 para a reeleição de Mattarella. A partir da quarta-feira, a onda ficou mais forte, e o presidente com 125 votos, terminou sendo o mais votado.

A votação foi ficando mais séria a partir de quinta-feira. Isso porque, nas três primeiras votações, é necessário que o nome vencedor reúna dois terços dos votos (673). A partir da quarta, passa a valer a maioria absoluta (505).

Não há limite para as votações. Dos 11 líderes anteriores a Mattarella, somente dois foram eleitos antes do quarto escrutínio — Francesco Cossiga, em 1985, e Carlo Azeglio Ciampi, no final dos anos 1990.

Apostando que teria chances de reunir 505 votos, o ultradiretista Matteo Salvini, líder da Liga, partiu para uma operação arriscada e anunciou, na sexta (28), que o bloco do qual faz parte, com cerca de 450 votos certos, votaria em Elisabetta Casellati, presidente do Senado e aliada de Silvio Berlusconi (Força Itália). O ex-premiê já havia retirado sua própria candidatura à Presidência.

Como resposta a Salvini, o bloco de centro-esquerda se absteve da votação, somando 406 eleitores. Casellati acabou recebendo 382 votos, cerca de 70 a menos do que o es-

perado, o que provocou um rachão na centro-direita. Horas depois, o partido de Berlusconi anunciou que passaria a agir com autonomia.

E foram, então, mais evidentes os obstáculos pelo surgimento de um nome de consenso. Além de Casellati, ao menos nove personalidades "de alto perfil" foram mencionadas publicamente pelos líderes de partido como possibilidades. Muitos nomes foram ventilados, alguns cujas chances duraram horas, outros que foram sendo "queimados" nas votações, inclusive como termômetro lançado pelos partidos, para medir a temperatura entre os eleitores de centro e os dissidentes dos dois grandes blocos.

Voto a sexta rodada de votação, e o nome de Mattarella ganhou ainda mais força, atraiendo 136 votos. Enquanto os líderes indicavam oficialmente que seus partidos votariam em branco ou optariam pela abstenção, nas cédulas secretas crescia o apelo pela reeleição de Mattarella. Na manhã deste sábado, ainda sem acordo formal, a recondução do presidente foi indicada por 387 eleitores.

Quando as urnas ainda estavam abertas, no final da manhã, surgiram as primeiras declarações de que os líderes partidários haviam concordado em apoiar a reeleição de Mattarella, o que se concretizou durante a tarde. Na última e decisiva rodada, o presidente recebeu 759 votos, cerca de 75% do total de cédulas.

Draghi teria pedido para que ele continuasse em nome da estabilidade do país. O primeiro-ministro descreveu a reeleição como uma "notícia espiantada" para os italianos.

Nascido em Palermo, na Sicília, viúvo e pai de três filhos, Mattarella é um dos presidentes com maior consenso dos últimos 30 anos. Foi advogado, professor de direito parlamentar e deputado entre 1983 e 2008. Também foi vice-premiê, ministro em três ocasiões, nas pastas de Relações Parlamentares, Educação e Defesa, e juiz constitucional.

Pela Constituição, duas das atribuições do presidente são nomear o primeiro-ministro e seus ministros e dissolver antecipadamente o Parlamento.

Raio-X da Itália



Área: 301.340 km²
 População: 59.554.023
 PIB: US\$ 1,8 trl (do Brasil é US\$ 1,4 trl)
 PIB per capita*: US\$ 41.890 (no Brasil é US\$ 14.836)
 IDH: 29ª posição (Brasil é o 84º)

*Considerando o modo de poder de 42 mil e
 Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e Phyl

mundo

Empate técnico nas pesquisas embaça caminhos em Portugal

País vai às urnas neste domingo com socialistas e social-democratas tendo chances e terceira força também incerta

—Guiliana Miranda

LISBOA Com as pesquisas de intenção de voto indicando um empate técnico entre os dois maiores partidos políticos, Portugal vai às urnas neste domingo (30), para escolher a nova composição do Parlamento que, por sua vez, vai apontar o primeiro-ministro. O socialista António Costa premê desde novembro de 2015 e virtual candidato a permanecer no posto, viu seu favoritismo diminuir progressivamente nas últimas semanas com o crescimento da maior legenda da oposição, o PSD (Partido Social Democrata). Ao longo da semana, duas sondagens indicaram a legenda de centro-direita ligeiramente à frente do PS. Nesta sexta-feira (28), porém, outros dois levantamentos projetaram os socialistas de volta à liderança. Em todos os casos, a vantagem era inferior à margem de erro, confirmando o cenário de empate técnico. Um dos responsáveis por essa incerteza no futuro português é o líder social-democrata, o deputado Rui Rio, que vem atraindo votos com um discurso centrado e de moderação. A possibilidade real de chegar ao posto de premê contrasta com a situação em que ele estava em novembro. À época, quando o Conselho de Estado aprovou a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições antecipadas, o político tinha a posição contestada dentro do próprio partido e aparecia mais de dez pontos percentuais atrás dos socialistas nas pesquisas. “Essa é uma eleição competitiva, com grande incerteza e em que ninguém tem o resultado garantido. Eu não arrisco resultados”, diz a cientista política da Universidade de Lisboa Marina Costa Lobo, coordenadora de um projeto que analisa o comportamento de voto dos portugueses. Isso também se dá porque ser o mais votado não garante a um partido a primazia de indicar o primeiro-ministro: arranjos políticos pós-eleitorais podem viabilizar outras opções. Foi o que aconteceu com o próprio António Costa em 2015, quando o PSD (em coligação com CDS-PP) ficou à frente no pleito, mas viu os socialistas fazerem o premê. Costa foi alçado ao cargo graças a uma coalizão que uniu a tradicionalmente dividida esquerda portuguesa. O arranjo, que contou com o Partido Comunista Português (PCP) e o Bloco de Esquerda, recebeu o apelido pejorativo de geringonça devido a sua aparente fragilidade. Contrariando as previsões iniciais, a geringonça sobreviveu aos quatro anos da legislatura. Após a eleição de 2019, porém, com uma bancada reforçada (108 entre 230 deputados) os socialistas abandonaram o arranjo, optando por negociar a cada votação. A falta de um acordo formal com os antigos parceiros dificultou a governabilidade e o rompimento definitivo se deu em outubro passado, quando o Bloco de Esquerda e o PCP votaram contra o Orçamento de 2022. O presidente Marcelo Rebelo de Sousa optou por antecipar um novo pleito. Na avaliação do cientista político António Costa Pinto, coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, as pesquisas de intenção de voto sinalizam

que parte do eleitorado de esquerda não ficou satisfeita com a decisão que acabou destituindo a geringonça de vez. “Os eleitores do Partido Comunista, do Bloco de Esquerda e do Partido Socialista gostaram desses acordos parlamentares. Aparentemente o BE vai ser punido pelo eleitorado desse espectro político, mas isso não é suficiente para fazer crescer eleitoralmente o Partido Socialista”, afirmou. O posicionamento moderado de Rui Rio também faz com que exista a possibilidade de um arranjo entre o PS e o PSD. Na última legislatura, inclusive, os social-democratas votaram junto com o governo em quase dois terços das propostas do Executivo. “É uma possibilidade que não pode ser afastada”, diz Costa Lobo, que salienta que socialistas e social-democratas devem tentar primeiro formar alianças dentro de seu espectro político. “Caso o PSD ganhe, mas com maioria de esquerda no Parlamento, ele vai tentar aliciar o PS para ter apoio. E vice-versa. Isso não está excluído, porque Rui Rio é o líder do PSD mais à esquerda dos últimos tempos.” Embora os dois maiores partidos concentrem mais de 60% das intenções de voto,

Raio-X de Portugal

FRANÇA

PORTUGAL ESPANHA

ARGÉLIA

MARRRCCOS

Área: 92.090 km² (pouco menor que o estado de Pernambuco)

População: 10.263.850 (pouco maior que a do estado de Pernambuco)

PIB: US\$ 228.54 bi (do Brasil é US\$ 1,4 trl)

PIB per capita: US\$ 14.090 (no Brasil é US\$ 14.836)*

IDH: 38ª posição (Brasil: 84ª)

*Cenário de tendência de crescimento, a partir de 2019. Fonte: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD.

Caso o PSD ganhe, mas com maioria de esquerda no Parlamento, ele vai tentar aliciar o PS para ter apoio. E vice-versa. Isso não está excluído, porque Rui Rio é o líder do PSD mais à esquerda dos últimos tempos

Marina Costa Lobo
Cientista política da Universidade de Lisboa

ns arranjos para a formação do novo governo — e sua sustentação legislativa — dependerão diretamente do desempenho das legendas menores. Quatro aparecem embotadas na disputa pela posição de terceira força política do país, mas nenhuma chega aos 10% das intenções de voto. Além do BE, que detém esse posto hoje, e do PCP, estão no páreo dois partidos que estrearam no Parlamento em 2019 e têm agora somente um deputado cada um: o Iniciativa Liberal e o Chega, de ultradireita. Mais à direita que o PSD, ambos devem apresentar um documento expressivo de representação na próxima legislatura, segundo os analistas. Para André Azevedo Alves, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, a fragmentação do voto nesse espectro é outro fator que pode trazer dificuldades à formação de um eventual governo pelo PSD. “Se esses resultados se confirmarem, vamos ter à direita uma fragmentação do voto que anteriormente só acontecia mais à esquerda em Portugal”, diz. Nesse sentido, o desempenho eleitoral da direita radical com o Chega seria o ponto mais problemático. Apresentando-se como antissistema, o partido empilha propostas polêmicas, por assim dizer, como a volta da pena de morte e a castração química de pedófilos. Também convive com integrantes ligados a organizações neonazistas e é frequentemente acusado de discurso discriminatório contra comunidades ciganas. Líder da sigla e seu único representante parlamentar hoje, o deputado André Ventura já foi condenado por “ofensas ao direito à honra” depois de ter chamado de bandidos, durante um debate na TV, os integrantes de uma família negra e moradora de um conjunto habitacional. A decisão foi confirmada em dezembro pelo Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. O populista foi o terceiro colocado na eleição presidencial de um ano atrás, com 11,9% dos votos. Embora Rui Rio afirme que não pretende contar com o Chega para assumir o poder, esse é um cenário que não é descartado pela maioria dos analistas. No fim de 2020, o PSD teve apoio da legenda da ultradireita para assumir o governo da região autônoma dos Açores, interrompendo mais de duas décadas de liderança socialista no arquipélago. A abstenção em Portugal, onde o voto não é obrigatório, também é um ponto de atenção destacado. Embora essa seja a terceira eleição nacional desde o começo da pandemia, ela acontece em um momento de recorde de casos de Covid-19, ligado ao avanço da variante ômicron. Com a alta cobertura vacinal — quase 90% da população tem o esquema de imunização completo —, a cifra de mortes e internações não acompanhou o aumento de casos. Ainda assim, diante do cenário de milhares de portugueses em isolamento, o governo liberou o voto de pessoas infectadas, sempre de máscara e com distanciamento, mas aconselhou que elas votem em um horário específico, entre 18h e 19h. Quem estiver doente também deve evitar usar transporte público para chegar aos locais de voto.



O premê socialista António Costa em ato de campanha em Lisboa

—Patricia de Melo Moraes/22/01/2022/AFIP

Ucranianos no Brasil veem viagem de Bolsonaro à Rússia com ceticismo

Comunidade defende que presidente tenha postura firme diante de Putin em relação à Ucrânia

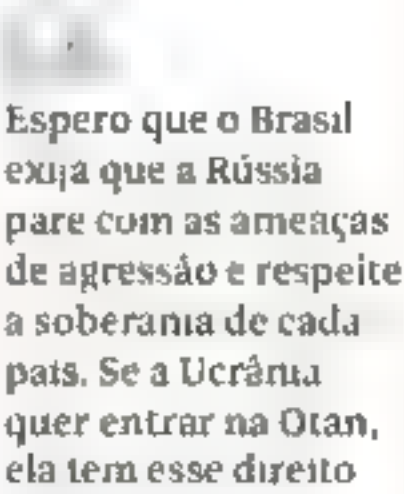
Pedro Lovisi

DELO HORIZONTE A viagem do presidente Jair Bolsonaro (PL) a Moscou para se encontrar com Vladimir Putin, em fevereiro, é vista com ceticismo pela comunidade ucraniana no Brasil. Nas últimas semanas, as tensões entre a Rússia e potências ocidentais, que acusam o Kremlin de querer lavadir a Ucrânia, ganharam força, depois de uma série de reuniões mostrarem que o caminho diplomático, até agora, não trouxe grandes avanços. Para Vitorio Sorotniuk, presidente da Representação Central Ucraniano-Brasileira (RCUB), a visita será bem-vinda caso o brasileiro se comporte como Annalena Baerbock, ministra das Relações Exteriores da Alemanha, que, em Moscou, disse ao chanceler russo, Serguei Lavrov, que se a Rússia invadir a Ucrânia haverá consequências. "O que não pode é ele ir para afirmar que não tem nada a ver com o conflito". O Kremlin, que deslocou mais de 100 mil soldados para regiões próximas do país vizinho, teme que Kiev se junte à Otan, a aliança militar ocidental, o que aumentaria a influência dos Estados Unidos e de países europeus às portas da Rússia. Atualmente, a organização

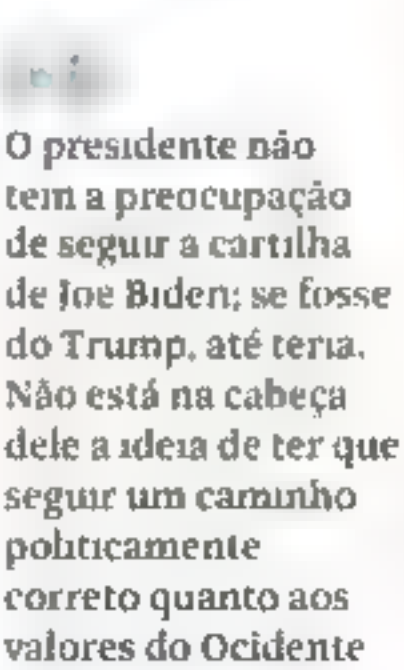
já abriga os Estados bálticos (Lituânia, Estônia e Letônia), ex-repúblicas da União Soviética, algo que Putin também gostaria que fosse revertido. A organização ligada aos ucranianos no Brasil enviou no último dia 17 uma carta ao ministro das Relações Exteriores, Carlos França, pedindo que o país se posicione sobre a crise europeia. No documento, a RCUB cita o atual mandato do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas e defende que é função do país "defender, nos fóruns internacionais, a Constituição, que prega a autodeterminação dos povos, a não intervenção, a igualdade entre os Estados, a defesa da paz e a solução pacífica dos conflitos". A carta, porém, de acordo com a representação, não foi respondida pelo governo brasileiro. Uma semana antes, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, responsável pela diplomacia americana, alertou por telefone o chanceler brasileiro sobre a "necessidade de uma resposta forte e unida" contra uma eventual ofensiva russa na Ucrânia. O Itamaraty, no entanto, adotou um discurso moderado e defendeu a relevância "de encontrar uma solução conforme o direito internacional".

Felipe Oresten, presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil, também defende uma postura dura por parte de Bolsonaro. "Espero que o Brasil exija que a Rússia pare com as ameaças de agressão e respeite a soberania de cada país. Se a Ucrânia quer entrar na Otan, ela tem esse direito", afirmou ele, desconsiderando as regras do clube militar, que vetam o ingresso de países com disputas territoriais. Estima-se que haja cerca de 600 mil descendentes de ucranianos no Brasil, segundo a Representação Central Ucraniano-Brasileira. A maioria (81%) está no Paraná, e os demais estão espalhados pelo norte de Santa Catarina, além de Porto Alegre e São Caetano do Sul, em São Paulo. Colonizada a partir do final do século 19, Prudentópolis, a 210 km de Curitiba, abriga construções com arquitetura semelhante às encontradas na Ucrânia e realiza eventos que celebram a cultura do país, com, por exemplo, a fabricação de pêssegos, os ovos de galinha e de ganso pintados à mão. No último dia 22, quando comemoraram o Dia da Libertação da Ucrânia, as Igrejas Greco-Católica e Ortodoxa no Brasil organizaram orações pelo país. A campanha teve

adesão da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos), e as preces foram repetidas em várias igrejas católicas. Quatro dias depois, foi a vez de o papa Francisco organizar uma oração coletiva pedindo que o conflito não se agrave. Bolsonaro, no entanto, não deve atender aos desejos dos descendentes de ucranianos no Brasil. Na quinta (27), o presidente, que deve ficar em Moscou de 14 a 17 de fevereiro, chamou Putin de conservador ao responder à pergunta de um apoiador, curioso para saber se o líder russo era "gente da gente". Na ocasião, também disse que a visita serviria para "melhores entendimentos" e "relações comerciais" com a Rússia. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 1,58 bilhão para Rússia e importou US\$ 5,7 bilhões, de acordo com dados do Ministério da Economia. Já em 2015, último ano completo dos governos petistas, o país exportou US\$ 2,46 bilhões para os russos e importou US\$ 2,2 bilhões. Três dias antes da declaração de Bolsonaro, o vice Hamilton Mourão (PRTB), para quem o conflito nada tem a ver com o Brasil, "somos do continente da paz", disse que a viagem pode ser cancelada caso a situação evolua para



Felipe Oresten
presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil



Angelo Serlino
professor de história da USP

uma guerra. Procurados, o Itamaraty e a Presidência não responderam aos questionamentos enviados pela Folha sobre possíveis consequências diplomáticas da visita. O presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara, o deputado Aécio Neves (PSDB) afirmou por meio de nota que a viagem de Bolsonaro já estava marcada quando as tensões entre as potências globais se intensificaram e que a agenda bilateral do Brasil com a Rússia é bastante extensa. "Isso apenas já justificaria a manutenção do diálogo e da visita", disse. Para Angelo Serlino, professor de história da USP e autor do livro "Os Russos", Bolsonaro não repetirá na viagem as ameaças feitas por outros líderes mundiais a Putin. "O presidente não tem a preocupação de seguir a cartilha de Joe Biden; se fosse do [Donald] Trump, até teria. Não está na cabeça dele a ideia de ter que seguir um caminho politicamente correto quanto aos valores do Ocidente e em relação à Rússia". Serlino também defende que o encontro tem pretensões mais políticas do que econômicas. "Desde que Trump foi derrotado, Bolsonaro está isolado internacionalmente. Ele vai à Rússia para sair desse isolamento". Depois de passar por Moscou, o presidente brasileiro deve se reunir em Budapeste com o premiê húngaro, Viktor Orbán, que, assim como ele e Putin, tem histórico de atuar contra a oposição e a imprensa, além de defender pautas conservadoras, como o combate à chamada "ideologia de gênero".



TEMPESTADE DE NEVE E RAJADAS DE VENTO ATINGEM COSTA LESTE DOS ESTADOS UNIDOS Pedestre atravessa rua em Nova York durante nevasca nos EUA no sábado (29), governadores de Nova York, Nova Jersey e outros estados declararam estado de emergência. Reuters / Andrew Kelly

Ultradireita se reúne para criar grupo de pressão sobre UE

MADRID/APF Lideranças de ultradireita se reuniram em Madrid, capital espanhola, neste sábado (29) com um objetivo comum: consolidar um bloco de atuação no Parlamento Europeu, o braço legislativo da União Europeia (UE), que lhes permita atuar em defesa de pautas que consideram importantes para o bloco, como políticas anti-imigração. Estiveram presentes, entre outros, Viktor Orbán e Mateusz Morawiecki, premiês da Hungria e da Polônia, respectivamente; Santiago Abascal, líder da sigla nacionalista espanhola Vox; e a francesa Marine Le Pen, do Rassemblement National, que concorre à cadeira presidencial de seu país nas eleições previstas para abril.

Da forma como estão organizados hoje, os eurodeputados que se alinham a políticas conservadoras e de ultradireita encontram-se dispersos em meio aos 705 membros do Legislativo da UE. O objetivo da reunião é avançar na criação de um grupo que atue de forma coesa em áreas como industrialização, imigração e aquilo que muitos dos líderes alegam ser um poder excessivo da UE em assuntos domésticos dos 27 membros. A Polônia talvez tenha sido o maior exemplo do último tópico. O país do Leste Europeu travou diferentes disputas com a UE ao longo do último ano após questionar a primazia do direito europeu ou, em outras palavras, dizer

que tratados do bloco ferem a soberania nacional e são incompatíveis com a legislação polonesa. O episódio gerou temores de que o país deixasse o bloco, como fez o Reino Unido no Brexit, ainda que especialistas digam que isso é pouco provável. O assunto, como esperado, foi abordado na reunião. Ao referir-se ao premiê polonês, Mateusz Morawiecki, o Vox, da ultradireita espanhola, disse em uma rede social. "Mostramos-lhe todo o nosso apoio e solidariedade perante as escandalosas ameaças de Bruxelas ao seu governo e os ataques que a Polónia recebe na sua fronteira". A ultradireita europeia já havia feito encontro semelhante

em dezembro. A reunião foi sediada em Varsóvia, capital polonesa, e teve como anfitrião o partido nacionalista conservador Lei e Justiça (PiS), que está no poder. A aliança que começou a ser forjada ali e ganha mais detalhes no encontro deste sábado. "Juntos, devolveremos às nações sua soberania e suas liberdades", escreveu Marine Le Pen no Twitter. "A melhor decisão nacional que não corresponda aos desejos das instituições europeias é agora alvo de chantagem, e não é isso que deve ser a Europa". Além da articulação internacional, para figuras como Le Pen o encontro deste sábado tem também contornos domésticos. Principal figura

da direita francesa, ela aparece em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para as presidenciais, que tem à frente o atual chefe de Estado, Emmanuel Macron. Mostrar-se protagonista de uma aliança desse espectro político é uma esperança para que Le Pen acene à sua base e a mantenha em um momento em que sua campanha assiste a uma série de deserções, sendo a mais recente a de sua sobrinha Marion Maréchal, figura bastante popular entre os conservadores. Le Pen viu sua área de influência ser disputada por Eric Zemmour, um polemista sem trajetória política que se apresentou como candidato à Presidência em fins de novembro

e aparece em quarto lugar nas pesquisas nacionais. Ainda que esteja atrás de Le Pen na corrida presidencial, Zemmour ajudou a expor fissuras na base de apoio da tradicional candidata da ultradireita francesa. "Aqueles que querem sair podem fazê-lo, mas façam isso agora", disse Le Pen a repórteres nos bastidores da reunião em Madrid, de acordo com relato da agência de notícias Reuters. Outras figuras, ainda que ausentes na reunião na capital espanhola, também participam da articulação, como, por exemplo, as lideranças da ultradireita italiana Matteo Salvini, da Liga, também ausente em Varsóvia, e Giorgio Meloni, dos Irmãos da Itália.

mercado

Crise chega aos 10% mais ricos nas metrópoles

Baque da pandemia atingiu antes os mais pobres, classe média-alta sentiu perda a partir de 2021, indicam dados

Leonardo Viçelli

RIO DE JANEIRO Após castigar o bolso dos mais pobres, a crise econômica começa a afetar com maior força a renda do trabalho da classe média-alta nas regiões metropolitanas do Brasil. É o que indica a sexta edição do Boletim de Desigualdade nas Metrópoles.

De acordo com o estudo, a renda domiciliar per capita do trabalho dos 10% mais ricos caiu para R\$ 6.411, em média, no terceiro trimestre de 2021. O valor é 8% menor do que o verificado em igual trimestre de 2020 (R\$ 6.967) nas regiões metropolitanas.

Na visão dos responsáveis pelo boletim, a queda reflete a combinação entre fraqueza da atividade econômica e escalada da inflação. Os dados levam em conta o avanço dos preços no país.

A pesquisa é produzida em parceria entre PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Observatório das Metrópoles e RedODSAL (Rede de Observatórios da Divisão Social na América Latina).

Esses 10% mais ricos não são apenas super-ricos; incluem também trabalhadores considerados de classe média-alta, ressaltou André Salata, professor do programa de pós-graduação em ciências sociais da PUCRS e um dos coordenadores do boletim.

A classe média-alta inclui famílias com rendimento domiciliar per capita acima de R\$ 3.100 nas metrópoles, de acordo com o professor. Profissionais liberais e empresários de menor porte são exemplos de integrantes do grupo.

O que acaba jogando a renda média dos 10% mais ricos para um patamar superior —acima de R\$ 6.000— é a presença de uma camada minoritária de supersalários.

O indicador de renda domiciliar per capita analisado pelo boletim corresponde ao rendimento bruto do trabalho dividido pela quantidade de pessoas em cada residência.

Se comparados com os mais pobres, os 10% mais ricos sofreram um baque menor logo após a chegada da pandemia às metrópoles, sinaliza o estudo. Mas a maré começou a mudar nos últimos meses, com a crise prolongada e a escalada inflacionária.

"Esses efeitos vão se espalhando pela sociedade. A crise bateu antes nos mais pobres e, agora, com a inflação, também atinge as outras camadas da população", diz Salata.

No terceiro trimestre de 2021, a renda dos 10% mais ricos era 10,2% menor do que no primeiro trimestre de 2020, antes dos reflexos mais agudos da pandemia.

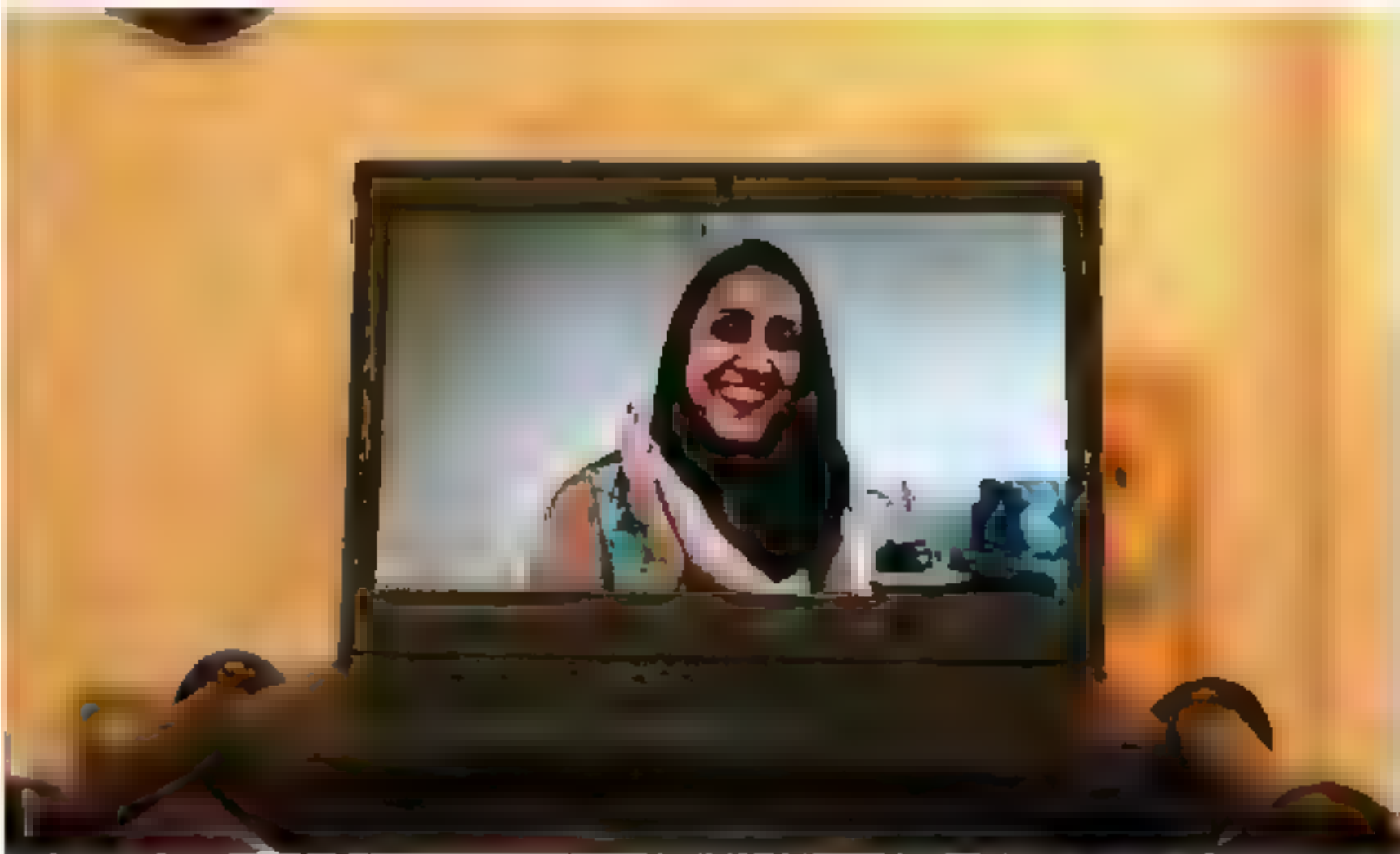
Os responsáveis pelo boletim ponderam que mesmo com as perdas, as famílias com rendimentos maiores atravessam a crise em uma situação bem menos dramática, já que possuem mais condições financeiras do que a população considerada pobre.

A moradora de Goiânia (GO) Sandra Maria de Oliveira, 44, teve de reduzir despesas nos últimos anos, especialmente durante a pandemia, por causa da inflação.

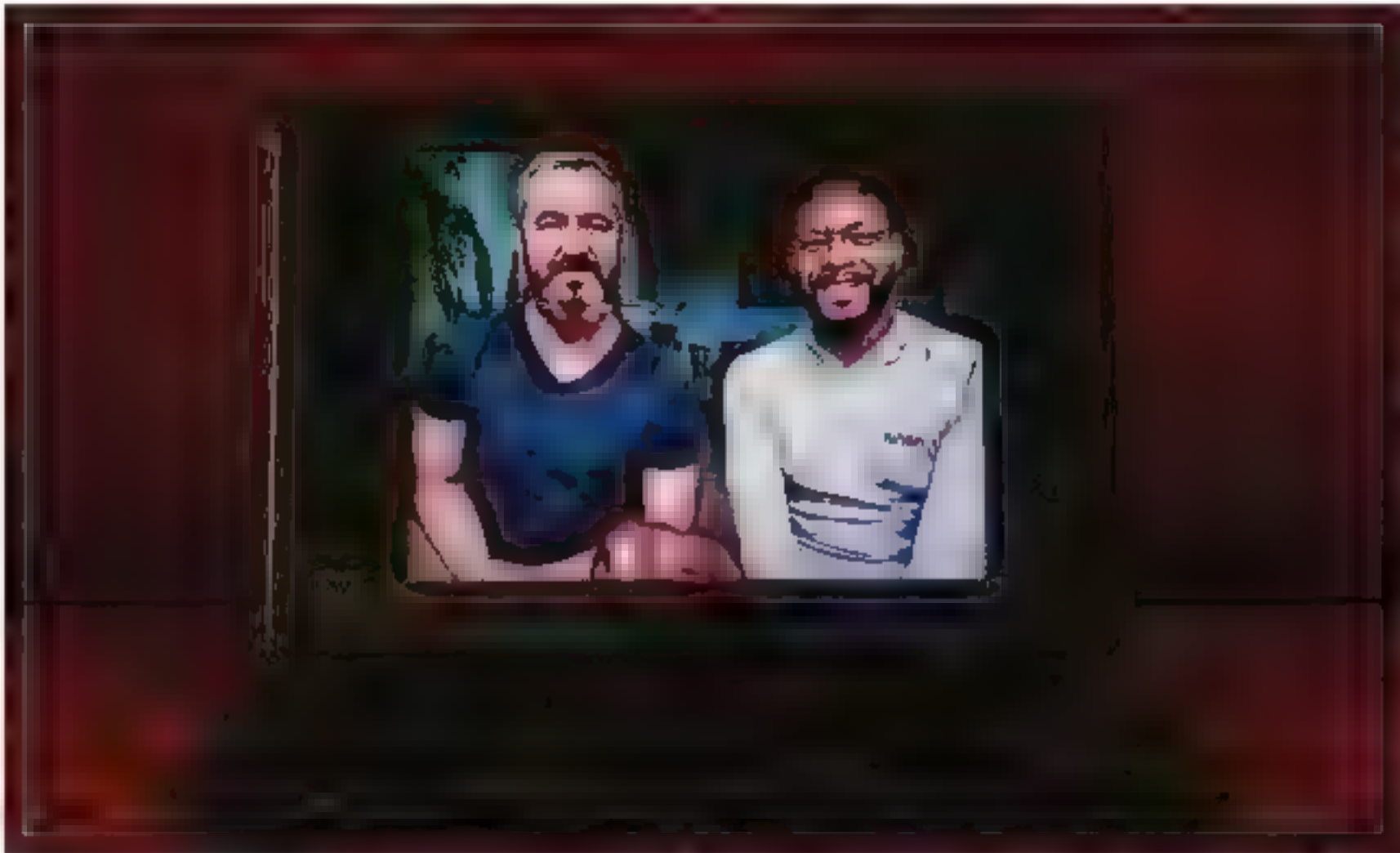
Ela conta que cancelou TV por assinatura, cortou serviços de diarista, optou por um plano de saúde mais barato e usa o carro apenas para trabalhar.

Formada em história e pedagogia, Sandra é professora da rede estadual de ensino e também dá aulas em uma universidade privada. Ela vive com uma filha adolescente.

"A gente fica constrangida porque vê pessoas passando fome. Não nos falta o alimento, mas é preciso cortar algumas coisas", relata. "É uma perda de qualidade



A professora Sandra Maria de Oliveira, que vive em Goiânia e cortou gastos com a casa e com lazer. Foto: Mariny Santiago/Folhapress



O casal Tiago Rinaldi (à esq.) e Vander Monteiro Anacleto (à dir.), que mora no Rio Grande do Sul e reduziu o uso do carro

Sandra Maria de Oliveira

Idade
44

Formação
formada em história e pedagogia e professora da rede estadual de ensino e também dá aulas em uma universidade privada

Onde vive
em Goiânia, com uma filha adolescente

O que cortou
cancelou TV por assinatura, cortou serviços de diarista, optou por um plano de saúde mais barato e usa o carro apenas para trabalhar

Tiago Rinaldi e Vander Monteiro Anacleto

Idades
42 e 38 anos

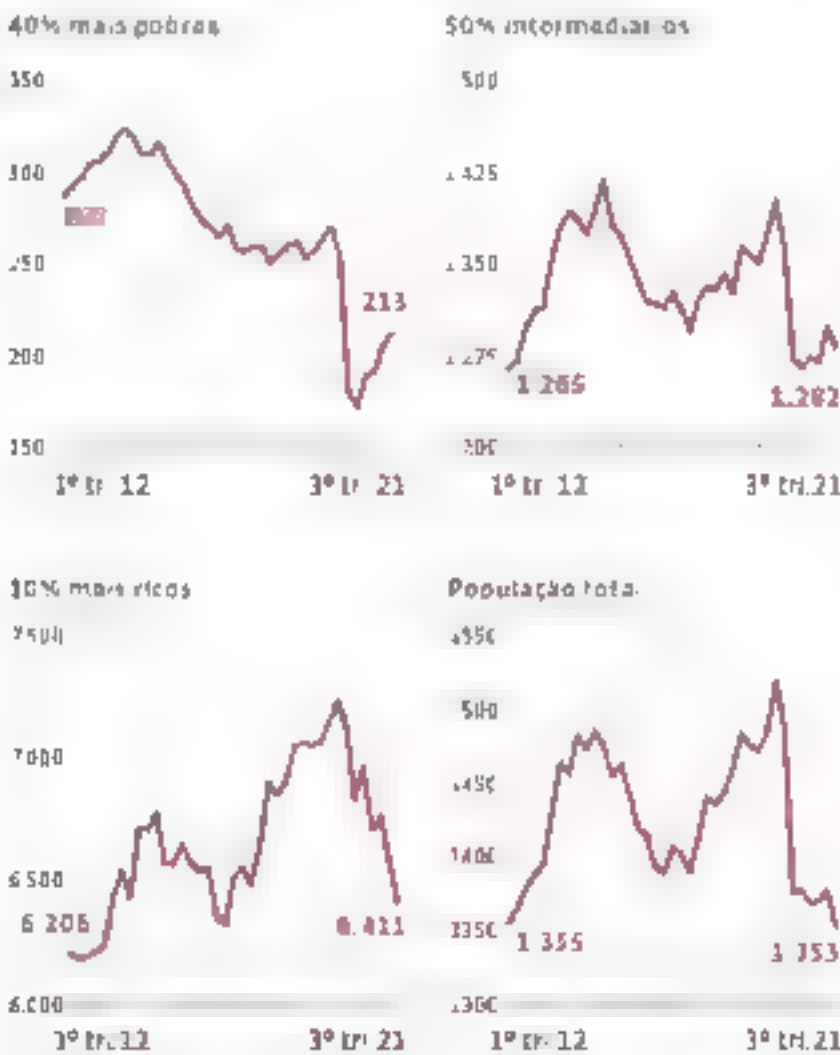
Profissões
produtor multimídia e analista de negócios no setor financeiro

Onde vivem
em Porto Alegre, com dois filhos adolescentes

O que cortaram
o casal passou a pesquisar mais preços e reduziu deslocamentos de carro devido à carestia dos combustíveis, também sentiu aumento nos juros das prestações de seu novo apartamento

Renda do trabalho nas regiões metropolitanas

Média domiciliar per capita, com o desconto da inflação, em R\$



Fonte: 6º Boletim de Desigualdade nas Metrópoles, a partir de microdados da Pnad Contínua

de vida e lazer mesmo, porque o salário não acompanha a alta dos preços", completa.

Os companheiros Tiago Rinaldi, 42, e Vander Monteiro Anacleto, 38, também buscam cortar despesas consideradas desnecessárias. Durante a pandemia, o casal de Porto Alegre (RS) passou a pesquisar mais preços e reduziu deslocamentos de carro devido

à carestia dos combustíveis.

Rinaldi trabalha como produtor multimídia, e Anacleto é analista de negócios no setor financeiro. Eles têm dois filhos adolescentes.

"A gente sente esse avanço dos preços, principalmente em itens como combustível, energia e gás", conta Rinaldi. Na contramão da parcela com salários maiores, a ren-

da domiciliar per capita do trabalho dos 40% mais pobres subiu 21,4% no terceiro trimestre de 2021, ante igual intervalo de 2020, nas regiões metropolitanas. O valor médio avançou de R\$ 275 para R\$ 213, diz o boletim.

Contudo, a marca ainda ficou 16,1% abaixo do patamar do primeiro trimestre de 2020 (R\$ 254). Ou seja, os mais pobres estão mais distantes do pré-crise do que os mais ricos.

O pesquisador do Observatório das Metrópoles Marcelo Ribeiro, que também coordena o estudo, afirma que, na fase inicial da Covid-19, muitos trabalhadores com salários mais baixos perderam suas ocupações e saíram do mercado. O reflexo foi o tombado da renda profissional. Os dados ilustram essa situação. Em 2021, com a reabertura da economia, houve um retorno ao mercado. Assim, a renda média subiu, apesar da pressão inflacionária.

"Em 2020, parte das pessoas com renda menor e mais desprotegidas havia deixado o mercado. Isso levou a uma redução mais forte no rendimento do trabalho entre os mais pobres", lembra Ribeiro, que também é professor do Ippur-UFRJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O boletim utiliza microdados da Pnad Contínua, pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). São avaliados números de 22 metrópoles. Benefícios sociais concedidos por governos não

entram nos cálculos.

Além dos 10% mais ricos e dos 40% mais pobres, o boletim também traz informações sobre o grupo classificado como o dos 50% intermediários.

No terceiro trimestre de 2021, a renda domiciliar per capita dessa faixa foi estimada em R\$ 422, nas metrópoles. A cifra ficou 1,2% acima da registrada em igual intervalo do ano anterior (R\$ 426).

Mesmo com o leve avanço, o rendimento dos intermediários está 6,1% abaixo do verificado no começo de 2020 (R\$ 455).

Os pesquisadores responsáveis pelo boletim evitam cravar qual será o comportamento da renda dos três grupos em 2022. Segundo eles, o indicador vai seguir na dependência da atividade econômica e da inflação.

O que preocupa são os sinais de baixo desempenho do PIB e a perspectiva de preços ainda elevados no ano eleitoral.

"Sem um processo de recuperação econômica capaz de dinamizar o mercado de trabalho, a retomada do rendimento vai ser difícil", diz Ribeiro.

Em termos gerais, a renda média no conjunto das regiões metropolitanas seguiu a tendência de baixa no terceiro trimestre de 2021, atingindo o menor nível da série histórica, iniciada em 2011. R\$ 1.353.

"O rendimento dos mais pobres teve uma retomada, mas o dos mais ricos caiu. Isso puxou a média para baixo no último trimestre da pesquisa. Levou o indicador para o menor nível da série histórica", avalia Salata.

Dez maiores privilégios tributários em 2022, segundo a Unafisco

Gasto tributário	Considerado privilégio pela entidade?	Valor do privilégio, em R\$ bi***
1º Isenção dos lucros e dividendos distribuídos por empresas	Sim	58,9
2º Não instituição do imposto sobre fortunas	Sim	58,0
3º Zona Franca de Manaus	Sim	44,8
4º Simples Nacional	Parcial	32,7
5º Programas de parcelamentos especiais	Sim	25,5
6º Desoneração da cesta básica	Parcial	24,1
7º Desoneração da folha de salários	Sim	12,0
8º Entidades filantrópicas*	Sim	11,0
9º Exportação da produção rural**	Sim	9,7
10º Informática e automação***	Sim	7,6

O que são privilégios tributários? A Unafisco coloca nessa definição os gastos tributários (incluindo de medidas como isenções, subsídios e benefícios) concedidos a setores específicos sem uma contrapartida adequada, notória ou comprovada para o desenvolvimento econômico sustentável sem aumento da concentração de renda

Qualquer gasto tributário é considerado privilégio? Não. Alguns são considerados pela Unafisco como justificáveis para a sociedade, como deduções permitidas no IRPF (Imposto sobre a Renda da Pessoa Física) para despesas com ensino ou saúde

O governo tem a mesma avaliação da Unafisco? Tem posições similares em alguns pontos, como na cesta básica (o Ministério da Economia quer revisar a isenção, mas desistiu com receio de reação). Porém, diverge em outros (é contra, por exemplo, o imposto sobre fortunas e já tentou emplacar um limite para despesas médicas no IRPF)

*Isenção da contribuição previdenciária patronal para as entidades beneficentes de assistência social. **Isenção da contribuição social sobre receitas de exportação do setor agrícola, indústria e produtor rural (pessoa jurídica). ***De entidades operacionais, com o crédito de IPI, e contribuintes que investem em atividades de pesquisa. ****O estudo chegou a ser feito naquele ano, dados referentes em 2014, projeto Fontefinanças

Vantagens tributárias resistem a promessas de corte e crescem 16%

União gastará neste ano R\$ 367 bi em benefícios e isenções sem contrapartida para a sociedade, segundo cálculo de auditores fiscais

Ílbin Pupu

BRASÍLIA A União vai gastar neste ano R\$ 367 bilhões em vantagens tributárias concedidas a determinados grupos sem contrapartidas comprovadas para a sociedade. A avaliação é da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal) e aponta para o maior valor desde que o levantamento começou a ser feito, em 2020. O aumento nominal de 16% é observado após movimentos ineficazes de governo e Congresso sobre o tema. As contas incluem tanto benefícios previstos em lei, como subsídios à indústria automobilística, como emissões do poder público em benefício de bens considerados importantes pela entidade, como a taxação do patrimônio dos mais ricos. No topo da lista do "privilegiômetro", como chama a entidade, está a isenção para lucros e dividendos que acionistas recebem das empresas — existente há mais de 25 anos. "O esse item vai deixar de inserir nos cofres públicos R\$ 58,9 bilhões em 2022. O governo chegou a inserir a taxação sobre dividendos no projeto que alterava o Imposto de Renda, para bancar o Auxílio Brasil — recebendo apoio até da oposição na Câmara dos Deputados. Porém, o projeto acabou barrado no Senado após diversas resistências, como a de empresários que viram aumento da carga tributária. Mauro Silva, presidente da Unafisco, diz que o recelo da classe política de desagradar a certos setores faz com que os números sigam intocados. "O Executivo não consegue por si só mexer nisso, porque precisa do Legislativo. Isso faz o corte ter uma complexidade política grande, similar a uma reforma tributária", diz Silva. Ele afirma que o debate precisa ser enfrentado pelos candidatos à Presidência, embora seja cético em relação a reduções a curto prazo. "Esse assunto vai constar provavelmente nos programas de todos os candidatos,

assim como a reforma tributária. Mas, como é algo que divide e incomoda, nenhum deles vai levar isso adiante no primeiro mandato", afirma Silva. A lista da entidade coloca em segundo lugar no ranking a não instituição do imposto sobre grandes fortunas — que renderia R\$ 57,9 bilhões. A Unafisco argumenta que a Constituição autoriza a criação do tributo, até hoje não editado por lei. A posição do governo sobre esse e outros itens do "privilegiômetro" diverge da avaliação da entidade. Sobre o imposto das grandes fortunas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ministro Paulo Guedes (Economia) dizem que a medida é pantufaria os mais ricos do país. "Alguns querem que eu, taxee grandes fortunas no Brasil. É um crime agora ser rico no Brasil. A França, há poucas décadas, fez isso, e o capital foi para a Rússia", disse o presidente em agosto. "Vai acontecer em dez minutos o que aconteceu na Venezuela. Os mais afluente vão embora, estão todos em Miami", afirmou Guedes em julho. Apesar das divergências, o ministro prega a redução do valor geral dos gastos tributários desde o início do governo. "Será que a classe política já é madura o suficiente para assumir o protagonismo, para assumir o comando do Orçamento da União, votar mais para saúde e educação? Pode ser até mais do que está hoje, mas corta onde? Diminui os subsídios", disse na posse, em 2019. Guedes chegou a apresentar propostas legais para reduzir o valor total do gasto tributário, mas as medidas foram barradas, desidratadas ou estão estacionadas — em parte dos casos com respaldo do próprio governo. O Executivo tem tomado medidas até na direção contrária, como ao discutir um novo subsídio para combustíveis. No primeiro ano de mandato, por exemplo, o Executivo inseriu na proposta de Lei de Diretrizes Orçamentárias a previsão de enviar ao Congresso um plano de revisão de

Ílbin Pupu

Não consigo entender (em vantagens tributárias) como um privilégio. Uma indústria não se instala em Manaus se não fosse a Zona Franca?

Ílbin Pupu

Guilherme Quintanilha, advogado tributarista e professor convidado da FGV

Ílbin Pupu

Esse assunto vai constar provavelmente nos programas de todos os candidatos, assim como a reforma tributária. Mas, como é algo que divide e incomoda, nenhum deles vai levar isso adiante no primeiro mandato

Ílbin Pupu

Mauro Silva, presidente da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal)

benefícios tributários, com estimativa de corte anual equivalente a 0,5% do PIB (Produto Interno Bruto) até 2023. O trecho foi revogado por uma lei posterior aprovada pelos congressistas e sancionada por Bolsonaro. No ano passado, o governo inseriu na PEC (proposta de emenda à Constituição) Emergencial, aprovada em março, previsão para reduzir gradualmente os gastos tributários ao longo de dez anos. No entanto, a versão final, negociada intensamente com o Congresso, acabou proibindo cortes em metade dos benefícios, como o Simples, a Zona Franca de Manaus, a cesta básica e entidades sem fins lucrativos ligadas a portos. O texto deu prazo apenas para que o governo envie o plano ao Congresso, deixando margem para que os cortes nem sejam implementados. A emenda promulgada deu seis meses para o Executivo entregar o projeto de lei que propõe os cortes, e o governo usou praticamente todo o prazo para a apresentação. O governo acabou a apresentando um projeto considerado modesto. Para 2022, primeiro ano de vigência, o impacto seria de cerca de R\$ 15 bilhões, equivalente a 10% dos gastos tributários após a subtração das exceções. O valor chegaria a R\$ 22 bilhões nos anos seguintes por meio da não renovação de benefícios existentes hoje. A proposta aguarda parecer do relator na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara, Guilherme Quintanilha, advogado tributarista e professor convidado da FGV (Fundação Getúlio Vargas), de onde que os subsídios são necessários diante de desestímulos ao investimento privado. "Temos problemas sérios de infraestrutura, para escorar a produção, com legislações diferentes em cada estado ou município e insegurança jurídica", diz Quintanilha. Para ele, o corte dos subsídios precisa ser analisado em uma discussão ampla, que inclua reformas estruturais para compensar a falta de estímulo.

PAINEL S.A. | Joana Cunha

joana@grupofolha.com.br

Adriana Barbosa Educação e crédito são o segredo para avanço do empreendedorismo negro

SÃO PAULO A empresária Adriana Barbosa, que fechou 2021 celebrando os 20 anos da Feira Preta, evento de cultura e empreendedorismo fundado por ela, vê na digitalização da pandemia o potencial de dar escala ao trabalho. Barbosa afirma que educação e crédito são o segredo para levar o empreendedorismo de sobrevivência ao de oportunidade. É o avanço da inclusão na cadeia de valor requer adaptação dos pequenos empreendedores e também das grandes companhias. "Tem o entendimento também da empresa, de não levar 60, 90, 120 dias para fazer um pagamento para um microempreendedor, porque, se fizer isso, ela quebra o microempreendedor" diz.

Após o lançamento da plataforma de vendas online dos negócios que tiveram aceleração na PretaHub, como evoluiu? O ano passado foi especial para o programa AfroLab de educação empreendedora. A digitalização permitiu dar escala, replicar em mais dois países e ter AfroLabs temáticos, desde saúde a música e moda. Fizemos turmas diferentes e encerramos o ano com o festival Feira Preta, que também foi digitalizado. Lamentamos 20 anos de Feira Preta em uma celebração digital com mais de cem conteúdos produzidos em diferentes áreas. A gente tinha o objetivo de passar pelo processo da digitalização em função da pandemia. Além do nosso marketplace, colocamos os produtos dos empreendedores em mais três plataformas, da Via, C&A e Mercado Livre.

Digitalização é um gargalo, mas há outros como acesso a crédito. Como vai essa parte? Em 2020, a Feira se juntou a outras organizações para o fundo de emergências econômicas. Fizemos repasse de recurso para mais de 600 empreendedores, a fundo perdido. Fizemos uma captação coletiva de R\$ 1,7 milhão e distribuímos com tickets de R\$ 1.500 a R\$ 2.500 para empreendedores de todo o Brasil. Em 2021, teve um rescaldo. Teve uma parte ainda de apoio financeiro e encerramos o ano lançando com o Facebook o programa de aceleração para mulheres negras, em que a gente vai fazer o investimento em 30 negócios com valor de R\$ 32 mil, e um outro com o Instituto Alak, do Di Alak, e a cerveja Black Princess para jovens que atuam no empreendedorismo digital, com repasse de R\$ 20 mil.

A gente não faz microcrédito. O dinheiro que a gente capta vai a fundo perdido. É uma aposta que estamos fazendo na pandemia. Muitos empreendedores já carregam endividamento. São dois anos de pandemia. A gente não quer trazer mais um crédito e dar mais uma dor de cabeça. É a gente faz um investimento assistido, que acompanha a jornada dos empreendedores, desde pensar em como negociar o processo de endividamento até potencializar, seja para aquisição de maquinário, investimento em equipe, lançamento de produto.

Tem um outro gargalo na burocracia das empresas aos fornecedores. Como o empreendedor atravessa isso? Tem um processo de entendimento da empresa sobre o que é trabalhar com empreendedores negros. É o que a Feira

Preta faz nos programas de educação empreendedora é prepará-los para dialogar com as empresas, entender qual é a lógica de uma empresa. É diferente quando você está dentro de um contexto corporativo, com cadastro, sistema, processo de compliance, fluxo de caixa, de fornecedor de grande empresa. São informações que a Feira tenta trazer para os empreendedores. Uma vez que você está lá dentro, consegue negociar, tem seu fluxo de caixa. Aí vem o entendimento também da empresa, de não levar 60, 90, 120 dias para fazer um pagamento para um microempreendedor, porque, se fizer isso, ela quebra o microempreendedor. Para mitigar tem um pouco disso: os empreendedores negros precisam aprender como se conectar para grande empresa, e ela precisa aprender como faz um processo de inclusão de empreendedores ligados aos grupos minorizados.

Houve uma aceleração desse tema após George Floyd? Com certeza. Depois de George Floyd, a gente começa a falar de ESG com foco no S, no social. Isso ocorreu nos Estados Unidos. As empresas começaram a revisar suas práticas não só ambientais, mas também sociais. No Brasil, tem esse recorte racial. Não estou dizendo que temos um ambiente mais tranquilo e favorável. Mas hoje está na pauta. O Brasil tem muito a celebrar. Avancamos em muitas questões. Quando vejo a Feira Preta, o que aconteceu agora, tem muitas pessoas negras dentro das empresas que apoiaram na inclusão para que o patrocínio acontecesse. Muitas pessoas pretas com poder de tomada de decisão. Tem uma mudança em curso, que precisamos celebrar e potencializar.

Como a história da sua bisavó te orienta nesse trabalho? Eu começo a empreender com 12. Minha bisavó vendeu coisas. Tinha um tiro comercial muito forte. Quando eu comecei, também foi sem educação empreendedora. Não frequentei escola de negócios. Comecei porque precisava sobreviver. Hoje, a Feira olha a questão do empreendedorismo negro como um processo de transformação social para a população negra e atua no campo da educação empreendedora. As pesquisas mostram que o microempreendedor é a população negra. O segredo é como a gente sai do empreendedorismo de sobrevivência e necessidade para a oportunidade. É educação e crédito.



Raio-X Formada em gestão de eventos pela Universidade Anhembi Morumbi com pós-graduação em gestão cultural na USP, a empresária e fundadora do evento de cultura e empreendedorismo Feira Preta, presidente da PretaHub e faz parte dos comitês de igualdade racial de empresas como Ambev e Carrefour

mercado

A inflação que salva

Bolsonaro foi muito tolerado até a carestia fazer estrago crítico na popularidade

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Um fato notável dos anos Jair Bolsonaro é que ele foi tolerado, que sua popularidade tenha chegado a uma situação crítica em boa parte por motivos que teriam prejudicado até um governante que não fosse tão incapaz, imbecil e cruel. Isso dá o que pensar a respeito dos riscos que o país corre daqui até a eleição e depois. Em condições menos azaradas, haveria mais gente, na massa e ainda mais na elite, disposta a apoiar a tirania. Bolsonaro não foi nem a menor processada. E ainda menor

a chance de ser condenada. O criminoso mais contumaz da República, com exceção talvez de generais-ditadores, foi agasalhado pelo sistema político e pela maior parte das elites econômicas. Tem sido upe nas toureado pelo Supremo. Passados 77% de seu mandato, o celerado ainda fica quase à vontade na canga, vez e outra advertido de que um inquérito pode ficar subitamente pronto ou ameaçar alguém do bando. Nada a ver com a via rápida da deposição de Dilma Rousseff e da prisão de Lula da Silva.

Uma vantagem de Bolsonaro é que, em três anos de mandato, sua popularidade não baixara além de 25%, linear crítico de impeachment. Mas o exército também jamais foi popular. Na média das pesquisas, a avaliação positiva superou a negativa apenas nos cinco primeiros meses de governo e em outros cinco em 2020, quando a economia reabriu, a inflação baixara e o auxílio era grande. Apenas depois de agosto, veio a ser tudo como péssimo por 55%; nos dois primeiros anos, a rejeição fora em média de 36%.

A partir de janeiro de 2021, o prestígio de Bolsonaro passou a diminuir quase no mesmo ritmo em que a inflação superava os salários. Decerto já tinha fichu sija. A inflação pode ter sido a gota d'água. A maior parte da inflação pouco teve a ver com Bolsonaro. Foi resultado de tempo ruim, que afetou agricultura e produção de eletricidade, da crise mundial de energia, da escassez de insumos industriais, dos preços da Petrobras e da desvalorização do real, a maior do mundo na epidemia.

O real costuma levar tembas extraordinários até pelas características dos mercados financeiros daqui. Mas a moeda brasileira rolou ladeira abaixo por causa da dívida pública alta, talvez sem limite depois do choque da epidemia. A contribuição marginal de Bolsonaro veio de o governo não ter rumo econômico, de vestir uma fantasia palhaça sinistra de reformas e criar tu multos (como camisas goliastas). A zorra derradeira foram o 7 de Setembro golpista e a derrubada do teto de gastos de modo pirata e inepto, que provocou disparada de juros. Mas o grosso do dinheiro tinha sido o fora antes. Enfim, o tumulto permanente e o talé que Bolsonaro nomeou para o governo devem ter alimentado a incerteza que solapou a despiora econômica rápida que ocorreu até o início de 2021.

Sim, a inflação ganhava fôlego a corrida de saúdos mirrados por causa também de problemas estruturais, do crescimento cronicamente baixo, piorado pelo trauma de anos de depressão do PIB e precarização do trabalho. Há agora quase tanta gente trabalhando quanto em 2019, mas ganhando menos, em empregos tão improdutivos e inseguros quanto os do fundo da recessão de 2016. Bolsonaro nem ao menos é pragmático, mas líder de seta, despota ensandecido. Leva adiante seu plano reacionário, mortífero e discriminatório mesmo que perca votos. É isso que a maior parte da elite aceitou em troca de ditos "reformas" e de colocar a povo na coleira (com ameaça de violência militar ou miliciana). A inflação talvez tenha nos salvado. Os famintos e os mortos da peste serão nossos mártires. vinicius.torres@grupofolha.com.br

BB trava crédito para estados que fazem oposição a Bolsonaro

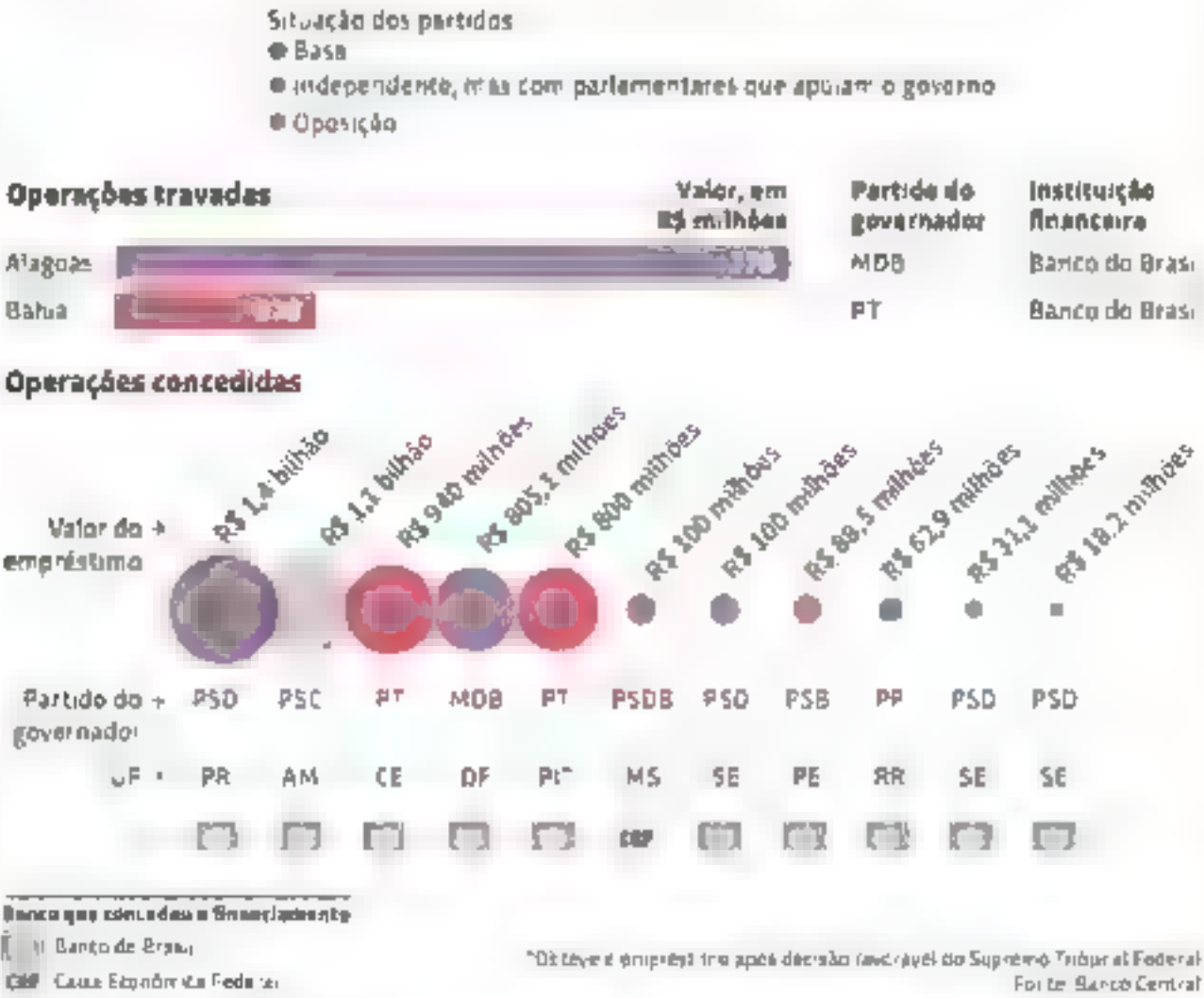
Um deles, Alagoas, recorreu ao STF para obter recursos; banco diz que segue apenas critérios técnicos

Idiana Tomazelli

BRASILIA O Banco do Brasil tem segurado a concessão de crédito para estados comandados por adversários políticos do presidente Jair Bolsonaro (PL). Um deles, Alagoas, recorreu ao STF (Supremo Tribunal Federal) para obter os recursos após o banco ter abandonado as negociações sem maiores justificativas. O estado é governado por Renan Filho (MDB). Seu pai é o senador Renan Calheiros (MDB AL), que foi relator da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) responsável por investigar erros e emissões do governo federal na pandemia. O governador também disputa protagonismo político no estado com o atual presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado do Planalto. "Não resta dúvida de que há ingerência política nas decisões de empréstimos aos estados brasileiros por parte do governo Bolsonaro. Isso é uma pena, porque as instituições são utilizadas de maneira não republicana", disse Renan Filho à Folha. A Bahia, governada por Rui Costa (PT), também enfrenta problemas para contratar uma operação com o banco. Nos bastidores, há cobrança por "tratamento econômico" entre os estados, mas o governo estadual, por meio da Secretaria de Fazenda, preferiu não se manifestar. Procurado, o Banco do Brasil —uma empresa de economia mista com ações na Bolsa— negou ingerência política na concessão de empréstimos e afirmou que segue "critérios técnicos". "Toda contratação de operações para o setor público segue estritamente as exigências legais dos órgãos reguladores, a avaliação de crédito e os interesses negociais do BB", disse. A Folha apurou, no entanto, que o vice-presidente de Governo do Banco do Brasil, Antônio Barreto, manifestou inclinação da instituição em viabilizar operações de quem tem "boa relação" com o atual governo. A assiduidade deu-se

em reunião com integrantes do Executivo no fim de 2021. Barreto, que assumiu o cargo em maio do ano passado, já transitou por postos-chave na Esplanada dos Ministérios, foi secretário-ex-utivado do Ministério da Cidadania e também atuou em áreas da Casa Civil no período em que essas pastas foram chefiadas por Onyx Lorenzoni. Antes, Barreto foi assessor de Gilberto Kassab, atual presidente do PSD, quando este era ministro de Ciência e Tecnologia no governo Michel Temer (MDB). A Folha questionou o executivo, por meio da assessoria do BB, mas não houve resposta sobre esses relatos. Em 2021, o BB concedeu R\$ 5,3 bilhões em créditos para estados. Dois terços desse valor foram para governos aliados ou de partidos que têm nos quadros apoiadores da atual gestão federal. Entre as legendas beneficiadas estão PP, que integra a base do governo, além de PSD, MDB e PSDB, que se declaram independentes, mas têm congressistas que dão sustentação a Bolsonaro em votações no Congresso. Algumas das siglas inclusive têm deputados que atuam como vice-líderes do governo na Câmara, como Joaquim Passarinho (PSD PA) e Lucio Mosquini (MDB RJ). Até dezembro do ano passado, o MDB —que obriga o governador alagoano— também ocupava a liderança do governo no Senado, com Fernando Bezerra (PE). As duas únicas operações com estados governados pelo PT beneficiaram Ceará, de Camilo Santana, e Piauí, de Wellington Dias. Os créditos somaram R\$ 1,1 bilhão. Segundo fontes do governo, embora os contratos tenham sido assinados, houve reclamações pelo fato de o BB contemplar a oposição. No caso do Ceará, quando o Tesouro Nacional estava prestes a assinar o contrato de garantia pelo qual a União se coloca como fiadora em caso de inadimplência—, o órgão litigado ao Ministério da Economia recebeu um telefonema

Banco do Brasil trava empréstimos a estados de oposição a Bolsonaro



E-mails em que Banco do Brasil apresenta a Alagoas proposta com condições para empréstimo de R\$ 770 milhões e, meses depois, desiste de operação sem especificar motivo

de representante do banco. O pedido, segundo um integrante da equipe econômica, era que o órgão aguardasse a realização de uma cerimônia de divulgação da operação. O movimento foi interpretado como tentativa de segurar o empréstimo. Os técnicos ignoraram o pedido e deram seguimento à operação. Procurado, o BB negou que tenha feito tal intervenção e afirmou que solenidades só ocorrem no momento da assinatura do contrato com o próprio ente beneficiado. Já no caso do Piauí, a autorização do empréstimo desagradoou a Ciro Nogueira (PP-PI), que é adversário político de Dias no estado. A operação do Piauí foi firmada em 3 de agosto de 2021. Segundo relatos à reportagem, o então senador, que fazia a defesa do governo na CPI da Covid-19, reclamou de ver o oponente contemplado, com aval da União. Na mesma época, ele foi indicado por Bolsonaro para chefiar a Casa Civil. A pasta não havia se manifestado até a publicação deste texto. No dia seguinte, uma portaria do Ministério da Economia suspendeu as notas de classificação de risco dos estados, para discutir sua metodologia em consulta pública. A medida na prática travou a emissão de garantia, levando o Piauí a acionar o STF para liminar assegurou a conclusão da operação. Os empréstimos concedidos pelos bancos públicos a estados e municípios precisam respeitar limites estipulados para essas operações no ano. Caso a União seja fiadora, também há custos máximos com juros e encargos. Embora o Tesouro analize nos bastidores que cabe ao órgão apenas verificar se o

estado tem condições financeiras ou não de assumir um novo empréstimo, integrantes da equipe econômica relatam, sob condições de anonimato, que há pressão política. Alagoas decidiu processar o Banco do Brasil por desistir do negócio após meses de tratativas e a aprovação de uma lei, em julho de 2021, autorizando o crédito. O governo alagoano solicitou R\$ 770 milhões para investimentos em infraestrutura. O estado é classificado com nota B pelo Tesouro Nacional, o que o coloca como bom pagador. A escala é de A a D, e apenas notas A e B podem receber o aval. Piauí e Ceará, por exemplo, também são nota B. O secretário estadual de Fazenda de Alagoas, George Santoro, afirmou à Folha que as negociações com o BB já estavam em fase avançada quando, em setembro, a instituição avisou que não prosseguiria. "É uma coisa que nunca tinha acontecido nos meus 30 anos na área financeira. E o banco estatal não se interessar por uma operação que ele já tinha ofertado, com garantia da União e com estado que tem contas em dia", disse Santoro. Ele cobra explicações técnicas para a desistência. A Bahia, por sua vez, solicitou um crédito de R\$ 228 milhões para infraestrutura. O estado também tem nota B na classificação do Tesouro, mas até agora não foi atendido. O Banco do Brasil disse que segue aspectos técnicos e destacou o relacionamento que possui com os estados citados em outras operações de crédito ou processamento de folha de servidores. "Existe proposta de novo empréstimo [à Bahia], que está em análise, obedecendo aos mesmos critérios técnicos adotados pelo BB para os demais estados", disse. "Quanto a Alagoas, o assunto está judicializado e o BB irá se manifestar nos autos no momento oportuno", afirmou o banco. Nos bastidores, o banco tem alegado que o custo máximo estipulado pelo Tesouro nos empréstimos em que a União é fiadora está abaixo do adequado. Como a União garante o pagamento em caso de inadimplência, o risco é praticamente zero, e o Tesouro fixa um teto de remuneração aos bancos. Entre setembro e novembro, essa taxa ficou de 120,7% do CDI (Certificado de Depósito Interbancário, uma aplicação com rendimento próximo à Selic) para o prazo de dez anos. Nesse período, o BB declinou da operação com Alagoas, mas aceitou emprestar, com garantia da União, R\$ 300 milhões a Chapecó (SC) a uma taxa nominal de 114,5% do CDI. Chapecó é governada por João Rodrigues (PSD), que é aliado de Bolsonaro. A cidade já foi palco de uma das motocratas do presidente.



Apartamento Duplex com 196 m²
Sua casa de 214 m²
em área nobre, edificada sobre infraestrutura com segurança das guardas,
de concreto armado, de acabamento em laje e piso de cerâmica, com 2
suítes, 2 banheiros, 2 cozinhas e 2 salas.

Valor: R\$ 1.470.700,00

Contato: 33.02.1140096

Deixe o seu contato aqui e vamos te ligar logo!


Barracão

Barração edificada sobre 6 lares de terreno com 350 m² cada um, localizado da frente para a Rodovia SP-346, englobando o terreno de Oliveira Borges e a 6 mts do centro da cidade.

R\$ 1.918.348,02 R\$ 1.850.948,01

Lanço 22/02 - 09:00hs

Jurisd: Teres. Civ. Regem José Fernandes Coutinho
 1ª Vara Civil de Espírito Santo do Pinhal/SP



[illegible]

Apartamento Cobertura com 115 m²
 Localização:
 Imovel à Edifício Residencial, situado no Parque da Liberdade, com acesso ao Centro de Convenções, Shopping e ao Aeroporto de São Paulo.
 Valor: R\$ 1.200.000,00

Complexo Industrial e Frigorífico

Complexo frigorífico de pescados denominado Piscicultura ppy, com 3609 m² de construção e área total de 1156 hectares. Com posto por área rural, terreno para construção e equipamentos.

Valorização: R\$ 13.612.701,79 - R\$ 12.767.621,07

1ª Leilão 24/03 - 14:00hs
2ª Leilão 18/04 - 14:00hs

1224/2014, Dr. Rafael Almeida, Marjorie de Souza
2ª Vara Civil de 1ª Inst. do Rio de Janeiro

[illegible]

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os efeitos da implementação da Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011) no Brasil, com foco na transparência ativa e passiva. A metodologia utilizada é a análise documental e de dados, baseada em fontes oficiais e acadêmicas. Os resultados indicam que a Lei trouxe avanços significativos na transparência, especialmente na divulgação de informações sobre gastos públicos e processos administrativos. No entanto, persistem desafios relacionados à qualidade e à abrangência das informações disponibilizadas, bem como à capacitação dos servidores públicos para lidar com a demanda por acesso à informação.

Anos nem tão gloriosos assim

Muito do crescimento dos 30 anos gloriosos foi recuperação dos anos desastrosos

Samuel Pessoa

Investigador da Instituto Brasileiro de Economia (IBGE) e da Julius Baer Family Office (JBO). É doutor em economia pela USP.

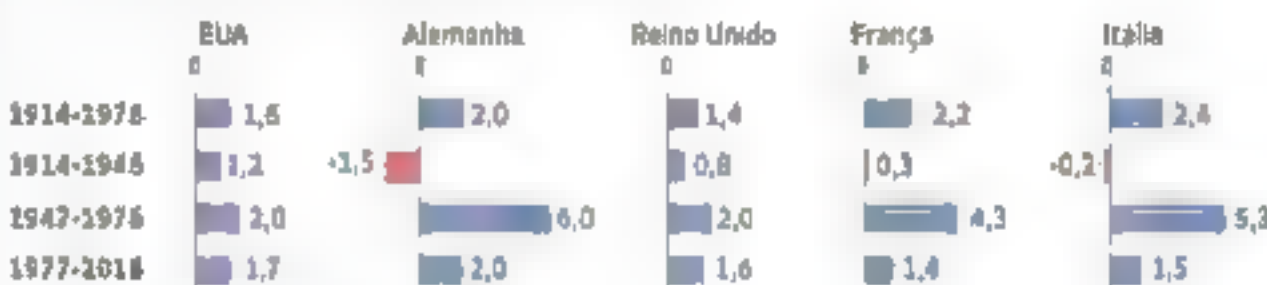
É comum acreditar que os 30 anos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e meados da década de 1970 tenham sido "gloriosos". O motivo é claro. A taxa de crescimento, principalmente dos países europeus, foi muito alta. Adicionalmente, foi um período de grande desenvolvimento do Estado de bem-estar e de avanços na área social.

O que muitas vezes se esquece é que os 30 anos que antecederam as anos gloriosos foram desastrosos. Duas guerras mundiais, com uma Grande Depressão entre elas.

Assim, muito do crescimento dos 30 anos gloriosos foi recuperação dos anos desastrosos, principalmente na Europa. Processo que os estatísticos chamam de reversão à média.

Reversão à média

Taxa de crescimento do PIB per capita anualizada



PIB per capita relativo aos EUA



For the Madison Project

ppm Samuel Pessoa | seg. Marcia Dessen, Ronaldo Lemes | ter. Michael Franca, Cecília Machado | qua. Helo Beltrão | qui. Cida Bento, Solange Siqueira | sex. Nelson Barbosa | sab. Marcos Mendes, Rodrigo Zeldin

5G chegará custando ao menos R\$ 250/mês

Internet megarrápida só estará disponível em 2023 e, desta vez, dependerá de empresas para se massificar e baratear

Julio Witzlack

BRASÍLIA Os brasileiros só terão o 5G puro, o chamado stand-alone, a partir de julho do próximo ano, começando pelas capitais. Na estimativa de operadores, os planos custarão mais do que o 4G. Devem partir de R\$ 150 por mês para faturas pós-pagas com restrição de uso de dados e seguir preços internacionais, até que ganhem escala.

A diferença é que desta vez, caberá às empresas o papel de expandir o consumo do 5G, segundo executivos da Claro e da Vivo. O agronegócio e a indústria, que já se organizam para adotar a nova tecnologia, devem puxar a fila.

Devido ao baixo tempo de resposta entre o aparelho e as antenas (a chamada latência) e às altas velocidades na rede stand-alone, que será construída exclusivamente para o 5G, indústrias poderão se automatizar e adotar novas soluções de logística e transporte

Agricultores poderão ter aplicativos que, a partir de sensores no solo, dirão quais áreas cultivadas precisam de adubo ou água, o que aumentará a produtividade

Drones permitirão estimar a produção por meio de imagens da lavoura, garantindo previsibilidade para a safra e antecipando a formação de preços no mercado.

Não por outro motivo, TIM, Claro e Vivo adquiriram em 2021 frequências de 26 GHz (gigahertz) para fazer testes com serviços voltados ao agronegócio, principalmente no

Centro-Oeste, e indústrias, nas regiões metropolitanas.

Frequências são avenidas por onde as teles fazem trafegar seus bits. Fora delas ocorrem interferências.

Além das três grandes do setor (Vivo, Claro e TIM) outros grupos locais arremataram frequências. Muitos planejam servir peque-

nos provedores locais e empresas regionais, de soluções de automação industrial em suas áreas de abrangência.

Para isso, terão de construir redes novas. TIM, Vivo e Claro estão a investir mais de R\$ 150 bilhões na construção de suas redes 5G nos próximos oito anos. Outros R\$ 40 bilhões em investimentos em

4G são impostos pela Anatel (agência reguladora).

A expectativa das teles é chegar a 500 milhões de acessos em três anos entre pessoas físicas e jurídicas.

Aíé lá, planejam migrar quem hoje usa a tecnologia 4G para o chamado 5G DSS, um serviço que utiliza as frequências atuais do 4G para

As quatro primeiras linhas da tabela apresentam a taxa de crescimento por ano do produto por habitante para os EUA, a Alemanha, o Reino Unido, a França e a Itália, para quatro períodos, entre 1914 e 1976, 1914 e 1946, 1947 e 1976 e 1977 e 2028. As informações foram obtidas na base de dados de Maddison (2014, 78 e 80).

Fica evidente que as taxas mais elevadas de crescimento nas 30 anos gloriosas compensam as taxas bem mais baixas para os 33 anos anteriores. Por exemplo, a Alemanha cresceu 6% ao ano nas 30 anos gloriosas. Esse crescimento espantoso lhe comprou o recuo de 1,5% ao ano por 33 anos anteriores.

Se olharmos o período todo, o crescimento de 2% ao ano é igual ao ocorrido na Alemanha ao longo da era neoliberal, de 1977 até 2018. Argumentos equivalentes, com variações, vêm camuflando os demais países.

França e Itália, que foram um pouco mais refratários do que a Alemanha em reformas de liberalização dos mercados, cresceram um pouco menos na era neoliberal. Evidentemente tudo

se pode afirmar com relação ao bem-estar social. É perfeitamente possível imaginarmos que o menor crescimento foi a preço justo a pagar por uma maior oferta de seguro social.

Nas quatro linhas da parte inferior da tabela está representada, para cada um dos países europeus e para o uni-bloc de cada um dos períodos, o produto por habitante relativo ao mesmo indicador da economia americana, que representa a fronteira tecnológica mundial.

Se lembrarmos que o período de transição entre o fim dos 30 anos gloriosos e a era neoliberal foi de estagnação da produtividade com aceleração inflacionária, entendem-se as motivações de as democracias escolherem políticas de liberalização dos mercados.

Parece que há demanda social para que o pendulo se volte para preocupações maiores com equidade e seguros publicos. Anos de prova da desigualdade nos países centrais possivelmente gerarão pressão politica para aumento da carga tributária e dos seguros sociais. A ver.

Convocação para ato processual de Paulo Moura, no dia 12 de agosto de 2022 às 13h15 no Tribunal de Justiça do Ceará em sala de audiências 13

O Tribunal de Justiça do Ceará, em conformidade com o que tem sido presteado desagraviadamente para este ato, no dia 12 de agosto com o ato, convocar Paulo Moura, número de documento de identidade nacional 220.558.2425, para ato processual no Tribunal de Justiça do Ceará em sala de audiências 13, Doreluzi Nery 1450, Copacabana, no dia 5 de agosto de 2022 às 13h15.

O Conselho do último acórdão conhecido de Pierre Mavraj à Westminster 125, 1632. Consueta de J. Segard as informações disponíveis. Pierre Mavraj vai ao Rio de Janeiro no dia 4 de novembro de 2014 e é considerado desaparecido no Brasil.

O Tribunal da cidade de Copenhague indica a qualquer um que tenha informações sobre ele ou sobre o caso que informe o Tribunal de Copenhague a mais tarde possível e antes de sua decisão no tribunal. O contato pode ser feito através do e-mail sektor2@domstolten.dk ou pelo correio eletrônico de: Kædetorvets 2. etage, Copenhagen K, 1450 København K, Dinamarca. Informações de contato no processo de tribunal: 33-36785 / 33-36786 / 33-36787 / 33-36788 / 33-36789 / 33-36790 / 33-36791 / 33-36792 / 33-36793 / 33-36794 / 33-36795 / 33-36796 / 33-36797 / 33-36798 / 33-36799 / 33-36800 / 33-36801 / 33-36802 / 33-36803 / 33-36804 / 33-36805 / 33-36806 / 33-36807 / 33-36808 / 33-36809 / 33-36810 / 33-36811 / 33-36812 / 33-36813 / 33-36814 / 33-36815 / 33-36816 / 33-36817 / 33-36818 / 33-36819 / 33-36820 / 33-36821 / 33-36822 / 33-36823 / 33-36824 / 33-36825 / 33-36826 / 33-36827 / 33-36828 / 33-36829 / 33-36830 / 33-36831 / 33-36832 / 33-36833 / 33-36834 / 33-36835 / 33-36836 / 33-36837 / 33-36838 / 33-36839 / 33-36840 / 33-36841 / 33-36842 / 33-36843 / 33-36844 / 33-36845 / 33-36846 / 33-36847 / 33-36848 / 33-36849 / 33-36850 / 33-36851 / 33-36852 / 33-36853 / 33-36854 / 33-36855 / 33-36856 / 33-36857 / 33-36858 / 33-36859 / 33-36860 / 33-36861 / 33-36862 / 33-36863 / 33-36864 / 33-36865 / 33-36866 / 33-36867 / 33-36868 / 33-36869 / 33-36870 / 33-36871 / 33-36872 / 33-36873 / 33-36874 / 33-36875 / 33-36876 / 33-36877 / 33-36878 / 33-36879 / 33-36880 / 33-36881 / 33-36882 / 33-36883 / 33-36884 / 33-36885 / 33-36886 / 33-36887 / 33-36888 / 33-36889 / 33-36890 / 33-36891 / 33-36892 / 33-36893 / 33-36894 / 33-36895 / 33-36896 / 33-36897 / 33-36898 / 33-36899 / 33-36900 / 33-36901 / 33-36902 / 33-36903 / 33-36904 / 33-36905 / 33-36906 / 33-36907 / 33-36908 / 33-36909 / 33-36910 / 33-36911 / 33-36912 / 33-36913 / 33-36914 / 33-36915 / 33-36916 / 33-36917 / 33-36918 / 33-36919 / 33-36920 / 33-36921 / 33-36922 / 33-36923 / 33-36924 / 33-36925 / 33-36926 / 33-36927 / 33-36928 / 33-36929 / 33-36930 / 33-36931 / 33-36932 / 33-36933 / 33-36934 / 33-36935 / 33-36936 / 33-36937 / 33-36938 / 33-36939 / 33-36940 / 33-36941 / 33-36942 / 33-36943 / 33-36944 / 33-36945 / 33-36946 / 33-36947 / 33-36948 / 33-36949 / 33-36950 / 33-36951 / 33-36952 / 33-36953 / 33-36954 / 33-36955 / 33-36956 / 33-36957 / 33-36958 / 33-36959 / 33-36960 / 33-36961 / 33-36962 / 33-36963 / 33-36964 / 33-36965 / 33-36966 / 33-36967 / 33-36968 / 33-36969 / 33-36970 / 33-36971 / 33-36972 / 33-36973 / 33-36974 / 33-36975 / 33-36976 / 33-36977 / 33-36978 / 33-36979 / 33-36980 / 33-36981 / 33-36982 / 33-36983 / 33-36984 / 33-36985 / 33-36986 / 33-36987 / 33-36988 / 33-36989 / 33-36990 / 33-36991 / 33-36992 / 33-36993 / 33-36994 / 33-36995 / 33-36996 / 33-36997 / 33-36998 / 33-36999 / 33-37000 / 33-37001 / 33-37002 / 33-37003 / 33-37004 / 33-37005 / 33-37006 / 33-37007 / 33-37008 / 33-37009 / 33-37010 / 33-37011 / 33-37012 / 33-37013 / 33-37014 / 33-37015 / 33-37016 / 33-37017 / 33-37018 / 33-37019 / 33-37020 / 33-37021 / 33-37022 / 33-37023 / 33-37024 / 33-37025 / 33-37026 / 33-37027 / 33-37028 / 33-37029 / 33-37030 / 33-37031 / 33-37032 / 33-37033 / 33-37034 / 33-37035 / 33-37036 / 33-37037 / 33-37038 / 33-37039 / 33-37040 / 33-37041 / 33-37042 / 33-37043 / 33-37044 / 33-37045 / 33-37046 / 33-37047 / 33-37048 / 33-37049 / 33-37050 / 33-37051 / 33-37052 / 33-37053 / 33-37054 / 33-37055 / 33-37056 / 33-37057 / 33-37058 / 33-37059 / 33-37060 / 33-37061 / 33-37062 / 33-37063 / 33-37064 / 33-37065 / 33-37066 / 33-37067 / 33-37068 / 33-37069 / 33-37070 / 33-37071 / 33-37072 / 33-37073 / 33-37074 / 33-37075 / 33-37076 / 33-37077 / 33-37078 / 33-37079 / 33-37080 / 33-37081 / 33-37082 / 33-37083 / 33-37084 / 33-37085 / 33-37086 / 33-37087 / 33-37088 / 33-37089 / 33-37090 / 33-37091 / 33-37092 / 33-37093 / 33-37094 / 33-37095 / 33-37096 / 33-37097 / 33-37098 / 33-37099 / 33-37100 / 33-37101 / 33-37102 / 33-37103 / 33-37104 / 33-37105 / 33-37106 / 33-37107 / 33-37108 / 33-37109 / 33-37110 / 33-37111 / 33-37112 / 33-37113 / 33-37114 / 33-37115 / 33-37116 / 33-37117 / 33-37118 / 33-37119 / 33-37120 / 33-37121 / 33-37122 / 33-37123 / 33-37124 / 33-37125 / 33-37126 / 33-37127 / 33-37128 / 33-37129 / 33-37130 / 33-37131 / 33-37132 / 33-37133 / 33-37134 / 33-37135 / 33-37136 / 33-37137 / 33-37138 / 33-37139 / 33-37140 / 33-37141 / 33-37142 / 33-37143 / 33-37144 / 33-37145 / 33-37146 / 33-37147 / 33-37148 / 33-37149 / 33-37150 / 33-37151 / 33-37152 / 33-37153 / 33-37154 / 33-37155 / 33-37156 / 33-37157 / 33-37158 / 33-37159 / 33-37160 / 33-37161 / 33-37162 / 33-37163 / 33-37164 / 33-37165 / 33-37166 / 33-37167 / 33-37168 / 33-37169 / 33-37170 / 33-37171 / 33-37172 / 33-37173 / 33-37174 / 33-37

[illegible][illegible][illegible]

esg

Bancos de desenvolvimento adotam critérios ESG para liberar crédito

Instituições de fomento reforçam agenda ambiental e social com incentivos a projetos verdes

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A transição para uma economia verde tem ganhado apoio do mundo corporativo, mas a questão do financiamento permanece um desafio. Para alguns setores, descarbonizar operações pode significar a completa reestruturação das cadeias de valor — o que demanda investimentos nada triviais.

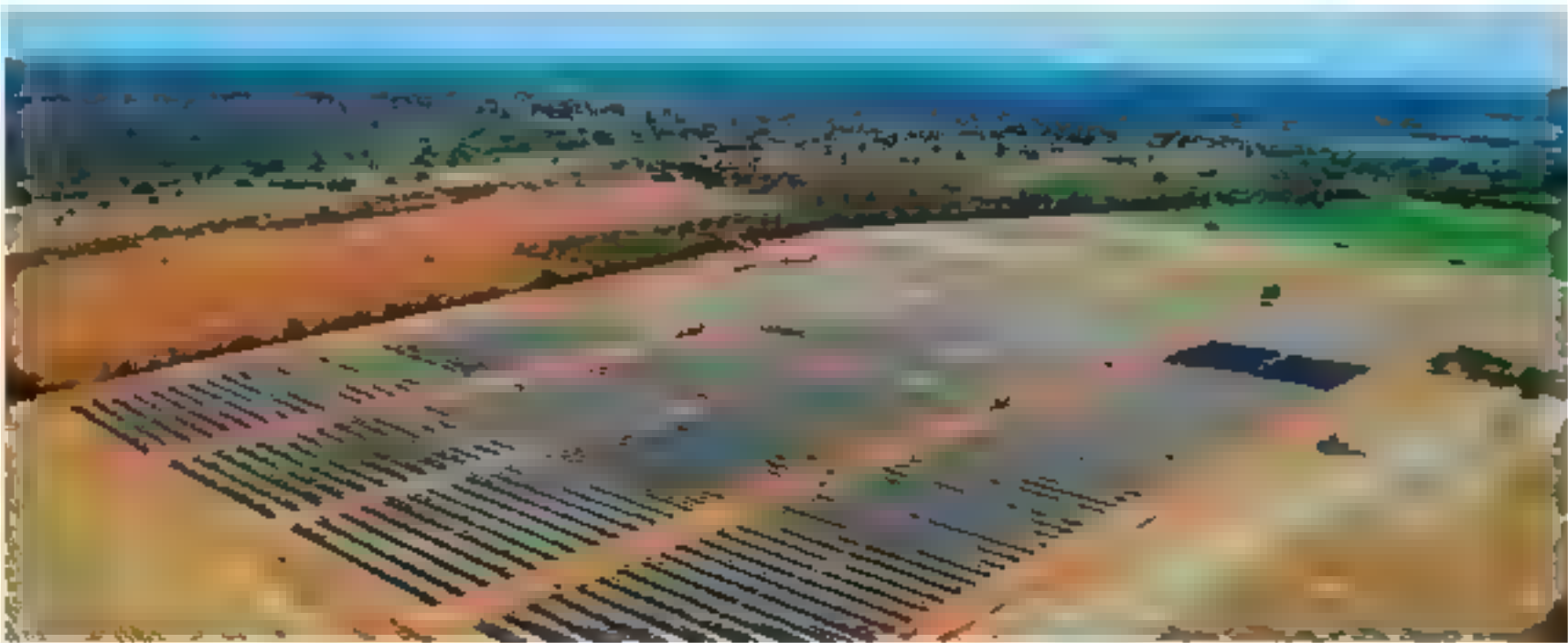
A necessidade de mobilizar recursos para projetos complexos joga luz sobre a atuação dos grandes financiadores de longo prazo no Brasil: os bancos de desenvolvimento.

Essas instituições têm reforçado suas agendas sustentáveis, ampliando incentivos para iniciativas de impacto socioambiental e vinculando o crédito a critérios ESG (ambiental, social e governança, na sigla em inglês).

Um dos bancos que vêm buscando protagonismo é o BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais).

Mais de 60% dos financiamentos feitos pela instituição em 2021 foram vinculados a algum dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Os recursos destinados a projetos de energias renováveis, por exemplo, chegaram a R\$ 169 milhões.

A transição energética está entre os focos. Em 2019, o banco captou 100 milhões de euros (R\$ 627 milhões) para aplicações na área, por meio de uma parceria com o Banco Europeu de Investimento. Até o momento, 39 iniciativas já foram financiadas, o que



Usina fotovoltaica financiada pelo BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais) na cidade de Manga (MG) — divulgação

inclui 25 projetos de energia solar, três centrais hidrelétricas e um projeto de iluminação pública em Minas Gerais.

Recentemente, o BDMG deu outro passo na transição para um portfólio de investimentos mais verde. Durante a COP26, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas, o banco firmou um compromisso de não financiar projetos que envolvam extração, comercialização e transporte de combustíveis fósseis a partir de 2023.

“É preciso ter um novo tipo de produção, e entendemos que é nosso mandato, como instituições financeiras de desenvolvimento, promover isso”, afirma Sérgio Gusmão Suchodolski. Até meados de janeiro, ele foi presidente do BDMG e da ANDE (Associação Brasileira de Desenvolvimento), que reúne bancos de de-

seenvolvimento, agências de fomento e cooperativas.

Segundo Suchodolski, a organização tem estimulado a transição nas carteiras de investimentos dos associados que, juntos, detêm quase 73% do crédito de longo prazo para as empresas no Brasil e 45% do crédito total.

O ex-presidente da ABDE entende que a contribuição dos bancos de desenvolvimento à agenda ESG é múltipla. Além de incentivar iniciativas de impacto positivo — por meio de linhas de crédito com juros menores e prazos maiores —, também atuam como estruturadores de projetos e como instituições de conhecimento e capacitação.

O papel multifacetado dessas instituições frente ao tema também é apontado por Bruno Aranha, diretor de crédito

produtivo e socioambiental do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Na visão dele, a canalização de recursos estrangeiros é uma das principais contribuições que os bancos podem dar na transição para uma economia de baixo carbono — o que pode ser feito por meio dos “green bonds” (títulos verdes).

“Em 2017, nós fizemos uma primeira emissão de US\$ 1 bilhão (R\$ 5,5 bilhões). Esses recursos, que foram comprados por investidores internacionais, puderam ser utilizados para financiar novos parques solares e eólicos no Brasil”, diz.

Outra atribuição que Aranha vê para os bancos de desenvolvimento é a de induzir boas práticas no mercado. Ele cita o exemplo do Crédi-

to ASG, programa do BNDES que condiciona o custo do empréstimo ao desempenho sustentável de uma companhia.

“Se a empresa me der uma contrapartida não financeira, eu aceito reduzir os juros desse financiamento”, afirma. Segundo o diretor, o BNDES já tem iniciativas para estimular a sustentabilidade nos setores de madeira, metalurgia e siderurgia. Em dezembro foi a vez de a cadeia da carne entrar na lista, com a publicação de uma circular mudando as regras para liberação de recursos para abatedouros.

Agora as empresas precisam comprovar, por meio de auditoria independente, que nenhum de seus fornecedores tem condenações relacionadas a desmatamento, nem está incluído na lista de áreas embargadas do Ibama

A auditoria anual será estendida até a amortização dos contratos e vale não só para os fornecedores diretos, mas para toda a cadeia de produção.

“Eu vejo o papel dos bancos de desenvolvimento desta forma: canalizando recursos internacionais, prospectando projetos no Brasil e, através de produtos inovadores, induzindo o investimento com a geração de impacto ambiental e social”, afirma Aranha.

O engajamento das instituições de fomento com a agenda ESG é positivo, mas a pergunta a ser feita é: em que medida elas estão tratando as pautas prioritárias para o desenvolvimento sustentável do Brasil com senso de urgência?

O questionamento é feito por Vanessa Pinsky, pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo) e especialista em ESG. Na visão dela, os bancos têm mais condições de priorizar o tema, atuando inclusive em agendas pouco atrativas para a iniciativa privada.

Um exemplo seriam os projetos de adaptação climática, que demandam aportes pesados, como no caso dos portos.

Em novembro de 2021, um estudo feito pela Anaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários) mostrou que os portos brasileiros já sentem os efeitos da crise do clima. A perspectiva é que ameaças como tempestades e elevação do nível do oceano se agravem, com potenciais riscos para a economia.

“O financiamento de projetos para preparar a infraestrutura desses portos é uma agenda para ontem”, afirma.

Segundo Pinsky, a taxa de inadimplência costuma ser menor nos bancos de desenvolvimento, o que abre espaço para arriscar mais.

“É preciso considerar em que medida os bancos estão assumindo mais risco para financiar operações inovadoras e projetos que proponham soluções para problemas sociais e ambientais”, diz.

Mercado financeiro está pouco engajado com metas de sustentabilidade, mostra pesquisa

SÃO PAULO O mercado financeiro brasileiro ainda está longe de ter um perfil engajado com a sustentabilidade. Apesar da onda ESG, instituições do setor — como bancos, corretoras e gestoras de recursos — são consideradas distantes ou iniciais nessa jornada.

É o que mostra um levantamento feito pela Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) em parceria com o Datafolha e a consultoria Na Rua.

A entidade ouviu 265 empresas entre janeiro e julho de 2021. Cinco perfis de instituições foram identificados: desconfiado, distante, inicial, emergente e avançado.

Segundo a pesquisa, o perfil distante lidera o ranking, com 35% da amostra. As companhias enquadradas nessa categoria têm baixa implementação de práticas sustentáveis e uma visão simplificada sobre o tema — entendendo-o como um compromisso exclusivo com o meio ambiente.

A maioria das empresas nesse perfil são gestoras de recursos (31%), com média de R\$ 2,3 bilhões em ativos sob gestão. Além disso, metade das dis-

tribuidoras e corretoras que participaram da pesquisa foram consideradas distantes em relação à sustentabilidade.

O segundo perfil predominante foi o inicial. Quase um terço das instituições financeiras (32,1%) estão nessa categoria, que engloba empresas com iniciativas simples, como uso de lâmpadas sustentáveis e coleta seletiva de lixo.

As práticas, contudo, ficam restritas ao ambiente interno do escritório e não são consideradas na hora de fazer negócios. De acordo com o levantamento, uma parcela significativa dos bancos (40%) encontra-se nesse perfil.

Juntas, as instituições financeiras consideradas distantes ou iniciais representam 67,1% da amostra.

Para Carlos Takahashi, vice-presidente da Anbima, é possível olhar os resultados por uma perspectiva otimista, considerando que, há alguns anos, o mercado brasileiro caminhava ainda mais devagar em relação ao ESG.

“É claro que há muita coisa para acontecer ainda. Quando vemos o agrupamento dos distantes, por exemplo, ele está mais ligado a questões am-

Perfil das instituições financeiras em relação à sustentabilidade



Média de ativos sob gestão*, em R\$ bilhões



Distribuição das instituições financeiras por perfil, em %



*Ativo líquido das gestoras de recursos. Fonte: Pesquisa Anbima

bientais e tem uma visão elementar, mas já começa a ter uma sensibilidade maior em relação ao assunto”, afirma.

O mesmo vale para as instituições iniciais. “É a ideia de fazer o dever de casa. Sob o prisma de vista de princípios, é algo interessante: eu preciso terminá-las [próprias] atitudes antes de colocar no negócio”.

O levantamento também mapeou as empresas emergentes — ou seja, que estão começando a implementar práticas ESG de forma mais robusta. Elas representam 21,5% do mercado brasileiro.

O comportamento desse perfil, segundo a pesquisa, indica um processo de transição sustentável. São instituições que já entendem o tema em suas dimensões ambiental, social e de governança, mas ainda têm dificuldades em aplicar ao negócio.

Os extremos são, no entanto, na pesquisa. Apenas 6,8% das instituições financeiras são engajadas com a sustentabilidade como parte da estratégia.

Apois a aposta, o perfil desconfiado é o que possui menor presença, correspondendo a 4,2% do mercado financeiro do país. Estão nessa categoria empresas que veem a sustentabilidade com ceticismo e potencial entrave para o desenvolvimento do negócio.

Takahashi, diz não se surpreender com a existência de

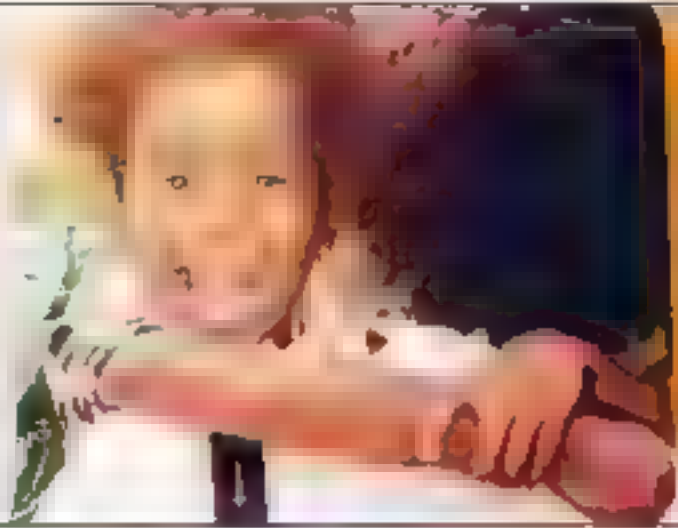
uma parcela de desconfiados. “Eu, pessoalmente, achei que o perfil desconfiado ia ter um número maior, porque muitas empresas pensam: poxa, eu incorporo os fatores ESG, mas como fica o meu dever com o investidor em entregar o retorno que ele espera?”.

Na visão dele, a perspectiva é de que a sustentabilidade cresça de forma acelerada no setor. Primeiro porque os temas socioambientais vêm ganhando relevância no mundo corporativo, mas também em função das agendas regulatórias empenhadas por entidades financeiras.

“Vemos o Banco Central bastante envolvido com o assunto, e também o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] a CVM [Comissão de Valores Mobiliários]. Temos o engajamento dos stakeholders de mercado e, na outra ponta, o investidor olhando cada vez mais para o assunto”, afirma Takahashi.

“Ainda que o Brasil não tenha a quantidade de produtos que verificamos em mercados como Europa e Estados Unidos, nem o mesmo volume de recursos indo para investimentos sustentáveis, esse fenômeno também vem acontecendo aqui. Então, sem duvida nenhuma, veremos o tema ganhar mais relevância”, afirma Thiago Bethônico.

Você não imagina quanta transformação estes números têm para contar.



mais de
150 milhões
de investimentos realizados em 2021

Transformar os espaços públicos muda a vida das pessoas. Por isso a MRV&CO investe tanto em urbanização. Quando se tem acesso a praças mais verdes e iluminadas, creches e hospitais reformados, escolas, saneamento básico e postos policiais renovados, a vida fica melhor. Afinal, o futuro que queremos precisa ser construído hoje.

MRV
O melhor jeito de viver o futuro
é construir o futuro

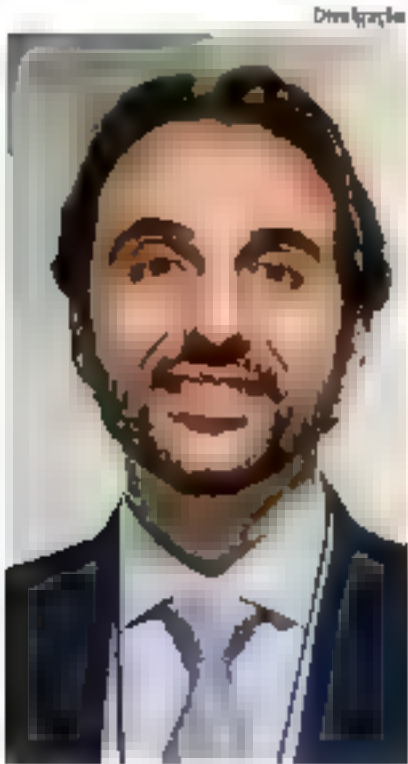
Especialistas indicam temas essenciais em ESG

Justiça climática, saúde mental e inteligência de dados são apostas sobre o que vai nortear as discussões em 2022

SÃO PAULO O ano de 2021 marcou a entrada do ESG (sigla em inglês para os princípios ambientais, sociais e de governança) no vocabulário corporativo. Entre o entusiasmo de uns e a desconfiança de outros, o ter-

mo ganhou destaque no mundo dos negócios — e deve permanecer em alta ao longo de 2022. A pedido da **Folha**, especialistas fizeram suas apostas sobre temas essenciais na pauta sustentável neste ano.

De justiça climática a saúde mental, passando por descarbonização e inteligência de dados, as análises apontam para um amadurecimento da discussão sobre ESG. Confira a lista completa.



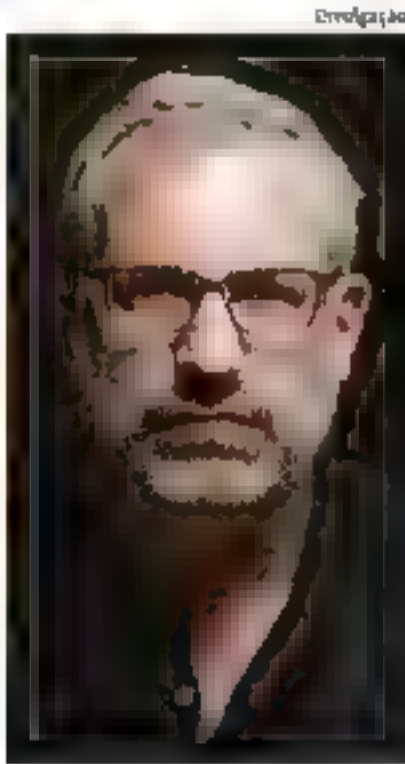
CARLO PEREIRA
diretor-executivo da Rede Brasil, do Pacto Global

DISCUSSÃO SERÁ MENOS SOBRE CARBONO E MAIS SOBRE PESSOAS E AMBIENTE
Clima é um tema que vai continuar em alta, sobre isso não há dúvidas. Mas um assunto que deve crescer é a justiça climática. Se analisarmos o papel histórico dos países em desenvolvimento, eles não contribuiram tanto para as mudanças climáticas quanto os países desenvolvidos. É desse entrelaçamento que nasce a ideia de responsabilidade comum (de todos), porém diferenciada. Observando o ranking de emissões per capita, por exemplo, vemos que mesmo a China não é um emissor de gases de efeito estufa tão importante assim. Em 2020, ela ficou na 39ª posição (segundo levantamento da Statista) — sendo que em emissões absolutas, o país está em primeiro lugar. Então é a citação chines que tem de emitir menos ou o europeu que precisa emitir muito menos e perder o seu conforto? Dentro dessa discussão, há também a questão dos efeitos climáticos. Alguns países, a estão sofrendo muito por um problema que não foi provocado por eles — a justiça climática é um assunto complexo. Em 2022 nós vamos falar menos de mitigação e mais sobre pessoas e meio ambiente.



VANESSA PINSKY
pesquisadora da USP e especialista em ESG

SAÚDE MENTAL VAI SER UM DOS MAIORES DESAFIOS PARA AS EMPRESAS
O pilar social da agenda ESG será o grande desafio das empresas em 2022, em especial a parte de gestão de pessoas, com os temas de bem-estar e saúde mental. Essa foi uma das questões destacadas por Larry Fink, diretor-executivo da BlackRock, em sua mais recente carta direcionada ao mercado, na qual ele chama a atenção para os riscos na relação entre empregadores e funcionários. A saúde mental é a forma como as companhias lidam com seus funcionários são o novo paradigma do mundo do trabalho. Esse é um tema emergente e o fato de Larry Fink o ter colocado como uma das prioridades mostra o quanto central esta se tornando para o mercado de capitais. Inclusive, desde janeiro deste ano, a síndrome de burnout passou a ser classificada como um ferimento ligado ao trabalho — não mais uma condição de saúde. Por isso, empresas que não priorizarem programas de promoção e prevenção da saúde mental dos seus funcionários podem ser mais suscetíveis a problemas trabalhistas e de produtividade, com impactos financeiros para a organização.



FABIO ALPEROWITCH
fundador da Fama Investimentos, gestora de fundos com foco em ESG

EMPRESAS VÃO DESPERTAR PARA A LITIGÂNCIA CLIMÁTICA COMO UM FATOR DE RISCO
Em 2022, veremos mais casos de litigância climática ocorrendo no mundo e mais companhias com medo de serem processadas por seus impactos ambientais. Algo semelhante já aconteceu com a Shell. No ano passado, um tribunal distrital em Haia, na Holanda, decidiu a favor de ecologistas e ordenou que a petrolífera cortasse suas emissões de carbono em 45% até 2030. Contudo, o tema não deve ser tão forte no Brasil. A Justiça brasileira ainda não tem capacidade para atuar frente a esse tipo de processo climático — o que não significa dizer que o país não será impactado por eventuais desdobramentos. Hipoteticamente, um produtor rural estral grão que teve sua produção afetada pela falta de chuvas pode acionar a um tribunal internacional para processar o governo brasileiro pelo desmatamento na Amazônia. Acredito que ainda não veremos pessoas processando empresas. Mas pode ser o caso de governos, instituições e ONGs começarem a fazer isso.



NELMAR ARBEX
líder de ESG da consultoria KPMG

INTELIGÊNCIA DE DADOS ESG SERÁ FUNDAMENTAL PARA A ESTRATÉGIA DOS NEGÓCIOS
Os aspectos ambientais, social e de governança têm cada vez mais impacto sobre o sucesso ou não de um negócio. O que engloba sua capacidade de acessar capital, definir riscos reputacionais, atrair talentos e ganhar competitividade. Por ser um assunto imprescindível, executivos e conselheiros vão demandar dados ESG de suas companhias para tomar decisões estratégicas. Tais informações precisam ter qualidade e, para isso, vão exigir arquitetura inteligente para coleta de dados, gestão qualificada e sistemas auditáveis. O chamado ESG Data Intelligence será um dos temas mais críticos para a elevação da agenda no nível estratégico dos negócios. Em 2022, o tema estará definitivamente no topo da lista das lideranças.



MARIANA DITICICA
chefe da área de ESG e investimento de impacto do BTG Pactual

DESCARBONIZAÇÃO VAI ABRIR NOVAS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS
Com o Acordo de Paris e a COP26, diversas empresas assumiram compromissos relacionados à redução de gases de efeito estufa. Por isso, em 2022, muitas oportunidades de negócios estarão ligadas a esse tema. Para cumprir com as metas firmadas, as companhias precisarão fazer investimentos. A estimativa é que, só neste ano, mais de US\$ 2,5 trilhões (R\$ 13,5 trilhões) sejam investidos em descarbonização — valor que, em 2021, ficou próximo de US\$ 1 trilhão (R\$ 5,4 trilhões). Ou seja, tudo indica que o assunto vai ganhar ainda mais tração. A descarbonização envolve o uso de tecnologias, que vão desde a mitigação dos impactos ambientais até a maior eficiência energética. Sendo assim, o tema abrirá oportunidades de mercado em 2022, tanto para as tecnologias que já estão maduras — e que vão poder ser comercializadas em larga escala — quanto para as startups que estão apostando em novas ferramentas e estratégias.



MAURÍCIO COLOMBARI
sócio da empresa de consultoria e auditoria PwC

METAS ESG ESTARÃO SOB MAIOR ESCRUTÍNIO
Para evitar o greenwashing (a propaganda enganosa verde) é esperado que as organizações que assumiram compromissos socioambientais detalhem o plano de trabalho para atingi-los, incluindo pessoas responsáveis, metas intermediárias e ações medidas. Embora os temas ESG tenham ganhado importância na agenda dos executivos, pesquisas feitas pela PwC indicam que a pauta ainda é vista como algo de longo prazo — e muitas vezes colocada em segundo plano. Além disso, na maioria das vezes, as metas estabelecidas não estão relacionadas à estratégia ou comparação, tampouco vinculadas ao plano de remuneração dos executivos. Diante desse cenário, as promessas corporativas estarão sob maior escrutínio e as empresas serão pressionadas a divulgar como vão cumprir com seus compromissos.

Transição energética rumo à descarbonização tem que ser justa

OPINIÃO

Rodrigo Tavares

Fundador e presidente do Grantham Group, professor de Sustainable Finance na Nova School of Business and Economics, New York University Global Leader pelo Fórum Econômico Mundial em 2017

Em 2021, Portugal, Coreia do Sul, Costa Rica, Colômbia, França e Brasil terão eleições. Em todos esses sufrágios, seja por conveniência ou por convicção, despontará o tema da transição energética — a passagem de uma matriz energética focada nos combustíveis fósseis para uma de baixo carbono, baseada em fontes renováveis.

Sem espanto, a discussão será marcada por dois grupos. No primeiro participam todos aqueles que acham que a descarbonização é o grande desafio nacional e deve ser acelerada para enfrentar as alterações climáticas, o nosso maior desafio civilizacional. A prioridade exclusiva deve ser dada a ações de mitigação e adaptação a essa crise ambiental.

Os integrantes do segundo grupo são céticos por natureza. Rejeitam qualquer responsabilidade humana, alegando que as alterações climáticas são naturais e cíclicas.

A leitura do segundo grupo é errada, enquanto a do primeiro é parcial.

O debate eleitoral e os compromissos das empresas deverão resultar, alternativamente, no objetivo da transição justa. A descarbonização do planeta e a transformação das nossas economias devem ser concretizadas tendo em consideração os efeitos laborais e sociais da transição. Ninguém pode ficar para trás.

Em um país como o Brasil, abundante em bifurcações étnicas, enclaves econômicos e monopólios regionais, a descarbonização da economia pode levar à aceleração dessas clivagens ou, se for feita de forma sistêmica e justa, à sua gradual atenuação.

A transição justa é mencionada no Acordo de Paris e está integrada ao cardápio

orçamentário da União Europeia. Na Cúpula do Clima da ONU em 2019, mais de cem países se comprometeram a apoiá-la. Mas o imperativo ainda não faz parte da narrativa das empresas ou é uma prioridade pífua a nível nacional.

Em Portugal, o programa eleitoral do Partido Socialista, atualmente no poder e colocado em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, não menciona a transição energética justa uma única vez. O enfoque está na redução das emissões de GEE (gases de efeito estufa) e no aumento do peso das energias renováveis na produção de eletricidade. Com eleições neste domingo (30), os portugueses, já puderam assistir à espantosa soma de 32 debates na TV entre os vãos líderes partidários sem que o tema das alterações climáticas fosse elevado a prioridade nacional.

No Brasil, as maiores empresas, como Petrobras, Vale ou Arbrax, já assumiram com-

promissos com a agenda do clima e com o Acordo de Paris. Mas a transição justa ainda é negligenciada.

As maiores empresas internacionais de petróleo — BP, Chevron, ExxonMobil e Shell —, que serão severamente afetadas pela transição energética, viram sua capitalização combinada encolher 40%, de US\$ 980 bilhões (R\$ 5,4 trl) para US\$ 570 bilhões (R\$ 3,1 trl) na última década.

Por outro lado, as empresas de energia que se adaptaram a uma transição justa, como Enel, Iberdrola ou a NextEra, valorizaram-se em 100% no mesmo período (dados da McKinsey). Como exemplo, a Enel defende em um manifesto disponível no seu site que a mudança de paradigma de todo o sistema energético tem que ser inclusiva.

Para que a descarbonização seja viável, políticas públicas e corporativas não podem ser só guiadas por dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e hexafluore-

to de enxofre — o quadrunvirato dos gases de efeitos de estufa. Pautas correlatas, como capacitação de mão de obra, educação, geração de emprego, inclusão social, democratização do acesso à tecnologia ou reconversão industrial devem ser igualmente priorizadas.

Se os efeitos adversos das alterações climáticas extravasam a arena ambiental, também a sustentabilidade ambiental sem inclusão social ou justiça econômica se torna insustentável. Uma visão setorial da descarbonização levará ao aumento da desigualdade social, à desesperança de trabalhadores, à queda na produtividade e a eventuais distúrbios laborais e civis. Afetará a competitividade das empresas.

Estados da OCDE, da ONU e da OIT enfatizam a viabilidade da transição justa, com um ganho econômico direto de US\$ 26 trilhões (R\$ 143,5 trl) até 2030 e um ganho líquido de 24 milhões de empre-

gos até 2030. Uma transição justa pode ser um forno de oportunidades sociais e econômicas, servindo de motor de crescimento, gerando empregos verdes decentes e reduzindo a pobreza.

No Brasil, com cada vez mais frequência veremos políticos e empresas adotar o conceito de transição justa. Mas a formulação de programas eleitorais e corporativos deve incluir a contribuição daqueles que correm o risco de ser afetados adversamente pela descarbonização.

Na década de 80, o ativista americano Benjamin Chavis cunhou o termo "racismo ambiental" para se referir também à discriminação racial na elaboração de políticas ambientais. A maioria das vítimas de Brumadinho e Mariana era negra. A maioria dos brasileiros afetados pela descarbonização poderá ser negra.

Não podemos excluir ninguém da formulação de soluções para a inclusão.

Militares na Saúde cuidaram de contrato e distribuição falha de vacina infantil

Houve dispensa de licitação e repasse de orientação equivocada; ministério não comenta



Criança indígena de 11 anos recebe dose da vacina pediátrica da Pfizer contra o coronavírus, em São Paulo. Carlos Cerdeira, 17/Jan/21/Reuters

Vinicius Sassi

BRASÍLIA Oficiais do Exército que seguem em postos estratégicos no Ministério da Saúde foram os responsáveis pela contratação da empresa sem experiência no SUS para a distribuição de vacinas pediátricas e por parte da confusão que ocorreu na distribuição das primeiras doses aos estados.

O general Ridauto Lucio Fernandes, que foi para o reservado do Exército ocupando uma patente de general de duas estrelas, precisou agir em dezembro a contratação da empresa responsável por transportar os frascos da vacina pediátrica da Pfizer.

Cabe a ele dispensar a licitação, agir com "urgência", ser o ordenador de despesa e assinar os contratos.

Já o tenente-coronel Reginaldo Ramos Machado repassou orientação aos estados que esteve no cerne de parte da confusão causada na distribuição dos primeiros lotes das vacinas infantis.

Machado, segundo relatos feitos à Folha, orientou a busca dos imunizantes diretamente nos aeroportos e afirmou que não era atribuição da empresa contratada transportar as doses até as centrais de armazenamento locais. O Ministério da Saúde não res-

pondeu aos questionamentos da reportagem.

Fernandes e Machado estão em postos-chave na gestão do ministro Marcelo Queiroga (Saúde), mesmo após a saída dos militares que comandaram a pasta nos piores momentos da pandemia da Covid.

O general Eduardo Pazuello, que foi secretário-executivo e ministro da Saúde de abril de 2020 a março de 2021, militarizou pelo menos 20 postos de natureza técnica, atendendo a uma diretoria e a um departamento do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Pazuello é investigado por suspeita de crimes na crise de oxigênio no Amazonas, quando pacientes morreram asfixiados em janeiro de 2021, foi acusado por improbidade administrativa na Justiça, por ter prejudicado o combate à pandemia com o retardamento da compra de vacinas, segundo o MPF (Ministério Público Federal), e tido cometido outros crimes, conforme a CPI da Covid no Senado.

Demitido, o general foi abrangido em cargo de confiança no Palácio do Planalto. Foi o mesmo destino de seu ex-brasão de direito no Ministério da Saúde, coronel Elcio Franco Filho, a quem cabia as negociações para compra de vacinas. Franco também teria cometido crimes na pandemia, se-

gundo o relatório final da CPI. Assado de Pazuello e a chegada de Queiroga não puseram fim à militarização do Ministério da Saúde. O general Ridauto Fernandes ganhou o cargo de diretor do DLOG (Departamento de Logística em Saúde), área por onde passam os principais contratos da pasta.

Pazuello levou Fernandes ao ministério para ser oficialmente assessor do DLOG, em janeiro de 2021, no momento em que o diretor era Roberto Ferreira Dias, um nome do centrão com força no governo Bolsonaro.

Menos de dois meses depois, Fernandes ganhou o cargo de assessor especial de Pazuello, exercendo uma influência direta nos rumos do Ministério da Saúde.

Com a demissão de Pazuello e de Dias, este último por suspeita de cobrança de propina em um mercado paralelo de negociação de vacinas, o general assessor virou diretor do DLOG, em julho de 2021. Passou a ser o responsável pelas principais contratações do ministério.

Enquanto o ministro da Saúde adotava medidas no fim do ano que postergaram o início da vacinação de crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19, Fernandes tentava viabilizar uma contratação sem licita-

ção para o transporte das doses pediátricas.

Um parecer da AGU (Advocacia-Geral da União) apontou falta de justificativa para a dispensa de licitação, disse ser temerário o prazo de até cinco anos previsto para os contratos, cobrou análise de custos de entregas anteriores, para definição dos preços, e identificou defasagem das quantidades a serem transportadas.

Mesmo assim, o general ratificou a dispensa de licitação e os mesmos termos contestados, após notas técnicas de seu departamento afirmarem que houve um cumprimento das recomendações feitas pela consultoria jurídica dentro do ministério.

Fernandes cobrou urgência em dois ofícios. Um deles foi confeccionado em 21 de dezembro. No dia seguinte, o general publicou a dispensa de licitação e assinou dois contratos com a IBL (Intermodal Brasil Logística), no valor de R\$ 62,2 milhões, para armazenamento e transporte de 100 milhões de doses da vacina da Pfizer, a uma temperatura de -90°C a -60°C.

A IBL não havia tido experiências com o transporte de vacinas no SUS.

As primeiras entregas foram marcadas por problemas como atraso de voos, fal-

R\$ 62,2
milhões

valor dos contratos
com a IBL (Intermodal
Brasil Logística) para
armazenamento e
transporte de vacinas

100 milhões
de doses

da vacina pediátrica
da Pfizer devem
ser armazenadas e
transportadas pela
empresa a uma
temperatura de
-90°C a -60°C

ta de equipes em aeroportos, desacerto sobre quem deveria transportar os imunizantes até os depósitos dos estados, condições impróprias de armazenamento e superaquecimento de doses.

Em orientação do tenente-coronel Reginaldo Machado contribuiu para a confusão. Ele é diretor do Departamento de Gestão Interfederativa e Participativa do Ministério da Saúde. O militar não chegou ao cargo pelas mãos de Pazuello, mas pelas de Nelson Teich, que não ficou nem um mês no cargo de ministro.

Machado chegou ao cargo em maio de 2020 e permaneceu. Foi ele quem, segundo relatos feitos à reportagem, orientou a busca das doses de vacinas pediátricas diretamente nos aeroportos.

A orientação do tenente-coronel contraria especificações em documentos que embasaram a contratação da IBL. Cabe à empresa assegurar o transporte às centrais de armazenamento, como indica o próprio Ministério da Saúde.

A pasta chegou a admitir um "desencontro" na distribuição das vacinas. Em nota, o ministério afirmou que superintendências da pasta e secretarias estaduais de saúde foram mobilizadas para o transporte a partir dos aeroportos e que isso "acometeu um desencontro".

A pasta ressalta que a orientação para as entregas dos imunizantes é a de praxe: a empresa contratada faz o transporte", disse o ministério.

Antes de cuidar da gestão interfederativa no Ministério da Saúde, Machado foi por seis meses, no primeiro ano do governo Bolsonaro, diretor de Obtenção de Terras e Implantação de Projetos de Assentamento do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

O Ministério da Saúde afirma que a contratação da IBL seguiu os procedimentos legais necessários e que os contratos assinados estão de acordo com o que preconiza o parecer jurídico.

A IBL ofertou o menor preço e houve análise dos custos de entregas anteriores, mas "não há preços para comparação" por se tratar de doses de vacinas a serem mantidas e transportadas entre -90°C e -60°C, segundo o ministério.

Um processo de fiscalização, ainda em análise, investiga as falhas ocorridas na entrega de vacinas pediátricas, conforme a pasta.

A IBL diz que os serviços de distribuição e acondicionamento das vacinas estão ocorrendo com altos padrões de segurança, que foram exigidos no chamamento público com dispensa de licitação.

"Estamos mantendo, durante as operações, um contingente considerável de profissionais do mais alto gabarito, a postos para garantir o atendimento de quaisquer demandas. Todas as etapas sob a nossa responsabilidade foram cumpridas com excelência, sem qualquer prejuízo ou risco à qualidade das vacinas", afirma.

Segundo a empresa, não houve comprometimento da integridade das vacinas por perda de temperatura.

Governo de SP determina que alunos mostrem comprovante de imunização contra Covid

Laura Mattos

SÃO PAULO Nova resolução da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo determina que estudantes da rede estadual apresentem comprovante de vacinação contra a Covid. As regras da retomada das aulas, que foram publicadas neste sábado (29) no Diário Oficial, preveem que alunos sem imunização não podem ser impedidos de frequentar a escola.

Mas, se a documentação

não for apresentada em até 60 dias, deverá ser feita notificação ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público e às autoridades sanitárias.

O comprovante de vacinação será exigido de alunos a partir de cinco anos, faixa contemplada pela vacinação contra a Covid. No segundo bimestre, os responsáveis legais pelos estudantes terão de apresentar o comprovante de vacina com as duas doses ou um atestado médico que contraindique a vacinação.

De acordo com a autorização da Anvisa, crianças de cinco anos podem tomar apenas a vacina da Pfizer. A partir dos 6, há, também, a liberação para o imunizante da Coronavac.

À Folha o secretário de Educação, Rossiel Soares, ressaltou que os estudantes sem imunização devem ser liberados para assistir às aulas presenciais. "Jamais proibiremos a criança de frequentar a escola. Se os pais ou responsáveis forem negacionistas, a criança não tem culpa" disse.

"Por isso estamos determinando que a carteira de vacinação da Covid-19 seja apresentada ao fim do primeiro bimestre pelos pais e responsáveis, pois, caso eles não a apresentem, devem ser responsabilizados" afirmou.

A cobertura vacinal de adolescentes de 12 a 17 anos já atingiu 89,3% no estado de São Paulo, com as duas doses. No caso das crianças de 5 a 11 anos, que começaram a ser vacinadas em janeiro deste ano, 12% estão imunizadas

✚
Gilmar envia pedido
de apuração contra
Queiroga a PCR

O pedido para que o ministro da Saúde seja investigado devido à instabilidade no sistema de dados do ministério foi feito pelo PT. Desde o ataque hacker no início de dezembro, a pasta tem tido dificuldade para atualizar números relativos à pandemia. Agora, caberá ao procurador-geral da República, Augusto Aras, afirmar se a solicitação da sigla faz sentido e se Queiroga deve ser investigado

com a primeira dose.

A nova resolução da secretaria determina também que as aulas devem ser presenciais em todas as escolas, públicas e privadas.

De acordo com o documento, somente estudantes com comorbidade para a Covid-19 que ainda não estiverem imunizados podem seguir em ensino remoto, desde que apresentem atestado médico.

A resolução mantém protocolos de segurança, como uso de álcool em gel, máscara, aferição de temperatura e higienização de ambientes e das mãos. Estudantes contaminados devem ser afastados e aqueles com quem tiveram contato, monitorados.

cotidiano



Licia Albuquerque e suas duas filhas, Giovanna, 5, e Liz, 1; a mãe está em dúvida se deve levar as crianças para a escola devido à alta de infecções de Covid. Ricardo Borges/Reduz Press

Pais e escolas se preparam para volta às aulas presenciais

Explosão de casos de Covid assusta famílias, mas retorno é também festejado

Isabella Menon e Isabela Palhares

SÃO PAULO Em meio ao avanço da variante omicron na Brasil, o retorno às aulas presenciais gera preocupações. Por um lado, os pais relatam medo da infecção. Ao mesmo tempo, reconhecem que o isolamento prejudicou o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Para a maioria, não há alternativa se não mandar os filhos para a escola, já que os pais trabalham de forma presencial. É o que acontece com Inaci Alexandre de Almeida, 38, que trabalha em uma fábrica de roupas e mora na Brásima da zona norte de São Paulo. "Tenho medo, mas preciso mandar porque não tenho outra saída. Entregamos aos filhos de Deus", diz ela, que e mãe do Hugo, 9, e Manella, 1. O mais velho, que estuda na rede pública, já tomou a primeira dose da vacina contra a Covid e retorna para a escola na semana que vem, enquanto a caçula passa o dia na creche. A sexual adulta Licia Albuquerque, 43, tem duas filhas, Giovanna, 5, e Liz, 1, e vive com a família em Duque de Caxias RJ. O início das aulas da mais velha, na rede privada,

está previsto para 7 de fevereiro. Mas os pais ainda não sabem se vão levá-la logo no início ou esperar alguns dias após receber a primeira dose. Giovanna, 5, a mãe adora ir para a escola e ficou animada quando soube do retorno às aulas presenciais. No período de isolamento, ela precisou de terapia. Na hora de tomar uma decisão, a falta de o colega faz a filha, no entanto, se mistura ao medo da doença. "A gente sabe que o número de crianças graves e pequenas, mas mãe não precisa de vários casos para ficar com medo, basta um", diz Albuquerque. Já a bróxima Kelly Montanari, 38, mãe de Pietra, 10, e Sarah, 5. As duas retornaram às aulas esta semana, também da rede privada, em São Paulo. Como a caçula tem síndrome de Down e o primário mais sensível, ficou dois anos afastada das aulas presenciais. A mãe afirma que está tranquila com a ida das meninas ao colégio e conta que assim como ela, tanto os pais dos outros alunos quanto a escola seguem os protocolos de segurança. Apesar de o isolamento ter resguardado as filhas do vírus, elas sofreram consequên-

cias. "A Sarah regressou no desenvolvimento da fala e a parte emocional da Pietra ficou muito abalada", relata a mãe. Com o retorno às aulas, no entanto, ela afirma que a nota melhora no desenvolvimento. Para Renato Kfour, pediatra e diretor da Sibim (Sociedade Brasileira de Imunizações), apesar da alta de casos, falta das aulas presenciais traz um risco bem maior ao desenvolvimento dos pequenos. Kfour descarta ainda o raciocínio de alguns pais que pensam em esperar 15 dias após o filho ser vacinado com a segunda dose da vacina para então ir à escola. "É bobagem. Se a criança receber a vacina da Pfizer [com intervalo maior entre as doses], vai retornar só e mais rápido. Não faz sentido". A fala do médico vai ao encontro da visão da Opa (Organização Pan-Americana da Saúde). A entidade refuta a ideia de que seja necessária uma alta taxa de vacinação contra a Covid-19 entre as crianças para o retorno às aulas. De acordo com levantamento da Unesco em 23 de janeiro, a maioria dos países do mundo estão com as escolas abertas. Até 1 de janeiro, 135 estão com aulas presenciais. A organização

destaca que países como Canadá, França, Reino Unido e Itália implementaram testes rápidos em massa nas escolas. No Brasil, não existe uma política de testagem semelhante. Quanto à vacinação, as escolas têm se organizado para realizar um mapeamento, perguntando se os alunos se vacinaram contra a Covid-19. Entretanto, apenas seis estados anunciaram que vão solicitar o cartão de vacinação aos estudantes para checar as doses contra o coronavírus, ainda que a falta de imunização não seja um impeditivo para frequentar as aulas na rede estadual. São eles: Bahia, Ceará, Paraíba, Piauí e São Paulo. Em São Paulo, até o momento, a maioria dos colegos particulares decidiu não cobrar o comprovante da vacina da Covid aos alunos. A exigência só vale para os professores e funcionários. É o caso do colégio Bandeirantes, na Vila Mariana, na zona sul da capital. Outras escolas decidiram que vão fazer uma consulta às famílias para identificar os vacinados, como o Colégio Anglo São Paulo, na região central da capital. Vinícius de Paula, coordenador da uni-

A gente sabe que o número de crianças graves e pequeno, mas mãe não precisa de vários casos para ficar com medo, basta um

Licia Albuquerque, mãe de Giovanna, 5, e Liz, 1

É bobagem [esperar completar o ciclo vacinal para ir à aula] Se a criança receber a vacina da Pfizer [com intervalo maior entre as doses], vai retornar só em abril? Não faz sentido

Renato Kfour, pediatra

dade afirma que, ao identificar alunos não vacinados, fará um trabalho de convencimento com as famílias. No Colégio Santa Cruz, no Alto de Pinheiros, na zona oeste, onde as aulas começaram na quarta (26), a direção também decidiu fazer um questionário para identificar o nível de cobertura vacinal entre os alunos. Todos os pais e mães foram vacinados e apresentaram o comprovante. Para os alunos não podemos obrigar, mas recomendamos fortemente", diz o diretor Fabio Aida. Para este ano letivo, a direção não vai mais aceitar que alunos usem máscaras de pano. Todos devem usar máscaras do tipo PFF2. Nos ou cirurgica. "Estudos comprovaram que a máscara de pano não é segura. Entendemos que as famílias devem se adequar às recomendações científicas para nos ajudar a ter um ambiente mais seguro". Para a rede municipal de ensino, a prefeitura de São Paulo informou que as unidades escolares vão fazer a carteirinha de vacinação durante a matrícula, mas a falta de apresentação não impede que o estudante frequente as aulas. Já a rede estadual decidiu determinar que os alunos apresentem o comprovante de vacinação contra Covid a partir dos cinco anos. Nenhum estudante será barrado, segundo a gestão, mas, se a documentação não for mostrada em até 60 dias, deverá ser feita notificação ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público e às autoridades sanitárias.

MORTES

coluna@biturajoff@grupodfolha.com.br

Apaixonada por viagens, sempre tinha a mala pronta

MARIA ALARCON MARTINS (1928-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Era com muito bom humor que Maria Alarcon Martins levava a vida. Engracada, comandava a bagunça nas reuniões de família e fazia todos rirem. No Natal, era tradição dos familiares trocarem presentes no amigo-secreto, e Maria fazia questão de organizar a brincadeira tirada no papelz-

nha. Ela sempre dava um jeitinho para um parente tirar o outro. Na hora da revelação, a família percebia a coincidência e caía na risada. "Ela era muito engraçada. Você olhava assim pra ela e via aquela vozinha, pequeninha, mas não fazia ideia do tanto de besteira que essa mulher falava", afirma Fabiana Martins, neta de dona Maria. Pilar da família, sempre cui-

dou de todos e era uma cozinheira de mão cheia. "O pãozinho era o símbolo dela. Desde pequeninha [eu lembro que] a gente sentava à mesa e ela dava o pãozinho pra gente", lembra a neta. A baía de coco era outra das suas especialidades. Maria também tinha mão boa para cuidar de plantas. Em sua casa, tinha um jardim cheio delas. Gostava também de ganhar e presentear as pessoas com um vasinho. Se alguém chegava com uma planta morrendo, ela logo passava a mão e curava. Outra coisa de que Maria gostava muito era viajar. Não

recusava convites para pôr o pé na estrada e, por isso, sempre tinha uma malinha de reserva à pronta com uma muda de roupa caso o convite chegasse. "Eu achava engraçada essa malinha dela, ela a deixava pronta porque dizia: 'vai que alguém passa e me convida'", diz a neta. Sobre sua infância, Maria preferia não falar, e a família respeitava. Os parentes consideram, inclusive, que a história dela começou de fato quando casou. "Meu avô que a salvou de toda a situação que ela passava", conta Fabiana. O casamento durou mais de 60 anos, e eles moravam em

Monte Santo de Minas, no sudoeste de Minas Gerais. Dona Maria teve oito filhos, sendo que um "não vingou" morreu no parto, como ela dizia. "Minha avó passou por muita coisa, ela teve câncer. AVC já caiu. Nos despedimos dela umas oito vezes, mas ela sempre voltava. Dessa última vez foi estranho ela não ter voltado", afirma a neta. No último dia 20, Maria

Alarcon Martins morreu aos 94 anos, por complicações depois de uma pneumonia. Ela deixa sete filhos, 12 netos, quatro bisnetos, muitas noras, genros e netos de consideração. **SHLOSHIM** **ISSETTE LEVY** Domingo (30/1) às 11h, Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Educandário, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3398-3800 e central 55, prefeitura.sp.gov.br/servico funerario. Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-6000. Seg. a sex.: 10h às 18h; Sab. e dom.: 2h às 9h. Anúncio gratuito na seção Fútila, crie /indente até às 18h para publicação na 1ª seguinte (sig. de sexta para publicação aos dom. e seg.), ou pref. telefone (11) 3224-2205 das 18h às 19h em dias úteis. Informe-se: número de telefone para chancelagem das inscrições.



Doutora em ciência da literatura, Daniela Christovão Balbi, 32, trabalha na Comissão da Mulher da Assembleia Legislativa do RJ. Ricardo Borges/Fotoexpress

Professora trans encara jornada em busca de identidade

Primeira docente trans da UFRJ passou por cirurgia de redesignação sexual com o apoio de amigos e alunos

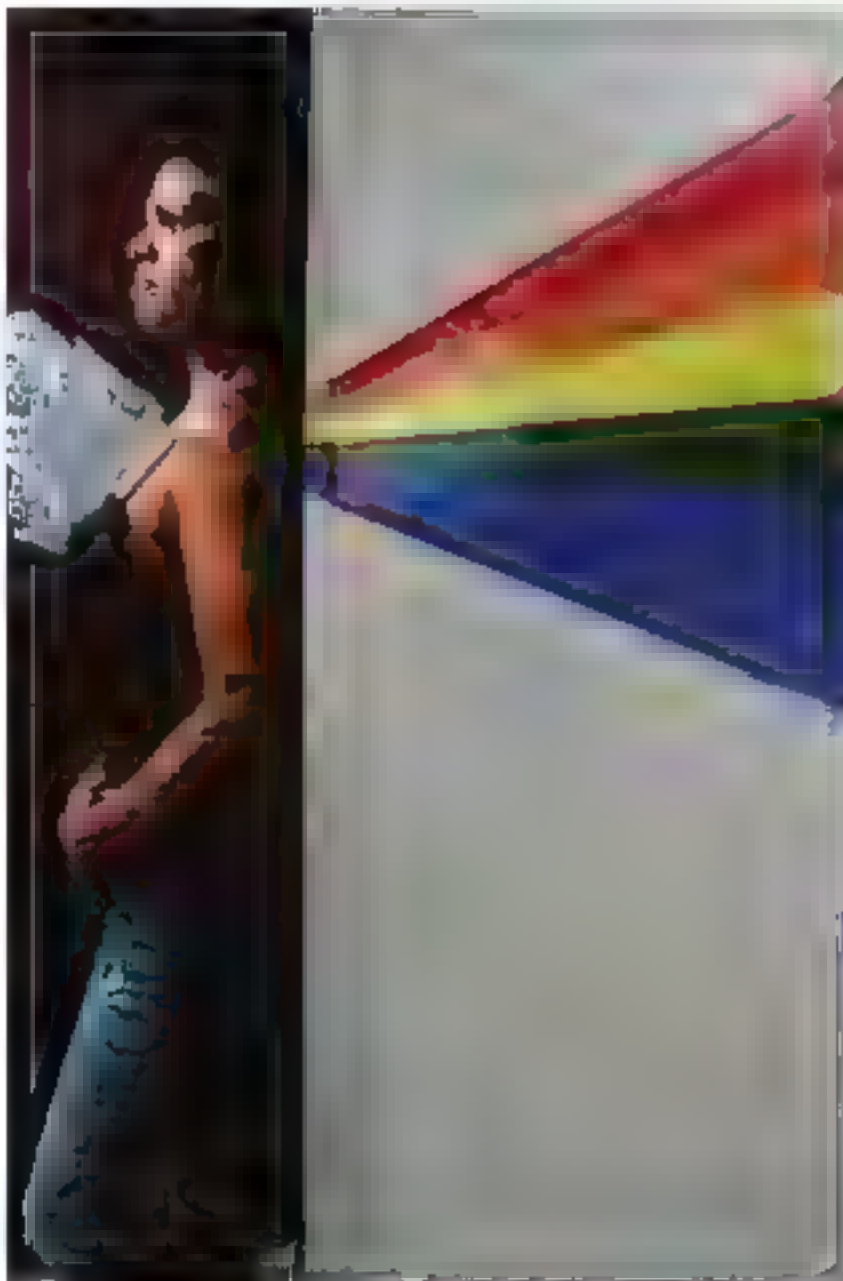
VIDA PÚBLICA

Havellene Valinhos

SÃO PAULO Contrariando expectativas educacionais desfavoráveis e os gargalos de políticas públicas para a população trans, Daniela Christovão Balbi, 32, concluiu mestrado e doutorado em ciência da literatura, títulos que a alçaram ao cargo de primeira docente trans da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde atuou durante dois anos. Até julho do ano passado, foi professora substituta na Escola de Comunicação Social da UFRJ. Hoje, ela, que é professora concursada da rede estadual e está licenciada do cargo, atua na Comissão da Mulher na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Também é dramaturga e roteirista. A afirmação de gênero da professora passou por enfrentamentos em diversas áreas, começando pela saúde. Deputou-se com profissionais de enfermagem sobre os procedimentos a que o público trans tem direito. Relata, ainda, ter sofrido preconceito ao tentar realizar a cirurgia pelo SUS. “Precisei acionar a Secretaria de Saúde. Então foi um processo pedagógico até para os funcionários do posto”, Daniela conta que no posto de saúde uma enfermeira tentou removê-la da ideia de fazer o procedimento médico porque seria, segundo a profissional, uma “mutilação”. A professora diz que já estava fazendo acompanhamento psicológico e com endocrinologista, para a hormonização na rede pública. “Durante a vida sofri pequenas transfobias, aquelas cotidianas, muitas em relação ao pronome. Na transição entre o mestrado e o doutorado, tive depressão e, com o incentivo de amigos, decidi iniciar esse processo, pois a minha dis-

foria de gênero era intensa.” Em 2016, ela entrou em um centro cirúrgico para realizar o procedimento de redesignação sexual. Não tinha mais condições emocionais para esperar na fila do SUS pela cirurgia, determinante para seu bem-estar. Contou com ajuda de uma vaquinha com doações de amigos, alunos e familiares. Recorreu, ainda, a empréstimos para obter o total necessário, mais de R\$ 40 mil, na época. “No ano da cirurgia, vivia com a bolsa do doutorado em ciência da literatura.” “Sempre fui a Dani, participava do conselho universitário,

tinha voz ativa, mas signos como a vestimenta e a documentação não me acompanhavam. Até a graduação, eu adotava um visual andrógino.” Até então, ela não havia feito a mudança no registro civil. A professora conta que no final de 2015, entrou com pedido judicial para mudança de nome e de gênero em seus documentos, mas a juíza concedeu apenas a alteração do nome, alegando que o gênero não poderia ser mudado, uma vez que ela não tinha feito a redesignação. “No final de 2017, ganhei a ação em segunda instância e, poucos dias depois, o STF jul-



Brenda Ferreira Nunes, 41, trabalha no Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont, em São Paulo. Ricardo Borges/Fotoexpress

gou favoravelmente pela desburocratização para todos.” Sua amiga, Taina Lian, conta que, na época da cirurgia, moravam em uma república e que Daniela não comentava muito sobre o assunto. “Ela fez tudo sozinha. Praticamente soube que ela faria o procedimento no dia.” Daniela recebeu doações de amigos e de professores da UFRJ para fazer a cirurgia. “A Dani não comentou nada com a gente, mas ficamos sabendo da vaquinha pelas redes sociais e resolvemos apoiá-la com uma rifá” diz o estudante de biomedicina Paulo Nunes, 22, um dos alunos do Colegiado de Aplicação da UFRJ, onde Daniela foi professora. Ela sempre foi uma pessoa sensível, uma professora muito atenciosa”, continua ele. Não se tratava sobre uma questão estética, mas da essência de uma pessoa. Ela tem que se olhar no espelho e se sentir feliz.”

Cursos e cotas tentam amenizar drama de exclusão

SÃO PAULO Para tentar suprir o vácuo educacional no qual muitas pessoas trans estão inseridas, papearam pelo país iniciativas como cursos de capacitação e programas de cotas em universidades. Em São Paulo, a prefeitura criou o projeto Renscção Social Transcendência, que conta com 512 bolsas com auxílio financeiro, como uma das maneiras de enfrentamento à exclusão do público trans. Segundo a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, 1.200 pessoas já foram atendidas. O programa prevê que a pessoa possa concluir o ensino fundamental ou o médio em dois anos. Cada beneficiário recebe uma bolsa de R\$ 1.272,60. A articuladora social Brenda Ferreira Nunes, 41, foi uma das beneficiadas. Concluiu o ensino médio, fez cursos de camareira e auxiliar administrativo e “mudou de vida”. “Hoje me sinto gente, parte da sociedade, uma humana de verdade”, diz ela, que trabalha no Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont. As prefeituras de Belém e Recife têm projetos similares. Entre as universidades federais do país, a Federal do ABC foi a primeira a instituir uma porta de entrada específica para trans em sua graduação. Das cerca de 2.000 vagas ofertadas por meio do seu Sistema de Seleção Unificada, 6% é destinada para pessoas que se identificam como transgênero, transexual ou travesti. Emerson Vilela e Tatiana Cavalcanti

NICOM

ESTA BMW PODE SER SUA

1.6i

1.8i

2.0i

2.4i

3.0i

3.2i

3.6i

4.0i

4.4i

4.8i

5.0i

5.2i

5.4i

5.6i

5.8i

6.0i

6.2i

6.4i

6.6i

6.8i

7.0i

7.2i

7.4i

7.6i

7.8i

8.0i

8.2i

8.4i

8.6i

8.8i

9.0i

9.2i

9.4i

9.6i

9.8i

10.0i

VISA

SAO

1115033-2021

VISITE NOSSO SITE

WWW.NICOM.COM.BR

E. Atica, 47- Brooklin - SP/SP

Tel: 11 5033-2000 098200-1400

200 MILAS



de la page 1 sur 10

Bolovo no copo Stanley

Talvez me falte fibra ou me sobre ingenuidade, mas costumo ir com a maré

Antonio Prato

Escritor e roteirista, autor de "Reu de Noturno"

O Welbardo perguntou no grupo qual era a mania e p.n. do sobre o copo Stanley. Percebi, pelo tom da meu amigo, que não era questão de apêndio, mas de posicionamento. O Ted e o Gustavo logo enviaram memes e textos, mas nem vi qual

descobrir por mim mesmo o que era o tal copo Shirley, quase significados são gastrônomo-culturais ele traria em seu bojo e a que tais significados revelariam sobre a situação da humanidade e do Brasil na terceira década do século 21.

Pra encurruir de ocorrências no Google, dei-me conta de que talvez fosse o único brasileiro a desconhecer a copa Stanley. Na possibilidade, porém, de haver por aí mais gente alienada no que tange à evolução das técnicas

potabilizadas, explica. Trata-se de um copo térmico americano que mantém a cerveja gelada por mais de dez horas e o café quente por quatro — não ao mesmo tempo, espera.

A bruxa de muitos, compreendi, é porque nesse verão o

pacate vini, vidi, vici topzêra das redes sociais incluiu, além de peito e bunda e buéeps e tanguinha e piçanhu e toga e barco, o copo Stanley. É, enfim, um copão ostentação. Tipo o fônon de ouvido, uns anos atrás. Só que um fone de ouvido arma mais facilmente com um fônon, digamos, na rua. Quem sai na rua com um copo? A turma do copo Stanley. E fotografa. E posta no Instagram.

Tem gente que é visceralmente contra os modismos. "Suco, esse bolovo! Sempre existiu bolovo, ninguém dava bola pro bolovo, agora tem gula do fim de semana com ranking de melhor bolovo, pu ihaçada!" "Desde quando essa côpia chinesa de Rider ficou fumosa? Que que tinha de errado com as Havaianas?! Ou com o próprio Rider?!" "Ridículo esse Adam Driver! Só porque é feio, toda mundo acha cool, tu dá mais pra ver um filme americano sem o Adam Driver, é que nem o Ricardo Darín na Argentina!"

Admira as que estão aí nos trincheiros da autenticidade, sempre tentando revelar a interior das novidades ocultas. Talvez me fute fibra, talvez me sobre ingenuidade, mas costumo brincar com a morte. Provo o punition suga-o. Tento a beach tennis. Confesso, sem nenhum pudor — mas para o horror da minha mulher — que comprei aquela chancela chinesa colorida, imitação de Aider (Recomendo

muito é recomendado mais ainda
 que se discuta a questão, antes
 da compra, com o/a cônjuge.
 Afinal, ele/a será o/a coarctante
 passivo/a das suas parcelações.

Verdade, há modernismos que devem mesmo ser combatidos com o fervor de um Aldo Rebelo querendo proibir "sale" nas vitrines: e não me refiro à bobagem de proibir "sale" nas vitrines, só ao fervor do deputado. Rebutar picolé como "paleta mexicana" e cobrar o dobro foi uma ideia cretina. Já o temido e a tapioca, felizmente, vieram para ficar. Muita emboira nas palavras "temnikero" e "tapiocagem" e tudo o mais teminado em "riu" não me juçum nem um pouquinho. Outro dia, no aeroporto de Congonhas, mudei de cadeira para não ficar de frente pro luminoso de uma "credite", "Cursuceria".

O Drummond tem uma crônica antiodiosmótica notável: "Em ado, em ado", no qual reclama que ninguém mais dorme, só "dá uma dormida" ninguém mais caminha, só "dá uma caminhada". O tempo deu uma passada, Drummond deu uma morrida, a língua deu uma incorporada no mudismo, que veio só mais uma das muitas formas de nos expressar (ou dar uma expressão!)

Já encomendei meu capô à lan-
lex, Galhardo. Quando chegou te
diga o que acho e prometo não
instagrar — o que não de-
xa de ser claro, uma fuma cin-
da mais boboca de ostentação.

DOM, Antonio Prata **SSB**, Marcia Castro **Maria Helena** **TEL**, Vera Jacovelli **LOJA**, Norma Szabo de Carvalho **Jairo Marques** **LOU**, Serejo Rodrigues **SEX**, Tat Bernardi **SAB**, Oscar Vilhena Vieira, Luis Francisco Carvalho Filho

classifiedes

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse
www.190.com.br

11 3224-4000

EMPREGADOS PROCURADOS

A

PROFISSIONAL DE INTERMEDIAMENTO

Ativo, dinâmico, organizado, com experiência em vendas e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

SECRETARIA

Ativa, organizada, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

VENDEDORES INTERNOS

Ativos, dinâmicos, com experiência em vendas e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

TÉCNICO DE SERVIÇOS

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

MÉDICO MASTOLOGISTA (02 VAGAS)

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

Empresa de ônibus localizada na Zona Sul de SP contrata

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

• MOTORISTA

• MANOBRISTA

• FISCAL

• AJUDANTE GERAL

Desenvolva experiência e disponibilidade de horário. Enviar CV para: recrut@folha.com.br

GIR LEITEIRO

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

VAGAS PARA FOLHA

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

Vagas para início imediato

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

FOLHA

PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

em diversas áreas.

Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

IMPACTO

JOVEM APRENDIZ

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

IMPACTO

JOVEM APRENDIZ

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

FOLHA

PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

em diversas áreas.

Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

PIZZARIANA INGLATERRA

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

PIZZARIANA INGLATERRA

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

PIZZARIANA INGLATERRA

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

ATENDENTES

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

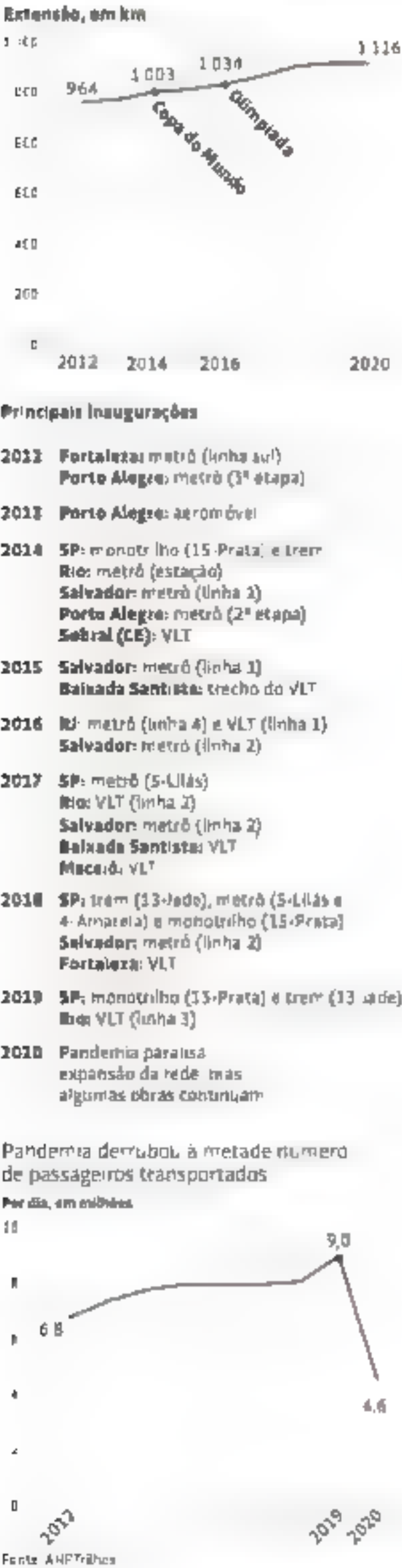
ATENDENTES

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

ATENDENTES

Ativo, organizado, com experiência em atendimento ao cliente e administração. Pretendo atuar em uma empresa que ofereça desafios e crescimento. Enviar currículo para: carlos@sigla.com.br

Transportes sobre trilhos avançam pouco no Brasil

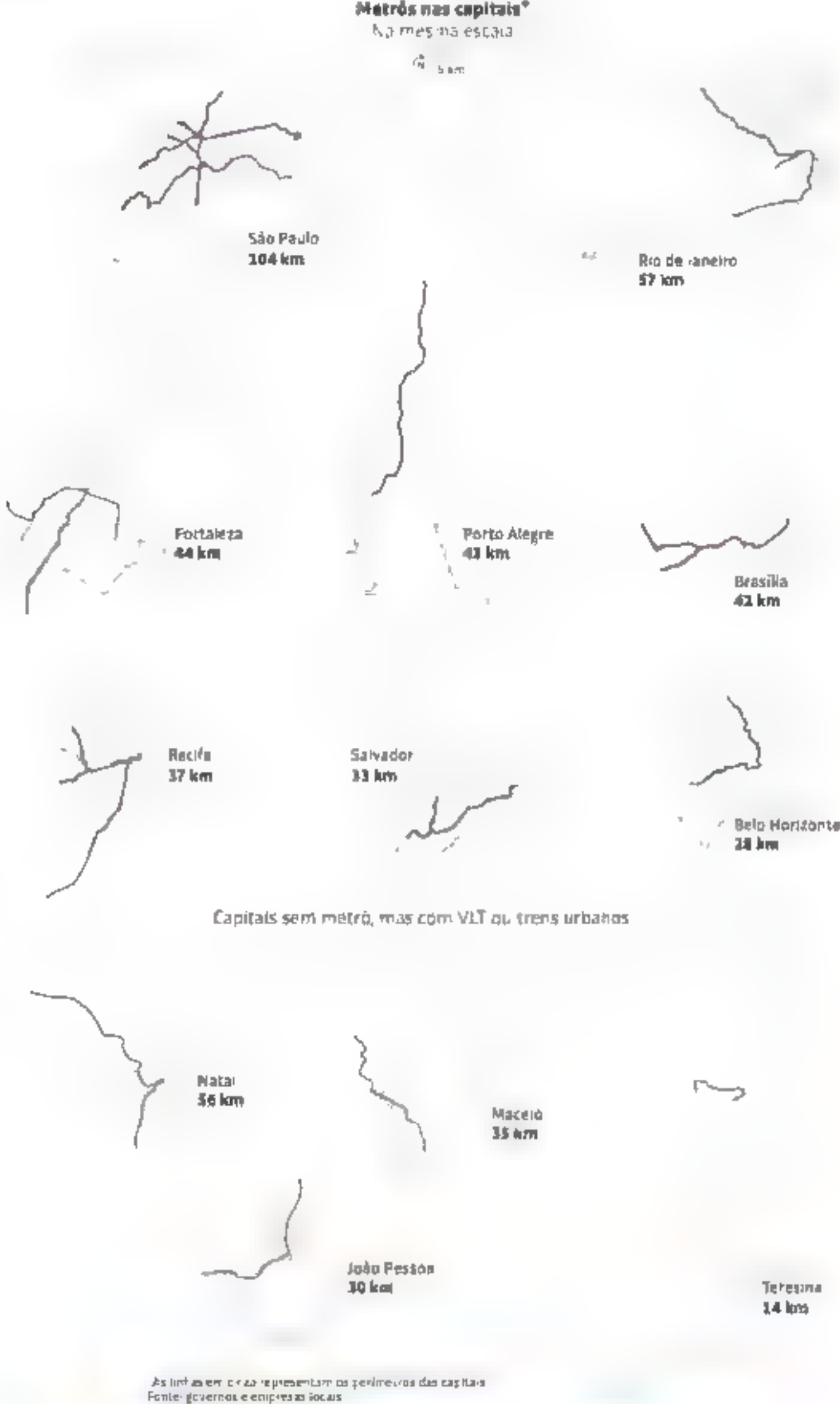


Brasil ampliou em só 11% rede de trens e metrô desde a Copa

Avanço em linhas urbanas no período foi de 113 km, quase o equivalente à distância de São Paulo a Sorocaba (SP)

RIO DE JANEIRO, SALVADOR, BELO HORIZONTE, RECIFE E FORTALEZA. Quase oito anos se passaram e o Brasil pouco avançou em sua rede de transportes sobre trilhos. Desde a Copa do Mundo, em 2014, o país expandiu suas linhas urbanas em 11%, ou 113 km, quase o equivalente à distância entre São Paulo e Sorocaba (SP). Hoje a malha de metrôs, trens, monotrilhos e VLTs se estende por 1.116 km em todo o território nacional, próximo do que acumulam duas cidades chinesas sozinhas, Pequim e Xangai, e o mesmo que uma viagem entre Rio de Janeiro e Brasília. “É pouco. O crescimento da nossa rede é muito acanhado se comparado à demanda que temos”, diz Joubert Flores, presidente do conselho da ANPTriões (Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos), que reúne os dados até 2020. Nesse período, os trilhos se alongaram a um ritmo de 2%

(ou 19 km) ao ano, em média. Pucaram esse número para cima a Copa de 2014, a Olimpíada no Rio de Janeiro em 2016 e expansões importantes em São Paulo em 2018, como nas linhas 5-Lilás e 4-Amarela. Na maioria das capitais, o metrô ainda é uma realidade distante, como em Manaus e Curitiba, para ficar nas que abrigam mais de 1 milhão de habitantes. Além da expansão lenta, as 12 capitais que possuem rede metroviária convivem com projetos que nunca saíram do papel, obras paradas, vagões lotados, passagens caras e linhas ineficientes ou que não cobrem as periferias. A classe A é a que mais anda de metrô proporcionalmente: 9% diziam usar o sistema em 2017, contra 6% na classe B, 3% na classe C e 1% nas classes D/E, segundo pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT). Naquele ano, só 6% dos deslocamentos no país eram feitos por trilhos.



A pandemia ainda derrubou a demanda e fez o setor viver sua maior crise em 2020, acumulando um déficit de R\$ 8 bilhões só com tarifas e congelando as inaugurações. O metrô de Salvador, por exemplo, ainda carrega 30% menos passageiros do que em 2019. O governo baiano foi alvo de críticas ao desativar o Trem do Subúrbio da cidade, que funcionava havia 160 anos com tarifa de R\$ 0,50. O modal será substituído por um monotrilho já atrasado, imposição do antigo consórcio de empresas chinesas a participar da licitação, e com custo de R\$ 4,10. “O transporte de trilhos tem maior capacidade de fazer a integração de cidades fragmentadas. Ele precisa ser entendido como um instrumento de combate às desigualdades”, defende o urbanista Daniel Caribé, um dos coordenadores do Observatório de Mobilidade Soteropolitano. O estado argumenta que o sistema precisava ser modernizado. “O trem era antigo, não tinha peças para reposição, quebrava com frequência”, afirma Grace Gomes, superintendente da secretaria de Desenvolvimento Urbano. Salvador foi uma das capitais que mais aumentou sua malha depois da Copa, com a construção das duas primeiras linhas de metrô e sua ampliação até os 33 km atuais. O Rio de Janeiro foi outra com expansões e a construção da linha 4, que liga a zona sul à Barra da Tijuca, além de três linhas de VLT. Mesmo assim, os jogos deixaram cantos inteiros de obras paradas. Recife, Brasília e Porto Alegre são algumas das capitais que quase não avançaram desde 2014. Na primeira, uma estação criada nas proximidades da Arena de Pernambuco, na região metropolitana, acabou subutilizada depois dos eventos. A capital gaúcha parou as inaugurações em 2014, após entregar três estações de metrô e um aeromôvel ao aeroporto. O DF só abriu duas de suas 14 estações no período. Em Belo Horizonte, o eixo é mais antigo. A única linha de metrô tem o mesmo tamanho (28 km) há 30 anos. Fortaleza chegou a ganhar um VLT de 13 km no bojo das ações para a Copa, no entanto ele veio com dois anos de atraso e até hoje funciona em período de teste, sem cobrança de passagens. Teresina depende de um pequeno sistema de VLT, de 14 km, mas não tem data prevista para por em prática projetos de modernização e expansão. João Pessoa, Natal e Macaé têm sistemas operados pela empresa federal CBTU. A capital potiguar aguarda obras de duas novas linhas que pretendem ampliar a malha de 56 km para 84 km. A ANPTriões e o CNT agora têm trabalhado por um marco regulatório no setor, nos moldes do que foi feito no saneamento básico, para atrair empresas privadas. Julia Barbon, João Pedro Pitunibo, Leonardo Augusto, José Matheus Santos e Ildéides Guedes



Em Salvador, Trem do Subúrbio foi desativado depois de 160 anos. Fotos: Rafael Araújo/PAF Agência



Ferrovia na capital baiana era usada por pescadores que trabalhavam na baía de Todos-os-Santos

VENDO
6.000.000m²

RODOVIA CASTELO BRANCO - KM 83 ITU/SP

- 2 KM DE PAVIMENTO PARA RODOVIA, COM ACESSO E RETORNO.
- LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA, PARA EMPREENDIMENTOS.
- ÁREA NOBRE.

98383.6000



Amazônia sob Bolsonaro

Povos do Amazonas garantem renda ao preservar o pirarucu

Pesca do maior peixe de escamas de água doce do mundo só é feita uma vez por ano; com manejo adequado e redução da atividade predatória, população do animal cresceu 425%

Fabiano Maisonnave e Eduardo Anzelli

MÉDIO JURUÁ (AM) Acampados à beira do rio Xerua, afluente do Juruá, os denis se dividem e se multiplicam em diversas atividades antes de partir em busca do mítico pirarucu. Rápidos e de bom humor, pescam aruanãs, pacus, piranhas e tucunarés para as refeições, armam redes sob barracas de ana, constroem a escada para vencer o barranco, ajustam as malhadeiras, revisam as rabetas (motores de barco de baixa potência) e reforçam o flutuante.

A sua maneira, os denis são um dos povos do Médio Juruá que aderiram ao manejo do pirarucu, cadeia produtiva que une organização social, controle do território, exploração racional de recursos naturais e geração de renda.

Longe dos garimpos e das frentes do desmatamento, essa vasta região conectada por 650 quilômetros do sinuoso rio Juruá aposta no pirarucu e em outras cadeias produtivas para viver bem com a floresta em pé. Um arranjo que envolve cerca de 35 mil pessoas, espalhadas por 3 milhões de hectares, segundo e estimativa do Instituto Juruá.

A transformação começou com a demarcação das terras indígenas e das reservas extrativistas, extinguindo a ameaça de expulsão de suas casas e as relações de trabalho análogas à escravidão. Outra consequência foi a redução da pesca predatória realizada por grandes barcos vindos de Manaus.

Até um passado recente, os denis viviam acossados pelos

donos de seringais, seringueiros, pescadores, madeiros e comerciantes. As doações trazidas pelos homens brancos provocavam tragédias sucessivas. No início dos anos 1990, eles quase deixaram de existir por causa da tuberculose e do surtismo.

A situação só passou a melhorar após 2003, com a demarcação do território de 1,5 milhão de hectares entre os rios Juruá e Purus. Hoje a população estimada é de cerca de 2.000 pessoas.

"Antes da demarcação, não tinha mais peixe nem pirarucu em nenhum dos lagos porque o branco tinha tomado o nosso rio", diz o presidente da Aspodex (Associação do Povo Deni do rio Xerua) Pha'avi Hava Deni, 25.

"Quando teve demarcação, resgatamos o pirarucu, a caça, porque a gente faz preservação. Tem área que a gente não caça nem pesca. Por isso que hoje estamos de boa."

O manejo do pirarucu também é feito pelos ribeirinhos do Juruá. Em trajetória

semelhante à dos denis, trabalhavam em situação análoga à escravidão para donos de seringais e madeiros, que gritavam contra ou obnubilavam por se de enormes áreas de terras públicas a preço de banana.

Com a ascensão do movimento seringueiro amazônico, liderado por Chico Mendes (1944-1988) e outros nos anos 1980, começou a criação das reservas extrativistas. Na região, há duas: a Resex (Reserva Extrativista do Médio Juruá), federal, criada em 1997, e a RDS (Reserva de Desenvolvimento Sustentável) Uacari, estadual, de 2005.

Cada atividade ocorre em determinada época do ano. A pesca do pirarucu se dá uma vez por ano, no período da vazante, por volta do mês de setembro, e envolve uma logística complexa.

Concentrados em lagos, os pirarucus, após capturados, precisam ser levados até um grande barco com gelo, no rio Juruá. Daí, seguem para Carauari, depois Manacapuru e Manaus —via fluvial, a capital está a 1.540 km de distância. Uma parte da produção já chega a grandes cidades do país, incluindo São Paulo.

Nos denis, o projeto começou a ser estruturado a partir de 2009, com apoio da Opan (Operação Amazônia Nativa). Uma das primeiras etapas da iniciativa foi realizar a contagem de quantos pirarucus existiam no território, processo repetido anualmente.

A técnica, criada por ribeirinhos da região de Mamirauá, em Tefé (AM), consiste em contar o pirarucu quando ele sobe à superfície —a sua respiração é branquial e aérea. A contagem é feita por etapas em todo o lago, em

ciclos de dez minutos, o intervalo máximo entre duas "batidas".

O contador precisa também diferenciar os pirarucus adultos dos juvenis (os chamados buleões), de até 1,5 metro, cuja pesca é proibida. Maior peixe de escamas de água doce do mundo, o pirarucu pode chegar a 200 kg e 3 metros.

Na contagem mais recente —no ano passado, o território dos denis somava cerca de 3.300 pirarucus, em lagos divididos em três categorias previstas pelo protocolo: uso comunitário, manejo do pirarucu e vetado à pesca.

Em 2021, os denis pescaram com pirarucus em pouco mais de dois dias. O número precisa ser autorizado pelo Ibama, que permite a pesca de até 30% do estoque nos lagos manejados. Fora do manejo, a pesca está proibida.

A reportagem acompanhou a pesca de 2021, da qual participaram quatro das cinco aldeias da região do Purus. Por causa das distâncias, elas se reúnem em um grande acampamento entre os lagos e a foz do Xerua, onde um barco com gelo aguarda o pirarucu.

A mesma vazante que deixa o pirarucu concentrado nos lagos também dificulta a navegação. No período acompanhado pela reportagem, o "cano" (conexão entre lago e rio) para chegar ao lago Abelha Velha tinha apenas alguns centímetros de água.

A ida durou uma hora e foi relativamente tranquila, com exceção dos vários tucunarés que voavam para dentro do barco. O problema foi voltar

com as canoas abarrotadas do peixe gigante. Em média, cada um pesava 60 quilos. Mas o animal, recorde de 2021 chegou a 100 quilos e 2,24 metros de comprimento.

Os denis se viram então obrigados a sair da canoa para arrastá-la sobre o leito quase seco, arriscando-se a pisar em uma arara. Algumas viagens de volta duraram quatro horas e só chegaram quando a noite já havia caído.

A alguns quilômetros dali na RDS Uacari a logística era relativamente mais fácil. O lago em manejo estava próximo do rio. Um quadrado recheado de peixes até o barranco.

Para descer até o barco onde o pirarucu era eviscerado e colocado no gelo, foi construído um escorregador de madeira. A força é tanta que um deles rompeu a parede e foi parar no porão do barco, onde está o motor. Toda a produção do manejo no Médio Juruá é comprada pela Asproex (Associação dos Produtores Rurais de Carauari). Fundada em 1991 por ribeirinhos com forte apoio da Igreja Católica, ela tem sido a grande responsável pelo ciclo virtuoso da região.

A princípio, o objetivo principal era superar décadas do sistema de avilamento, pelo qual o seringueiro se endividava com o patrão ao trocar a borracha por produtos vendidos a valores exorbitantes. Também lutavam para a criação de reservas extrativistas, para afastar a insegurança fundiária dos ribeirinhos.

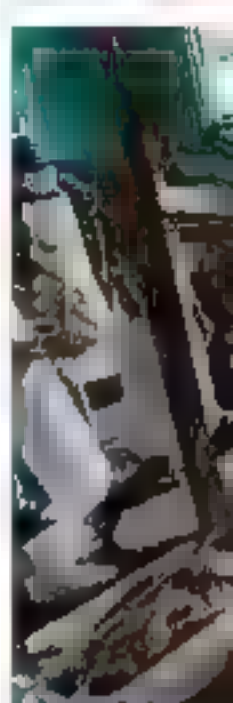
Uma das medidas da Asproex foi criar uma rede de "cantinas", entrepostos de comercialização. Na RDS Uacari, por exemplo, uma sandália havaiana é vendida por R\$ 14,50, preço semelhante ao das grandes cidades.

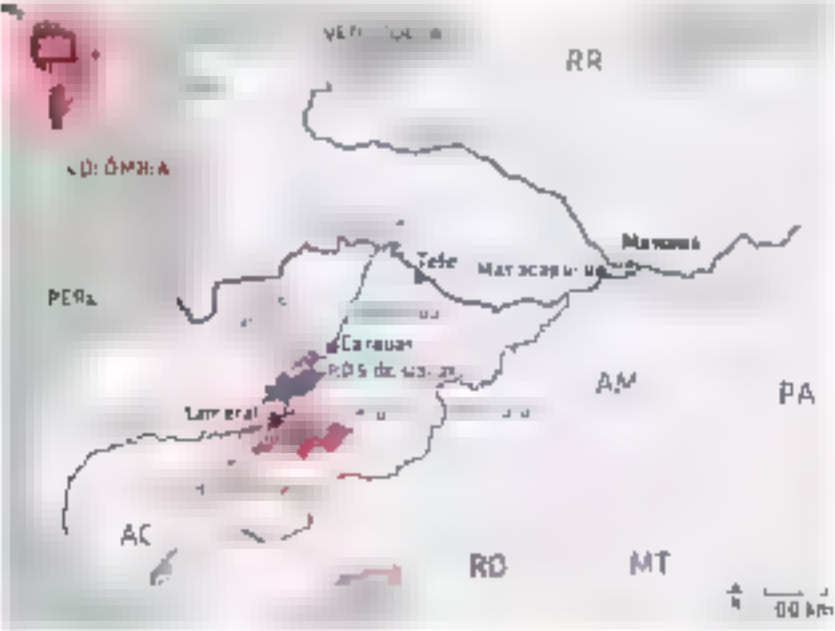
O princípio do preço justo inclui também a compra da produção. No caso do pirarucu, a Asproex paga R\$ 7 o quilô, o valor mais alto do Amazonas. No rio Purus, por exemplo, o preço é R\$ 5,5/kg.

Além da renda, o manejo também ajuda na recuperação da população do pirarucu, assolado pela pesca desordenada. Em 20 anos de manejo, a população do pirarucu cresceu 425% na região, de acordo com o Instituto Juruá.

Uma das principais lideranças da região, o chefe da Resex Médio Juruá, Manoel Canha, 58, afirma que o manejo do pirarucu reforçou o trabalho comunitário e, ao mesmo tempo, melhorou a renda dos ribeirinhos.

Continua na pág. B7





Pirarucu, o maior peixe de escamas de água doce do mundo
Com manejo adequado para pesca, população do animal cresce 425%

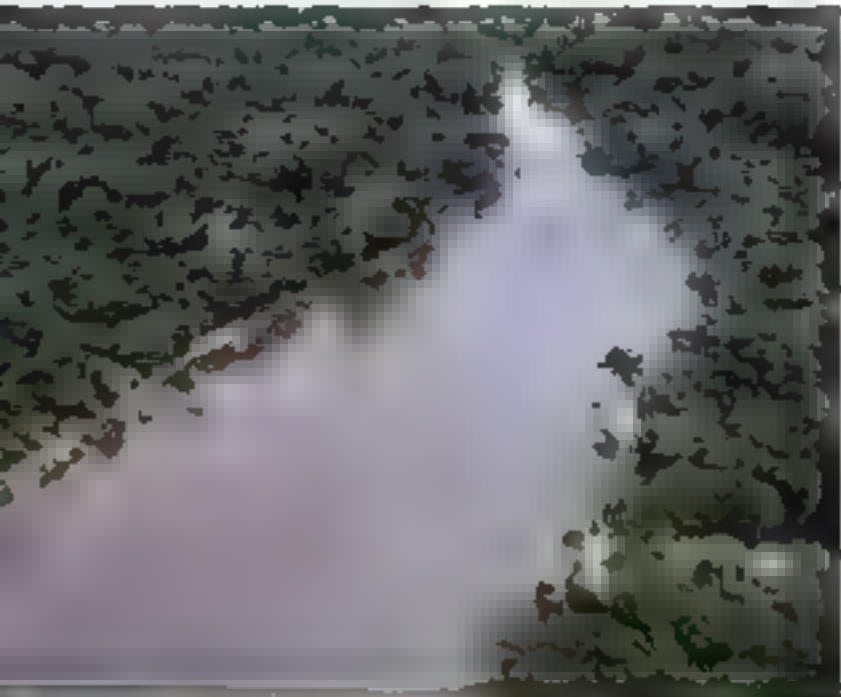
Pirarucu
Pode chegar a
3 metros e 200 kg



Tilapia
Aos 8 meses de idade
28 cm e 0,5 kg



Ilustração: Luciana Papaiasu



Índigenas da etnia dem durante a pesca do pirarucu;
Vista aérea de local de pesca em uma lagoa formada pelo rio Xerubá;
Pirarucu é retirado da água;
Os peixes são armazenados em Caruaru;
Paisagem da cidade do Amazonas que tem, desde setembro, um frigorífico que compra toda a produção do manejo

Foto: Eduardo da Silva / Folhapress



Continuação da pág. B6
"O manejo é uma atividade que não há possibilidade de fazer sem o coletivo" diz ele que administra uma área de 287 mil hectares, onde vivem 524 famílias, incluindo a sua. Al 90% participam do manejo do pirarucu, segundo Cunha.
"Isso começa a trazer a organização do grupo. Você mobiliza pessoas pelo bolso, do ponto de vista negativo ou positivo. Quando a lei de trânsito dá uma multa porque você atravessou o sinal vermelho quer se mobilizar negativamente. O pirarucu mobiliza pelo lado positivo, você está fazendo um esforço que a tua comunidade organizada para ganhar mais dinheiro".
No caso dos demis, o dinheiro não é distribuído entre as famílias, mas depositado na conta da associação, que usa parte dos recursos para financiar o próprio manejo e guarda outra parte.
"O manejo funciona principalmente no fortalecimento do povo", afirma Leonar do Kurihara, coordenador de projetos da Opan. "É celebração, consolidação, reconhecimento da sua terra demarcada. A parte econômica está destinada ao fortalecimento da organização deles".
Nas unidades de conservação, os reflexos positivos foram medidos em pesquisa publicada em outubro pela revista acadêmica PNAS. O estudo compara as condições socioeconômicas de cem comunidades espalhadas por 1.000 km ao longo do Juruá.
Segundo o estudo, os moradores das reservas extrativistas têm mais acesso a serviços públicos, como saúde, escola e eletricidade e a bens duráveis (geladeira, barco a motor) do que ribeirinhos de fora da unidade de conservação.
O resultado é que, enquanto apenas 5% dos moradores das reservas extrativistas querem migrar para a cidade, esse índice sobe para 58% entre os que vivem em áreas sem proteção.
"O Médio Juruá está se destacando porque tem uma

Entenda a série

A Folha publica neste domingo (30) o último capítulo da série de reportagens "Amazônia sob Bolsonaro" que mostrou as mudanças e as pressões na maior floresta tropical do mundo durante o atual governo e os desafios para mantê-la em pé. Os conteúdos anteriores do projeto iniciado em março de 2020, estão disponíveis em folha.com/amazonia-sob-bolsonaro

O novo normal e a velha amnésia

Tomar passado recente como base de comparação favorece pandemia e barbárie

Marcelo Lente

Journalista de ciência e ambiente, autor de "Piknoautas: Viagens com a Ciência Psicológica Brasileira" (ed. Fásfora)

Estamos de volta à metrópole movel de meio milhão de mortos diários por Covid. É possível que logo ressurgirá a cifra macabra de mil cadáveres por dia que ainda escandalizava o país seis meses atrás. Quer todos ainda se chocam, porém?

Não é tanto assim, alguém poderia ponderar, afinal, eram 7.000 mortos por dia em abril passado. A ômicron provoca doença mais "leve" (não é bem isso). Agora temos mais vacinas e menos internações. Ninguém aumenta mais a pandemia.

Tudo isso é verdade, em termos. Dependendo da interpretação que se atribua a tais fatos e números, a atitude das pessoas e autoridades pode variar em sentidos opostos de agravar ou arrefecer a progressão da pandemia.

Ainda atua de infecções de corte da percepção de que a Covid estava sob controle no final de 2021. Natal e Ano Novo foram uma festa só. Todo mundo viajou para a Bahia, contornando a si próprias e aos outros. Agora o Carnaval vem aí.

Não passa dia sem notícia de que alguém se infectou. Aqui mesmo em casa e na família o fecho pegou. A ômicron parece matar menos, mas, atingindo milhões, chegará dezenas de milhares de vidas que poderiam ser salvas.

Por que tanta imprudência, então? Simples, seres humanos se acostumam a tudo. Diante da repetição de desgraças, a norma é esquecer progressivamente o tempo em que elas eram comuns.

Na literatura sobre desastres ambientais, o fenômeno leva o nome de "síndrome das linhas de base móveis" (muita tradução para "shifting baseline syndrome"). Topei com o conceito num texto de David Roberts para a Vox, velho de mais de um ano, mas nem por isso menos valioso.

Exemplo clássico vem de recursos pesqueiros. Uma população de peixes superexplorada diminui no correr dos anos, limitando a captura de modo

proporcional. Cada geração de pescadores toma a quantidade disponível no seu tempo como linha de base e não se dá conta do esgotamento em curso.

Com as mudanças climáticas em andamento ocorre algo semelhante na percepção das pessoas. Quem se dá conta de que verões extremamente quentes, como o atual, são 200 vezes mais prováveis hoje do que 50 anos atrás? Ninguém, diz Roberts.

A linha de base na cabeça de cada um, em matéria de meteorologia, toma por referência a que se viveu entre 2 e 8 anos antes, nesses estudos, ou, os últimos 30 anos, nos 8 mais quentes já registrados desde 1880. Virou o novo normal!

Diante disso, fica difícil motivar as pessoas, inclusive as que conduzem as negociações internacionais sobre clima, a tomar as drásticas decisões necessárias para evitar mais catástrofes. Quando todos calarem na real, será tarde demais.

Climatologistas projetam que seria preciso cortar pela metade a consumo de combustíveis fósseis nos próximos 40 anos e zerá-lo até 2050. Sem isso, países insulares serão varridos do mapa, ocorrerão mais incêndios como os do Pantanal e rios como o do Sul e enchentes trágicas como as da Bahia e de Manaus.

Acredite quem quiser que seremos capazes de contornar esse megaproblema. Não conseguimos nem nos comportar diante da pandemia, contribuindo com a fria sobriedade dos números nessa tendência psicológica natural a tudo reaver.

Acertamos, sem esboçar reação, até as novas linhas de base da indecência ditadas pelos desmandos de Bolsonaro, Queiroz, Ciro, Guedes, Damiões e caterva. Gente que sonega vacina para criança, diacho.

Pode até ser humano prazeroso em face da barbárie, acostumou-se com o pior, como aconteceu em guerras cruentas e na fome abjeta. Não é o caso do Brasil — ainda.

DOM: Renaldo José Lopes, Marcelo Lente | QUÊ: André Iavarino, Esper Kallás

Fogão a gás polui o ambiente até mesmo apagado, indica estudo

Raymond Zhong

THE NEW YORK TIMES. Fogões a gás emitem quantidades importantes de metano quando estão sendo acesos e mesmo quando estão desligados, segundo um estudo recente que vem se juntar a uma discussão crescente sobre os efeitos que os aparelhos domésticos a gás têm sobre a saúde humana e a mudança climática. Baseado em medições de fogões, fornos e grills usados em 43 residências na Califórnia, o estudo estimou que os fogões emitem na forma de metano não queimado, um potente gás causador do efeito estufa, entre 8% e 1,7% do gás natural que consomem.

Ao longo de um ano normal, três quartos dessas emissões ocorrem quando os aparelhos estão desligados, mostrou o estudo, o que sugere a

possibilidade de vazamentos nos conexões das casas ou nas ligações com o gás de rua.

O estudo estimou que ao longo de um período de 10 anos, as emissões de fogões nos Estados Unidos podem ter o mesmo efeito de aquecimento do planeta quanto meio milhão de carros movidos a gasolina.

"As pessoas são muito apegadas ao fogão", disse Eric D. Lebel, cientista do instituto de pesquisas PSE Health Energy e autor do estudo, publicado na quinta (27) na revista Environmental Science & Technology. "Preparar comida num fogão a gás ou sobre uma chama aberta é algo muito próprio dos humanos".

Mas, segundo ele, cada vez mais evidências indicam que os fogões estão prejudicando a saúde e o clima.

Tradução de Clara Allan

Este projeto foi patrocinado pela Climate News, um site britânico de notícias climáticas

Renato Augusto

É agressivo e excessivo o que fazem com Neymar, ele apanha todos os dias

Meia do Corinthians diz que talvez não suportasse pressão vivida pelo atacante do PSG, com quem jogou a Copa do Mundo de 2018

ENTREVISTA

Klaus Richmond

SANTOS Renato Augusto, 33, chama a atenção dentro de campo pela capacidade de executar múltiplas funções e pela facilidade de leitura do jogo. Fora de campo, destaca-se de boa parte dos colegas pela franqueza com que aborda temas sensíveis, sem lançar mão de respostas prontas

Se prefere não falar de questões políticas, por não julgar ter o conhecimento necessário, não foge de assuntos com os quais tem maior familiaridade. Por exemplo: a pressão enfrentada constantemente por Neymar, 29, seu velho companheiro de seleção.

“Eu acho muito agressivo, muito excessivo tudo o que fazem com o Neymar. No lugar dele, talvez não teria aguentado muita coisa que já aguentou. Eu o admiro muito pela força e pela pessoa que é”, disse a Folha, referindo-se às críticas e ao escrutínio da vida pessoal do atacante.

Após cinco temporadas no Beijing Guoan, da China, o meia voltou em agosto e se tornou um dos principais nomes da campanha que, apesar das críticas, reconduziu o time alvinegro à Copa Libertadores.

É essa competição que ele trata como prioridade agora. A possibilidade de disputar a Copa do Mundo, no fim do ano, ele deixa para depois.

“Vou ser sincero: não penso em seleção. O meu sonho é ganhar a Libertadores. Isso, sim, pode me credenciar a uma possibilidade.”

Fazia tempo que o Corinthians não tinha tantos nomes de peso. É por isso que a exigência tem sido alta, com críticas ao desempenho? Aten- dência é que neste ano pos- samos atingir um nível alto.

O Sergio Moro do apito

Colombiano Wilmar Roldán roubou a cena e fez de picadeiro o estádio de Quito

Juca Kfoury

Jornalista e autor de ‘Confissão que Perdi’. É formado em ciências sociais pela USP

A patinação do juiz Wilmar Roldán no insosso 1 a 1 de Equador e Brasil é digna de entrar para o Livro de Recordes

Só a brasileira Sergio Moro para concorrer com ele em matéria de decisões anuladas por órgãos superiores, o VAR no caso do colombiano, o STF no do magistrado de Maringá. Verdade que em ambos os casos os recursos serviram para reestabelecer a justiça, porque, a exemplo das senten- ças de um, os trapalhados do outro puderam ser corrigidos.

embora as do assnapudur de apito não tenham causado as prejuízos insanasveis pagos pe lo Brasil na eleição de 2018

Também os distingue o fato de Roldán atuar de vermelha e Moro, de preto, como autên- tico personagem dos filmes de Francis Ford Coppola.

É o que dá quando condju- vantes trocam o apito pelo ho- lofote, a toga pelas algemas. Ao marcar dois pênaltis e expulsar duas vezes o goleiro Airsson, e ter de voltar atrás nas quatro decisões, o despre- parado árbitro se suicidou pu-

blicamente no estádio Casa Blanca, transformado em pi- cadeiro, na altitude de Quito.

Quem sabe Roldán tenha a desculpa da pouca oxige- nação do cérebro causada pelo ar rarefeito da capital equatoriana, diferentemente das condições climáticas de Curitiba.

Ao mentir ele transformou um jogo opaco em algo ines- quecível pelas lambanças cometidas.

Como tenha sido sem tantas idas e vindas jamais subere- mos, mesmo que mais uma

19h São Paulo x Ituano Paulista, PREMIERE E PAULISTÃO PLAY

17h05 Canadá x EUA Eliminatórias, ESPN+ E STAR+

18h30 São André x Corinthians Paulista, REPTV E PAULISTÃO PLAY

Canadá conta com exemplo das mulheres para ir à Copa do Mundo

Alex Sabino

SÃO PAULO A Associação de Futebol do Canadá resolveu encomendar um estudo em 2014. Era uma tentativa de mudar a situação não ape- nas do esporte no país, mas principalmente da sele- ção masculina. A feminina nunca foi problema.

Nas Eliminatórias para a Copa do Mundo daquele ano, a equipe foi elimina- da após levar uma goleada por 8 a 1 contra Honduras.

O presidente da entidade, Victor Montagliani, abriu espaço para opiniões de tor- cedores. O que fazer? O re- sultado foi uma série de su- gestões apoiada em quatro pilares: liderança técnica, desempenhos em campo de alto nível de forma con- sistente, medidas de gover- nança e estímulo para que mais gente jogue futebol.

Oito anos depois, o Canadá está perto de um resul- tado histórico. Neste domín- go (30), a seleção recebe os Estados Unidos na oitava rodada da fase final das Elimina- tórias das Américas Central e do Norte. Na última quan- ta, vingou-se de Honduras e fez 2 a 0 fora de casa.

É possível que o time se classifique para o Qatar na próxima semana, com três rodadas de antecedência. Para isso, terá de vencer os Estados Unidos e El Salva- dor (rival na próxima quan- ta) e esperar que Panamá (14) e Costa Rica (12) não cheguem aos 16 pontos.

O Canadá tem só uma par- ticipação em Copas. Apesar de contar com talentos reple- to de jogadores semiprofissio- nais, não deu vexame no México, em 1986. Perdeu as três partidas que disputou, mas deu trabalho a França, Hungria e União Soviética.

O futebol feminino é a re- ferência da modalidade no país. Quarto colocado na Copa do Mundo de 2003, foi medalha de bronze em Londres-2012 e Rio-2016. Em Tóquio-2020, foi ouro.

Para elevar o patamar, o time masculino contratou o técnico inglês John Herd- man, que comandou a sele- ção canadense de mulheres nas duas últimas olimpí- cas.

Ir ao Qatar pode significar duas participações seguidas no Mundial. Em 2026, o Ca- nadá será sede, ao lado de México e Estados Unidos. Por tradição, organizadores se classificam sem pre- cisar jogar as Eliminatórias.

Na Copa de 2018 você esteve com o Neymar, atuou com ele também na Rio-2016. Como vê as críticas, as pressões encima dele? Eu não vi a série [“Ney- mar, o Caus Perfeito”, da Net- flux, mas eu acho que, de uma forma geral, está tudo ficando muito pesado. Na internet, as pessoas acabam chegando até você de maneira muito agres- siva. Eu falo que esse moleque tem uma cabeça incrível por que ele apanha todos os dias. Eu acho muito agressivo, muito excessivo, tudo o que fazem com o Neymar. No lugar dele, talvez não teria aguenta- do muita coisa que já aguen- tou. Eu o admiro muito pela força e pela pessoa que é. Fel- izmente, tive o prazer de ter ogação com ele. Criado uma amizade. Isso é algo que vou contar para os meus netos, joguei com o Neymar. Torço muito por ele. Infelizmente às vezes, não tratamos por aqui o ídolo da forma como outros lugares tratam. Po- de chegar uma hora em que ele não vai mais aguentar, é um ser humano também.

A pressão é sempre forte tam- bém nos treinadores. Você, que se destaca pelo entendi- mento tático, pensa em se tor- nar um? Gosto da parte tá- tica, mas não quer dizer que vou ser treinador. Eu percebi que não existe receita de bolo. Peguei muitos treinadores, de muitas nacionalidades. Escre- vi a forma como penso e conse- guir implementar no grupo. O que mais vale é conseguir pas- sar o que você pensa aos atle- tas. Acho que hoje eu não sei como fazer isso, montar tudo não é tão fácil quanto parece. Precitaria estudar bastante, pensar bastante. É uma pos- sibilidade, sim, que me encanta.

A pressão é sempre forte tam- bém nos treinadores. Você, que se destaca pelo entendi- mento tático, pensa em se tor- nar um? Gosto da parte tá- tica, mas não quer dizer que vou ser treinador. Eu percebi que não existe receita de bolo. Peguei muitos treinadores, de muitas nacionalidades. Escre- vi a forma como penso e conse- guir implementar no grupo. O que mais vale é conseguir pas- sar o que você pensa aos atle- tas. Acho que hoje eu não sei como fazer isso, montar tudo não é tão fácil quanto parece. Precitaria estudar bastante, pensar bastante. É uma pos- sibilidade, sim, que me encanta.

Você parece sempre falar com franqueza. É possível fazer isso na parte política, exter- nar sua opinião? Hoje, exis- tem muitos formadores de opinião. Eu só acho que não sou um cara pronto para fur- mar alguma opinião política. Não me vejo capacitado para tal. Então, não posso usar o meu alcance para falar o que eu acho e, daqui a um ano, achar outra coisa. As pesso- as iam e não estão nem ai até onde isso vai chegar.

Não estamos conversando num bar entre amigos. Va- mos falar sobre futebol, mais do que isso não sei se é justo com a pessoa que me segue. Mas respeito quem faz, cada um sabe o que pensa, o que acha melhor. É um fardo ma- ior, pesado você influenciar al- guém. Tem que tomar cuida- do com a agressividade nas re- des sociais, tudo virou uma he- rige. Eu, particularmente, não gosto muito de expor quan- do não me sinto capacitado ao nível máximo. Eu amo bas-quete, vejo NBA, mas não me sinto capacitado para comen- tar sobre tática, por exemplo.

treinador, que iguala a cam- panha entre 1954 e 1993.

Não é nada, não é nada, não é nada mesmo. Se a rara leitora e o raro leitor pensa- rem em quantidade de futebol.

Há que se dar a desconta- dos 2.850 metros de Quito, do gramado duro e seco e da in- terferência caótica da arbitra- gem, o que não esconde o fa- to de a jogu apresentado pe- la seleção ser essencialmente chato, muito chato de se ver. A ausência de Neymar co- labora para que não se te- nha nem sequer a expecta- tiva de alguma jogada fora da curva, mesmo em se tra- tando de partida com ares de amistoso para os brasi- leiros já classificados para a Copa do Mundo no Qatar.

Ao causar yargalhados, es- panto e indignação em quem perdeu tempo ao acompa- nhar o desenvolvimento de aco- tecimentos, mais no VAR do

que em campo, Roldán, aliado ao horário das 18h, impedia o sono inevitável do torcedor.

De resto, está claro o proble- ma de achar um lateral direi- to para não precisar recorrer novamente ao veterano Dan- ei Alves, assim como será óti- mo se Guilherme Arana vier a se firmar na lateral esquerda.

Dos jogadores de linha, ti- tuulares indiscutíveis são, na máxima, quatro: Thiago Si- lva, Marquinhos, Casemiro e Neymar, prova de que há espa- ço para muitas experiências.

Daqui para 21 de novem- bro, data da abertura da Copa, temos menos de dez meses e poucas jogas para achar a time.

Que Roldán não vá ao Qa- tar, que Moro veja a Copa de volta a Washington, co- mo advogado da empre- sa americana que tanto be- neficiou, e que Titeouse em nome da alegria.



A brasileira Jaqueline Mourão, que disputou Jogos de Tóquio no mountain bike, vai esquiar em Pequim. *© APF / AFP*

Jaqueline Mourão chega a oito Olimpíadas e quer mais

Atleta de 46 anos atinge marca inédita na China e cogita competir até 2026

Daniel R. de Castro

SÃO PAULO Jaqueline Mourão era vista como uma participante “exótica” quando esteve nas Olimpíadas de Inverno pela primeira vez, em 2006. Hoje, aos 46 anos, a esquiadora se vê melhor do que

nunca em sua modalidade, o cross-country, e está a alguns dias de se tornar a primeira atleta a representar o Brasil em oito edições dos Jogos. A mineira se destacou primeiro no ciclismo mountain bike antes de conhecer o esqui e se dividir entre as duas

modalidades —viraram três quando ela incluiu o biatlo (esqueleto) em seu currículo. Jaqueline já foi a três Olimpíadas de verão (2004, 2008 e 2020) e a quatro de inverno (2006, 2010, 2014 e 2018), num total de sete também alcançado por Robert Scheidt,

Rodrigo Pessoa e Formiga. Os Jogos de Inverno de Pequim-2022, com início na próxima sexta-feira (4), permitirão à esquiadora desempatar essa marca seis meses depois de pedalar em Tóquio. Para ela, o feito inédito será obtido por uma pessoa

comum, que perseverou mesmo sem nunca ter sido apontada como excepcional. “Eu nunca fui considerada um talento esportivo, sempre tive que batalhar demais pelo meu lugar ao sol. Então, fico muito feliz com pessoas que se inspiram na minha história”, disse, em entrevista à Folha, antes de sair do Canadá. A brasileira vive no país durante metade do ano. “Tem a parte genética, de desenvolvimento do atleta, mas precisa querer demais, ter perseverança, aprender com os erros, saber perder e buscar vencer suas próprias marcas todos os dias. Todos esses valores me levaram a ter essas oito participações. Para mim, a marca significa isto: uma pessoa comum chegar a feitos inéditos”, afirmou. Ir a Paris-2024 no ciclismo está descartado, mas Milão-Lortina-2026, quando terá 50 anos, por enquanto é uma possibilidade. Ela ainda se vê em evolução na neve. “Acabei de fazer minha melhor marca no estilo clássico, que se demora muito para aprender. Se eu conseguir chegar a Cortina, vai ser incrível”, declarou. “Sempre vou um ano após o outro, escutando o meu corpo.” Em Pequim, onde chegou no sábado, Jaqueline participará de três provas: 10 km clássico, velocidade livre e velocidade por equipes clássico. Para a mineira, competir nas Olimpíadas de inverno tão pouco tempo depois de atuar nas de verão será a conclusão de um ciclo difícil. O período em que o calendário esportivo foi interrompido pela pandemia —justamente o que encavalou Tóquio-2020 e

Pequim-2022— teve percalços. “Sem objetivo olímpico, um atleta de alto rendimento fica com a sensação de ‘o que está acontecendo?’ Acabei me dedicando muito mais e tendo overtraining [treinamento excessivo que leva à perda de performance]”, recordou. Ela ficou fora do Campeonato Mundial de mountain bike e das últimas etapas da Copa do Mundo em 2020 para recalcibrar o corpo e buscar novos picos de performance. Agora, ainda que sem chances reais de brigar por medalha, chega a uma edição olímpica em uma situação diferente da que viveu em seu início na neve. “No esqui, antes, era a Jaqueline exótica que estava indo para a Olimpíada. Na minha primeira, eu não sabia nem colocar o esqui nos meus pés. Precisava do meu treinador para tudo. Tive toda essa trajetória de sair dessa ideia de país exótico, Copacabana, que você escutava na linha de largada, para ser uma atleta competitiva, que está conseguindo pôdio na América do Norte, em etapas continentais”, disse. Para ela, a luta não é exatamente contra as adversárias. O foco é fazer o melhor possível, sem se preocupar com as demais competidoras. “No movimento olímpico, não é vencer, é a pessoa ver mais forte. Esse combustível me motiva muito. Sempre tentar fazer o meu melhor, representar o meu país da melhor maneira possível. E isso me basta”, afirmou. “Claro que eu gostaria de ganhar uma medalha, estar nesse nível, mas talvez tudo o que eu estou fazendo hoje inspire uma pessoa no Brasil a chegar à medalha no futuro.”

Campeã do Australian Open, Barty encerra jejum de 44 anos do país

SÃO PAULO A longa espera da torcida australiana chegou ao fim neste sábado (29). Após 44 anos, uma tenista da casa voltou a vencer o Australian Open e fez a festa do público. A número 1 do mundo, Ashleigh Barty, derrotou a norte-americana Danielle Collins por 2 sets a 0 (6/3 e 7/6) e conquistou o terceiro título de Grand Slam na carreira, o primeiro em seu país. A última australiana campeã do torneio havia sido Chris O’Neil, em 1978, ainda nas quadras de grama do Kookaburra Club. Ela esteve na arquibancada para acompanhar o feito da compatriota na quadra dura do Melbourne Park. Barty, 25, já tinha chegado uma vez às semifinais (2020) e outras duas às quartas (2019 e 2021) do Australian Open,

Neste ano, ela enfim conseguiu levar o tênis versátil que a credenciou como melhor tenista do mundo do começo ao fim do Slam, sem deixar nenhum set pelo caminho. Até o jogo deste sábado, foram apenas 21 games cedidos em seis partidas, média de 3,5. Collins obteve quase o triplo na final e foi a única tenista que conseguiu deixar Barty desconfortável na quadra em algum momento, mas não por tempo suficiente para ter ao menos um set point contra a campeã. Australiana, 35 anos (17 semanas na liderança do ranking, oitava maior marca da história) e a segunda entre as atletas em atividade, atrás apenas de Serena Williams (319). Ela possui agora títulos em 3 dos 4 torneios do



Ashleigh Barty fez a festa da torcida australiana em Melbourne. *© Morgan Settle/Reuters*

Grand Slam, cada um em uma superfície diferente, após as vitórias no saibro de Roland Garros (2019) e na grama de Wimbledon (2021). Faltava apenas o US Open, também disputado no piso duro. A entrega do troféu teve como convidada surpresa Evonne Coolidge, 70. A australiana conquistou um total de 14 troféus de Slam na carreira (sete deles em simples) e é tratada por Barty como uma referência dentro e fora das quadras. Ambas têm ascendência aborígene e são embaixadoras de temas ligados aos povos nativos do país. “Este é um sonho tornado realidade para mim. Tenho muito orgulho de ser australiana. A parte mais importante deste torneio é poder compará-lo com tantas pessoas, e vozes, e um legado, temas que excepcionais”, disse a campeã na cerimônia de premiação. Barty seguirá intacta na liderança do ranking, enquanto Collins fará sua estreia no top 10 aos 28 anos e será a melhor americana na situação

Todos precisam de ajuda

Sylvinho, Tite e Ancelotti poderiam conversar e se auxiliar

Tostão

Crônica esportiva, participação cortês jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Não sei o que gosto mais de escrever: sobre a lógica, a compreensão do jogo e os detalhes técnicos e táticos ou sobre a incerteza e a dramaticidade de uma partida, que não tem enredo definido, como a vida. Procura ter os dois olhares. Às vezes, eles não se entendem. Um quer ser mais importante do que o outro. O empate por 1 a 1 com o Equador foi um jogo estranho, maluco, ruim, com quatro lances decisivos alterados pelo VAR e com dez jogadores de cada lado na

maior parte do tempo. O árbitro quis compensar os erros, mas o VAR não deixou. Marquinhos e Neymar fazem muito falta à seleção. Marquinhos e Thiago Silva formam uma das melhores duplas de zaga do mundo. A avaliação de que Thiago Silva joga muito bem no Chelsea porque a equipe atua com três zagueiros, e ele, com a idade mais avançada, fica mais protegido, não se sustenta, pois Thiago Silva brilha também na seleção. Contra o Paraguai, na terça-feira, no Mineirão, Tite vai

escalar novamente Coutinho, já que ele jogou só 30 minutos, por causa da necessária substituição da técnica, ou vai entrar com Paquetá, suspenso da primeira partida, que seria o substituto imediato de Neymar? Não ficarei surpreso também se o treinador tirar um dos jogadores de lado, Vinícius Júnior ou Raphinha, para dar lugar a Paquetá, mantendo Coutinho, Vinícius Júnior precisa jogar mais vezes e em partidas seguidas pela seleção.

O jovem terá muitas dificuldades de repetir na seleção o que faz no Real Madrid, pois, no time espanhol, aprendeu com Ancelotti a jogar pela linha, aberto, e também pelo meio, entrando em diagonal, para receber a bola atrás do meio-campo adversário, mais próximo ao centroavante, da área e do gol. O Real joga com um trio no meio-campo, sem um meio ofensivo. Na seleção, como o time joga com dois volantes em linha, Casemiro e Fred, e um meio à frente dos dois

(Neymar ou Coutinho ou Paquetá), o espaço atrás do meio-campo adversário é preenchido pelo meio ofensivo. A solução para a seleção brasileira não é atuar como o Real Madrid, pois não há meio-campistas de alto nível, como Kroos e Modric, que atuam de uma intermediação à outra. Com três no meio-campo, Neymar teria de jogar pela esquerda e não sobraria para Vinícius Júnior. E ainda tem Paquetá para tirar um lugar do mesmo Coutinho, se ele voltar a brilhar. São dúvidas e enigmas que Tite terá de resolver até a Copa. Deveria procurar ajuda, telefonar para Ancelotti, que ele tanto admira, para conversar sobre Vinícius Júnior e outras coisas. O Corinthians, na prancheta, tem o mesmo desenho tático do Real Madrid, com um trio no meio-campo, dois

jogadores abertos e um centroavante. O time é muito estático, com cada jogador em sua posição, a que facilita para a marcação adversária. Roger Guedes, pela esquerda, poderia, como na época de Atlético e como faz Vinícius Júnior no Real, atuar pelo ponto e também entrar pelo meio, em diagonal, para receber a bola atrás do meio-campo adversário, mais perto do gol e do centroavante. O jovem Sylvinho, vibrante e estudioso, que foi auxiliar de Tite e que adora o “tí-tê”, deveria telefonar para o técnico da seleção para pedir ajuda. Sylvinho, Tite e Ancelotti poderiam conversar juntos, pelo menos por videoconferência. Um poderia ajudar o outro. Todos precisam de ajuda. Sugiro apenas que Sylvinho chame Paulinho de Paulo, não de Paulo. Fica muito chato.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Banheiro compartilhado

Eu poderia ficar assim e deixar que tudo seguisse seu curso. Sei que existiam coisas grandes, mas também o corpo sabe de coisas que nós não sabemos. O animal que somos sabe mais. Desde inclusive a história do camping foi assim. De lá e Filipa propuseram acampar. Eu tinha tomado vinho quando fizeram a proposta, a ideia que fosse ser divertido e acabar com um programa ridículo. Armas como mochileiras, nos três, a praia próxima à Ilhota. Aos 35 anos! Como mochileiras! Odeio acampar. Odeio a mochila.

Fomos parar em uma pouxada perto da praia, onde se podia montar a barraca no jardim. Tínhamos acesso a um banheiro compartilhado no térreo e à cozinha. Na primeira noite não dormi. A barraca era para duas pessoas. Nós três tínhamos que dormir meio de lado para caber. Filipa roncava um pouco. Me bateu angústia. O tapete de yoga não aplainava os desníveis

da grama. Eu estava sobre um forroquero, algo duro que sobressaía. Impossível.

Cada vez que eu ia ao banheiro, olhava o único quarto que havia ali no térreo, olhava a cama. Nela dormia um garoto, um hóspede. Teria lá seus 19 anos. Ele debicava a porta aberta. Os pais e as irmãs dormiam nos quartos de cima. Mas ele estava sozinho ali embaixo. Um quarto com uma grande wifi ar-condicionado e tomadas onde eu regaria a chuva. Notei que ele me olhava quando nos cruzávamos. Tímido e lindo. Musculoso, de olhar límpido. Como você se chama? Marco. Oi, Marco, meu nome é Cynthia. Às vezes Marco pegava o violão do salão comum e tocava sozinho, cantando em voz baixa em uma espreijadeira na outra ponta do jardim. Não ia à praia. O tempo todo pedia desculpas. Cada vez que nos cruzávamos, meio que nos esbarrávamos no corredor estreito. Desculpa, desculpa. Um dia pedi emprestado o carregador de

celular dele e depois o deixei em cima da cama. Outro dia entrei apressada para fazer xixi na volta da praia e ele estava tomando banho. Desculpa, desculpa, eu disse não olha.

No terceira noite em que eu estava na barraca sem conseguir dormir, me deu vontade de chorar. Pensei em voltar sozinha, tentei dormir no carro. Havia mosquitos. Estava ficando sufocada. Fui ao banheiro às duas da manhã e cruzei com Marco na escadaria. Eu disse: Marco, preciso dormir em uma cama. Se ocupar uma porta, se não te incomodar. Acho que ele não entendeu, até que me viu entrar no quarto. Foi o meu corpo que entrou ali. Marco ficou parado e depois fechou a porta. Durmo só um pouco e depois vou embora, sussurrei. Está bem, ele disse, descansa. Sua temura e a cama macia e o frescor do ar-condicionado, tudo isso me fez chorar. Como se alguém me abraçasse. Acho que por ser bem-educado ele quis me consolar pondo a mão nas minhas costas. Em um instante foi como se um irmão tivesse sido instalado. Nos grudamos.

Eu não estava com ninguém fazia uns seis meses. O sem-vergonha só beijar, sabia transar. E parecia tão caladinho. Ele estava sem camisa. Eu disse que estava tomando pílula, mas não era verdade. Foram três noites assim. Tínhamos que ser ultra-silenciosos, porque o quarto dos pais dele ficava bem em cima. Transávamos e dormíamos e voltávamos a transar. Eu escapula cedo, entrava no banheiro, voltava para a barraca e fingia que nada tinha acontecido. A gente se cumprimentava ao se cruzar durante o dia sem nem sequer sorrir. Muitas amigas sabiam, mas ninguém mais suspeitou de nada. A mãe dele me olhou meio feia, mas por pura intuição, sem provas.

Isso foi em fevereiro. Dois meses, e não desce. Posso dizer que ele foi um doador ou algo assim. Melhor ter sem um homem pensando na minha vida. Que tudo siga seu curso. Quem sabe nem faço o teste. Que cresça em mim. O corpo sabe. Eu sempre quis ter um filho.

Tradução de Lina Dornelles



Sergey Prokhorov - 28 Jan 22 / Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Soldados russos fazem treinamentos a menos de 50 km da fronteira com a Ucrânia. Os EUA elevaram os alarmes acerca do risco de uma invasão. Longe de ser discreto, Vladimir Putin deslocou 100 mil homens e equipamentos ainda em novembro e, em conjunto com a frente da Crimeia, anexada em 2014, e da aliada Belarus, do ditador Lukachenko, poderia fazer um ataque em três frentes ao regime de Kiev, aliado aos interesses dos EUA, da Otan e da Europa.

FRASES DA SEMANA

FALAX DE DEUS

Papa Francisco

Durante audiência semanal do Vaticano, o papa falou sobre a importância da família e da vida. Ele disse que a vida é um dom de Deus e que devemos cuidar dela com respeito e amor. Ele também falou sobre a importância da oração e da meditação.

"Nunca condenem seus filhos"

FOME CEM

Waiter Belik

Professor de História da Ecologia da Universidade de São Paulo, ele falou sobre a importância da natureza e da vida. Ele disse que a natureza é um dom de Deus e que devemos cuidar dela com respeito e amor. Ele também falou sobre a importância da oração e da meditação.

"Os impactos para a economia são enormes, porque existe um custo social da fome. Esse custo deve ser gerenciado pelas políticas públicas. Ele impacta no sistema de segurança social, no Orçamento, na saúde,

na educação, com atraso de aprendizagem das crianças, e no mercado de trabalho, com redução da mão de obra e da produtividade. Colocando na balança, prevenir seria mais barato. A fome custa caro"

JOGA PEDRA NA GENI

Chico Buarque

Artista afirmou que não vai mais cantar uma de suas músicas mais conhecidas, "Com Aquela, com Aquele". Ele falou sobre a importância da música e da vida. Ele disse que a música é um dom de Deus e que devemos cuidar dela com respeito e amor. Ele também falou sobre a importância da oração e da meditação.

"As feministas vão ficar zangadas comigo e com a Nara agora. [...] As feministas têm razão, eu vou sempre dar razão às feministas, mas elas precisam compreender que naquela época não existia. Não passava pela cabeça da gente que isso era uma opressão, que a mulher não podia ser tratada assim"

HERMANOS, HERMANOS, NEGÓCIOS À PARTE

Celso Amorim

O ex-chefe de governo que é embaixador da OMC (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), anunciou na quarta-feira (26), deverá ser analisada com calma e que relações comerciais não devem estar alinhadas às preferências políticas.

"O nosso modo não é Nicarágua, não é Cuba e não é a Venezuela. O Brasil é um país capitalista e vai continuar. Agora capitalista com sensibilidade social. Nós defendemos a democracia de maneira que nos parece mais eficaz, não apenas para agradar a agenda da mídia ou de outros setores."

COM A BOLA TODA

Luiz Matos

Mile de Luanha, 18, criou um assassinato para mudar o regulamento do

Campeonato estadual de futebol sub-19 do Espírito Santo. O jogador foi por meio das redes sociais e conseguiu entrar em contato com o jogador. Ele disse que a bola era dele e que ele queria jogar. Ele também falou sobre a importância da bola e da vida. Ele disse que a bola é um dom de Deus e que devemos cuidar dela com respeito e amor. Ele também falou sobre a importância da oração e da meditação.

BRAÇO DE FERRO

John Sullivan

Numa pouco antes da entrevista online, na qual usou de mais frases para falar da crise, o embaixador americano em Moscou, Ronald D. McMichael, adotou uma postura agressiva, dizendo que a Rússia estava ameaçando a segurança da fronteira da Ucrânia.

"Se eu colocasse uma arma na mesa e digo que venho em paz, isso é ameaçador, e é isso que nós vemos agora"

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Tornar cada vez menos suportável e remediável. 2. As cerimônias de uma religião ou seita. 3. Um avião de combate como o Tucano. 4. da Embraer. 5. Rua ou travessa estreita (Fig. Capacidade para se manter em boa forma e atuar em qualquer atividade. 6. (Fr.) Do-se de vinho de cor intermediária entre o ruivo e o branco. Encanto pessoal. 7. Arbusto ornamental de pequenas flores brancas. 8. (Zool.) Pele escamosa que reveste o pé das aves e dos répteis. 9. (Quim.) O lítio. 10. Emparedar. 11. Terreno lamacento, pantanoso. 12. Abreviatura de celular. 13. Gastar com o uso. 14. Proveitoso. 15. Trajetória do avião. 16. (Balanço) O grupo musical com Pepeu Gomes, Baby Consuelo e Moraes Moreira, dentre outros. 17. Princípio de organização. 18. Língua de tribo aimoré que vive na região de Porto Seguro. 19. O cantor sertanejo e apresentador Beldin.

VERTICAIS

1. Plantas como o coentro, a salsinha e o alecrim. 2. Que tem falhas. 3. 12, em algarismos romanos. 4. Cognome. 5. Uma operação feita cada com trinta. 6. Plantação de azeitonas. 7. Geônimo. 8. Fênix de um par de do côco. 9. Aparecer (em uma elevação). 10. (Francisco) Cidade dos EUA. 11. Roberto Carlos, cantor de "Detalhes". 12. Aplica as faculdades intelectuais para aprender algo. 13. Tudo sem voga. 14. 52, em romanos. 15. Um equalizador dos carros de corrida. 16. Furo de pipoca comestível. 17. Quente ou frio. 18. Qualidade peculiar. 19. Segui pista / iluminar intensamente.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									

Aeroporto: 1. Aça. 2. Caráter. 3. Rastrear. 4. Rastrear. 5. Aça. 6. R. Escudo. 7. Bag. 8. Colônia. 9. Loba. 10. Assoma. 11. 52. 12. 52. 13. 52. 14. 52. 15. 52. 16. 52. 17. 52. 18. 52. 19. 52.

SUDOKU

versão simplificada

OFICIAL

4				8		7	6
		8	9			4	
			3		2		8
5					6		
6	2					8	4
		9					1
8	3			9			
	6			3	8		
7	4		6				9

O Sudoku é um tipo de quebra-cabeça lógico em que o jogador precisa preencher o quadrado mágico, que está dividido em nove grades, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 30 Jan. 1972

Itamaraty estuda ampliar série de encontros diplomáticos de Médici

O presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, vai se encontrar nos próximos meses com os presidentes da Argentina, Alejandro Lanusse, da Bolívia, Hugo Banzer, e de Portugal, Américo Tomás.

Além disso, o Itamaraty estuda marcar reuniões do brasileiro com representantes de outros países, mas esse assunto é mantido sob o maior sigilo.

nos meios diplomáticos. As poucas informações que circulam indicam que ocorrerão, ao menos, outros dois encontros com líderes de nações da América Latina. Um provavelmente deve ser o presidente da Venezuela, Rafael Caldera, e outro, o futuro chefe de governo do Uruguai.

LEIA MAIS EM [arquivo.folha.com.br](#)



ilustração três Simão trada sn!!



Ulisses, 02.02.2022

Com densa caracterização dos personagens e desabusados jogos de linguagem, o livro-romance de James Joyce revolucionou o romance moderno.

- Crises abrem espaço para renovação em São Paulo, diz Rafael Rolnik 32
- Bolsonarismo depende de língua de inversões, escreve Bernardo Carvalho 37
- Psicanalista interroga aspectos do ofício da cultura contemporânea 62

ilustrada ilustríssima

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Carol Marra

Meu talento importa, não o que tenho entre as pernas

[RESUMO] A atriz de 44 anos, que vive seu primeiro papel em uma novela da Globo como mulher cisgênero, afirma que levantar a bandeira do gênero 'é muito chato, reclama da cobrança para artistas se posicionarem sobre política e diz que não há mais desculpa para usar pronomes errados com pessoas transexuais, como ocorreu no 'BBB'. 'Isso não cabe mais nos dias de hoje

Por **Manoella Smith**

Aos 44 anos, a atriz Carol Marra conta ter conseguido abrir algumas portas para mulheres transexuais no país em áreas que elas eram ignoradas, como a da moda e a do audiovisual. Despontou como modelo, atuou em séries e filmes e se apresentou como "a primeira trans a protagonizar um beijo na TV" (em "Romance Policial - Espinosa" do GNT, em 2015) e a posar nua para a revista *Tripp*. Agora, vive sua primeira personagem mulher cisgênero (que se identifica com seu gênero de nascimento) na novela das 19h da Globo, "Quanto Mais Vida, Melhor!" de Mauro Wilson. "Fico triste quando leio a primeira trans [a fazer algo]. Queria ser só mais uma", afirma Carol.

Mesmo com algumas conquistas, diz que o Brasil "ainda precisa subir muitos degraus, de saltos finíssimos" em relação aos direitos das pessoas LGBTQIA+.

É crítica a hipocrisia do país "que mais mata transexuais no mundo e que também é o maior consumidor de pornografia trans no planeta".

A atriz falou à coluna dias antes do Dia Internacional da Visibilidade Trans e Travesti, celebrando neste sábado (29). "As pessoas ainda se preocupam muito com a sexualidade do outro, com o que você faz entre quatro paredes".

Em uma entrevista à coluna, em 2016, Carol disse que o principal interesse das pessoas era referente à sua genitália. Seis anos e uma cirurgia de redesignação sexual depois, o incomodo persiste. "Entendo a curiosidade, mas é um assunto que me cansa".

Ela também diz que estava farta de fazer o mesmo papel da mulher trans retratada de maneira caricata nas telas. Por isso, a atual personagem é um alento. "Já estava na hora, né?"

Há outras duas atrizes trans na novela: Marcella Maia, que interpreta a Morte, e Nany People, que faz a porteira de um motel. "Em momento algum a gente está levantando a bandeira de discussão de gênero, até porque levantar a bandeira é muito chato. Você se torna uma pessoa pesada. É preciso normalizar os corpos trans no Brasil", afirma.

"A novela é assunto na mesa de jantar da família, no bar entre amigos, é um veículo de massa. É importante mostrar pessoas trans fora dos estereótipos", continua a atriz.

Por isso, celebra a participação da cantora Linn da Quebrada no "BBB" 22, embora, diz, tenha "demorado muito". Linn é a segunda mulher trans no reality da Globo, depois de Ariadna Arantes, em 2011.

Nos primeiros dias de "BBB" a cantora, que alterou seu nome nos documentos para Linn, foi tratado pelo pronome masculino por alguns participantes. Quando uma colega se desculpou dizendo que estava tentando aprender, ela respondeu que já havia dado tempo para isso.

"O básico é você ser chama-

do pelo seu nome social, não tem que ensinar nada", opina Carol. "Ainda mais no caso da Linn, que tem uma tatuagem escrito 'ela' na testa. Esse preconceito não cabe mais nos dias de hoje. A gente já cansou".

Com o fim das gravações da novela, Carol se prepara para protagonizar seu primeiro longa, "Odara", em que fará par romântico com Ricardo Pereira e contracenará com Maria Fernanda Cândido e Silveira Perreira. Também planeja retomar o projeto de um monólogo com o diretor Jorge Fajalá.

Nascida em Belo Horizonte, ela se mudou para o Rio ainda adolescente. Foi lá onde estudou formalismo, começou a carreira como modelo e assumiu a identidade feminina aos 22 anos.

Hoje vive em São Paulo. Acabou de se mudar para um apartamento maior nos Jardins, com o empresário Tarik Miglierini. Juntos há cinco anos, eles ficaram noivos neste mês e iniciaram o processo para ter um filho por meio de uma barriga de aluguel fora do país. Já que aqui ainda não é permitido. Para isso, contrataram a mesma agência usada pelo ator Paulo Gustavo e o dermatologista Thales Bretas, mas o bebê deve ficar para o fim deste ano ou o seguinte.

"Agente é julgado, apedrejado. Os fundamentalistas religiosos fazem vista grossa, mas [uma mãe trans] não vai influenciar nada na formação de caráter ou sexualidade".

Para alguém que fazia xixi na calça por medo de transtorno da escola quando criança, Carol diz que não há nada como ser livre para ser o que sempre quis ser — tanto e que ganhou "liberdade" na nuca.

Não me arrependo. Eu já tinha absorvido aquela realidade antes mesmo de viverci-la porque foram tantos anos escondendo aquilo que não era para eu ter. Sou a mesma Carol de antes da cirurgia [de adequação, feita em 2017].

Claro que muda na minha intimidade. A produção de hormônios é outra, tenho ondas de calor de mulher na menopausa, meu corpo ganhou curvas, a minha pele mudou.

Também tive que aprender essa nova forma de sentir prazer com o meu parceiro, e ele teve que ser superpaciente. A cirurgia não é uma castração, né? Todas as terminações nervosas são preservadas. Hoje tenho prazer como qualquer outra mulher. Isso é gostoso, é libertador.

Tenho a preocupação de me vestir de uma forma adequada, porque as pessoas me julgam. A sociedade ainda associa a mulher trans a uma profissional do sexo. Eu não sou melhor do que elas, mas essas meninas não tiveram oportunidade. Elas adorariam ser artistas, professoras, médicas, e são vistas como um pedaço de



A atriz Carol Marra em seu apartamento na região dos Jardins, em SP. Thales Carlini/Unifolha

carne ou são invisíveis. Ninguém dá uma chance, uma palavra de carinho.

Foi no mundo da moda onde eu mais sofri preconceito. Sentia que nos desfiles o menor biquíni era escolhido para mim. A passarela se transformava num circo bizarro.

Hoje, muitas marcas incluem modelos gordas, pretas e trans, mas porque parece estar na moda. Muitas fazem isso para entrar na onda e não serem excluídas. Não é algo orgânico, que vem do coração.

Toda regra tem sua exceção e eu tenho a sorte de ser parceira de marcas. Já é um avanço. A menina que está lá no interior do Acre vai ver a minha cara e pensar: "Puxa, se ela pode eu também posso". Na minha época não tinha essa força das redes sociais.

Tem um lado muito bom, mas também deu voz para muita gente vazia que é tida como reis e rainhas. Às vezes uma pessoa participa de reality, tem 50 milhões de seguidores, mas o que ela agrega? Entendo que a gente possa ser fã. Mas tem tanto ator que vai fazer teste e tem que responder quantos seguidores tem nas redes. Quero ser avaliada pela minha capacitação profissional, não pela quantidade de seguidores nas redes ou pela minha sexualidade. O meu talento é muito mais importante do que o que tenho entre minhas pernas —que vai ficar tapadinha, né? Ninguém se preocupa com, sei lá, o Antônio Fagundes. Se a genitália dele é grande, se é pequena, se é peluda, se não é. É um detalhe que tá lá embaixo.

O programa é um estudo do ser humano, de como ele se comporta. As discussões, as brigas, tudo é um reflexo do que acontece aqui fora. Pode ser vazio? Pode. Mas olha a importância desse reality show. Milhões de pessoas estão falando de pautas trans, de preconceito, de violência contra a mulher, de racismo.

Eu adoraria estar lá. Mas eu tenho receio de tomar um drinque a mais na festinha, e aí meu amor, na carência, eu vou abraçar aqueles bonitões e vai rolar a festinha do edredom. Como fica com o noivo e a minha reputação de moça certinha aqui fora? [risos]

É muito chato ter que se cobrasa a todo momento. Às vezes eu não quero me pronunciar e ponto. Naqueles dias que eu sou a favor do governo, ou contra, não tem nada a ver.

Meu ganho-pão é a minha imagem e a minha voz. Os contratos publicitários que tenho me impedem de me posicionar. Não me sinto confortável nesse lugar, pelo contrário. Mas aí vou me posicionar, agradecer a meia dúzia de pessoas e vou ganhar dinheiro como?

Tem blogueirinha de moda com 20 milhões de seguidores e ninguém cobra um posicionamento político dela. Agora, vão cobrar o ator com 100 mil seguidores. Os artistas foram umas das classes mais prejudicadas na pandemia. Tenho amigos que estão em novelas sendo reprisadas e que estão passando dificuldades.

Os atores estão sendo massacrados, e aí vem essa gente ignorante desse gado, falando que artista vive de Lei Rouanet, e nem sabem o que isso é.

Costumo dizer que ser trans é ser mulher ao cubo. Mais do que a vontade, você tem que provar a todo instante, para todo mundo, que você é mulher. Isso é o mais chato. Então muitas colocam silicone cabelo, unha, fazem maquiagem, harmonização facial.

A gente quer tanto ser mulher que às vezes exagera nos procedimentos. Já me arrependi de muita coisa e hoje eu prefiro uma aparência mais natural, até pela minha idade já sou uma senhora [risos].

CHEGOU O REFORÇO

01

2

3

4



ESTREIA

03 DE FEV QUINTA, 22H55

AXN

a Sony Network

AXN CLARO (SD) 135 | CLARO (HD) 635 | SKY (SD) 136
SKY (HD) 636 | VIVO (HD) 94, 852, 644 | Oi (HD) 69

14

ilustrada ilustríssima

As revoluções de ‘Ulisses’

[RESUMO] ‘Ulisses’, cujo lançamento completa cem anos na quarta-feira (2), revolucionou o romance moderno com sua densa caracterização de personagens e o emprego desabusado de jogos de linguagem e do fluxo de consciência, tipo específico de monólogo interior. James Joyce foi um artista heroico, escreve autor, e criou uma linguagem universal sobre o desespero da condição humana

Por **Carlos Adriano**
Cineasta e doutor pela USP, realizou pós-doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP e dirigiu “O que Há em Ti” (2020) e “Salmos Dublino Pá-e-nesta” (2016), entre outros filmes

Ilustração **Sérgio Medeiros**
Poeta e artista visual

São tantas as revoluções de “Ulisses” no romance moderno que o bebado Stephen Dedalus ficaria tonto (estupéfato radar tanto) só de virar algumas páginas e ser tragado em tantas reviravoltas, sem precisar entornar um trago sequer, dos muitos que tomou ao longo da história —tal qual o bebedor do seu autor, James Joyce, ao socobrar (segundo ele) sete anos no livro “como um galé”.

Como a Terra não é plana, os personagens de “Ulisses” não são chatos. São hilários e tão complexos quanto os heróis de Homero. O épico do escritor irlandês é (des)construído em disparatado paralelo à “Odisséia” do poeta grego do século IIº ou 9º a.C. Joyce não se fez de rogado ao demarcar sua experiência ambiciosa (ponto-chave do modernismo ou pivô pós-moderno?) a partir da matriz literária ocidental.

No guisado regado com cerveja, os protagonistas são Stephen Dedalus (labiríntico herói do primeiro romance de Joyce, “Retrato do Artista quando Jovem”, 1916), Leopold Bloom e a esposa Molly Bloom (supostas contrapartes conversíveis de Telêmaco). Ulisses (nome latino de Odisseu) e Penélope, flagradas vagabundando no regresso de Odisseu ao lar após a Guerra de Troia. Mas os fantasmas que mais assombram “Ulisses” talvez sejam os de “Hamlet”, tipificando a reciclagem da influência de Shakespeare.

A ação de “Ulisses” (lunt celebrado por jurros de consciência, o romance tem uma porção de acontecimentos patéticos e peripatéticos —se passa em Dublin em 16 de junho de 1904. Um dia na vida de gente comum che(o)a de lugares-incomuns. Começa às oito da manhã, na Martello Tower, e segue os periplos atarantados do colportor Leopold e do professor Stephen (o encontro deles é o glorioso nó górdio-gregário do livro), enquanto Molly permanece na cama.

Entre inveteradas peregrinações a pubs e intrincadas discussões alheias às certezas clássicas, Bloom e Dedalus batem ponto no correio, na agência de um jornal, na praia e na biblioteca nacional, antes da noturna conversa fiada fiada na desativada torre de defesa do Martello, arrendada por Buck Mulligan, espelho de Dedalus. A espera da tração da mulher e com chufres à flor da testa, Bloom proteia a volta ao lar em odisséia de crime contrito.

Com densa caracterização de personagens e desabusados jogos de linguagem (de alto e baixo câlão), o romance é famoso pela variação do monólogo interior chamada de “stream of consciousness” ou, dito jocosamente, “nocomprete” da consciência. O motivo-chave veio de obra escrita no século 14 por Dan Michel de Northgate, “Ayenbite of Inwit” que Antônio Houaiss traduz como “remordida do imo-senso” e Augusto de Campos como “remorsura do ensimesmo”.

O pioneiro do monólogo interior foi Édouard Dujardin, em “Les Lauriers Sont Coupés” (1887), dicção adaptada por Gertrude Stein (“The Ma-

long of Americans”, 1925) e Virginia Woolf (“Orlando”, 1928). Com certa de 40 mil palavras sem pontuação, o monólogo de Molly é a sensação de “Ulisses” com fecho de chuspa libertária: “E seu coração disparando como louco e sim eu disse sim eu quero sim” (tradução de Haroldo de Campos).

Possuída por uma força estranha à que tomava as pacientes de Charcot, as personagens de Linda Blair (“O Exorcista”, 1973, William Friedkin) e Isabelle Adjani (“Possessão”, 1981, Andrzej Zulawski), a Penélope charmosa (ou Calipso facer-feticeira) deu voz a Nora Barnacle, esposa de Joyce. Para Anthony Burgess, joyciano autor de “Laranja Mecânica” (1962), “essa imagem final é de Nora e não de Molly — Nora escrevia as cartas sem pontuação e é difícil distinguir entre um trecho de uma carta de Nora e um trecho do monólogo de Molly”.

Se todo grande homem tem por trás uma grande mulher, Joyce teve duas: Nora e Sylvia Beach, dona da lendária livraria parisiense Shakespeare and Company, e audaciosa editora que lançou “Ulisses” em livro, em 2 de fevereiro de 1922, dia dos 40 anos de Joyce. Sim, 16 de junho de 1904 é o dia de Bloom por que foi nessa data o primeiro encontro de Joyce e Nora.

Joyce amargou penúria como professor da escola Berlitz em Zurich e Trieste até que, a partir de 1915, Ezra Pound passou a lhe abrir portas e comportas do mundo intelectual e social, não sem antes lhe comprar um traje adequado. “Devenhamos nos aproximar do ‘Ulisses’ como o pregador batista alfabeto se aproxima do Antigo Testamento: com fé”, escreveu William Faulkner, autor de “O Som e a Fúria” (1929), outro diapasão do monólogo interior. Para Harry Levin, com “Ulisses” Joyce escreveu “um romance para acabar com todos os romances”.

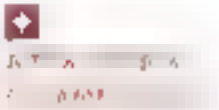
Um século após a garantia de longevidade dessa revolução literária não ter expirado, o que dizer? Que gerou séqüitos de aficionados? O megalômano Joyce queria leitores que dedicassem a vida a sua interpretação: para ele, “Ulisses” deixaria os críticos ocupados por séculos.

Continua na pág. C5

“Ulisses” reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905)



ilustrada ilustríssima



2.fev.1882
O escritor nasce em Dublin, na Irlanda

16.jun.1904
Primeiro encontro de Joyce e sua futura esposa, Nora Barnacle, com quem se casou em 1931

des.1916
Seu primeiro romance, 'Retrato do Artista quando jovem', de teor autobiográfico, é publicado

1918-1920
Publicação seriada de 'Ulysses' nos EUA, na revista The Little Review: trechos considerados obscenos levam a obra a ser banida e seus exemplares, queimados

1920
Depois de morar em Zurique, na Suíça, e Trieste, na Itália, Joyce se muda com a família para Paris, onde permanecerá até 1940

2.fev.1922
'Ulysses', principal obra do escritor, é lançado na França pela Shakespeare and Company, de Sylvia Beach

4.mai.1939
'Finnegans Wake', seu terceiro e último romance, é publicado

23.jan.1941
Joyce morre em Zurique aos 58 anos, depois de uma cirurgia para tratar uma síncera perfurada

Obra da série 'A Visual Finnegans Wake on the Island of Brazil' Imagem recria uma página de 'Ulysses', em que Joyce emprega várias vezes as iniciais de seu nome, JJ, em uma espécie de autorretrato verbal

Na imagem da capa do caderno, obra retrata o rosto de Joyce refletido nas águas do rio Liffey, na Irlanda

Divulgação

Continuação da pag. C4
Os joyceanos não são sectários como os fanáticos bozamoristas, são devotos maníacos do bem, que cultuam a beleza do encantamento e o mistério do conhecimento, bebem cajuína (com ou sem gim) e se perguntam: "Existirmos, a que será que se destina?"

És uma assertiva temerária e pre-remptória: "Ulysses" reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905) — e anteviu ainda o princípio da incerteza de Heisenberg (1927)

Tá ok: antes de Joyce publicar a versão serial de "Ulysses" na Little Review de 1918 a 1920, Picasso e Duchamp já enquadravam Freud e Einstein em fragmentações pictóricas do movimento ("As senhoritas de Avignon", 1907; "Na Descensão do Escadão", 1912), unidade tripartida do espaço mental (ego, id, superego) e multiplicidade do tempo dimensional

A originalidade e a proeza prodigiosas de "Ulysses" consistem na escritura de uma pós-prosa (além-prosódia) para descabaçar o lastro celebratório do romance (palinódia do duchampiano "Grande Vidro?"), com roteiro do Mallarmé de "Um Lance de Dardos" e "Ig.tur", cenários de René Magritte e Kurt Schwitters, e trilha sonora da santíssima trindade da iconoclastia composta por Charles Ives, Edgar Varèse e Erik Satie. Heróica e trínica, atualizado e anacrônico? Pois é, prueza.

A intertextualidade e a paródia unem Joyce ao compatriota Jonathan Swift, ao "Tristram Shandy" (1759, Laurence Sterne), a Rabelais (arabescos do grotesco de "Gargantua e Pantagruel", 1564) e a Cervantes (cavaleiro da embriagada figura, Dedalus não foge de Dom Quixote). Se os caudalosos monólogos de "Ulysses" são contrafação da recusa de "Bartleby, o Escrivão" (1853, Herman Melville), o lúcido nonsense de Joyce dumina o Samuel Beckett de "Molloy" (1951) e "A Última Fita de Krupp" (1958).

Joyce continua Beckett sobre a noite do encontro com Marcel Proust em Paris, em 1921. Embora adivinhados na complexa composição da memória humana, eles não se entenderam, a conversa se resumiu a mutuos e sucessivos "nãos" (e negaram ter lido os respectivos livros). Em tempo: "são" é a palavra recorrente na corrente monolítica da soprano Molloy, cujo empresário Boylan ar(x)isca capitulá-la como Capita, em equação booleana do adultério.

Uma das marcas de "Ulysses" é a invenção vocabular, a composição de neologismos e palavras-montagens, a construção por paronimias, palíndromos e malapropismos — e melopropismos. O primeiro livro do braco erógeno da brincadeira de palavras é, justamente, de poemas, "Música de Câmara" (1907)

Outra marca é o do obscuro. Queimaram 500 exemplares em Nova York (1922) e outros 500 sumiram da alfândega britânica (1923). Banido por seu caráter híbrido, de perversa conotação sexual, circulou em edições clandestinas. Dada a quase ilegibilidade do catacais, é de se supor que o escândalo foi pela terceira via do "hearsay" (ouvi dizer) com que terrivelmente evangélicos censuram sem ler. Sim, rola um papo reto sobre a Bíblia em "Ulysses". Não, "Ulysses" não tem manadeira de pitoca e ninguém vê Homero ou Shakespeare na gôlubeira.

Escrito no exílio, esse hino à Irlanda é um mapa minucioso de Dublin, embora muitos detalhes (talvez deliberadamente) sejam errados ou questionáveis. A rota do romance pode ser reconstituída a pé quase no mesmo tempo circunscrito. Não tão jocosamente, Joyce proclamava que sua cidade natal poderia ser refeta das ruínas à imagem do livro

Pela epopeia episódica e o lavor ao aleatório, "Ulysses" seria um guia para "O Andar do Bebado. Como o Acaso Determina Nossas Vidas" (2008, Leonard Mlodinow). O culto a "Ulysses" gerou o Bloomsday: a cada 16 de junho o mundo brinda em pubs o gênio de Joyce. A viagem heroica de Homero é transformada em épica de tom menor, e a paisagem é passagem para indagações cósmicas (côsmicas) e para o fluxo mental de ébrios brancalhões a brandirem indefectíveis trocadilhos (troça-ditos).

Dois obras incontornáveis para entendê-lo são "James Joyce's Ulysses: A Study" (1970, Stuart Gilbert,

anotado por Joyce) e "Ulysses Annotated" (1986, Don Gifford e Robert Seidman)

No Brasil, Oswald de Andrade chama-o de "grande marco antinormativo" em artigos de 1943-1944, e em 2 de fevereiro de 1947 Patrícia Galvão (Pagu) publica "James Joyce. Autor de 'Ulysses'", nota crítica e primeira tradução de um trecho para o português. A poesia concreta põe Joyce em manifestos de 1956 e no paideuma do Plano Piloto de 1958

O Brasil acolheu a centelha joyceana em fortuna criativa, como se lê em "Grande Sertão: Veredas" (1956, Guimarães Rosa), "Catatau" (1978, Paulo Leminski) e "Lafixas" (1984, Haroldo de Campos), e se ouve em "Outras Palavras" (1981, Caetano Veloso). Augusto de Campos lembra que Sôssândrade "antecipou Joyce na formação de palavras-montagem"

Por conta de sua doença na vista, Joyce atirava-se ao chão em convulsões. O colega cego Jorge Luis Borges foi um de seus primeiros leitores, traduziu para o espanhol a última página do "Ulysses" e lhe dedicou um poema em 1968. Como um aleph borgiano, cada pormenor de "Ulysses" propaga-se em outros pontos do enredo. Um dos aforismas fora de série de Borges pode ser aplicado a Joyce: "Bernard Shaw dizia que um escritor tem tanto estalo quanto a sua convicção lhe permitir"

Embora infilmável, ou justamente por isso, "Ulysses" é livro dos mais cinematográficos, em fatura literal e no que projeta de futuro do cinema. Das transposições — "Ulysses" (1967, Joseph Strick), "Bloom" (2003, Sean Walsh) e "Ulysses" (1982, Werner Nekes) —, esta é a mais afeta a Joyce, dada a veia do cineasta-arqueólogo alemão. Um dos maiores cineastas de todos os tempos não só acalentou filmar "Ulysses" como adicionou Joyce às suas teorias.

Sergei Eisenstein escreveu em 1929 "O Princípio Cinematográfico e o Ideograma" e crava a raiz da palavra-montagem: "Ficou a cargo de Joyce desenvolver na literatura o hieróglifo japonês". Em "Reatuação" (1939), diz que, em "Ulysses", "a literatura adquire uma palpabilidade quase fisiológica". Em "Lickens, Griffith e Nós" (1943), sentença que "para encontrar a plenitude de seu sistema, a montagem teve de fazer viagens" através do "monólogo interior" de Joyce, até descobrir, no momento secreto com emendas do reitor, o "pensamento sensorial"

"Sirva-se!" (1972) vale-se de epígrafe extraída de "Ulysses" ("aquele gesto seria uma linguagem universal, a primeira entelégua") e confessa: "A mais brilhante realização da literatura [na apresentação do curso de pensamento foram os imortais monólogos interiores] em "Ulysses". Ao conhecer o diretor russo em Paris, o quase cego Joyce desejou ver o discurso interior de "O Encourajado Potemkin" (1925) e "Outubro" (1927)

No fim de "Ulysses" Bloom é flagrado florescendo em flaxilências, delecação explícita de idiosincrasias. Em "Vida Contra Morte" Norman O. Brown analisa a anacrida em Swift, a descoberta de que "a amada caga" (a flor imperfeita machadianamente nascida do estrume) — e constata o espanto em "Ulysses": a incongruência dual do ser humano, eu simbólico e corpo animal, a plenitude da ambição subime e a condenação inexorável à deterioração. A ambivalência do u-deu Bloom, paradigma de (n)pa(r)rid(a), "Nes. Yo." (Nim. São.)

O gênio é uma falha do sistema (Paul Klee) e uma neurose (Gustave Flaubert). Para André Gide, "a audácia mais bela é a da fim da vida" — "admiro-a em Joyce e em alguns raríssimos artistas e a obra termina em lalaia". Com extremo humor, "Ulysses" escancara a catástrofe de nossa condição em uma cantoria só. Para Faulkner, "todos fracassamos em realizar nosso sonho de perfeição", "de modo que estimo a nós todos com base em nosso esplêndido fracasso em realizar o impossível"

"Ulysses" é um romance sobre o herói moderno, e Joyce foi um artista heroico (categoria tão bem definida por Otto Rank). Com suas artes e manhas, criou uma linguagem universal para nosso amaro desamparo, eletricitando, em contracorrentes alter(n)adas, os condutores da experiência com complexos ampers. Se u "desesperanto" é uma desconstrução do esperanto e uma afirmação cheia de graça do desespero da miséria humana. Com traço de troça, joça sem jaça. <

ilustrada ilustríssima

A amiga que James Joyce teve um dia

[RESUMO] Cartas enviadas a James Joyce por Sy via Beach, amer cana dona de uma lendaria livraria em Paris e responsável pela primeira edição de ‘Ulisses’, reve lam o estilo de v da perdulãr o do escritor e seus constantes problemas financeiros. A,em de ter sido sua secretária e confidente, editora cuidou do bem-estar da família de Joyce e lidou com inúmeros percalços editoriais do romance, como a censura por trechos obscenos

Por **Dirce Waltrick do Amarante**

Tradutora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Autora, entre outros livros, de ‘Para Ler Finnegans Wake de James Joyce’ e ‘James Joyce e Seus Tradutores’. Digitalizou e traduziu ‘Finnegans Revolta’ que será publicado pela Iluminuras

Ilustração **Sérgio Medeiros**

Poeta e artista visual

Em 29 de abril de 1927, a norte-americana Sylvia Beach (1887-1962), dona da famosa livraria parisiense Shakespeare and Company e responsável pela publicação do agora centenário romance “Ulisses” do escritor irlandês James Joyce, escreveu a seguinte carta a ele:

“Tenho refletido sobre a questão das suas finanças. Estava impossibilitada de pensar neles claramente na sua presença por conta do feitiço lançado por seu gênio e da morosidade da minha aritmética. Você disse que tinha apenas 9.000 francos por mês para viver e então eu lhe lembrei que Ulisses lhe renderia 125.000 desde o último agosto. Isso dá cerca de 12.000 francos por mês, não é, que somados aos 9.000 totalizam cerca de 21.000 francos por mês. Você não considerou os direitos autorais de Ulisses importantes o bastante para mencionar. Mas teria sido mais correto de sua parte confessar que vem gastando esse montante de dinheiro considerável do que contar um monte de histórias da tarachinha para mim que sou sua amiga, se algum dia você teve uma. Você é o maior escritor vivo, mas até Pound tem mais juízo. Ir a um ajlot. Os Brandleys não podem ter uma falsa noção de suas circunstâncias maior do que você mesmo tem. Mas o que isso importa?

Com os mais sinceros cumprimentos,

Atenciosamente,
Sylvia Beach”.

Dessa carta vem o título do livro, publicado no final de 2021 pela Brill/Routledge e organizado por Ruth Frehner e Ursula Zeller, “Your Friend If Ever You Had One: The Letters of Sylvia Beach to James Joyce” (sua amiga, se um dia você teve uma: as cartas de Sylvia Beach para James Joyce), ainda sem tradução para o português. O volume traz as cartas da editora para o seu autor e um extenso aparato bibliográfico e crítico, entre textos e notas, de autoria das organizadoras, o qual lança luz não só sobre a relação entre eles, mas também sobre a relação entre Joyce e outros amigos que igualmente foram fundamentais para a sua carreira.

Entre esses amigos, cabe citar Adrienne Monnier (companheira de Beach), Paul Léon, Ezra Pound e Harriet Shaw Weaver, responsável pela publicação de “Um Retrato do Artista quando Jovem” e considerada a grande mecenas do escritor. Weaver deu a Joyce as condições financeiras de que ele precisava para seguir escrevendo. Muitas vezes, ela fornecia direitos autorais de vendas de livro para lhe depositar quantias que garantissem o sustento da família dele.

A vida financeira de Joyce é tema de muitas cartas. O escritor era perdulão: viajava de primeira classe (enquanto Beach e Monnier iam na terceira classe), ficava em hotéis de

luxe, gastava em bons restaurantes, dava presentes caros aos amigos etc. Portanto, não foram raras as vezes que o romancista escrevia a Beach pedindo-lhe mais dinheiro.

Em uma das cartas, a editora o calma, dizendo-lhe que ele não precisaria se estressar nas suas férias, pois a srta. Weaver, com quem ela estava sempre em contato, havia aparecido novamente com “47 mil francos! Que mulher extraordinária” mas Beach não fica atrás.

Joyce e sua futura editora se conheceram no verão de 1922 em uma festa. Na época, sua livraria, Shakespeare and Company, estava de portas abertas havia um ano e Beach já era conhecida entre os escritores locais e estrangeiros, muitos norte-americanos que haviam se mudado para Paris, tal como Gertrude Stein, Ernest Hemingway e Ezra Pound.

Foi em 1921, contudo, ao saber das dificuldades com a publicação de “Ulisses” que Beach resolveu lhe perguntar: “Você permitiria que a Shakespeare and Company tivesse a honra de publicar seu Ulisses?” Ela conta em suas memórias, “Shakespeare and Company: uma Livraria na Paris do Entre-guerras”, publicado pela Casa da Palavra em tradução de Cristina Serra, que Joyce “aceitou a oferta sem titubear e em público. Achei temerário de sua parte confiar seu grande Ulisses a uma editora tão pequena e musicada. Ele parecia, entretanto, encantado, e eu também”.

Desde sua publicação, em 2 de fevereiro de 1922 até maio de 1930, o romance chegou a sua 11ª edição com 28 mil cópias impressas. A partir daí, Beach não cuidou mais da venda do livro, mas seguiu ajudando Joyce, agora também com seu novo título, “Finnegans Wake”.

Vale lembrar que, em 2 de fevereiro de 1922, Joyce completaria 42 anos de idade e Beach queria lhe dar de presente a publicação de “Ulisses”. Ela conseguiu que Maurice Darnatier, responsável pela impressão do livro, lhe enviasse dois exemplares: um ela entregou a Joyce e o outro ela colocou na vitrine da sua livraria — logo muitos leitores e curiosos estavam lá para ver o tal livro que já causava um rebulião na literatura.

Joyce celebrou a chegada de “Ulisses” com um poeminha jocoso para a sua editora, que pode ser lido no livro “Shakespeare and Company”. O poema ganha agora uma nova tradução, assinada por Vítor Alevalo do Amaral.

Alguns versos, na tradução dele, dizem: “A multidão vinha armada/ E prè-comprava o tal Ulisses./ Mas lá embora ensimesmada./ À Sylvia cante toda a gente./ Pois o seu tino é inclemente./ Com sua lábia, de repente./ Fez livro chato ter ciente./ Que a clientela só aumente”. Esse e outros poemas do escritor irlandês serão publicados no livro “Outra Poesia” (Syrmic), organizado e traduzido por Amaral.

Obra da série ‘Auto-retratos de Enrique Flor’. O músico português de ‘Ulisses’ é retratado em contato com árvores e letras celtas, que têm nome e forma de árvores

© reprodução



Nos dez anos em que Beach esteve à frente da publicação de “Ulisses”, ela não foi apenas a editora de Joyce — foi também sua secretária, confidente, corretora, contadora, entre muitas outras funções que assumiu, como se pode verificar nas cartas que ela lhe enviou e que constam desse volume.

Em 16 de junho de 1923, Beach descreve detalhadamente a Joyce, que estava em Londres, o interior de um apartamento que ela encontrou, a pedido do escritor, em Paris, para a família dele: “primeiro andar acima do mezzanino! Um apartamento soberbo, magnífico, 5.500 francos por ano. Sala de estar grande, sala de jantar, pequena sala de estar, cozinha na frente, quarto grande e dois outros quartos quase tão grandes nos fundos [...]. Lareiras amplas e janelas bem grandes. Você poderia usar um quarto grande nos fundos como um escritório”.

Mas, em outra carta alguns dias depois, Beach conta que Giorgio, filho de Joyce, foi ver o apartamento e achou que talvez os pais não fossem gostar muito por “não ser muito moderno”. Além disso, ele estava “se sentindo bastante enjoado com

essa cidade justo agora depois das experiências desagradáveis dele no bauto e ele diz que vocês todos podem muito bem se mudar para a África se ele não encontrar um apartamento perfeito aqui”.

Em uma correspondência de 16 de julho de 1924, Beach relata a Joyce uma discussão que teve com um dos tradutores de “Ulisses” para o francês, um jovem chamado Jacques Benoist-Méhlin, que traduzia em colaboração com Léon-Paul Fargue.

Para ela, “seed cake” (bolo de sementes, literalmente), que aparece duas vezes no romance, deveria ser traduzido como “gâteau aux amants”, mas Fargue, segundo Beach, não havia gostado da ideia. Prossegue: Adrienne acha que “bricche” tenha a ver com isso se você concordar. Fargue fez uma ótima visita a um amigo cuja mulher é confeitira, mas ele não achou nada no repertório dela que correspondesse a um “seed cake”.

As cartas revelam sempre o quão importante Beach foi na vida dos Joyce, pois, afinal, acabou, como outros amigos do escritor se preocupando também com o bem-estar de toda a sua família.

Não bastassem todas essas funções, Beach teve que lidar com as inúmeras “revisões” do livro feitas por Joyce.

Continua na pág. 17



ilustrada ilustríssima

Bandidos e poetas

Bolsonarismo depende de língua de inversões desavergonhadas

Bernardo Carvalho

Remanesce autor de 'Nove Naltes' e 'O Último Guro da Munda'

Quando, em dezembro, a primeira-dama comemorou, "falando em linguas", a aprovação do pastor André Mendonça para o STF, houve quem escarnecesse e se indignasse.

Houve quem o acusasse de veicula não exatamente do Espírito Santo, como prega a pentecostalismo, mas de oportunismo político. E houve quem a defendesse com argumentos religiosos ou até sem nistas.

Nesse meio-tempo, tropecei num livro publicado há alguns anos por um professor de literatura da Universidade Princeton, Daniel Heller-Roazen, com outra perspectiva sobre o fendimento: "Dark Tongues: The Art of Raques and Riddlers" (linguas obscuras: a arte de velhos e charadistas), da Zone Books. Ou, na edição francesa, du Seuil: "Langues Obscures: L'art des Voleurs et des Poètes" (linguas obscuras: a arte de bandidos e poetas).

Heller-Roazen defende que, ao longo da história, bandidos e poetas recorrem a ortomnhas semelhantes para expressar o que não podem dizer, ao mesmo tempo que guardavam para os iniciados o segredo do que diziam. Do jargão dos bandidos medievais à linguística moderna, passando pelos livros sagrados do hinduísmo e pelos mistérios druidicos, o professor tenta examinar o que por definição evita a exame para poder existir.

O que mais o interessa são as baladas de François Villon, expoente maldito da poesia francesa medieval, e a releitura que Tristan Tzara, fundador do movimento dadaísta, fez delas no início do século 20. São os poetas o foco do livro. São eles que exploram o potencial de perturbação e revelação de linguas desviantes no âmbito das linguas oficiais, nacionais, hegemônicas. A própria língua como estranhamento, transformada em língua estrangeira. Entre poetas e velhos, porém, não é difícil adicionar par quem caem os Bolsonaro.

Ao escumotear o sentido, as "linguas obscuras" adquirem o poder de transmissão do segredo. São menos linguas secretas propriamente ditas do que umas e frus, erpticas e até enhestras da língua comum, servindo de resistência para grupos que o poder mantém à margem.

É o caso dos bandidos medievais que se comunicavam por jargão para escapar à lei, mas também da congregação de indivíduos pobres, iletrados, ex-estravizados, para os quais a comoção e o êxtase do canto direto e pessoal com o Espírito Santo e as Escrituras são a medida da liber-

dade contra uma autoridade centralizada, elitista e racista que os exclui. A língua incompreensível aos demais é a "contra-lingua" da exclusão, resistência à sociedade que o marginaliza.

É interessante que Martinho Lutero, mentor da Reforma Protestante, tenha condenado com veemência as "linguas obscuras", associando ao idiche as palavras desconhecidas usadas por "mendigos estranhos e extravagantes" imputando a língua do crime e dos molhetores aos estrangeiros, mais precisamente aos judeus.

Também é interessante que nos Vedus, textos sagrados indianos, Deus diga não e o homem ouça sim. Ouve o que lhe convém e o que lhe interessa. Os deuses falam uma língua inacessível aos homens.

Isso quer dizer que, para entendê-la, seria preciso submeter-se ao paradoxo de sair de si, contradizer-se, virar-se do avesso, ultrapassar as oposições e as crenças, permitir-se uma experiência e um contato radical com o outro. Essa seria a real comunicação com Deus, em relação à qual a bulhúcia glossolítica são muitas vezes como um esforço enteneceador e revelador da sua impossibilidade.

Aqui o religioso e o poeta se separam. A parábola védica aponta para o universo da poesia. O poeta depende da ambiguidade que desafia os sentidos na própria aparência, na limpidez dos versos, ao contrário do religioso que se serve do oculto tanto para resistir à opressão como para apriimar. O incompreensível é a moeda de troca para a criação de dogmas, normas e preceitos, contra a vida, que é matéria da arte. Assim como no jargão das gangues, deve haver incomprensão (de não incluídos, de quem não pertence ao grupo), mas não há lugar para a dúvida, não é possível duvidar.

É de uma língua assim que depende o bolsonarismo: "O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", referindo-se inversamente à destruição de tudo, ao mais completo desmonte institucional do país. É o sim e não brindo o não. Uma língua de inversões desavergonhadas, feita para cobrir fatos e evidências, em nome de Deus, contra a experiência de todos.

É a língua que cabe a Michelle Bolsonaro balbuciar sozinho no centro do poder, vênucanhastro, arremedo de protolíngua, como se possuída por um espírito que, ao contrário da magnanimidade das orações, já não baixa para revelar nada ou contradição-la, mas antes para esconder a indignância e a vergonha da revelação.

Continuação da pag. C6

Na verdade, o escritor fazia mais que revisões, segundo seus estudiosos: "ele era um inventivo reescritor do mesmo material" e isso atravassava o trabalho e implicava custos extras, pagos por Beach. Além disso, a editora ainda teve que enfrentar as constantes censuras cobradas pelo livro, as quais começaram antes mesmo da publicação integral da obra sob a sua responsabilidade.

Beach estava consciente do problema que "Ulisses" criou para as editoras da revista Little Review nos Estados Unidos, Margaret Anderson e Jane Heap, que estavam publicando fragmentos do romance em sua revista. Ambas foram processadas e condenadas a pagamento de uma multa de 50 dólares cada por publicarem "obscenidades". Este foi só o começo de uma publicação e de uma distribuição confusas que, se não fossem em grande parte o apoio e a dedicação de Sylvia Beach, poderiam fracassar.

A história editorial tumultuada de "Ulisses" rendeu alguns livros. Talvez o mais conhecido seja "The Scandal of Ulysses" (o escândalo de Ulisses), de Bruce Arnold, também sem tradução para o português.

As correspondências entre Joyce e Beach foram trocadas durante as férias de verão dele ou dela. Por is-

so, não são muitas, mas são intensas.

Em suas memórias, Beach lembra que "a maioria das cartas que recebi de Joyce foi, claro, escrita durante as minhas férias de verão ou durante suas próprias viagens. É evidentemente ele sempre exigia respostas 'de amanhã', expressas, no retorno do correio". Certamente estava precisando de dinheiro e, quando eu não estava, em geral conseguia algum por meio de Myrsine, funcionária da livraria.

Amas, Joyce não gostava muito quando Beach e Moanier se afastavam, e como ela lembra, "à medida que se aproximava o momento da nossa partida, ele ia mergulhando em um estado de pânico até que, no último minuto, saía-se com o que chamava de sua 'lista de compras' em que arrolava tudo o que eu devia fazer antes de deixar a cidade".

Beach não o decepcionava e só decidiu se afastar da publicação de "Ulisses" porque sua intermediação estava travando a negociação de Joyce com outras editoras. A partir daí, Paul Léon, um judeu russo "fascinado pelo processo criativo de Joyce", assumiu essa função.

Em "Your Friend If Ever You Had

one" há também cartas enviadas por Beach a Paul Léon. Nelas, a editora o coloca o par da história editorial de "Ulisses" e de outros livros com os quais estava trabalhando. Ela enviava-lhe também as cartas para Joyce que ainda eram endereçadas para a sua livraria.

Uma delas é uma carta de Yeats, que Beach encaminha a Léon, comentando que Joyce tinha razões em não aceitar o convite de Yeats para fazer parte da Academia Irlandesa de Letras, o qual ele recusou declarando: "Não vejo nenhuma razão por que o meu nome deveria ser trazido a tona em conexão com tal academia". Mas, para Beach, como diz na carta, "não iria fazer mal algum aceitar, e isso poderia ser o primeiro passo no sentido de suspender a censura a Ulisses".

Beach acompanhava atenta a carreira de Joyce, e o escritor tinha consciência disso. Mesmo depois de romper com a editora, ele sabia que "tudo o que ela fez foi me dar de presente os melhores dez anos da sua vida".

As cartas que compõem o presente volume, juntamente com outros documentos, foram doadas à Fundação James Joyce de Zurique por Hans Jahlow, filho de Asta Osterwalder Joyce, segunda mulher de Giorgio Joyce, filho do escritor. ←

ilustrada ilustríssima

A desigualdade planejada

[RESUMO] Em entrevista, Raquel Rolnik argumenta que São Paulo vem sendo planejada por poucos e para poucos, o que produziu um padrão desigual de urbanização. A cidade vive um momento especial em sua história, com a coexistência de crises e a emergência política de sujeitos periféricos que podem protagonizar um novo ciclo de lutas urbano, diz

Por **Eduardo Sombini**
Geógrafo e mestre pela Uo-camp, é repórter da Ilustríssima

Fotografia **Tuca Vieira**
Fotógrafo e mestre em arquitetura e urbanismo pela USP, é autor de "Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores", vencedor do Prêmio Jabuti 2021 na categoria artes

São Paulo completou 468 anos na última terça-feira (15) atravessando a provável mais grave crise de moradia da sua história, afirma Raquel Rolnik, 65. Ocupações nas periferias da região metropolitana e nos bairros centrais da capital se avolumam, e a população em situação de rua aumenta expressivamente, mas o agravamento das condições habitacionais dos mais pobres é só uma fração do “combo de crises” — econômica, de mobilidade urbana, de saúde pública — que a cidade enfrenta, na interpretação da urbanista. Apesar do cenário que brilha distopia, Rolnik não se mostra desanimada. “Quem vive as crises quer morrer, mas esses momentos são oportunidades de transformação”, diz em entrevista por vídeo, chamada a *Folha*.

Um dos mais importantes nomes do campo progressista dos estudos urbanos no Brasil, Rolnik apoiou a candidatura de Guilherme Boulos (PSOL), na última eleição municipal em São Paulo e aposta no potencial de “sujeitos periféricos” protagonizarem um novo ciclo de lutas urbano-impulsionando agendas ambientais, antirracistas e feministas, por exemplo, e disputando os rumos de um novo modelo de política urbana.

Em “São Paulo e Planejamento da Desigualdade” — edição atualizada do livro “São Paulo” da antiga coleção *Folha Explica*, editada agora pela Fóstero —, a professora da USP revisita a história do planejamento urbano da cidade, destacando as opções políticas tomadas em momentos de crise e responsáveis pela consolidação de um padrão “classmediocêntrico” que resguarda os privilégios dos grupos de renda mais elevada e marginaliza a maior parte da população.

Em sua avaliação, as medidas de isolamento social adotadas na pandemia são uma expressão nítida desse modelo excludente, já que ficar em casa não foi uma opção para a grande maioria dos paulistanos.

“São Paulo”, da coleção *Folha Explica*, foi publicado em 2005. Por que atualizar e relançar o livro agora? Esse livro teve algumas edições ao longo da sua história. Na penúltima (“Territórios em Conflito”, Três Estrelas), o texto saiu com um compilado de colunas publicadas na *Folha* e alguns artigos acadêmicos.

Quando a Fóstero assumiu parte do catálogo da Três Estrelas, propus retomar o formato do “Folha Explica São Paulo”, aquele livrinho para quem não é especialista, e achei que era o momento de atualizar o texto — não só trazê-lo para os dias de hoje,

mas fazer uma atualização um pouco mais radical de conteúdo da São Paulo do passado.

Decidi fazer isso pela mesma razão pela qual convidamos o Emicida para escrever o prefácio: este momento pelo qual a cidade está passando é muito especial na história, não apenas porque estamos vivendo um verdadeiro combo de crises, mas também em razão da emergência de novas vozes, que são justamente os sujeitos periféricos.

Essa narrativa sobre a cidade vem do movimento cultural das periferias, da luta antirracista, e está colocando sobre a mesa pautas que nunca tiveram muito destaque.

Conto no livro a história das crises e das opções que foram tomadas nesses momentos, com a tese de que estamos vivendo mais uma dessas. Que tal, então, começar a pensar em um outro modelo de cidade agora? Quem vive as crises quer morrer, acha que tudo está horrível — e está mesmo —, mas esses momentos são oportunidades de transformação.

No livro, a sra. indica que há uma linha de continuidade entre as várias crises do passado: a desigualdade continuou a ser planejada e a se reproduzir. O novo título do livro, aliás, faz menção a isso. Como a desigualdade vem sendo planejada em São Paulo? Vale de quando se saía da rede de escravocrata para o trabalho livre e se institui uma geografia da cidade em que, sobre as colinas, morava a classe dominante, e, nas várzeas, se instala a classe operária.

A classe operária das várzeas se instala em pensões e cortiços, enquanto há o paradigma dos casarões ajardinados, cujo modelo primeiro são os Campos Eliseos, depois há a migração para Higienópolis, avenida Paulista, Jardins e na direção da marginal Pinheiros.

Essa migração constrói um território que concentra renda e poder e vai incorporando outros modos de viver da classe dominante — casarões, depois edificações, nos anos 1990, as torres corporativas.

Há uma mudança de morfologia e, ao mesmo tempo, a continuidade de um padrão segregacionista, porque o modelo periférico do território popular também se constitui, com a autoconstrução da casa própria em loteamentos, muitas vezes irregulares e clandestinos, em periferias distantes, conectadas pelo ônibus.

O título, “Planejamento da Desigualdade” é uma brincadeira para quem diz: “São Paulo é uma porcaria porque não tem planejamento, por isso é esse caos”. Não tem nada de caos. Tem planos aprovados e uma legislação urbanística, mas excludente, “classmediocêntrica” que pensa a cidade a partir das formas de morar e de existir de um pedaço dela e ignora o resto.

O cenário de novas ocupações parece o dos anos 1990, o de população de rua eu nunca tinha visto algo como o de hoje. Diante disso, qual é a política habitacional que temos? Nenhuma, nem municipal, nem estadual, nem federal



Raquel Rolnik, 65

Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde coordena o Labcidade (Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade). Foi diretora de Planejamento da Prefeitura de São Paulo (1989-1992), secretária nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades (2003-2007) e relatora especial da ONU para o direito à moradia adequada (2008-2014). Autora, entre outros livros, de “Guerra dos Lugares: a Colonização da Terra e da Moradia na Era das Finanças



neôcentricas”, que pensa a cidade a partir das formas de morar e de existir de um pedaço dela e ignora o resto.

A segregação urbanística construiu esse padrão absolutamente segregado do objetivo básico e manter a concentração de oportunidades econômicas, sociais e políticas na mão de quem “tem e blunda” a entrada de “newcomers” mas, ao mesmo tempo, garantir que o mundo do trabalho vai continuar lá arrumando, cozinhando, limpando.

Como a sra. avalia a reprodução desse padrão na pandemia? O que aconteceu na pandemia é a expressão mais nítida desse modelo “classe média entrado”, porque, diante do perigo de contágio e morte, a política pública foi o isolamento social. “Fique em casa, vá para o home office e não se desloque”, ou seja, se referindo a uma realidade que deve corresponder a menos de 30% dos moradores.

Para que esses moradores pudessem ficar isolados em casa, existia um exército de gente trabalhando. Para essas pessoas, não teve política.

A ideia do planejamento da desigualdade vem do fato de a cidade ser pensada por e para poucos. O mal-estar que a maioria das pessoas da cidade tem é decorrente dessa opção.

Na pandemia, se a gente pensasse nos maiores, nos trabalhadores de serviços essenciais que precisavam continuar se deslocando, a política deveria ser, por exemplo, tratar o transporte coletivo de uma forma totalmente diferente. No mínimo, distribuir “PFFs” para todo o mundo e, em vez de cortar, colocar mais ônibus em circulação para ir muito menos gente e ter distanciamento.

No começo da pandemia, houve um entusiasmo, principalmente nos setores progressistas, sobre a possibilidade de medidas redistributivas ganharem impulso. Depois de dois anos de Covid-19, porém, parece que predomina a percepção de aumento generaliz-

ado da pobreza. A São Paulo do pós-pandemia deve ser mais partida? O pós-pandemia está em disputa. No campo da moradia, que eu acompanho há muitos anos, acho que está a maior crise da história da cidade. Estou quase afirmando isso com certeza, embora a crise da moradia do final dos anos 1920 tenha sido bem difícil.

Estamos vivendo uma situação paradoxal no campo da moradia. A renda caiu, o desemprego e a miséria aumentaram, ao mesmo tempo que a cidade está vivendo um dos maiores booms imobiliários da sua história.

Exatamente no momento em que há menos gente com capacidade de comprar um espaço, o espaço está ficando mais caro que nunca? Isso porque a dinâmica de produção e comercialização do espaço físico da cidade ficou totalmente financeirizada nas últimas décadas. Ou seja, esse crescimento imobiliário não tem nada ver com a renda da população, mas com a quantidade de capital excedente circulando no mercado financeiro que busca o título, o mobiliário, como estratégia de valorização futura.

O imobiliário é um ativo financeiro. Por isso, estamos vivendo uma crise enorme, porque os pobres dos humanos têm que competir por uma locação com um capital financeiro gigantesco que não tem nenhum compromisso, nem territorial, nem afetivo, nem político, com a cidade.

O Emicida conta no prefácio, a partir da história pessoal dele, o que as pessoas fazem diante da crise, se viram. Tornam-se especialistas em “se virologia”, expressão do José Soró, liderança de Perus.

Estamos vivendo um boom de novas ocupações nas extremas periferias, um boom de novas ocupações em prédios em áreas centrais e, ao mesmo tempo, um boom de pessoas na rua, com uma característica completamente diferente. Historicamente, o morador de rua era um homem de meia-idade, com algum ti-

po de dependência química, problema mental etc. Imagina, a gente está vendo na rua famílias inteiras.

O cenário de novas ocupações parece o dos anos 1990, o de população de rua eu nunca tinha visto algo como o de hoje. Diante disso, qual é a política habitacional que temos? Nenhuma, nem municipal, nem estadual, nem federal.

Algumas PPPs (parcerias público-privadas) aqui e ali. PPP não é política habitacional, é política de mercado financeiro. Há na esta volta da para atender uma demanda de quem mais necessita de moradia, mas para viabilizar um negócio com uma coisa que fecha — e para isso, tem que ter gente para pagar.

As PPPs não atendem quem está hoje na rua, indo abrir novas frentes de ocupação nas extremas periferias. É outro grupo, com renda estável e um pouco mais alta, com capacidade de pagamento. Isso é superlegal, mas olha em volta, olha quem está precisando de política pública de moradia. Usar a energia e os recursos do Estado para viabilizar moradia para quem não está na rua da amargura neste contexto é um escândalo. Um escândalo!

Vamos olhar o outro lado dessa história. Durante a pandemia, a auto-organização nos bairros populares foi muito intensa e seguiu a onda de muita gente. Nas favelas e nas ocupações mais estruturadas, morreu muito menos gente porque existia uma rede mínima de proteção. Isso demonstra que é possível dar respostas por meio de uma política de mobilização descentralizada.

Dizna que um movimento não tão intenso quanto esse, mas semelhante, foi a crise dos anos 1980, que gerou no começo dos anos 1990 um movimento muito interessante de renovação no campo político. Depois, isso foi totalmente fagocitado pelo sistema, mas sinto que, neste momento, a gente tem essa possibilidade de novo.

Continua na pág. C9



Jardim Portal, em São Paulo, em imagem do Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores' Divulgação

Continuação do pág. C8
Vamos ver quais vão ser os novos movimentos políticos que teremos, não só com a eleição deste ano, mas sobretudo a nível local.

Os últimos anos foram brutais para as agendas progressistas, e o campo da política urbana ficou marcado pela desconstituição. A sra. está esperançosa com a possibilidade de renovação política, mesmo com esse histórico recente? No ano passado, nos no Labcidade [Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade da FAP-USP], tivemos uma experiência muito interessante de trabalho conjunto com três mandatos aderidas por mulheres negras, vereadoras na Câmara de São Paulo, que mostram uma mudança muito significativa.

Já vivi alguns ciclos de crise e de luta. Comecei a me envolver com política urbana nos anos 1970, então eu pude observar quando, pela primeira vez, operários e lideranças sindicais foram eleitos e que tipo de política pública foi sendo construída.

Agora, estamos vivendo mais um momento — no cu-medinho, pequenininho, não hegemônico. Vai pipocando em vários lugares do Brasil, uma nova geração de sujeitos perifericos, mulheres, negras, trans, que estão se articulando no espaço público e trazendo novas pautas. Espero que isso cresça e vire um grande movimento de transformação.

Se a gente olhar para os ciclos de lutas urbanas, teve um muito forte nos anos 1980 que deu na Constituinte na emenda popular da reforma urbana, nas gestões democrático-populares, nas experiências com movimentos de

moradia. Esse ciclo teve, claramente, um descenso.

Em 2005, 2006, novos movimentos começaram a surgir e, em 2013, de alguma forma eles se expressaram. Dois mil e treze foi capturado por outra narrativa, mas a narrativa do direito à cidade estava na rua, e esse foi o primeiro encontro desses novos movimentos.

Eles não desapareceram e geraram uma liderança política como Guilherme Boulos, que foi para o segundo turno da eleição municipal de São Paulo contra todas as expectativas. Boulos é exatamente essa nova geração de movimentos que nasceram na era Lula e a começar em questão narrando as políticas desse período.

Ha agendas novas: movimentos ambientalistas, feministas, antirracistas, pela mobilidade. O parque Augusta foi uma vitória de um socioambientalismo urbano autogerido.

Se eles serão capazes de conquistar uma hegemonia e produzir políticas, é cedo para dizer, mas já vivi no outro momento. Quando a gente estava em 1974, 1975, não podia imaginar que ia fazer a Constituinte em 1988. Hoje está parecendo tudo horrível e distópico, mas acho que tem mudanças importantes na cidade.

A sra. citou o parque Augusta. Existem críticas a respeito da reprodução das desigualdades por esse ativismo, ou seja, sobre os jovens de classe média das áreas centrais conseguirem se articular melhor e levar adiante suas pautas enquanto os sujeitos periféricos enfrentam muito mais dificuldades. Como emerge essa questão? Tenho uma posição diferente. Apoiarei participarei da luta do parque Augusta, assumo como apoio e parti-

cipo da luta do parque do Bixiga [proposto no entorno do teatro Oficina]. Acho que tem algumas simplificações na conversa.

São Paulo não pode ser entendida por meio do binômio centro/periferia, que não corresponde à territorialidade política da cidade. Esse binômio esconde o território popular que existe no centro. Aliás, esconder o território popular do centro é ótimo para uma frente de expansão imobiliária que quer eliminá-lo. O centro é um dos territórios negros e populares de São Paulo, e existe uma luta histórica pela permanência em vários lugares.

É preciso visibilizar e proteger o território popular do centro, porque a política atual é de eliminação — por exemplo, o que está se fazendo na chamada eracolândia, é solução final, eliminação física de todos os imóveis e das pessoas.

Dizer que pobre está na periferia e que branco rico está no centro simplifica a história e não permite revelar que esses espaços centrais também são objeto de conflito. Não preciso dizer nada, só convidei as pessoas a ir ao parque Augusta passear. Você não encontra só branco de classe média, mas uma mistura social. É um espaço muito apropriado pelas pessoas e muito popular.

Dito isso, você tem razão, no sentido de que a classe média tem uma capacidade de vocalização na política muito maior. Esta é a história da cidade: a história da classe média fazendo política urbana para si mesma. <

São Paulo e Planejamento da Desigualdade

Autora: Raquel Rolnik. Ed. Lora. Foforo. R\$ 59,90 (120 pags.)

NCIS

EPISÓDIOS INÉDITOS
TERÇAS | 22H

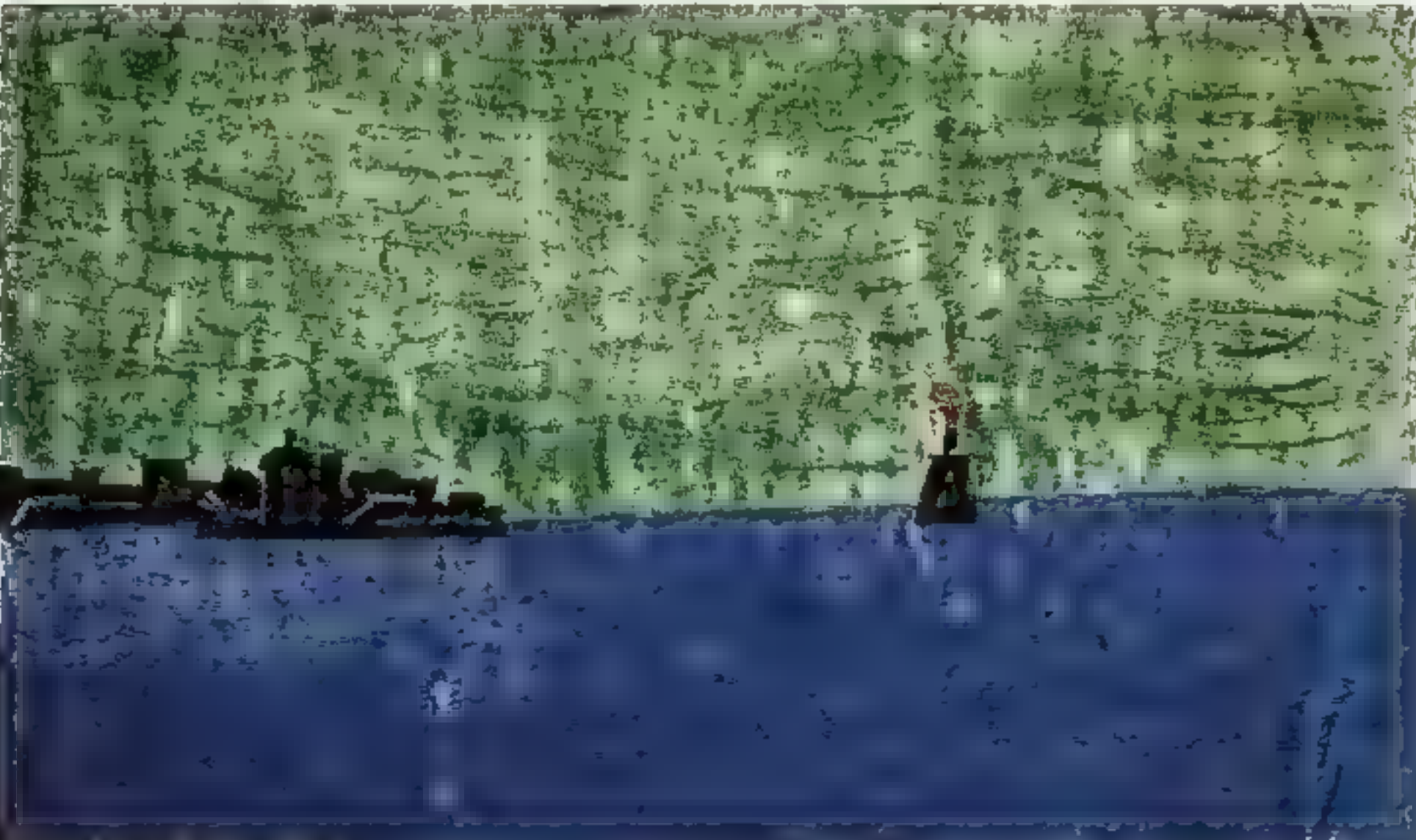
AXN

#NCISAXN

Inquietude cruel

[RESUMO] Coletânea de ensaios 'Navegação Inquieta' expõe a profundidade das reflexões de seu autor, Luiz Meyer, movidas por um pensamento que desaloja as ideias de seus lugares habituais e interroga radicalmente aspectos da prática psicanalítica e da cultura contemporânea

Por **João Frayze-Pereira**
Psicanalista, membro efetivo e analista sênior da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e professor livre-docente do Instituto de Psicologia da USP



Obra de Eleonore Koch. Navegação

"Navegação Inquieta", de Luiz Meyer, reúne um conjunto de ensaios escritos durante um longo tempo, contra a lógica da chamada sociedade do espetáculo, que privilegia não apenas a aparência em relação ao ser, mas também a brevidade dos discursos em relação ao tempo necessário para o trabalho do pensamento.

Nesse livro, como em publicações anteriores, o autor não poupa a psicanálise nem o seu contexto da interrogação radical. Nesse trajeto, confirma-se um modo de pensar que, no prefácio a um livro anterior ("Rumor na Escuta"), denominou pensamento cruel, isto é, um modo de pensar que não tem nenhuma relação com a natureza ou a perversão.

É uma noção encontrada em Walter Benjamin, referida à reflexão que desaloja as pessoas e ideias dos lugares costumeiros, invalida hábitos, ameaça o conforto do que parece dado, tudo como certo e natural.

Seu propósito é "expressar as perspectivas nas quais o mundo revela suas fraturas para retomar a questão da atividade do sujeito como redenção, isto é, como restituição daquilo que fomos privados a nossa revelação" conforme texto que escrevi com Maria Helena Patta.

Pensamento cruel não despreza a tradição. Ao contrário, considera-a para analisá-la e propor novas ideias. Essa operação demanda tempo para se realizar.

Luiz Meyer dialoga com autores diversos —na psicanálise, na filosofia e nas ciências sociais. Entre eles, destaca-se Melanie Klein que, segundo Julia Kristeva, foi capaz de fazer da psicanálise "uma arte de cuidar da capacidade de pensar". No entanto, ela é, para muitos, uma autora incômoda, pois a perspectiva que propõe é implacável no tocante à condição humana.

Talvez pela crueldade de seu pensamento, tenha ficado à margem de certos círculos psicanalíticos, chegando a motivar um artigo de Jean Laplanche, de 1988, que, aproximando-a das figuras lendárias da bruxa ou da herege, in-

daga: é preciso queimar Melanie Klein?

Ao centrar fogo na pulsão de morte como aspecto crucial do ser humano, proposição feita por Freud em 1920 e, antes dele, por Sabina Spielheim em 1913, Klein aprofunda uma questão que se tornou banalizada no mundo contemporâneo: a problemática da destrutividade.

A propósito, Kristeva escreveu: "Atingida pela história dramática de nosso continente que culmina no delírio nazista, Melanie Klein não se consagrou aos aspectos políticos dessa loucura que desfigurou o século XX. Mas, se ela não se detém na análise do horror social [...] sua análise da psicose [...] nos permite melhor perceber os mecanismos profundos que coexistem —ao lado dos aspectos econômicos e partidários— a destruição do espaço psíquico e o assassinato da vida do espírito que ameaçam a era moderna/contemporânea".

Ora, Meyer considera o pensamento kleiniano não apenas para a clínica, mas também para a análise da política e da cultura. Melanie Klein, como Hannah Arendt, outra presença importante no livro, é uma insubstituível que se arrisca a pensar a morte, a agressividade, a avidez, mas também a compaixão, a generosidade, a natureza relacional e moral do ser humano.

Ambas se interessam pelo objeto e pelo vínculo, se preocupam com a destruição do pensamento que, para Arendt, é manifestação do mal, e para Klein, da psicose, rejeitando o raciocínio linear, como lembra Kristeva.

Como elas, Meyer exercita a crueldade do pensar, mas vai além de Klein, ao interrogar conceitos referidos à clínica em sua diversidade e problematizar certos dispositivos da formação psicanalítica instituída, a análise didática, assim como fenômenos sociopolíticos e estético-culturais.

Por ser uma apreensão sintética do todo, esta resenha não poderá expressar em detalhes os conteúdos analisados, como a estrutura da mente totalitária, nazista e stalinista, o chamado cinema de au-

tor, como o filme "Melancolia" de Lars von Trier, as questões do conflito estético na escrita de um poema inspirado por William Carlos Williams e a poesia na literatura, segundo uma interpretação sociopsicanalítica do conto "Verba Testamentária" de Machado de Assis, além da questão enigmática do corpo na psicanálise em um interessante diálogo com o psicanalista Luiz Tenório.

Mas ainda, a reflexão do autor mergulha nas relações entre memória e fantasia, mundo interno e realidade externa, metapsicologia da autoanálise e, sob um viés inovador, logo no primeiro capítulo, aborda o sonho como uma questão tanto circunscrita quanto proposta pelo sonhador.

Contudo, o livro não é só trabalho teórico-conceitual, pois em vários momentos também sensibiliza o leitor. Nesse sentido, há uma bela entrevista com o autor, realizada por um grupo de psicanautas que, como anota o prefácio, cria uma atmosfera original e emocionante, não somente pela particularidade da história pessoal narrada, mas porque, a certa altura, Meyer nos surpreende com uma revelação, propondo uma combinação de psicanálise mediada pela pintura.

Assim, no contexto da sua análise com Donald Meltzer em Londres, que lhe possibilitou um conhecimento mais consistente do trabalho psicanalítico, Luiz declara que a sua atuação ao nesse trabalho pode ser representada por uma frase do pintor Renoir: "Ao ar livre, a gente trapaceia o tempo inteiro".

Então, escreve que os pintores impressionistas se propuseram a abandonar as regras rígidas prescritas para a pintura em ateliê, pautadas pelo realismo, classicismo e romantismo, "para ir a campo, ao ar livre, e aí se deixar infiltrar [...] pela luz natural, cambiante, descontrolada, que passou a exigir para ser representada uma técnica nova caracterizada pela punçalada nervosa e improvisada, e pelo uso da cor de modo impressionista" (p. 30).

Esse modo de operar, que na

A psicanálise não é instrumento de adaptação dos indivíduos ao ambiente, mas uma perspectiva para promover a transformação do que se encontra neles mentalmente fixo e instituído

arte se chama estilo e no terreno psicanalítico, psicanálise implicada —termo com o qual, há décadas, defini o meu trabalho entre a psicanálise, a clínica e a arte—, segundo o autor (p. 146), uma tomada de posição que implica praticar a psicanálise longe das idolatrias referidas a certos autores, tidos como gurus, cujas ideias são aplicadas sem crítica a qualquer nova material, aplicação que sempre o reduz ao mesmo, confirmando a tradição.

Com isso, também é subvertida a noção de "método" na psicanálise —o que Luiz esclarece, ao discorrer sobre o "seu método de escrita" (p. 31)—, e o pressuposto necessário, como se sabe à luz da história da filosofia, a separação do sujeito-objeto do conhecimento, exterioridade que a arte moderna rompe, a arte contemporânea destrói e a psicanálise, tal como proposta por Meyer, descarta.

Cabe ressaltar que essa posição não é opinativa, mas fundamentada, o que já se percebe no título do livro. Afinal, o que significa navegação inquieta?

Para responder recorro ao filósofo Sérgio Cardoso, que distingue as figuras de turista e do viajante: o turista, que apenas se desloca no espaço, opõe-se ao viajante —que se transforma com o tempo do próprio percurso. Então se ao turista o mundo é apenas espaço planejado para o deslocamento, ao viajante ele se oferece como campo aberto às transformações.

Ora, se a visão do turista é opaca, referida ao espaço imediatamente ocupado pelo eu, o olhar do viajante abre-se ao outro, isto é, ao diferente —abertura que é o próprio fundamento do tempo. Quer dizer, o viajante não opera mero ir e vir no espaço, mas uma complexa autodiferenciação como modo de existência temporal do presente.

A reflexão de Cardoso nos permite pensar que o processo implicado na viagem é análogo ao que constitui uma psicanálise, isto é, ambos são experiências, ou seja, aberturas indeterminadas à alteridade ao porvir, que exige do viajante e do psicanalista distanciamento, não porque se deslocam entre lugares distantes, mas porque se autodiferenciam e transformam os seus mundos.

Tal distanciamento de nós para nós mesmos é cogido pelo próprio outro para que dele possamos ter experiência.

É nesse sentido que "as viagens são sempre empreitadas no tempo" como afirma Sérgio Cardoso. Navegação Inquieta, portanto, como um emblemática, anuncia a reflexão praticada por Luiz Meyer que, na sua juventude se tornou viajante entre a Europa e o Brasil, realizando uma odisséia exterior e interior, da qual o jovem médico retornou psicanalista, mais velho e mais sábio.

Nesse processo, é possível reconhecer o grau de profundidade da inquietude do autor, isto é, o momento em que a psicanálise se apresenta com uma força própria à literatura, oferecendo-nos a companhia viva de um psicanalista-poeta que trabalha em um campo entre-dois, no qual a sua experiência singular instiga a recepção implicada do leitor.


Ora, dado que a psicanálise não é instrumento de adaptação dos indivíduos ao ambiente, mas uma perspectiva para promover a transformação do que se encontra neles mentalmente fixo e instituído, o reconhecimento dessa força libertária potencializa o trabalho psicanalítico para a crítica da cultura contemporânea, cuja lógica cada vez mais banaliza o mal e ameaça destruir a possibilidade do pensamento.

É contra essa tendência maligna que, no vértice da crueldade, a psicanálise proposta neste livro se posiciona. É


Navegação Inquieta: Ensaios de Psicanálise
Autor: Luiz Meyer | Editora: Blocher | R\$ 113 (402 pages)

Ministério do Turismo e Versa Cultural apresentam

APLAUSOS




OS TRÊS PORQUINHOS
01/02 - 15h e 19h



MENINO MALUQUINHO
02/02 - 15h* e 19h

TEATRO PROCÓPIO FERREIRA
Teatro Autêntico 2000
Monopólio Cultural

GARANTA SEU INGRESSO GRATUITO PELO SITE:
www.sympla.com.br
(Sujeito à lotação da sala)
* Sessão com tradução em libras e palestra





Anta bebe água em uma lagoa na fazenda São Francisco de Perigara, em Barão de Melgaço, em Mato Grosso. Foto da Agência - 2. Jan. 21 / Folhapress

Maior mamífero brasileiro corre risco de sumir da mata atlântica

Levantamento sobre antas no bioma indica que ocupam menos de 2% de seu território original

AMBIENTE
Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) O maior mamífero brasileiro corre o risco de desaparecer totalmente da mata atlântica, ambiente que foi o primeiro a ser afetado pela colonização europeia no país. Um dos mais detalhados levantamentos já feitos sobre a situação das antas (*Tapirus terrestris*) no bioma indica que os animais hoje ocupam menos de 2% de seu território original, e que entre 70% e 90% de suas populações existentes hoje podem se tornar geneticamente inviáveis — grosso modo, incapazes de produzir filhotes saudáveis nos próximos cem anos. Publicado na revista científica *Neotropical Biology and Conservation*, o diagnóstico traz, apesar de tudo, alguns

motivos para menos pessimismo. Das 48 populações de antas identificadas na mata atlântica, relatos locais indicam que elas ainda são abundantes ou comuns na maioria dos casos, e um terço delas está em crescimento e ocupando áreas mais amplas. Os bichos também são um dos mamíferos com maior capacidade para viajar por distâncias grandes, inclusive atravessando o que os ecólogos chamam de matriz — as áreas ocupadas pelo ser humano que circundam os ambientes naturais, o que pode incluir pasto, plantações ou mesmo trechos urbanos. Certas normais de arame farpado, por exemplo, costumam ser atravessadas por elas com relativa facilidade. Isso, em tese, pode ajudar membros de populações isoladas a encontrar parceiros para se reproduzir e, assim, diminuir

os riscos de desaparecimento. “A gente capturou uma vez, no cerrado, uma fêmea adulta linda, gigante. Colocamos o collar com radiotransmissor para monitorá-la e ela se movimentou por 40 km andando na beira do rio, e isso num lugar onde a paisagem ao redor é só cana, cana, cana”, conta Patrícia Medici, coordenadora da Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira, projeto do IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas).



Eles [filhotes] logo começam a caminhar no meio das patas da mãe, mas são muito vulneráveis

Patrícia Medici
coordenadora da Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira

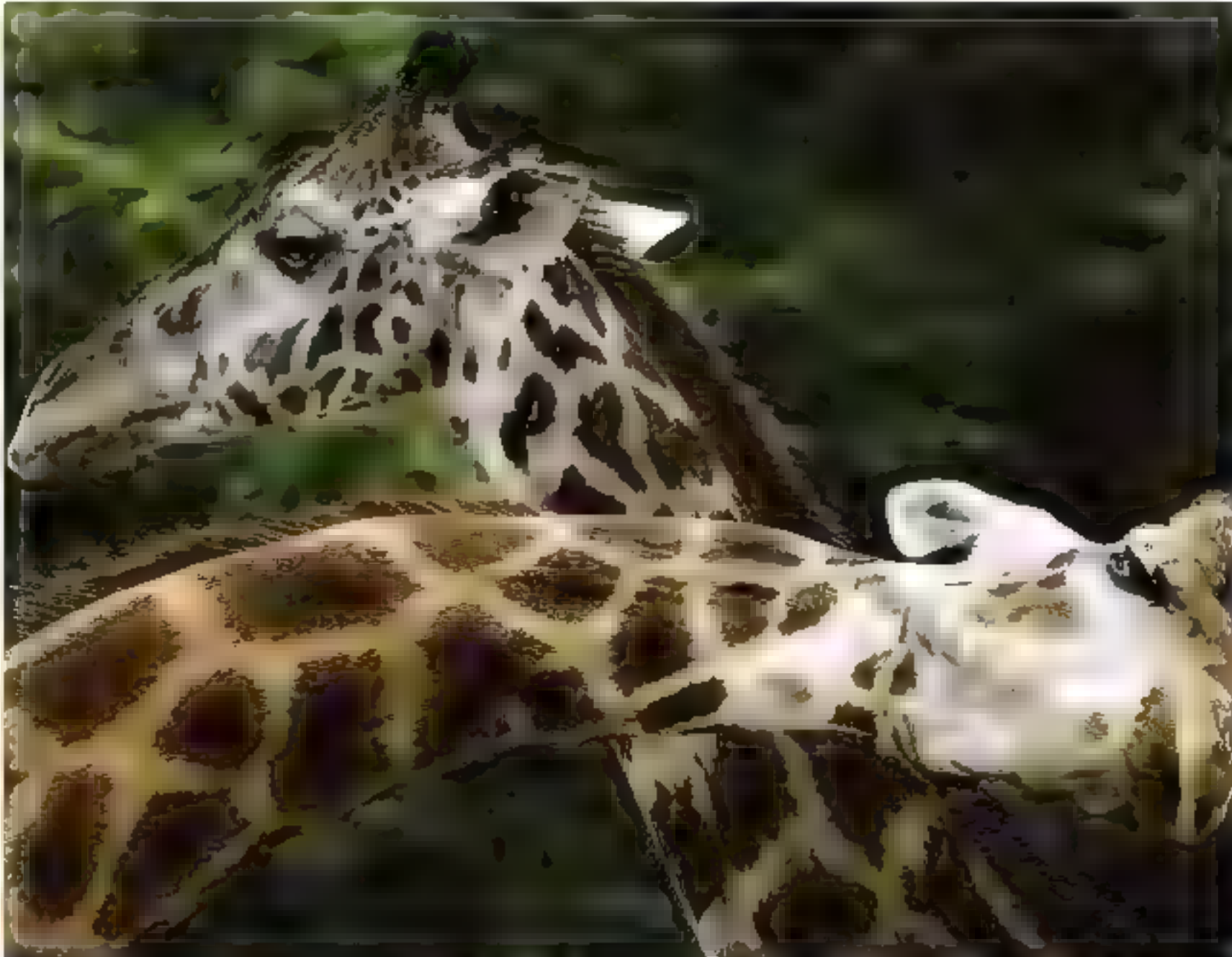
Ela assina o estudo ao lado de Kevin Fleisher, do Centro de Estudos da Biodiversidade. Mesmo a disposição da fêmea, no entanto, talvez ainda não seja suficiente para os desafios que a espécie enfrenta na mata atlântica. A extrema fragmentação (divisão da floresta em pedaços menores e isolados, do bioma faz com que a distância média entre as populações de antas seja de quase 50 km, e o trajeto que os animais

costumam fazer partindo das áreas de reservas florestais que habitam em geral é bem mais curto que isso, não chegando a 10 km. Assim, embora a maioria das áreas ainda habitadas por antas hoje não sofra grandes pressões de desmatamento, a busca dos animais por companhia para reproduzir ao longo de a fazer cada vez mais difícil. A vida reprodutiva peculiar da espécie, aliás, é outra barreira para a recuperação de suas populações no cenário atual. O ciclo de vida dos herbívoros é lento e delicado: as gestações duram 13 meses, com o nascimento de um único filhote. Eles logo começam a caminhar no meio das patas da mãe, mas são muito vulneráveis. A mortalidade é bem alta, seja por causa de predadores, seja por causa da presença de machos que começam

a assediá-la a mãe quando o filhote ainda é pequeno e podem acabar machucando o bebê, embora não ataquem diretamente pelo que a gente sabe”, conta a pesquisadora. A caça, além disso, continua sendo motivo de preocupação. Segundo Medici, as motivações são múltiplas, desde retaliações contra animais que se aventuram a fazer um lance em plantações até capturas por esporte e mesmo por credence popular, com o uso da gordura ou até dos órgãos sexuais dos bichos em simpatias contra problemas como bronquite ou impotência. Outra ameaça relevante é o ação dos cães, normalmente treinados para a caça e criados soltos em propriedades rurais, que podem atacar tanto filhotes quanto adultos, mesmo sem a presença de seus donos. A espécie não existe mais na mata atlântica de nenhum dos estados do Nordeste, com exceção da Bahia. Para Medici, as estratégias para ajudar as populações que ainda resistem a se conectar mais e aumentar sua viabilidade de longo prazo terão de achar caminhos para minimizar ameaças como a caça e para tornar a matriz (o espaço rural “não floresta”) mais amigável para as jornadas das antas.

Polícia apura morte de 3 girafas e maus-tratos a outras 15 no Rio

RIO DE JANEIRO | AFP A Polícia Federal (PF) está investigando a morte de três girafas e denúncias de maus-tratos a outras 15 importadas da África do Sul, que seriam transferidas para o zoológico BioParque no Rio de Janeiro. A polícia informou em comunicado que prendeu na quarta (26) “dois homens por maus-tratos e apreendeu 15 girafas em um resort safari, em Mangaratiba, litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Os 15 animais haviam sido importados pelo BioParque, que nega qualquer irregularidade. Além deste crime, a investigação (...) prosseguirá com o objetivo de apurar as circunstâncias e a legalidade da importação dos animais, bem como as condições de manutenção e cuidado das girafas”, afirmou a polícia. Em nota, o BioParque negou que as girafas tenham sido maltratadas, assim como qualquer irregularidade no processo de importação, que a organização disse ter sido aprovada pelas autoridades sul-africanas e brasileiras. Também sustentou que seus dois funcionários não foram presos, mas conduzidos a uma delegacia, onde “prestaram os devidos esclarecimentos”.



Casa de girafas Zagallo e Benja-Cêu no Zoológico do Rio de Janeiro, atualmente chamado de BioParque. Sérgio Moraes - 16 abr. 20 / Folhapress

“O grupo de girafas veio de um local autorizado para manejo sustentável e desenvolvimento comunitário com essas espécies na África do Sul”, disse. A entidade garantiu que trazer essas espécies para o Brasil faz parte de uma “estratégia de preservação importante” de longo prazo que de pas-sada, a servir para salvar outros animais, como o mico-leão-de-ouro e a ararinha-azul. As girafas estão na categoria vulnerável da lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). De acordo com o BioParque, as mortes ocorreram após um grupo de girafas escapar de uma área de adaptação, aprovada “pelos órgãos competentes” antes de serem transferidas para o zoológico. “As girafas, assim como outros animais, são bastante sensíveis e, por isso, determinadas situações podem levar ao desequilíbrio orgânico do animal”. O Zoológico do Rio foi reaberto em 2021 com o nome de BioParque do Rio, após passar a ser administrado pela iniciativa privada (Grupo Cataratas) e uma reforma que melhorou as condições de vida dos animais, com foco na conservação ambiental.

folhamaio

Comunidade diz que criação de peixes polui represa entre São Paulo e Minas

Empresa Fider nega acusação e atribui dano ao crescimento imobiliário e da agricultura na região

Danielle Castro

RIFAINA (SP) Danos ambientais na represa de Jaguara, que fica na divisa entre as cidades de Rifaina (SP) e Sacramento (MG), puseram rancheiros e uma empresa de piscicultura em rota de colisão.

Há ao menos um ano, o reservatório tem tido episódios de cheiro ruim, detritos na água, excesso de algas, disseminação de leito navegável e pássaros presos em redes, deixando em alerta moradores, mergulhadores e rancheiros.

A situação da represa mobilizou a comunidade local e virou objeto de uma investigação do Ministério Público paulista. Um inquérito foi aberto em fevereiro de 2021 pelo promotor de Justiça Alex Facciolu Pires, da 10ª Promotoria de Saúde de Franca.

Os moradores apontam como origem dos danos ambientais a criação de tilápias na represa da Fider Pescados, do grupo multinacional MCasab. A empresa está na região desde 2009.

O promotor apura as denúncias de que peixes mortos e carcaças não estariam sendo armazenados e transportados adequadamente pa-

ra o local de descarte, causando derrame de chorume durante o traslado, gerando mau odor, atraindo urubus e trazendo prejuízos à saúde dos moradores e turistas.

Os moradores do entorno da represa criaram a Associação dos Amigos da Represa de Rifaina, que realizou no começo do ano uma manifestação com cerca de 300 pessoas em lanchas e outros veículos pedindo proteção ambiental para o reservatório.

O grupo abriu uma petição online contra a poluição da represa que conta com 1.800 assinaturas. De acordo com José Oreste Bozelli, o Neto, rancheiro há 12 anos e presidente da entidade, a organização irá solicitar a abertura de uma nova ação pública relacionada ao excesso de detritos na represa.

Neto diz que a ONG não é contrária à existência do frigorífico de tilápias, mas que a produção precisa usar um método que não cause cheiro nem ocupe os espaços de turismo, mas antiga fonte de renda da região de Rifaina.

O problema começou há cerca de um ano, quando houve uma expansão das operações da Fider na região. "Sou vizinho de cerca e testemunha do mau cheiro insupor-

tível", afirmou Neto.

Gilberto Salvador, doutor em ecologia pela Universidade Federal do Pará e com estudos em ecologia dos peixes, explicou que o caso dos tanques-rede não há um modelo que melhore o padrão de despejos de detritos. "Por isso há tanta contestação sobre ele", afirmou Salvador.

Ele diz que a qualidade da água para o peixe é diferente da esperada para moradores e turistas. Para o turismo, a ideia é que a água tenha uma baixa quantidade de nutrientes. A piscicultura em tanques-rede, porém, traz como impacto a entrada de nutrientes, seja por dejetos ou sobra de ração dada aos animais.

"Dependendo do aporte, o reservatório pode ter zonas de eutrofização, onde ocorre um bloom [uma floração] de algas, com prejuízos sobre a qualidade de água. Às vezes, a represa está com tudo dentro das normas, mas, mesmo assim, isso pode não ser bom para o turismo", disse.

O pesquisador destacou ainda que, para o turismo ser sustentável, também não pode haver esgoto de cidades e condomínios sendo despejado na água do local.

Além do impacto ambiental, moradores temem uma

possível desvalorização das propriedades e a fuga dos turistas. A Associação dos Amigos da Represa de Rifaina calcula que, para cada quilo de tilápia produzido, a Fider gera três quilos de detritos de peixes, ou o equivalente a 157,8 toneladas por ano.

"A represa vai colapsar, e Rifaina vai virar uma cidade fantasma. O reservatório não tem troca suficiente de água para levar esses detritos embora", reclama Neto.

A Prefeitura de Rifaina informou que a empresa apresentou documentação válida para prática da piscicultura emitida por órgãos do estado

e da União. Porém, declarou à reportagem que não iria se posicionar sobre a questão pois tanto rancheiros quanto a Fider geram empregos para a cidade.

A Cetesh (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), informou, em nota, que a Fider foi advertida em 13 de janeiro de 2021 "por alteração da qualidade das águas". Ainda segundo o órgão, em julho de 2021 foi feita uma amostragem e os "resultados obtidos estavam em conformidade com os padrões de qualidade".

Também disse que mantém uma fiscalização sistemática nas instalações do empreendimento, com frequência mensal, inclusive na época de floração de algas. A última inspeção ocorreu em 27 de dezembro de 2021 e "não foram constatadas irregularidades".

A Fider Pescados declarou que obedece a legislação federal e estadual e dispõe de todas as licenças exigidas para produção de até 19,2 mil toneladas de peixes por ano na represa. A empresa disse estar aberta para visitação dos interessados e negou ser a responsável pela mudança no padrão da água e pelo mau cheiro.

De acordo com a empresa, a capacidade total de produção de peixes definida pela Agên-

cia Nacional de Águas para a Jaguara é de 24 mil toneladas por ano e teria como base uma "metodologia científica que considera o volume do reservatório e o fluxo de água".

Gerente da unidade de Rifaina da Fider, Juliano Kubitzka disse que a empresa é a maior interessada em manter a água limpa, pois isso melhora o sabor das tilápias.

Ele afirma que houve uma expansão em Rifaina e entorno, com um grande número de ranchos surgindo do lado mineiro. E diz que a piscicultura não pode levar a culpa por danos do crescimento imobiliário e da agricultura na região. "Olhar só peixe é injusto", disse ele.

Kubitzka afirma ainda que não houve expansão e que, neste ano, a Fider apenas saiu da margem para atuar nos pontos demarcados em suas licenças, ficando mais visível ao público. Acrescentou que há, sim, planos para expansão, mas sem data marcada e sempre tendo como foco a preservação ambiental.

O gerente afirmou que os resíduos sólidos (peixes que eventualmente morrem na fazenda ou partes descartadas no frigorífico) são mantidos por empresas terceirizadas autorizadas pela Cetesh.

A Prefeitura de Sacramento, lado mineiro da represa, informou que foram feitas audiências públicas, que o Plano Diretor da cidade está em revisão e o próximo passo é corrigir a situação de todas as propriedades locais.

A reportagem entrou em contato com a Agência Nacional de Águas, mas não teve resposta até o encerramento desta edição.



Vegetação toma conta de rua do bairro Pinheiro, em Maceió (AL), que foi afundado por décadas de exploração mineral da Braskem. *Journalism Unit - 23 Jul 2021 / Folhamaio*

Moradores de Maceió protestam contra a venda da Braskem

MERCADO

José Mathews Santos

RECEBE Moradores, empreendedores e movimentos sociais de Maceió (AL) divulgaram, na última quinta-feira (17), uma carta em que relembram o desastre ambiental em razão da exploração de minérios em um dos bairros da cidade por parte da Braskem. O documento é uma reação à possibilidade de venda das ações da empresa.

O negócio, articulado pela Novonor, antiga Odebrecht, e pela Petrobras, controladoras da Braskem, deve movimentar cerca de R\$ 8 bilhões. O início da venda das ações estava previsto para segunda (19), mas as empresas teriam decidido adiar o processo após uma demanda fraca, segundo a agência Reuters.

"Elas esperam obter com

essa transação cerca de R\$ 8 bilhões. Em seguida, em data a ser anunciada, iniciarão a venda das ações ordinárias em seu poder, finalizando suas participações na empresa", diz a carta em que relembram o desastre ambiental em razão da exploração de minérios em um dos bairros da cidade por parte da Braskem. O documento é uma reação à possibilidade de venda das ações da empresa.

A exploração de sal-gema afundou parte de 2.000 casas, inicialmente no bairro do Pinheiro e depois se estendendo por outras localidades adjacentes. Mais de 55 mil pessoas foram atingidas.

De acordo com o Serviço Geológico Brasileiro, a Braskem explorou o minério por mais de 40 anos, operando 3, po-

ços e provocando desestabi-

lização do solo e movimentações na camada de sal. Na carta divulgada na quinta-feira (17), moradores e movimentos sociais e culturais alegam que a Braskem tem uma dívida de R\$ 7 bilhões a R\$ 12 bilhões por causa dos danos materiais e imateriais.

"Esses valores são relativos aos prejuízos materiais e imateriais causados pela empresa no megadesastre ambiental decorrente da mineração do sal-gema na cidade de Maceió, desastre que se tornou conhecido em março de 2018 e que já foi noticiado pela imprensa nacional e internacional", dizem os autores.

O objetivo do documento segundo os organizadores é alertar os investidores que os controladores atuais da Braskem não deixar a empresa com dívidas e os interessados em comprar a petroquímica sobre o passivo que será

herdado em caso de efetivação da venda da companhia.

A carta foi enviada à Bolsa de Valores de Nova York e à B3, em São Paulo. "Esperamos que os futuros controladores saibam dos problemas que irão enfrentar e que deverão resolver sem demora, pois o espaço para postergações esgotou-se junto com nossa paciência. Nunca duvidem que poucos cidadãos, comprometidos com seus semelhantes, possam mudar o status quo indesejado", afirmam.

A venda das ações causou apreensão entre moradores de Maceió que esperam receber compensação financeira por causa do desastre ambiental. O temor é de que, com a mudança de comando, não seja possível receber as cifras.

Enquanto isso, os imóveis afetados foram desocupados até o início do ano depois de avaliação da Defesa Civil por

causa de riscos de desabamento. Os residentes da localidade, que foram retirados de suas casas, recebem auxílio para aluguel ou indenizações para comprar outros imóveis.

No entanto, de acordo com a carta divulgada nesta quinta, parte das pessoas ainda não foi indenizada.

"Essa realidade se repete com o município de Maceió que, muito por anomia de seus administradores, sequer abriu negociações formais para as indenizações a que faz jus para reconstruir e reurbanizar a cidade no entorno do desastre", alega a carta.

Em nota, a prefeitura de Maceió classificou como inverídica a afirmação de que autoridades do município não abriram negociação formal com a Braskem para as indenizações dos moradores.

"A prefeitura está, desde o início da atual gestão, em ne-

gociação permanente com a Braskem. Tais tratativas, que contam com a participação do Ministério Público Estadual e Federal, constam, inclusive, em balanços financeiros da própria empresa", informou.

A conclusão das obras de demolição deve ocorrer até o final de 2021. A medida foi parte de um acordo entre a Braskem, o MPF (Ministério Público Federal) e o MPAL (Ministério Público Estadual de Alagoas), firmado em dezembro de 2020.

Procurada pela reportagem, a Braskem disse que o Programa de Compensação Financeira completou dois anos com 22.290 propostas apresentadas às famílias, comerciantes e empresários da área. Dessas, 10.654 foram aceitas e 9.507 pagas.

Em comunicado do dia 10 de janeiro, a empresa disse que presta apoio aos atingidos

Veja quem são os dez maiores ‘caçadores de dinossauros’

Cientistas fizeram história na criação da paleontologia, o estudo dos fósseis que permite entender a Terra primitiva

CIÊNCIA
Ana Bottallo

SÃO PAULO O estudo dos fósseis está intimamente ligado à compreensão dos organismos, como plantas e animais, que viveram no passado distante, disciplina conhecida como paleontologia.

O entendimento da vida antiga passa pela busca de traços, vestígios ou restos na forma de esqueletos e conchas dos animais ou plantas pré-históricos. Sem esses elementos é impossível compreender como era a Terra primitiva.

A paleontologia é uma ciência que depende, assim, de um bocado de sorte —nem sempre é fácil encontrar restos fossilizados— e de um grande conhecimento para juntar as peças do quebra-cabeça.

As primeiras descobertas de fósseis remontam ao Império Antigo, mas à época acreditava-se que eram resultado do dilúvio que extinguiu os animais.

A compreensão de como os restos de organismos passados podem ajudar a explicar a origem e evolução dos organismos atuais só viria séculos depois, com as descobertas de Charles Darwin e a teoria da seleção natural, consagrada em seu livro “A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural”.

Depois, surgiram os primeiros estudos que associaram a presença de fósseis com o tempo geológico. A partir de então, as descobertas no campo da paleontologia têm ajudado cada vez mais a compreender como eram o ambiente e os seres vivos no passado,

Veja ao lado alguns dos maiores paleontólogos e paleontologas conhecidos.

Georges Cuvier (1769-1832)
O naturalista francês, também chamado “pai da paleontologia”, fundou as bases da anatomia comparada.

A partir de seus estudos no Museu Nacional de História Natural de Paris, Cuvier observou que, apesar de algumas partes do corpo em diferentes animais serem semelhantes, como as asas das aves e dos morcegos, elas não possuíam origem ancestral comum.

Comparando a forma dos organismos fósseis àquelas dos animais viventes, ele demonstrou como os seres vivos estão sujeitos à extinção.

Cuvier foi um anatomista de mão cheia e trabalhou com praticamente todos os grupos de animais, descrevendo centenas de espécies. Apesar disso, ele era um catastrofista e não acreditava na evolução, mas sim que o registro fóssil mostrava o resultado de um grande evento de extinção em massa: o Grande Dilúvio.

Mary Ann (1795-1869) e Gideon Mantell (1790-1852)
Os primeiros ossos de dinossauros de que se tem conhecimento foram encontrados pelo casal, em 1822, em Sussex, sul da Inglaterra.

Além de fragmentos de ossos longos, o casal encontrou dentes serrilhados que pertenciam ao animal extinto. Como os dentes eram semelhantes aos de lagartos iguanas atuais, a espécie foi batizada de *Iguanodon*.

Mantell publicou um livro com os seus achados fósseis e foi condecorado com a Medalha Wollaston pela Sociedade Geológica de Londres, em 1835. Hoje, é sabido que tanto o exemplar fóssil como outros materiais encontrados na mesma região e em outras localidades de idade similar pertencem a um grupo de dinossauros herbívoros conhecidos como iguanodontes.

Mary Anning (1799-1847)
A britânica é considerada a primeira mulher paleontóloga —por ser mulher, não pôde exercer estudos na área nem e publicar artigos científicos.

Anning foi responsável pela descoberta de dezenas de fósseis na região de Lyme Regis, no sudoeste da Inglaterra, entre os quais o esqueleto completo de um icteossauro —achado quando tinha 12 anos de idade—, um plesiossauro, os primeiros pterossauros fora da Alemanha e peixes fósseis.

Seu pai era colecionador e vendedor de fósseis, e os achados de Anning foram entregues à Sociedade Geológica de Londres, no Reino Unido.

Os esqueletos originais encontrados por ela estão expostos atualmente em um corredor no Museu de História Natural de Londres.

Richard Owen (1804-1892)
Também inglês, é considerado o “pai” dos dinossauros. Cunhou o termo *Dinosauria*, para designar os fósseis de “lagartos terríveis” que ele estudou no Museu de História Natural de Londres.

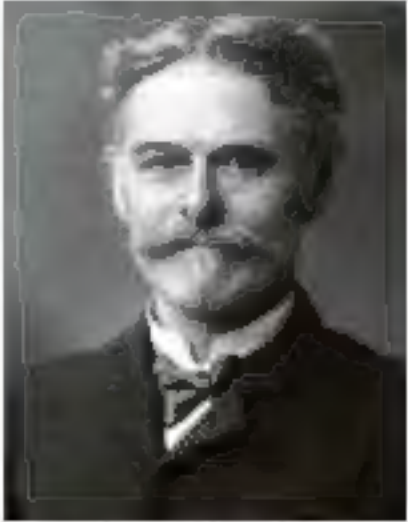
Figura controversa, Owen era um anatomista, paleontó-



O ‘pai da paleontologia’, Georges Cuvier



O casal Mary Ann Mantell e Gideon Mantell



O americano Edward Cope, um dos que mais achou fósseis



Othniel Charles Marsh, que deixou um grande legado

logo e naturalista, mas se opôs à teoria da evolução de Charles Darwin e recebeu acusações de roubar o trabalho de pesquisadores mais novos e publicá-los como sendo seus.

Descreveu dezenas de espécies de fósseis, principalmente de répteis, incluindo diversos dinossauros, e também mamíferos, como os primeiros fósseis conhecidos de preguiça-gigante (*Megatherium*) e *Glyptodon* (uma espécie de ancestral dos tatu gigantes que viveu na América do Sul).

Edward D. Cope (1840-1897)
O americano travou uma batalha com Othniel Marsh por mais de duas décadas pelo título de paleontólogo que mais encontrou dinossauros.

A disputa, no entanto, era acirrada, uma vez que Cope encontrou mais de mil fósseis nos Estados Unidos ao longo de seus 22 anos como pesquisador da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia.

Entre os achados, estão um esqueleto completo de plesiossauro do gênero *Elasmosaurus*, dezenas de fósseis de mamíferos e dinossauros, entre eles o *Comarasaurus* e o *Dimetrodon*.

Othniel Charles Marsh (1831-1899)
Junto com Edward Cope, o também paleontólogo americano Othniel Marsh foi responsável pela descrição de mais de 130 espécies de dinossauros, entre os quais o carnívoro *Allosaurus* e os herbívoros *Stegosaurus* e *Triceratops*.

Sua especialidade, no entanto, era o estudo de fósseis de cavalos primitivos. A disputa de Marsh e Cope ficou conhecida como “guerra dos ossos” e um dos principais legados dessa batalha foi a fortificação da ciência americana e a criação de museus de história natural naquele país ao longo do século 19.

Edwin H. Colbert (1905-2001)
O americano foi um dos principais nomes da paleontologia no século 20, tendo contribuído por 40 anos com os estudos de campo da equipe do Museu de História Natural de Nova York.

Além de ter descoberto os primeiros fósseis de terópodos, mamíferos primitivos que se assemelhavam a ré-

pteis, o paleontólogo coletou fósseis de dinossauros na Antártica que ajudaram a provar a teoria da deriva continental (que dita que todos os continentes eram um único há milhões de anos), entre os quais o dinossauro *Lystrorhynchus*, de 220 milhões de anos.

Ele descreveu outras dezenas de espécies. Em 1959, Colbert coordenou uma expedição no Brasil com o paleontólogo Llewellyn Ivor Price.

Llewellyn Ivor Price (1905-1980)
Foi o primeiro paleontólogo brasileiro. Filho de pais americanos, Price nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e fez sua graduação e pós-graduação nos EUA. De volta ao Brasil na década de 1940, trabalhou até sua aposentadoria no Departamento Nacional de Produção Mineral (antigo DNPM, agora ligado à Agência Nacional de Mineração).

Publicou mais de 50 estudos, muitos sobre estratigrafia, e foi responsável pela escavação do primeiro dinossauro brasileiro, o *Staurikosaurus*, do Triássico de Santa Maria (cerca de 227 milhões de anos atrás).

Iniciou os estudos paleontológicos na região de Petrópolis, em Uberaba (MG), importante sítio fóssil do Cretáceo (idade estimada em 100 a 65 milhões de anos), e ajudou na criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia.

José Bonaparte (1928-2020)
O paleontólogo argentino contribuiu enormemente para o estudo dos fósseis na América do Sul. À exceção de nações como Estados Unidos e China, poucos países possuem um conhecimento tão abrangente de sua fauna fóssil como a Argentina.

Foi lá que Bonaparte encontrou ossos de dinossauros gigantes do grupo dos titanossauros e também importantes espécies de mamíferos que viveram há mais de 11 mil anos, na última Era Glacial.

Bonaparte orientou ainda dezenas de jovens paleontólogos na Argentina e fundou o Museu Municipal de Ciências Naturais Carlos Ameghino, em Buenos Aires, uma das principais instituições de pesquisa em paleontologia na América do Sul.



Sua, o esqueleto fóssil mais completo de um espécime de *Tyrannosaurus rex* já encontrado, no Museu Field de História Natural, em Chicago (EUA)

folhamais



Soldados alemães conversam com muçulmanos bôsnios na invasão das tropas nazistas ao então Reino da Iugoslávia, em 1941. Arquivo da Grã-Bretanha/Reuters



Soldados franceses são recebidos com festa em Sainte-Mère-Eglise, na França, no Dia D da Segunda Guerra, quando tropas aliadas chegaram na Normandia. Popperfoto - 1942/Getty Images



Vista do portão com a frase 'o trabalho liberta', no local onde ficava o campo de concentração nazista de Sachsenhausen, na Alemanha. Hannibal Hanschke - 28 jan. 2022/Reuters

Geração Z alemã quer debate mais aberto sobre regime nazista

Nascidos décadas após morte de Hitler, jovens traçam paralelos com temas atuais como racismo e populismo

MUNDO

Rayna Brewer

ow "A época nazista foi tão absurda e cruel que às vezes tenho dificuldade de realmente acreditar que essas coisas aconteceram", comenta uma das participante de um novo estudo sobre a visão que a juventude atual tem sobre esse período marcante da história alemã e europeia.

Trata-se de um projeto dos Arolsen Archives, o maior arquivo do mundo sobre vítimas e sobreviventes do nacional-socialismo. Ele preserva e disponibiliza online documentos originais sobre prisioneiros de campos de concentração, deportações, trabalhos forçados e depoimentos de sobreviventes do regime nazista.

O acervo com dados relativos a cerca de 17,5 milhões de

indivíduos está incluído no Registro da Memória do Mundo da Unesco. Agora, a instituição publicou uma pesquisa sobre a postura da geração Z da Alemanha — ou seja, entre 16 e 25 anos de idade — em relação ao nacional-socialismo.

A diretora dos Arolsen Archives, Floriane Azoulay, diz perceber entre os jovens "uma grande abertura, curiosidade e liberdade de pensamento".

Continua na pag. 5



Coroa de flores no Memorial do Holocausto, em Berlim. Ji Chao Tanhessi - 24 jan. 2021/Reuters



Traje que pertenceu a Adolf Hitler em exibição no Museu da Defesa, em São Petersburgo; peças foram pegas por soldados russos em Berlim



Frase 'nós lembramos' é projetada no Reichstag, sede do Parlamento alemão, como parte do Dia Internacional da Memória do Holocausto

Continuação da pág. 4

"Hoje, essa geração vê que democracias podem correr perigo. Parece-me bem compreensível que, para eles, essa lembrança esteja relacionada à visão de seu próprio mundo, em que se escutam, cada vez mais alto, vozes populistas, autoritárias e intolerantes."

Em duas fises, mais de 1.100 jovens de ambos os sexos foram consultados para o estudo, e suas declarações, comparadas com as da geração anterior. O resultado foi surpreendente: a geração Z parece se interessar bem mais pelo nazismo do que seus pais (75% contra 66%) e associa o envolvimento na temática também com problemas atuais, como racismo e discriminação.

Para os responsáveis pelo estudo, haveria diversos motivos para esse interesse reforçado, sendo um dos mais importantes a sensação de não ser corresponsável, de não arcar com qualquer culpa pessoal pelo período nazista.

"Isso permite um acesso mais despreocupado a esse tempo", avalia o psicólogo Stephan Grünewald, fundador do Instituto Rheingold, encarregado da realização do estudo.

Para a geração Z, o nazismo representa um contraste extremo da própria realidade. Sem representantes vivemos num mundo democrático, em que as possibilidades de escolha são numerosas. Eles têm liberdade para tomar suas decisões e os caminhos de autorrealização são múltiplos.

"Essa cultura multioptional da disponibilidade é o contrário da cultura de dominância da era nazista, com suas categorias, concepções e convicções bem definidas", explica o estudo com os jovens.

"O culto ao Führer, o dever de obediência incondicional e pensamento populista, diante do qual o individual e o diverso tinham que se curvar, transformam a época nazista numa contramagem tão fascinante quanto apavorante."

No entanto, o poder dessa fascinação tem um outro lado, ressaltava Stephan Grünewald. É nítido no estudo o temor de se deixar inebriar pela linearidade e pela potência expansiva do nazismo, ou de ser seduzido pelas fantasias daquele tempo.

"Tenho medo de pensar que, na época, eu também ficaria do lado dos nazistas, só para para me dar melhor", diz um dos entrevistados.

"Assim, há uma certa reserva em se envolver com o tema, ainda de não se saber de que lado a pessoa teria ficado. É um olhar para dentro do próprio abismo."

Será que eu seria vítima, perpetrador, colaborador ou até combatente da resistência, como eu teria reagido? São perguntas que aparentemente ocupam intensamente a geração Z alemã.

Por outro lado, os participantes expressaram a necessidade de entender como um ser humano pode agir de modo tão desumano, como os perpetradores funcionavam, como se estabelece a banalidade do mal e se uma coisa dessas poderia voltar a acontecer no país.

"Eu também quero ver as motivações dos oficiais da SS [a tropa paramilitar do regime de Adolf Hitler], dos diretores de campos de concentração ou dos que traíram seus vizinhos judeus. Se os motivos forem transparentes, eu certamente constataria que algo assim também pode acontecer comigo", admite uma participante do levantamento.

"Os inícios do nacional-socialismo mostram como mudanças podem se insinuar, quão perigosas são as manipulações", observa outra.

A receptividade a ideologias de direita, fake news, cisão da sociedade, ascensão de teorias de conspiração, todos esses são temas atuais que os habitantes da Alemanha entre 16 e 25 anos associam a um ex-rcime da era nazista.

"O ponto crucial é conectar a história aos desdobramentos de hoje em dia. Contextualizar é a grande tarefa a que devemos nos dispor", explica Oliver Figge, membro dos Arolsen Archives.

Os resultados do estudo indicam inequivocamente: se a transmissão na escola alemã se concentra demais no conhecimento factual, em geral os jovens não encontram uma conexão com a temática, a qual lhes parece demasiado abstrata, complexa e distante.

O que os aproxima muito mais do assunto é um exame de destinos e histórias pessoais, como as de Anne Frank ou de Oskar Schindler, em plataformas que utilizam e dentro da linguagem e identidade de grupo a que estão habituados.

Como exemplo positivo, os coordenadores do estudo citam a conta do Instagram @ichbinsophienscholl (eu sou Sophie Scholl), em que é narrada a vida da ativista executada aos 21 anos.

"Eles observam como Sophie Scholl dança, escuta música, encontra-se com os amigos, e ao mesmo tempo compreendem a evolução dessa jovem naquele tempo", relata Stephan Grünewald.

Portanto, a apresentação dos conteúdos relacionados ao tema é extremamente importante para levá-los até a juventude atual.

"Nas aulas sobre o nazismo, sempre tive a sensação: 'Cuidado! Não vai haver espaço para nenhuma conversa nem discussão. Não é para ninguém ter opinião própria. Existe um consenso sobre como se deve pensar e aprender'", queixa-se um dos participantes do estudo.

"Muitas vezes, opiniões pré-determinadas e uma moral decretada transmitem a impressão de um discurso fechado, que não pode mais ser questionado", analisam os autores.

A conclusão é clara: a geração Z da Alemanha está sensibilizada para a temática do nacional-socialismo e do Holocausto. Mais ainda: ela tira lições do passado e procura aplicá-las no presente.

"Ocupar-se com o tempo imutável", resume o psicólogo Stephan Grünewald. Ou, como formulou ainda outra participante do estudo: "Não posso responder por aquela época, mas tenho muito a ver com hoje".

Alto escalão de Hitler levou 90 minutos para planejar Holocausto de 11 milhões de pessoas

Katrin Bennhold

BERLIM | THE NEW YORK TIMES. No dia 30 de janeiro de 1942, 15 funcionários de alto escalão na hierarquia nazista se reuniram numa mansão à margem do lago Wannsee, na extremidade oeste de Berlim. Foram servidos petiscos, acompanhados de conhaque. A pauta abrangia um ponto apenas: "Os passos organizacionais, logísticos e materiais para uma solução final da questão judaica na Europa".

Planejar o Holocausto levou apenas 90 minutos.

Oitenta anos após a infame Conferência de Wannsee, que mapeou o Holocausto meticulosamente, a eficiência burocrática do processo ainda é profundamente assustadora.

As minutas anotadas naquele dia e depois datilografadas em 15 páginas não fazem menção explícita a assassinatos. Empregam termos como "evacuação", "redução" e "tratamento" e dividem a tarefa entre diferentes departamentos governamentais e seus "especialistas".

"Quando você lê aquele protocolo, é de gelar o sangue", comenta Deborah Lipstadt, conceituada estudiosa do Holocausto. "É tudo expresso numa linguagem muito camuflada. Mas então você olha a lista dos países e o número de judeus que eles planejavam matar. Eles queriam eliminar 11 milhões de pessoas. Tinha planos muito grandes", afirma.

O aniversário daquela reunião fatídica tem significado especial num momento em que restam cada vez menos sobreviventes do Holocausto e que o antisemitismo e a ideologia da supremacia branca estão ressurgindo na Europa e nos EUA, ao lado de ataques a judeus e membros de minorias étnicas.

No último dia 15, um ho-

mem fez um rabino e três membros de sua congregação reféns numa sinagoga no Texas. Na Alemanha, onde crimes de antisemitismo também vêm aumentando, as autoridades alertam publicamente que o terrorismo e extremismo de direita são a maior ameaça à democracia.

Hoje a mansão de três andares na beira de um lago, que foi usada como casa de hóspedes da SS, a polícia do regime nazista, e abrigou a Conferência de Wannsee, parece praticamente igual vista por fora. Afastada da rua e cercada por jardins amplos, ela saúda os visitantes com um pórtico frontal majestoso e quatro estátuas de querubins dançando no telhado.

As autoridades alemãs ocidentais debateram durante décadas o que fazer com o edifício. Enquanto sobreviventes pressionavam o governo a converter a mansão em um lugar para se aprender sobre o Holocausto e documentar os crimes dos perpetradores, as autoridades foram adiando a decisão.

Algumas diziam temer que a mansão pudesse tornar-se um local de peregrinação de velhos nazistas. Outras sugeriam que o edifício fosse demolido, "para que não reste nada desta casa de horrores".

Joseph Wulf, combatente da resistência judaica que escapou de uma marcha da morte de prisioneiros de Auschwitz e depois da guerra tornou-se um historiador respeitado, liderou a campanha inicial para converter a mansão em um memorial e instituto histórico.

Sobre sua mesa de trabalho ele fixou um bilhete para si mesmo, escrito em hebraico, sobre os seis milhões de judeus massacrados pelas forças nazistas: "Lembre-se! 6 milhões".

Para muitas pessoas o an-

versário da Conferência de Wannsee é menos marcante que a data da libertação de Auschwitz ou a do levante no gueto de Varsóvia, que enfocam as vítimas do terror nazista. Mas ele se destaca como uma data rara para voltar as atenções aos perpetradores do Holocausto, documentando a máquina genocida do Estado nazista.

O anfitrião da conferência naquele dia de janeiro de 1942 foi Reinhard Heydrich, o poderoso chefe do serviço de segurança e da SS, que Hermann Göring, o braço direito de Adolf Hitler, encarregara de arquitetar uma "solução final" e organizá-la com outros departamentos governamentais e ministérios.

Foi pedido a Adolf Eichmann, chefe do departamento de "assuntos judaicos e expulsões" do Ministério do Interior, que mais tarde organizaria as deportações para os campos de extermínio, que redigisse a ata da reunião. Apenas uma das 30 cópias de seu protocolo de 15 páginas, marcado em vermelho na primeira página como "sigiloso", sobrevive até hoje. Foi descoberta entre os arquivos do Ministério do Exterior por soldados americanos.

O protocolo de Eichmann resumiu o escopo da tarefa proposta, fazendo uma tabulação estatística detalhada das populações judaicas na Europa, incluindo também a União Soviética, Inglaterra, Irlanda e Suíça.

"Com autorização prévia apropriada do Führer, a emigração agora deu lugar à evacuação dos judeus para o Leste como outra solução possível", destacou o protocolo. "Aproximadamente 11 milhões de judeus serão levados em consideração nesta solução final da questão judaica."

Em seguida o documento passou a explicitar com de-

talhes que forma assumiria essa solução final.

"Sob supervisão apropriada, os judeus devem ser utilizados para trabalho no Leste de maneira adequada", diz o documento. "Em grandes colunas de trabalho, separados por sexos, os judeus capazes de trabalhar serão despachados para essas regiões para construir estradas. Nesse processo, uma grande parcela deles vai sem dúvida ser eliminada pela redução natural. Aos que permanecerem será preciso dar tratamento adequado, porque eles inquestionavelmente representam as partes mais resistentes."

"Os judeus evacuados serão levados primeiramente, grupo por grupo, aos chamados guetos de trânsito, de onde serão transportados para o Leste", prossegue o texto.

"Quanto à maneira na qual a solução final será realizada naqueles territórios europeus que hoje se encontram sob nosso controle ou influência, foi sugerido que os especialistas pertinentes do Ministério do Exterior realizem consultas com o oficial responsável pela Polícia de Segurança e o SD [serviço de inteligência]".

Era a linguagem de burocratas. Mas nunca houve nenhuma dúvida quanto ao que o documento estava propondo: "a eliminação completa dos judeus", conforme escreveu em seu diário Joseph Goebbels, o propagandista chefe de Hitler, depois de ler a ata.

Oitenta anos após a Conferência de Wannsee, as testemunhas das atrocidades nazistas estão morrendo.

Lipstadt, 74, diz ter dificuldade de encontrar alguém para relatar os horrores do período aos seus alunos na Universidade Emory. "Hoje eu apenas torço para encontrar alguém que tenha condições de saúde para vir."

Tradução Clara Allain



Sobreviventes do Holocausto caminham pela antiga camp de concentração de Auschwitz (Polônia)



O escritor argentino Jorge Luis Borges na França, em 1986 José Maria Fernandes - Divulgação

Lenda judaica dos 'lamed wufniks' defende bondade de desconhecidos

Mito relatado por Jorge Luis Borges ensina que é possível fazer o bem mesmo com risco

OPINIÃO

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutoranda em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Em "O Livro dos Seres Imaginários" (1967), Jorge Luis Borges nos oferece uma série de textos sobre personagens e criaturas fantásticas presentes nas mais diversas culturas.

Algumas dessas criaturas, ao exemplo dos dragões, encontram expressão em variados contextos humanos. Outras, como o demônio Ketch Meriri e os golems, pertencem a um folclore específico.

Em um texto publicado na Folha em novembro passado, escrevi sobre os golems, os gigantes de argila do folclore judaico, cuja lenda inspirou alguns dos mais célebres super-heróis das histórias em quadrinhos, como Ben Grimm, O Coisa, e Bruce Banner, o Poderoso Hulk.

Na ocasião, comentei que as narrativas sobre esses seres imaginários poderiam nos dar elementos para uma reflexão

política, alertando-nos sobre o risco de apostarmos em soluções mágicas para os nossos problemas. Agora, volto a escrever sobre política em sentido amplo, literatura e folclore judaico, a partir do que Borges relata sobre o mito dos "lamed wufniks".

"Há na Terra, e sempre houve, trinta e seis homens retos cuja missão é justificar o mundo perante Deus. São os lamed wufniks. Não se conhecem entre si e são muito pobres. Se um homem chega a saber que é um lamed wufnik, morre imediatamente, e um outro, talvez em outra região do planeta, torna seu lugar, sem suspeitar, esses homens são os pilares secretos do universo. Não fosse por eles, Deus se inquietaria o gênero humano. São nossos salvadores e não sabem".

A expressão "lamed wufniks" vem do iídiche. Ela se refere ao valor numérico das letras hebraicas "lamed" e "vav" que, somadas, formam o número 36.

Existem várias interpretações para esse número espe-



Retrato de Gershom Scholem, filósofo e historiador do misticismo judaico, em 1925 Divulgação

[...]

O que há de interessante na história dos 36 homens retos é a ideia de que a justiça é muitas vezes garantida por pessoas simples, alheias à própria bondade e desconhecidas entre si, cujas virtudes geralmente são expressas de modo paradoxal

De modo a ilustrar tal paradoxo, Scholem remete-nos a uma narrativa talmúdica do século 3ª em que Rabi Abba-hu questiona o empregado de um bordel, responsável por contratar prostitutas, se ele já havia praticado o bem.

Em resposta ao rabino, o homem, tido por "pentakaka" — palavra de origem grega, a significar cinco más ações — comenta que chegou a vender a própria cama e as cobertas para ajudar a uma desconhecida a tirar o marido da prisão, evitando que ela tivesse de se prostituir para sobreviver.

Outra narrativa, dessa vez atribuída ao rabino Lawrence Kushner se passa na cidade de Munique durante a ascensão do regime nazista. Uma senhora judia viajava de ônibus quando soldados da SS entram no veículo para conferir a identidade dos passageiros.

Assustada, ela comenta a situação com o homem sentado ao seu lado. Este, alemão, levanta-se e começa a ralar com a mulher, chamando-a de tudo e mais um pouco.

Nisso, um dos soldados se aproxima, o homem entrega o documento de identificação e pede desculpas por protagorizar tamanha cena com a esposa, é que ela sempre se esquecia de colocar os próprios documentos na bolsa.

Resultado, o soldado sorri meio constrangido, confere a identidade do homem e deixa a mulher em paz.

Quem também parece explorar temas que podem remeter aos "lamed wufniks" é a filósofa Hannah Arendt. Em célebre entrevista de 1964 ao programa "Zur Person" apresentado pelo jornalista Günter Gaus, ela comenta quando, em 1933, foi presa em Berlim.

Na ocasião, Arendt havia aceitado o convite da Organização Sionista Alemã para coletar declarações antissemitas publicadas em revistas especializadas por toda espécie de associação profissional.

Esse material, conta-nos a biógrafa de Arendt, Samantha Rose Hill, seria enviado para agências internacionais de imprensa, em uma tentativa de conscientizar a comunidade internacional sobre o perigoso avanço do antissemitismo na Alemanha.

Denunciada por um funcionário da Biblioteca do Estado, Arendt é presa — afinal, do que serviriam tantos jornais para uma jovem acadêmica.

Sobre a prisão, Arendt comenta com Gaus que fora poupada graças ao oficial encarregado do seu caso. Ele havia sido recentemente promovido da polícia criminal para uma divisão política e, segundo a filósofa, não sabia exatamente o que fazer com ela.

"O homem que havia me prendido tinha o semblante aberto e decente. Eu confiei nele e pensei que com ele eu teria maiores chances do que com um advogado que, por sua vez, estaria com medo".

Essas e outras histórias de coragem e protagonismo individual, fazem com que eu me questione se os "lamed wufniks" deveriam realmente integrar a lista de seres fantásticos idealizada por Borges.

Afinal, entre as mais extraordinárias criações da nossa imaginação, os "lamed wufniks" talvez sejam uma das que mais encontraram amparo na experiência.

Muitos de nós já contamos com a ajuda de desconhecidos ou conhecemos pessoas comuns que não se debatem seduzir por abstrações intelectuais, preconceitos e fetiches ideológicos, optando por agir moralmente e fazer o bem mesmo em situações de risco.

Essas pessoas são os nossos "lamed wufniks" e estão aqui para lembrar-nos de que as coisas podem, sim, melhorar. Tudo só depende de sermos capazes de fazer a nossa parte.

Pois, uma coisa é certa: "Quando passar o tufão, não mais se encontrará o ímpio, mas os justos continuarão sendo o sustentáculo do mundo" (Provérbios 10:25).

cífico, muitas das quais foram elencadas por Gershom Scholem, filósofo e historiador do misticismo judaico, em ensaio publicado no volume "The Messianic Idea in Judaism" (1971).

Há quem diga que o número 36 tenha origem em um cálculo feito a partir da palavra que traduzimos por "nele" em Isaías, 30:18: "Como são felizes todos os que nele esperam".

Pois, em hebraico, a soma das letras que formam tal palavra resulta no número 36. De modo que a mesma passagem poderia ser lida da seguinte forma: "Como são felizes todos aqueles que esperam nos 36".

Cálculos e elucubrações exegéticas à parte, o que há de interessante na história dos 36 homens retos é a ideia de que a justiça é muitas vezes garantida por pessoas simples, alheias à própria bondade e desconhecidas entre si, cujas virtudes geralmente são expressas de modo paradoxal, em desarmonia com a primeira impressão que procuramos desses indivíduos.